

Werk

Titel: Zeitschrift für romanische Philologie

Ort: Halle

Jahr: 1888

PURL: https://resolver.sub.uni-goettingen.de/purl?345572572_0011|log50

Kontakt/Contact

[Digizeitschriften e.V.](#)
SUB Göttingen
Platz der Göttinger Sieben 1
37073 Göttingen

✉ info@digizeitschriften.de

ZEITSCHRIFT

FÜR

ROMANISCHE PHILOGIE

HERAUSGEGEBEN

VON

Dr. GUSTAV GRÖBER,

PROFESSOR AN DER UNIVERSITÄT STRASSBURG i. E.

1887.

XI. BAND. 3. HEFT.

HALLE.
MAX NIEMEYER.
1888.

INHALT.

	Seite
E. TEZA, Trifoglio (1. 6. 87)	289
R. THURNEVSEN, Der Weg vom dactylischen Hexameter zum epischen Zehnsilber der Franzosen (18. 6. 87)	305
G. OSTERHAGE, Anklänge an die germanische Mythologie in der alt- französischen Karlssage. III. (1. 10. 87)	327
H. ANDRESEN, Zu Benoît's Chronique des ducs de Normandie (6. 8. 87)	344
G. GRÖBER, Zu den Liederbüchern von Cortona (20. 8. 87)	371
VERMISCHTES.	
V. REINHARDSTÖTTNER, La Vittoria di Christiani des Giovanni Bona- sera (10. 3. 87)	405
A. HORNING, Über steigende und fallende Diphthonge im Ostfranzö- sischen (2. 9. 87)	411
EPIPHANIO DIAS, Über die spanischen Laute ç, z und j (2. 9. 87)	419
J. ULRICH, Etymologisches (20. 8. 87)	419
BESPRECHUNGEN.	
A. TOBLER: H. Michelant, Der Roman von Escanor von Gerard von Amiens (8. 9. 87)	421
— , Romania XVI ^e année, 1887. Janvier (1. 11. 87)	429
E. STENGEL, A. TOBLER: Berichtigung (21. 7. 87)	431

Manuskripte für die Zeitschrift bittet man an den Herausgeber, Ruprechtsau-Straßburg i. Els., zu senden. An die Buchhandlung Max Niemeyer in Halle sind alle Honorar und Sonderabzüge angehenden Anfragen und Wünsche zu richten.

Trifoglio.

Un viaggio fantastico, in portoghese — Dal canzoniere
francese di Siena — Dalle cantiche di Alfonso X.

I.

C'è un demonio, e non dirò dove nato o quando, ma di certo, in questo nostro secolo, smisuratamente cresciuto: un demonio che ci afferra a' capelli e ci spinge dentro alle librerie e agli archivi e ci annebbia gli occhi in una ondata di polvere e gli occhi ci raffina sulle carte dove degli antichi segni non c'è quasi che l'ombra: e va gridando Cerca, o dannato! e va strillando Dannato ricopia! C'è un tesoro nascosto di punti da spuntare e di virgole da risvoltare, e a ogni virgola che esce da quelle tenebre, ei vorrebbe ti inorgoglisti de' tuoi trionfi. Tu, alla misera ricchezza, sorridi schernendo, ma il demonio picchia e urta e flagella e tu, povero dannato, ritorni alla caccia.

Le bugie dei viaggiatori, non c'è stadera che le pesi: e chi è uso a ber grosso, può bere un sorso di più. Ecco qui una giratina per le ombre, sopra acque ignote a terre ignote, e pare quasi sieda al timone una fata. Forse questo portoghese che racconta non è il primo: probabile che copii, o rifaccia, una pagina fantastica dell'oriente. Non se ne potrà giovare che la geografia ghiribiziosa, anche se altri scoprirà la prima fonte: la quale venuta forse di acqua pura, qui è torba di molto e a pugarla non avrei il modo. Al portoghese arcaico va serbata ogni cosa, come a testimonianza dei tempi: dove di correzione o di interpretazione c'era necessità, e da me tentai, e valorosi amici in Portogallo e tra noi, pregati, tentarono; ma il buio non diradò.

Quel besoin si pressant avez-vous de rimer? Perchè tirar fuori questo racconto? Ma non c'è forse il demonio?

In questo viaggio i nomi abbondano. Qui un *Lutanes* (o *Lotanes*) signore di *Mouchanes* e dell'India: *Amuxamu* e il figliuolo *Alvadagua*: *el rei Zelzel* che ha per nome *Auçã* di *Auçã*, padre di *Zahaja*: poi *Xahoufas* cugino di questo ultimo. Qui *Albarjeneta* vecchio re di *Triba* (*Tripoli*?) soppiantato da *Antimão*, sangue di fornai, padre di *Jafar*: alleato *Alfambelrim* re di *Algarve* e nemici *Gaubalã*, *Orabata*, *Iziria*, *Machina*: e re della terra *Dautane* (o *d'Autane*) *Açafraës*. Finalmente c'è *Alhaxe* figlio di *Aleme*, capi-

taro e lo scrittore che si chiama Alhacam (cioè Alhaçam) di Albuax.

Trovai e copiai queste poche pagine tra i manoscritti della biblioteca di Siena (D. V. 13 p. 219—223): copiai come servitore ligio al padrone e fedele.¹

A louuor do adorado. Isto aueis de contar nesta vida presête, e vos sera lembrado pera sempre de geraçam em geracam & comtareis hūs aos outros pera saberdes a antiguidade dos antiguos, e que lhe he aconteçido nestras pouacoēs: etualmente² faras saber a quem nam for lido, e tuu ouuinte faras cõ que oucam³ os que o nam viram: e treladareis isto e mandaloeis pellas cidades e villas e o imprimireis nas vossas coronicas, por que esta istoria he frol das istorias e sabereis sua significaçam que ao diamte achareis.

Na era de quatrocentos e dezaseis annos em o nacimiento de Jazes, nos dias de luitanes⁴ emperador do monchanes e ardolinde⁵, eu Aluadagua, filho del Rei amuxamu⁶, por hũ agrauo que me el Rei meu pai fez, me parti do Reino com quarenta çãfraēs⁷ poderosos e, amdando pello mar, Dahi a noue meses, fui ter ha cidade de triba, omde desembarquei com os que leuaua, e na cidade achei muito pouca gemte da terra, e sem senhorio e desordenados: e eu os pus em ordem e me conheceram por Rei daquela cidade; e depois de meu senhorio perguntei algũs velhos da cidade por que nom avia nella Rei e por que avia nella tam pouca gemte, pois avia tamtos edificios, e era huã cidade tam grande e tam antiga. Elles me mostraram huã proficia (que ao diamte acharas) e me disseram que el Rey Zelzel por nome auçãõ filho de aucam⁸ veo a contratar con albarjeneta Rei desta terra por mar e por terra: e, depois de aver quimze annos que tinhao trato, mandou el Rei Zelzel seu filho mais moço, por nome Zahaja, com sua mercadoria secretamente pera terra da Imdia: e como o filho foi na cidade de triba, per consentimento de algũs da cidade que o na alfandega meteram, escreveo ao pai. Leuamtouse seu pai com armada por mar e por terra, com trinta mil çãfraes por maar, e elle hia por capitam delles: e duzentos⁹ mil alifantes togoyanos¹⁰ por terra, e delles hia por capitam el Rei xahoufes seu primo, que os leuou a conquistar outras terras e aleuantouse contra elle. E depois que a armada do maar partio, dahi a seis meses, chegou e desembarcaram no porto da almadia e foram por terra com grande poder e cercaram a cidade de triba tres annos continuoada-

¹ Anche nel mettere o togliere le codine sotto i c: anche nell'uso di maiuscole e minuscole. Se cominciai il periodo dove il ms. non avrebbe voluto c'è lettera più grossa.

² Forse: e igualmente.

³ Leggi: o ueam.

⁴ Sopra la u c'è un'a: ^aluitanes.

⁵ In arabo: 'ardh 'al-hindī: la terra indiana.

⁶ Forse si può leggere amaxamu.

⁷ In margine c'è la nota: navios. Altrove è scritto çãfraēs, açãfraēs. Se non erro = sabra.

⁸ Forse tutti e due sono in arabo Husayn.

⁹ Com duzentos.

¹⁰ Cioè?

mente, ate que foi vencida per forca d'armas e foram mortos de ambas as partes duzentos & doze mil & oitemta & tres almas.

E depois regnou o mesmo Rei Zelzel desne sauade¹ ate alaside & dahi ate artealmaluco & terra dos abexis. E seu sñorio era terra de amdadua de scis meses & sñor² de trinta centos mil bestas de sua ceuadr³: & fez sua morada na cidade de triba. Depois de regnar nove annos, fez visorei antimão filho de huã forneira da baixo sangue & deulhe o sñorio da terra dos abexis somente. E por que o nom fez visorei de todo o reino, ordenoulhe traçam, e carteous com alfambelrim Rei do algarve & deulhe entrada &, dahi a tres annos, se alevantaram contra Zelzel Rei de triba seu sñor, e se acharam juntos sobre a cidade coremta Reys, XXV da parte de antimão e XV da parte de Zelzel. E ouve batalha dous annos continuados ate que os uivos morriam de fedor dos mortos de ambas as partes. E, passados estes dous annos, cercaraõ a cidade de triba doze dias e tornaraõ a cidade e meteraõ quamtos nella estavam a espada; e nelles se comprio o que era dito na profecia dos antigos; e foraõ degollados duzentos mil barbos conhecidos principaaes & os poseram todos pemdurados nas amcas do muro. E as aves comeram dos corpos dos mortos quatro annos continuus: e os uivos acarretavaõ nos mortos fora da cidade em carretas.

E, depois de aver quimze annos que senhoreava, se ajuntará⁴ quatro Reys poderosos alcarxij⁵s todos irmaõs que se chamavã gaubalaõ, orabata, Iziria, Machina: que vieram cõ gramde quantidade de gente por mar & por terra sem comta, e cercaram a cidade seis meses ate que, demtro na cidade, se comiaõ hñs aos outros com fome, e venceram todos os termos, & a fortaleza da cidade nam, que estava ajmda por antimão, e concertaramse có elle que uivesse debaixo de sua mão & que lhes seria tributario: & elle foi contente.

E, depois de seis annos passados, morreo antimão & alevamtaram hñ seu filho em lugar do pai, por nome Jafar: &, como senhoreou quatro annos, alevantouse, que nom quis comprir o que estaua posto do pay. E, himdolhe LXXXIII homẽs da parte dos quatro reis pedir o tributo que soya pagar, lhes mandou a todos cortar as cabeças e pemduralos a porta da cidade. E, como os reis souberam daquillo, no mesmo anno tornaram a vir sobre elle, e lhe tomaram a cidade & nam a fortaleza, e mataram quamtos na cidade esta-uam, sem escapar nhña pessoa. E cercaram a fortaleza quatro dias &, como souberam que a nam podiam tomar, se tornaram pera suas terras & se acharam, pella comta dos mortos, cemto & cimcoenta mil pessoas.

„O cidade De triba, aimda tuu has de negar & negaras teus filhos & conheceras outros e tu seras primeiro dos mando⁶ da terra da Imdia toda. De ti se começara alçar geraçao sobre tua gemte, tu nam teraas ley com ninguem, & sobre ti viraa muita guerra q̄ tamtos sam mortos e morreram sobre ti: tu numca seras justa, amiga a ninguem: quem for contra ti, tu

¹ Forse 'al-sawidâh: e poi certo, 'ardh 'al-malûk.

² Era senhor.

³ Ceuadura.

⁴ L'acuto per la nasale, come altrove: onde *ajuntaram*.

⁵ Al-hârgyy.

⁶ Mandos.

seras por elle: tuas novas será ouvidas por todo o momdo, ate que as pessoas as nam queiraõ ouvir: teu sino he guerreiro, e sobre ti guerras: e tua estrella he de Rameira de sangue dalmas¹, e teu vento sera acontra teus filhos: de ti comunicaram em longes partes, e seram ouvidas tuas novas de levante ate ponemte. De ti se veram muitos sinaaes & milagres, & tantas mortes sobre ti pello maar: sobre ti sera grande pramto & derramamento de lagrimas: o sangue do teu carn.² sera derramado por teus filho³ e a sua carne sera pera voda dos outros: tua figueira torçara seus ramos & dara a fruite a outrê: gram prazer teraa, quem sair de tua rede. ¶ quem lesse isto & podesse saber sua significaçam juraria & compriria de em ti numca viver, por que tempo vira que teus filhos nom se achara quem dee hum dinheiro por doz: & seram derramados per todo o mumdo, sem numca terem rey, nem sñor, & seram escravos & sogeitos a toda geraçao, ate que o pay nom possa valer ao filho, nem o filho ao pay, nem se conheceram. E cousa mui malitiosisima seras, e tua lampada se apagara & nom se tornara mais a acender. Tu tomaras por huã medida & daras per duas; o teu Amor numca se compriraa: teu mal numca se sabera: de tuas maas novas numca se duvidaraa: tu seras desamoravel a todas as geracoês de berços legatos⁴, ajmda a ti ha da vir gemte logates⁴: e tu negaras os ponemtes, daras aos levantes: ajmda has de ser sogeita de gemte que nũca foi nomeada: et elles quebraram tua arredoma, & com teu azeite se alumearam, teu emcantamento desmancharaõ. E por isso nossos mandamentos saõ que numca confiaras dos Ponentes e numca deixaras desembarcar a nhuã pessoa no maar pera tuas terras; e nũca teraas trato, nem armada, lomge por maar; somente em tuas terras e tuas mercadorias faras o mais que poderes, que nom sayam fora do reyno: milhormente trataras nas terras alheas que tratar ninguem nas tuas: nem nhũ estrangeiro deixes morar nas tuas terras. E numca faras a nhũ de baixo sangue que tenha mando⁵, nem seja gramde, nem duvides do que o Rei quiser fazer: o que elle fizer, da o por feito; nam ponhas muitos sñorios de mamdo na cidade: nam deixes os homês Ricos que sejam amigos, nem teu Rey que tenha trato e tua moeda numca saya fora de teu reyno, nem moeda de outro reino nom seja valiosa no teu, nem os filhos dos senhorios dos teus reinos que se nom casem em outros regnos: nam deixaras nhũ embaxador ou qualquer estrangeiro, que vier negociar, que esteja mais que tres dias: e fortelezaras todos os portos do mar, se poderes; per que o mal que has de ter ha de ser por mar; por que da aqui se podera descobrir o mumdo q̄ esta emcuberto. Guardaras principalmte Zeidum, ozidianum, salvadores de nossas almas, que numca deixaras de adorar & crear o que teus pais tiveram por sua ley: e numca ajuntaras dous casaes ricos, por que a pobreza indireita o torto & a riqueza emtorta o direito; nem consintiras que nhuã mulher fique depois de seu marido, por que seja comprido o que antigamẽte he posto. E numca

¹ Anche mutando in *d'almas*, resta oscuro il luogo.

² *Carneiro*.

³ *Filhos*.

⁴ Così il manoscritto: non intendo e non tocco. Forse il *legatos* e il *legates* vanno corretti a un modo solo.

⁵ Il mss. *Nlamdo* o almeno pare.

poras aduana publicamente em todas tuas terras ao trato. Olha mentes o que aconteceu aos primeiros destas povoações: e temeraas que te nam aconteça outro, nam se cumpra o que he dito tambem por ventura em vos outros.“

E me disseram mais que se achaua nos liuros & ditos dos velhos & autores verdadeiros que a primeira parede de estalagem que se fez no mundo foi esta cidade de triba; & asi se achaua pellas eras & edificios d'antiguidades, que ella foi de huã gente que se chamaua lialmodahina, que falauam zuzulam, por que achauaõ suas lecturas sobre seus comselhos, antes que fosse pouoada dos arabegos. Et estes arabegos nom achauam senam edificios: & dizem que tem por certo que a gemte que soya pouoar aquillo, que saltou o fogo do ceo nelles et que os queimou todos. E os primeiros que pouoaram estas pouoações eram homês altos de corpo, pretos, forcosos et semelhauam hũ camello q̄ cada cimco annos lhe punhaõ treze guardas novas et os que o guardavaõ eram obrigados a hirem a huũ monte alto, que se chamaua de arebelihi, e nelle estavam huãs portas do Inferno, et abaixo daquelle momte se achauam os edificios em que elles davam cada mes cimquo almas ao demonio, et numca mais apareciam, et cuidavam que sobiam aos ceos. E quando morria o camello, aquellas guardas que acertavaõ de o guardar por justica eram todos queimados em fogo, et tomavam a carne daquelle camello pequena et pequena e traziamna ao pescoço por Reliquias: et elles numca comian carne nhuã de nhuãs alimarias, senam de homês: e numca tiveram rey nem sñor, cada hũ snor de si. Nom avia amtre elles casamêto, nem conhecimento dos filhos despidos e somitigos hũs aos outros, e comiam os velhos et asi os mortos que morriam, et asi os doemtes, primeiro que emmagreçessem. E por estas obras foram deitados longe por serem suas terras postas sobre os jnfernos, et a terra lançaua et o mar fogo como relampados. E nestas terras se achauam muitas feiçoës de gentes: as mulheres non tinham senam huã tetta et eram muito fermosissimas: et os homês tinhao focinhos como de caõ: et outros de feiçoës como de serpentes, que nam pareciam criaturas, como se acharaõ ajmda oje neste dia. E dizem os velhos que este mar pouco ha que comecou a vir sobre esta terra, e tem debaixo de si hũ pedaco de jnferno, todo aquelle fio ate janunçiam¹ e emriba do Jnferno: et nella ouviraõ muito altas vozes dos demonios, et tremeo toda a terra et lamçar pedras & fogos: & continoamente ha nesta terra escuridade: et saem huãs cobras cabelludas do monte, tamanhas como tamareiras, et serpentes de todas as feicoës: et a terra se abria et sahiam daqui gramdes ventos et frialdades, que em qualquer tempo q̄ o vento vinha, daquella bamda queimaua todolos fruitos et novidades.

Et dahi a certo tempo, depois de meu sñorio, vieram aqui ter tres homês que me comtaram que elRei ajafam mandara doze acafraës da terra d'autane pera hirem caminho da terra d'alardraõ², com huã embaixada: et levaram mantimento pera dous annos per sua jornada muito longe. Como foram no meo do mar, deu a tormenta nelles, et duroulle a tormenta muito tempo, et perderam hũs a vista dos outros: e huã dellas foi correndo com grande tro-

¹ Non intendo. Forse nome di luogo?

² Per esattezza va detto che il mss. ci dà *dalarãrão*: e più sopra *dautane*.

menta cinco meses, sem aver vista de terra nhũa: et perdeo sua navegacaõ, sem saber per domde avia de hir, et seguia qualquer¹ vento q̄ lhe daua. E depois de certo tempo, virão certos passaros avoãdo, tiveram grande prazer, cuidamdo que a terra estaua perto: et os pasaros traziam nos pees huã cousa em que descamsavaõ, que parecia cortiça. E como os do çafrao viram aquillo, ficaram muito anojados, por que lhes pareceo que nom avia terra dahy a muito lomge, e chorauam et pediam perdão hũs aos outros, et forã tam lomge ate que nõ acharam oriente, nam sabiam omde era o ponẽte nem levante: e depois de muitos dias viram huãs serras pretas de muito lomge, et folgaram muito et cuidaram que era terra et arribaram a ellas com grande vento et amdaram muito tempo que nõ podiam chegar a ellas, como lhes fogia a terra diamte delles. Et como elles foram perto, deram en huã corremte que corria per abaixo por amtre aquellas serras, como huã xara: e, em amdãdo pella corremte, viram de longe hũ çafrao poderoso emcorado: et, como foram acerca delle, nam viram nelle gemte, et emcoraram com o seu çafrao, et logo lamcaram fazer cafora² pera saberem que era aquillo: e, como foram dentro, acharam XXV corpos mortos inteiros et muitos pedacos de outros, por que se comiam hũs aos outros por aver muito tempo que ahi estauam, e estaua amarrado com sete amarras todas de huã bamda: e acharam hũ homem morto, assentado em huã catra, com papel et timta na mão, que estaua escreuendo o q̄ passaram, et declaraua domde eram et de que maneira ahi vieram ter, e o que lhe era acomtecido: et logo leram o papel: et como o viram, tomaram conselho que fariam; por que elles ja nõ podiã tornar atras por omde vieram, et tomaram sua zerca³ esquipada com seus Remos et tomaram vellas rotas, et fizeram dellas cordas, et meteram doze homẽs na zerca, com seus mantimentos et armas, et tomaram huã corda mui comprida et ataramna na zerca et no çafrao; et mandaram a zerca pella corremte abaxo, para ver se podia chegar a aquellas serras, ou hir ate o cabo da corremte, pera que quando viesem se viesem alamdo pella corda, por que com a grande corrente nom podiam remar. Et hũ delles leuava consigo a carta que acharam escrita na mãõ do morto, e foram pella corremte abaixo, ate que se lhe acabou a corda sem alcancarem nada. Emtãõ detriminaraõ entrar ao çafraõ et nam poderam; por que, com a grande corremte, os metia o mar cada vez debaxo de si, et se viam debaixo das ondas do mar: emtam se deram por perdidos, cortaram a corda et foram pella corremte abaixo (depois da corda cortada) duas noites et dous dias: et cahio nelles tamanha escuridade que nõ sabiam quando era noite nem dia, nem se hiam por baixo da terra, se por cima da agoa: senam ouuiaõ grandes pamcadas que o maar dava et nom sabiam omde, et sentiam detras de si grandes ventos et frialdades que seguiam a corremte per abaxo, et hiaõ tamto para baxo que parecia q̄ deciam do ceo, por que a zerca se queria virar sobre elles: e isto passaram assi quantidade de xx dias, e depois viram o sol que lhe sahia detras, a corremte ja nom era tam grande come sohia. Emtam tornaram a comer et beber et esforçaram et estauam em duuida se era aquillo que viam asi como o elles viam, ou se estavã em algũ emcamta-

¹ Nel mss. *qual qual quer*.

² Cioè *çafora*: l'arabo *safarãh*, spedizione.

³ Nome di barca che non conosco.

mento: et lhes parecia asi. E depois de passados dous dias que avia que o sol lhes parecia detras, lhes tornou a dar outra corremte por diamte da tomada do combate, que a agoa daua nas serras, et lhes pareceo que ahi se alagassem, por que nõ podiam hir por diamte nem por detras: tres delles descobertos se lançarã ao mar por suas vomtades et desque¹ ficaram estiveram dous dias que nom sabiam se hiam per ariba se per abaxo: et hũ dia, quando amanheceo, se acharam com a zerca posta ao longo de huã praya de grande area, et nom sabiam como aly toram ter, por que lhes parecia que a zerca se queria virar com elles et cuidavam que estauam ajmda nas grandes hondas do mar e, tamto que amanheceo, saíram em terra: et os primeiros que sayram foram dar com huã agoa de que beberam muito, com a grande sede pue levavam, et morreram logo: et os que ficaram foram dahy perto de duas milhas e acharam muitas alimarias, et amdaua com ellas gente cabeluda que fogiam delles: e, como isto viraõ, tornaram a zerca por certas frechas que lhes nella ficaram: e quãdo chegaram a ella, acharam ja pegados nella muitos delles, et quando os viram fogiram et elles tomaram suas frechas et mataram muitos delles e lhes acharam as feiçoës como elles mesmos, et matavaõ carne con que se mamtinhaõ, et elles hiaõ detras elles como cousa que se espamtauam de os ver: e numca lhes acharam casa nem lavouras, nem sabiam em que se mamtinhaõ: et lhes parecia que se nom emtemdiaõ hũs aos outros, et nam sabiam se eram criaturas, se pesadellos: et, como le punhão fogo, fogião muito lomge delle: et foram por aquella terra domde estauam xx dias, e depois numca as mais viram e foram por huãs serras, amdadura de dous meses et nam comiam senam carne et medronhos. E depois entraram omde acharam huãs cidades despouoadas antigas, et passaram amdadura de dous dias, et entraram no paraiso alferdeus² omde acharam todos os desejos da alma: et suas pedras eram preciosas et seus arvoredos muy cheirosos, et suas ervas como flores de contino, et seus figueiraes daõ fruito em todo o tempo de todalas feiçoës de frutas do mumdo: et seu linho he temperado et comtinuadam³ tem verdura et graca; et quem entrar nelle, numca vera tristura do coracam, nem envelheceraõ et viveraõ muitos annos, et sua fruta numca apodrecera, et seu mantimento numca entrara o bicho nelle, nem cousa que seja comtra o corpo. Nem ha bichas, nem serpentes peconhemtas: et nelle ha hũs passaros que tem o pescoco bramco et o corpo verde que cantam *aiatunyata*, cousa de maravilha: et ha nelle dous rios d'agoa doce et ha nelles todo o genero de pescado et huãs creaturas que parecem almas dõs peitos³ per acima, que cãtam cousa de maravilha: et a mais⁴ fruta que tem he macaãs et a terra he bramca et delgada, nam tem nhuã serra nõ momte, et he rasa como a palma da maõ, et numca se pode achar sua compridam, nem sua largura, nem seu leuamte, nem seu ponemte, nem seu direito, nem seu ezquerdo, nem sua cabeça nem seus pees. E ha⁵ muitas fontes d'aguoa maravilhosa, e achamse nelles⁶ grandes edificios et nelle aparecem muitas⁷ vezes chagas dos ceos que

¹ Il mss. *es que*.

² Il paradiso due volte, alla portoghese e all'araba.

³ Oscuro.

⁴ Il mss. *ha mais*.

⁵ Il mss. *E muitas*.

⁶ Forse meglio *nelle*.

⁷ Il mss. *mas*.

alumean como relampados, et nunca se sabe nelle quando he inverno nem veram: et continuamente esta em huã temperanca: elle esta abaixo do linho aluadanihi. Et elles estiveram ahi xxxv dias et se partiram seguimdo oriente: et amdaram quaremta et sete dias ate que vieram a dar no mar omde amdavan os cafraës desta cidade de triba a pescar: et lhe fizeram sinal que os tomassem et os tomaram et trouxeramnos a esta cidade et mos apresemptaram et elles me mostraraõ a carta escrita que albaxe tinha na maõ et dizia asi:

„Eu albaxe filho de aleme, capitam mestre et araez deste çafraõ, morador na terra d'almonchante, na cidade de luteca, na rua de lagarim, dei-xei cimco filhos machos et tres filhas: fiz isto por desagastamêto do coracam que nam por me parecer que alguëm aqui ha de vir ter ja desesperado da vida. Os ceos et a terra et o maar seram testimunhas de nossas almas. Nos partimos de almonchante nossa terra, per mamdado del rey Amoxamu, em busca de hũ seu filho que se chamava aluadagua, que lhe fugio do reino por hũ agrauo que lhe fez, com quaremta cafraës poderosos comsigo: et ha quatro annos que se delle nom sabe parte: et elRei tem prometido a quem lhe desse novas a metade do reino: et determinou de nos mamdar com cimcoemta çafraës em busca delle: e tomamos mantimento de dous annos, et, navegando pello mar alhandoa, corremos o mar et mares, sem delle saberemos parte: e amdamos tanto pello mar que perdemos a nossa navegacam, et fomos a ter no mar largo et vimos no mar huã serra de pedra de ceuar, et aribamos a ella: et, himdo acerca della, mandamos huã zerca com doze homês para ver se era alguã ilha, ou se tinha porto por surgirmos ahi: et himdo a zerca jumto da terra, achou huãs agoas fervendo: et como foi perto as pedras, chamaram asi os pregos della et se despedacou sem escapar somente hũ homẽ em riba de huã tavao; et tomamolo et nos comtou o que passara, et fogimos lomge dahy, quantitate de seis horas, que nos daua tormenta et xxv çafraës, que hiaõ diamte deram em hũ redemoinho d'agoa, et perderamse a nossa vista: e nos quiseramos tornar a aribar, et com a forza dos remos non podemos senaõ seguir o caminho. Emtam tomamos a maõ direita et, com a grande forza do vemto, escapamos do¹ redemoinho d'aguoa et fomos tam perto delle como hũ tiro de pedra, et vimos cousa espãtosa de ver do labarinto que a aguoa fazia com aquella corremte per abaxo, et navegamos tres meşes, et fomos dar no mar vermelho, agoas barremtas; cuidamos que era de alguãs ilhas que tinhao barro vermelho, que passava o mar por ellas, e navegamos xxv dias, et cada vez achavamos mais vermelho et quemte, et de maaõ cheiro: et huã noite perdemos xx cafraës de vista et nunca mais soubemos delles parte: et tornamos atras et amdamos dous meses et vimos estas serras et arribamos a ellas cõ grãde alegria, et viemos a dar em huã grande corremte et tres çafraës dianteiros se espedacaraõ a nossa vista, et nos quiseramos tornar atras, et nam podemos et emcoramos aqui et pedirmos perdaõ hũs aos outros com grandes choros et gritos sobre as homdas do mar.“

Et eu lij a carta et aconheci et atornei² a mamdar com muita gente pera descobrirem a terra per omde vieram, et elles foram et tornarão com

¹ Mss. *de*.

² Nel mss. *a . . tornei*: forse *eu tornei*.

certeza della e emtam eu fiz huã grande armada pera ella, et numca a podemos topar. E eu alhacam, filho de albuax, comecei de escrever nos doze de almoharam et acabei em quatorze, ao terceiro do mes, em quarto do anno.

Inscrittione d'una pietra negra che Don Gio. ð Crasto¹ vecere del Indie mando de Cambaya in Portogallo fatta da un Arabo qual diceva intender la lingua ðlla qual era detta inscrittione, cosa più presto fabulosa che altro.

II.

Dalla prosa, scipita prosa, alla poesia, e restiamo a Siena. Qui c'è come è noto un buon canzoniere francese che un galantuomo nell'*Indicatore senese* (1858 n. XXV) diceva provenzale; il *carattere della lingua essendo il più puro provenzale*. Codesti anabattisti nelle storie non mancano: e, per le due grandi letterature di Francia, abbondavano una volta. Con una eccellente dissertazione illustrò quel codice Luigi Passy² e l'indice delle canzoni fu ripetuto del Raynaud.³

Le canzoni sono cento e una: parecchie già stampate e da trovarsi in altri manoscritti, alcune (se non erro, ventidue) solo nei vaticani. Quindici erano inedite e dodici ne stampò il Passy (17v, — pag. 481 : 20v, — p. 483 : 21r, — p. 484 : 21v, — p. 485 : 24v, — p. 487 : 25r, — p. 486 : 25v, — p. 489 : 28r — p. 490 : 42r, — p. 20 : 47v, — p. 351 : 49v, — p. 349 : 50v, — p. 31) così che sole tre ne resterebbero⁴:

¹ Naturalmente Castro. La metatesi non è rara nei vecchi documenti portoghesi: p. es. *Duque de Crasto* (*Corp. diplom.* IV 371), *Alencrasto* (IV 434. 436).

² *Fragments d'histoire littéraire à propos d'un nouveau manuscrit de chansons françaises*. Bibl. de l'école des Chartes, 1859, *IV^e série*, *Ve tome* (1—39 305—354, 465—502).

³ *Bibliographie des chansonniers français*, Paris 1884, I 237. In questo indice sfuggirono piccoli errori che si correggerebbero consultando il Passy: 6 *m'est*, leggi *n'est*; 8 *je vuis plus*, leggi *ie plus sui*; 38 *çou*, leggi *cou*; 41v *escient*, leggi *enscient*; 45 *queus*, leggi *quex*; 45v *Dieus*, leggi *Diex*; 52 *mieux*, leggi *mèx*.

Chi poi volesse seguire il codice con tutta l'acribia, ritoccherebbe poche lettere così presso il Passy come presso il Raynaud; anche dove il ms. pecca: 13v *desirs*, c'è *desir*; 17v *chanson*, c'è *chancon*; 18v *li c'è le*; 19v *çou*, c'è *cou*; 24 *mon cuer* va gettato via (cfr. anche Rayn. II 166); 26v *çou*, c'è *cou*; 31v *croit*, leggi *croist*; 39 (e 49v, 52) *Cuvelier*; 39v *çou*, c'è *cou*; 43, leggi *Jehan de Grieviler sage* (cfr. anche Rayn. II 5).

⁴ Poche altre ne diede il Passy paragonando al senese diversi codici: 11v — pag. 15: 39v, — p. 322: 45r, — p. 329: 48r; — p. 336. Inoltre egli dà, nella sua memoria, alcuni frammenti che troveremo anche nel senese: a p. 28 dalla canzone 11v: a p. 346 dalla canz. 40v: a p. 349 dalla c. 48r: a p. 352 dalla c. 44v; c finalmente a p. 351 e a p. 353 dalle due canzoni 45v e 51r, benchè il Passy non lo avverta. Dove egli cita (a p. 18) B. Siennes 136 (e anche altrove) fol. 163^o va letto X 36 fol. 48v. — A p. 23 invece di fol. 391 si legga 39r.

13r *Bien doit chanter liement.*

22v *Entre regart et amour et biauté.*

40v *Jehan tres bien ameres.*

Stamperò le due prime seguendo il codice in ogni cosa, anche dove gli si può fare il maestro: se il testimonio è solo, bisogna badare a lui.

Bien doit chanter liement.
ki aimme de fin voloir.
por cou mestuet esmmovoir.
a chanter jolient.

ke iai tout mis cuer et hounour et vie.
en bien amer celi ki seignourie.
a de mon cuer si ke nol quier changier.
de li amer ne destre en son dangier.

Mout ai savereus tourment.
en amer sans decevoir.
celi ki me fait doloir.
et languir si doucement.
ke tant me plaist ma pensee iolie.
kil ne me caut de rien ke on me die.
mais ke puisse penser et convoictier.
le douc espoir kamors me fait cuidier.

Tant aim lespoir loiaument.
u amors me fait manoir.
ke quant puis apercevoir.
le douc vis et le cors gent.
celi ki ma del tout en sa baillie.
ke del veoir mes cuers se rasié.
si kil mest vis ke ne puis travaillier.
ke naie sauf lespoir del desirier.

Nonpourquant si faitement.
me moustre amors son pooir.
ke mon desir recevoir.
ne vaurie outrement.
car il mest vis ke li hom naimme mie.
pour ses bons tant lounour de samie.
saim miex mon cuer deduire en sousheidier.
kavoir mes bons et ma dame empirier.

Dame ie ne sai comment.
vous puisse faire savoir.
se ie ment u ie die voir.
cascuns puet dire ensement.

et nepourquant pour cou ne mesmai mie.
 de vous servir tous iours sens trecherie.
 si humlement kamours saura iugier.
 et fins desirs pour recevoir loier.

Entre regart et amour et biaute.
 mont mis en volonte .hardie
 damer .plus haut ke drois ne die.
 et nepourquant de ceste volente.
 leur doi boin gre savoir.
 car iaim u sai ie devoir
 del mont la miex ensignie
 sage loial et de biaute flourie.

Amours et puis ke vous maves doune.
 voloir damer sans trecherie.
 dame de si grant signourie.
 dont li proies ke ce soit par son gre.
 si ke daint voloir.
 ke ie la serve en espoir
 tous iours car sele lotrie.
 ma ioie en est loiaument enrichie.

Tant vous aim dame en fine loiaute.
 aussi soit ma proiere oie.
 miex aim ke desiriers mochie.
 ke iaie nul iour si matinais pense.
 ke de vous decevoir.
 car nus ne doit recevoir.
 si haut ioiel com damie.
 se loiautes ne sen tient apaiee.

Suns faus a mans a par sa faissete.
 sa loial dame engignie.
 lui a houni et li traie.
 car sans saveur sont tout li bien gaste.
 mais cuers ki set manoir.
 en fin desir sans remouvoir.
 set miex ke bien senefie.
 quant de sa dame a bonte sans folie.

Damours me lo ki tent na hounere.
 ke iai par bele maistrie.
 milleur et plus bele coilli .
 conques amast nus hom ki ait ame.

car ele a le pooir.
de biaute et le savoir.
ki sen cuer tient compagnie
diex car se fust pires avoëc logie.

Delle canzoni che vanno paragonate ai codici vaticani darò solamente un saggio¹: versi attribuiti dal Passy² a Giovanni da Grieviler:

Jolie amours ki ma en sa baillie.
me fait chanter quel dolour ke ie traie.
en li a trait valour et courtosie.
ke je voel bien servir en sa mancie.
ele a pooir de moi guerre doner.
trestous les maus ke ie puis endurer.
pour la douce creature.
ki ma navre damoureuse pointure.

Comment kamours destraigne ne maistrie.
ie tieng pour fol celui ki sen esmaie.
car son ne puet recouvrer a amie.
sen vaut cil miex ki les maus en assaie.
amours li fait vilounie eskiver.
sens et honour aprent et bel parler.
dont est faus a desmesure.
cil ki ni prent sa douce noureture.

Ie counois tant li et sa signourie.
ke ia ne quier ke mes cuers sen retraie.
de bien amer . plus savereuse vie
ne quier damour fine et loial et vraie.
si puisse iou de ses biens savourer.
com iaim de cuer loiaument sans giller.
celi ki de moi na cure.
et si me plaist quankes pour li endure.

Tant laim de cuer ke ne me grieve mie
li maus ke t'ai loiautes men apaie.
dont ie le serf et ai tous iours servi.
sai quant espoir ke samour en atraie
pour cou kon doit par droit merci trouver.
es gentiex cuers se me fait esperer.
merci dont ie la truis sure.
mais boins espoirs forment men aseure.

¹ Questa ha il n.º. XXIV, al foglio 12v del Mss. senese. Cfr. il vatic. 1490, n. 187, foglio 82r.

² Loc. cit. p. 481.

Diex kai ie dit tant est bele et iolie.
 cele cui iaim simple mignote et gaie.
 ke bien counois sele ne sumelie.
 nest pas raisons ke si haute amour aie.
 si proi amour tant me voelle hounerer.
 ke li doinst cuer ki me daint esgarder.
 de sa douce esgardeure.
 tant ke pitiiies soit en son cuer meure.¹

III.

Delle cantiche di Alfonso si conserva a Firenze, nella Nazionale, un ottimo codice, disgraziatamente mutilo con numero grande di quadrettini miniati e ad ogni pagina il *leone* e il *castello*; libro di re e da re. Delle pie canzoni del re saggio, al quale non diede un solo verso il nostro Poeta, aspettiamo con impazienza la stampa che è quasi compiuta per opera dell'Accademia spagnuola: ma poichè fu mio dovere a quei valenti architetti offrirmi manovale, libero e amico, e nelle lor mani posi una esatta descrizione del codice, non la rifarò. Crescerà la voglia del vecchio libro a vederne qualche pagina: e la copio, anche questa volta, con fedeltà.

XIV.

Esta e Como santa maria sāou o Escudeiro aque deron
 a saetada polo costado.

Despiritual cilurgia
 ben obra santa maria.
 Ca non uos obra con eruas
 nen con raizes nen froes
 nen con especias outras

¹ Inutile sarebbe avvertire dove la grafia del senese si scosta da altri codici nelle canzoni date fuori dal Passy; tanto più avendo sotto gli occhi le sue dichiarazioni (l. c. p. 22). Tocco di volo alcuni luoghi. Passy p. 31: *Ont fait son cuer si aver [en] vers mi*: il ms. *airer vers*. Passy p. 21 *Et plus encore estude*: il ms. *plus en ioie*: e *après est li saisons*, il ms. *faisons*. Passy p. 22 *sont plus joiant*: il ms. *l'ont*. Passy p. 28 *Que aucun point*: il ms. *ken aucun*. (In questa strofa mancano a Siena due versi, il 7^o e l'8^o: solo resta *aimme on*.) Passy p. 351 *De joie qui est certaine*: il ms. *de ioie a desir certaine*.

Alla p. 353 bisogna ordinare la strofa in altro modo dal Passy:

*Ferri ce vient de trop pouvre ensiant
 que miex ames a mangier as servans
 k'avoec le convent premier
 ki sa feme a a son voloir le prent.*

macar xan bños odores.
 mas ual aos peccadores
 con uertude que en si a.
Despiritual celorgia.

[D]est auẽo un miragre
 que mostrou hũa uegada
 en salas ú mostra muit'
 esta bien aventurada
 dun que gran saetada
 recebeu en lōbardia
Despiritual celorgia
ben obra santa maria.

Este de que uos en falo
 era fidalg escudeyro
 e foi en hũa fazenda
 bño ardid e ligeyro,
 mas foi per un baesteiro
 mui mal chegad aquel dia
Despiritual celorgia
ben obra santa maria.

Calle falssou os costados
 a Saeta que de forte
 baestá fora tirada
 e colleu tal desconorte
 que ben cuidou prender morte
 que al y non aueria
Despiritual celorgia
ben obra santa maria.

Por end a santa maria
 souue logo acomandado
 e tiraron lla Saeta
 ben pelo outro costado
 desi o logar sarrado
 foi que ren non parecia.
Despiritual celorgia
ben obra santa maria.

E desto santa Maria
 de Salas quantos estauan
 no logar que o miragre
 uiron muito aloaron

e a aquel conssellauan
 que foss y en romaria
Desperital celorgia
*ben obra santa maria.*¹

XV.

[E]sta é de como foi feita a primeira Egreiã de santa
 Maria en Roma.

Non deven por marauilla
iêr en querer deus padre
mostrar mui grandes miragres.
pola bēita ssa madre.

Dest un fremoso miragre
 uos direi que foi uerdade
 que mostrou santa maria
 en Roma nobre cidade
 en o tempo que ia era
 tornada en creschandade
 por acrescentar a lec
 de deus seu fill e seu padre.

Non deuen por marauilla.

En aquel tempo en Roma
 flu papa santo auia
 e flu emperador bõo
 per quant ele mais podia
 seruia muit e amaua
 a uirgen santa maria
 en que deus quis prender carne
 e fazer dela ssa madre

Non deuen por marauilla.

En aquel tempo tan bõo
 de que uos eu ora digo
 era o pobro de Roma
 todo a tan muit amigo
 da uirgen santa maria
 e auia ben con sigo
 a creença de seu fillo
 iesu criste de deus padre
Non deuen por marauilla.

E por que en todo Roma
 non era enton eigreia
 desta uirgen groriosa
 que sempre bēeita seia
 querian fazer end hũa

mui grand è nobre sobeia
 en que fosse deus loado
 e ela que e ssa madre.
*Non deuen por marauilla.*¹

Pio scrittore re Alfonso² e magro poeta: me in codesti antichi monumenti più che la bellezza cerchiamo la storia delle lingue e la storia dell' arte.

¹ Foglio 16, v.

² Una cantica ne fu pubblicata dal Bellermann (*Die alten Liederbücher der Portugiesen*, Ber. 1840, pag. 17) e avrebbe nel Magliabechiano il n° XXVI. Do alcune correzioni, seguendo il codice. I 1 *todas las* l. *to dalas*; III 4 *passo* l. *passou*; IV 1 *eera* l. *era*; IV 6 *una feber* l. *húa feuer*; IV 8 *E sas faces* l. *En sas façes*; V 5 *tu* l. *teu*; VI 1 *E a questo* l. *El a questo*; VI 2 *dutaron* l. *deitaron*; VII 7 *et avia* l. *al avia*; VIII 7 *boo* l. *bõo*; VIII 8 *dyneradas* l. *dyneiradas*; IX 2 *sennora* l. *sennor*; IX 8 *non* l. *nen*; X 4 *tovera* l. *tevera*; X 5 *huna* l. *hũa*; X 6 *estand'era* l. *estedera*; X 8 *ssas* l. *sas*, XI 2 *niun* l. *niũu*; XI 5 *ovy* l. *oÿu*.

E. TEZA.

Der Weg vom dactylischen Hexameter zum epischen Zehnsilber der Franzosen.

Der Ursprung des epischen Verses der Franzosen von 10 (bis 12) Silben ist ein ungelöstes Rätsel. Besonders auffallend ist, daß derselbe in der älteren lateinischen Rhythmik, die doch wohl teils als Vorbild teils als Spiegel der populären Dichtung zu betrachten ist, völlig zu fehlen scheint. P. Rajna, der sich zuletzt mit der Frage beschäftigt, greift, nachdem er die bisherigen Erklärungsversuche aufgezählt, zum *ultimum refugium* in der romanischen Philologie, zum keltischen Ursprung.¹ Wie, wenn der Zehnsilber nichts anderes wäre als ein Sprößling des epischen Verses des klassischen Altertums, der seit Ennius den einheimischen Saturnier verdrängt hatte und namentlich durch Virgil und seine Zeitgenossen und Nachahmer so populär geworden war, wie die pompejanischen Wandinschriften ihn zeigen? Freilich, wenn wir die Verse Virgils unmittelbar neben diejenigen des Alexiuslebens oder des Rolandsliedes stellen, erscheint der Unterschied groß genug und der Gedanke, beide zu verbinden, beinahe abenteuerlich. Erst indem wir die Wandelungen durchgehen, die der dactylische Hexameter in der rhythmischen Poesie erfahren, tritt die enge Verwandtschaft klar vor Augen. Ich folge in meinen Ausführungen ganz den trefflichen, durch keine eigenen oder fremden Theorien beeinflussten Untersuchungen der lateinischen Rhythmik von Wilh. Meyer in Göttingen. Mit Meyer I bezeichne ich seinen Aufsatz: „Radewins Gedicht über Theophilus“ Sitzungsber. der philos.-philol. Kl. der k. b. Akademie d. Wiss. zu München, 1873, p. 49 ff.; mit Meyer II: „Der Ludus de Antichristo und Bemerkungen über die latein. Rhythmen des XII. Jahrhunderts“, ebend. 1882, Bd. I, p. 1 ff.; mit Meyer III: „Anfang und Ursprung der lateinischen und griechischen rhythmischen Dichtung“. Abhandl. der k. bayer. Akademie der Wissensch., I. Kl., XVII. Bd., II. Abt. (1884), p. 267 ff.

Auf Meyers Ansicht, die ganze griechische und lateinische rhythmische Dichtung stamme aus der semitischen — die für mich

¹ *Origini dell' epopea francese* p. 506 ff.

nichts Überzeugendes hat —, brauchen wir hier nicht einzugehen. Mit Recht räumt Meyer mit der sog. „schwebenden Betonung“ auf, die frühere Erklärer zu Hilfe genommen hatten, und mit der sich freilich Alles herausbringen läßt. Endgiltig widerlegt er auch die Ansicht, daß in der rhythmischen Poesie einfach an die Stelle der langen Silben, die den Versictus trugen, betonte Silben gesetzt worden seien. Vielmehr scheint mir der Vorgang deutlich folgender zu sein. In den metrisch gebauten Versen bewahrten bekanntlich die Wörter beim Hersagen ihren gewöhnlichen Accent, auch wo der Versictus nicht damit zusammenfiel. Zu der Zeit nun, als der lateinische Accent energischer expiratorisch wurde, und namentlich als durch seinen Einfluß die alten Quantitätsverhältnisse verändert wurden, traten — zunächst beim Recitieren der alten, überlieferten Verse — die den Wortaccent tragenden Silben mehr hervor als die durch den Versictus getroffenen alten Längen, so daß dadurch der Rhythmus zum Teil verschoben wurde. Nicht überall. Denn durch den Bau der lateinischen Sprache war es bedingt, daß auch in der klassischen Zeit Wortaccent und Versictus an gewissen Stellen der Metren meist zusammenfielen. Nehmen wir als Beispiel die als Spottverse überlieferten trochäischen Septenare bei Sueton, Caes. cap. 51:

Urbani servate uxores | moechum calvum adducimus
aurum in Gallia effutuisti | hic sumpsisti mutuum,

so bleibt sich der Rhythmus im Ausgang der Halbverse gleich, ob wir den Versictus oder den Wortaccent hervorheben. Im Innern des ersten Halbverses dagegen tritt eine Änderung ein; nach dem alten Versictus lautet er: *úrbaní serváte uxóres*, nach dem Wortaccent: *urbáni serváte uxóres*. Derselbe „Taktwechsel“, wie ihn Meyer nennt, kann sich auch im Anfang der zweiten Halbverse finden. Da also Betonungen wie *urbáni serváte uxóres* und *áurum in Gállia effutuísti* neben einander lagen, bildet sich in der späteren Rhythmik das Gesetz, daß die Accentstelle im Ausgange solcher Halbverse fest, im Anfang derselben dagegen frei ist, d. h. daß hier Taktwechsel eintreten darf. Meyer III 5 ff. kann mit vollem Recht die citierten und ähnliche Spottverse als rein quantifizierend in Anspruch nehmen. Immerhin dürfen auch diejenigen, welche einen Anfang der accentuierenden Poesie in ihnen zu sehen geneigt sind, zu ihren Gunsten anführen, daß es doch wohl auffallend ist, daß unter den c. 20 als Volksverse überlieferten Septenaren alle oder fast alle¹ Übereinstimmung des letzten Versictus mit dem Wortaccent zeigen. Greifen wir eine beliebige Gruppe plautinischer Septenare heraus, z. B. die vier ersten im Trinummus (ed. Ritschl, v. 301—304):

¹ Denn | *aliud populus voluerat* (Schol. Juven. 5,3) ist kaum schon mit der Betonung des afr. *voldret* prov. *volgrá* zu lesen.

Sémper ego usque ad hánc aetatem ab ineunte adulescéntia
tuís seruiuí sérúitatem inpériis, praeceptís, pater.
pro ingenio ego me liberum esse rátus sum, pro inperió tuo
méum animum tibi sérúitatem séruire aequom cénsui . . .

so finden wir, daß von vier Versen zwei diese Übereinstimmung nicht bieten; und ähnlich ist das Verhältnis wohl überall bei Plautus und Terenz, wenn auch die Verse mit Übereinstimmung etwas überwiegen. Es scheint also der letztere Typus in Volksversen vorzugsweise verwandt worden zu sein, und dabei hat gewiß der Accent ein Wort mitgesprochen. Daß daneben in jenen Volksversen alter Zeit die Quantität beobachtet wird, also noch als Grundprinzip der Versbildung erscheint, bildet keinen Widerspruch.

Werden durch das Hervorheben des Wortaccents die trochäischen Septenare und ähnliche Verse nicht wesentlich modifiziert, so tritt dagegen bei anderen Metren allerdings ein Wandel des Rhythmus ein. So hat z. B. Meyer II 92 bemerkt, daß die sapphische Zeile

Jám sátis terrís | nivis átque díris

in der rhythmischen Poesie sich umgestaltet zu

Jam sátis térris | nivis átque díris,

der Ausgang der ersten Halbzeile also von $-\acute{}$ zu $\acute{-}$ sich verschiebt. Hier tritt vollkommen deutlich hervor, daß nicht der alte Versictus durch den Wortaccent ersetzt wird, sondern daß der Wortaccent auf derjenigen Stelle bleibt, wo er sich auch zur metrischen Zeit zu finden pflegte; nur fällt ihm jetzt bei der Versbildung die Hauptrolle zu, während er früher überhaupt keine spielte.

Ähnliches findet sich beim Hexameter. Dem rhythmischen Hexameter liegt fast ausschließlich jener häufigste Typus des metrischen zu Grunde, in welchem die Cäsur in den dritten Dactylus fällt und zwar die sog. „männliche“ Cäsur, die Penthemimeres, direkt nach der dritten Hebung, da ja die klassisch-lateinischen Dactyliker die Cäsur nach der ersten Kürze des dritten Fufes im Allgemeinen meiden. Der Vers, der 13 bis 17 Silben zählt, zerfällt dadurch in zwei Halbzeilen, die erste von 5 bis 7 Silben, die zweite von 8 bis 10 Silben. Von den seltenen Versen, die als fünften Fuß einen Spondeus enthalten, sehen wir ab. Durch das Hervorheben des Wortaccents wird der Rhythmus im Ausgange des Verses nicht beeinflusst. Der Halbvers:

| Troiae qui primus ab oris

zeigt in den Wörtern *primus ab oris* denselben Rhythmus, ob wir den alten Versictus oder den Wortaccent hervorheben, und so bei weitaus den meisten nach dem gewöhnlichen Schema gebauten Hexametern.¹ Dagegen im Ausgange der ersten Halbverse, wo

¹ Die vereinzeltten Verse wie:

| divom pater atque hominum rex

kommen für uns nicht in Betracht.

meist zwei- oder mehrsilbige Wörter stehen, tritt eine Verschiebung des Rhythmus ein. Liest man Verse wie:

arma virumque cano |
oder exciderant animo |

mit alleiniger Hervorhebung des Wortaccents, so tritt an die Stelle des steigenden Rhythmus $\sim \text{ '}$ (*canō, animō*) der fallende ' oder ' — (*cāno, ānimo*). Ähnliche Verschiebungen können, wie man schon aus diesen Beispielen ersieht, im Innern der Halbverse stattfinden; aus *exciderant* wird *exciderant*, aus *Troide* wird *Tróiae*. Daher kommt es, daß im rhythmischen Hexameter die Stelle der zwei letzten Accente in der Regel fest bleibt, die der übrigen dagegen vielfach schwankt.

Bevor wir uns zu solchen späteren Gedichten wenden, müssen wir die verschiedenen Mustertypen durchgehen, welche der klassische Hexameter den Rhythmikern lieferte. Ich wähle die Beispiele aus dem I. Buche der Aeneis und bezeichne in den Schemen die betonte Silbe mit ' , die unbetonte mit —, endlich Silben, die bald einen Wortaccent tragen, bald nicht, mit \times .

Die ersten Halbverse gehen entweder auf ' — oder auf ' — aus.¹ Je nach der Anzahl von Silben, die diesen Ausgängen vorangehen, unterscheiden wir 5 Typen.

Vor dem Ausgang ' — stehen:

Typus A, I: 5 Silben; im Ganzen 7 Silben; Betonung der zwei ersten Silben schwankend:

v. 1 arma virumque cāno |
455 artificumque mānus |
535 in vāda caeca tūlit |.

Schema: $\times \times \text{ '}$ — ' — |.

Typus A, II: 4 Silben; im Ganzen 6 Silben; auf verschiedenen metrischen Typen beruhend; Betonung wechselnd:

v. 55 circum clāustra frēmunt |
35 vēla dābant lāeti |
12 ūrbs antiqua fūit |

¹ Verse, in denen durch Elision eines Vokals der Accent auf der letzten Silbe steht, können wir übergehen, z. B.

v. 101 scuta virum galeāsque | et . . .

v. 123 accipiunt inimicum | imbrem . . . ;

ebenso die wenig zahlreichen, die mit einem einsilbigen Wort schliessen wie

v. 645 Ascānio férat háec.

Ferner nehme ich als Beispiele keine Verse, in denen betonte Silben neben einander stehen wie

v. 209 spēm vóltu símulat |,

da in der lateinischen Rhythmik „als Hauptgesetz gilt, daß betonte Silben nicht zusammenstoßen dürfen“ (Meyer II 53).

28 et génuſ inuíſum |
47 et ſóror et cónjunx |.

Schema: $\times \times \times - ' - - |$.

Typus A, III: 3 Silben; im Ganzen 5 Silben; Betonung wechselnd:

v. 53 luctántes véntos |
74 ómnis ut técum |.

Schema: $\times \times - ' - - |$.

Vor dem Ausgang $' - -$ stehen:

Typus A, IV: 4 Silben; im Ganzen 7 Silben; Betonung wechselnd:

v. 26 excíderant ánimo |
45 túrbine corripuit |
42 ípsa Jóvis rápidum |.

Schema: $\times \times \times - ' - - |$.

Typus A, V: 3 Silben; im Ganzen 6 Silben; Betonung wechselnd:

v. 163 in cáelum scópulí |
113 únám quae Lýcios |.

Schema: $\times \times - ' - - - |$.

Die Typen A, II und A, IV, sowie A, III und A, V stehen sich insofern nahe, als sie beide den letzten Accent auf der fünften, resp. auf der vierten Silbe tragen.

Die zweiten Halbverse gehen fast ausschließlich auf $' - - - ' - -$ aus. Vor diesem Ausgange können stehen:

Typus B, I: 5 Silben; im Ganzen 10 Silben; Betonung wechselnd:

v. 127 | plácídum cáput éxtulit únda
296 | frémet hórríduſ óre cruento
289 | spóliis Oriéntis onústum
212 | veribúſque treméntia figunt.

Schema: $| \times - \times \times - ' - - - ' - -$.

Typus B, II: 4 Silben; im Ganzen 9 Silben; auf verschiedenen metrischen Typen beruhend; Betonung wechselnd:

v. 15 | térris mágis ómnibus únám
26 | mánet álta ménte repóstum
42 | jaculáta e núbibus ígnem
70 | et díſſice córpora pónto
28 | rápti Ganymédis honóres
74 | méritis pro tálibus ánnos.

Schema: $| \times \times \times - ' - - - ' - -$.

Typus B, III: 3 Silben; im Ganzen 8 Silben; Betonung wechselnd:

v. 36 | ſervans ſub péctore vólnuſ |
33 | Románám cóndere géntem
53 | tempeſtatéſque ſonóras.

Schema: $| \times \times - ' - - - ' - -$.

Als *Typus B, IV* können wir etwa noch die verhältnismäßig seltenen Verse zusammenfassen, welche auf der viertletzten Silbe einen Wortaccent tragen, z. B.:

v. 380 | pátriam et génus ab Jóve súmmo,

vgl. v. 328 . . . o *déa cérte*.

Sehen wir nun zu, wie die Rhythmiker mit diesen verschiedenen Typen geschaltet haben.

I.

Commodian, der um die Mitte des dritten Jahrhunderts dichtete, leitet uns von der quantifizierenden zu der rhythmischen Dichtung hinüber. Der Versbau seines umfangreichsten hexametrischen Gedichts, des *carmen apologeticum*, ist genau untersucht von Meyer III 288 ff., wo man das Einzelne nachsehe. Commodian verwendet alle Typen und baut also je nach dem klassischen Muster, das ihm gerade vorschwebt, Verse von 13 bis 17 Silben. Sein Versbau schwankt zwischen Metrik und Rhythmik. An der letzten betonten Stelle des zweiten Halbverses, als Paenultima des letzten Wortes, verwendet er nur oder fast nur Silben, die nach der schulgerechten Latinität lang sind. Auch im fünften Fusse ist die erste Silbe gewöhnlich lang und betont, z. B.

c. apol. 7¹ | criminóse dénique mérsus.

Der Halbvers kann aber auch nach Typus B, IV gebaut sein mit langer fünftletzter, aber betonter viertletzter Silbe, also gegen den gewöhnlichen accentuirenden Rhythmus verstossen; z. B.:

v. 283 | prosilisset in nóva lége
270 | mánus méas et pédes ipsi.

Endlich kann an fünftletzter Stelle eine ursprünglich kurze, aber betonte Silbe stehen:

v. 27 | divítias dátas, a Súmmo
188 | secúndum Dēi decréta.

In letzterem Falle haben wir rein accentuirendes Prinzip. Bei den zwei Senkungen des fünften Fusses beobachtet Commodian prosodische Regeln insofern, als er durch Position lange Silben hier meidet; doch gebraucht er ursprünglich von Natur lange ungescheut, z. B.

v. 236 | státim suo díctō sánávit.

Ist das letzte Wort dreisilbig, so entstehen hierdurch ausnahmsweise Versschlüsse nach Typus B, IV wie *praebére láudes, augére quéderunt* (s. Meyer III 296). Diese Scheinprosodie, welche nur die durch Position langen Silben immer als Längen mißt, die übrigen aber promiscue als Längen und Kürzen gebraucht, hat Meyer

¹ Ich citiere nach *Commodiani carmina*, ed. E. Ludwig. Leipzig 1877—78.

auch bei anderen Dichtern nachgewiesen. Sie erklärt sich leicht daraus, daß die Regeln über Positionslänge einheitlich und einfach und daher auch nach der Quantitätsverschiebung leicht zu befolgen war, während die Regeln über Naturlänge sehr kompliziert und ihre Befolgung für die Späteren mit schwererer Gedankenarbeit verbunden war.

Was die Silben betrifft, welche dem Ausgange ' _ _ _ ' vorangehen, wird in den 9-silbigen Halbzeilen, den häufigsten (Typus B, II), keinerlei Rücksicht auf die alte Quantität genommen und der Accent ist frei wie in den Mustertypen. Dagegen in den 8-silbigen (Typus B, III) und in den 10-silbigen (Typus B, I) wird meist den klassischen Mustern auch in metrischer Hinsicht insofern nachgestrebt, als in jenen die zweite Silbe lang, in diesen die zweite Silbe kurz und die dritte lang ist. Letzteres erklärt sich allerdings zum Teil auch daraus, daß im ursprünglichen Typus B, I die zweite Silbe unbetont ist. Immerhin finden sich ganz ausnahmsweise auch Verse wie

v. 927 | prophētae sunt in último fine,

für deren Accentstellung unter den klassischen, zehnsilbigen Halbversen ein Muster schwer zu finden sein wird.

In den ersten Halbversen finden wir ebenfalls alle 5 Typen wieder. Die letzte Silbe, die im klassischen Hexameter den Ictus trug, kann bei Comodian als ausklingende Schlußsilbe kurz sein¹, z. B.

v. 6 in húmeris cápita |
211 si fúerat cástus | in

Dagegen kommt bei der vorhergehenden Silbe wieder die Prosodie in Betracht. Fünfsilbige Halbverse kommen nur vor, wenn die vorletzte Silbe eine alte Länge ist; siebensilbige fast nur (Meyer III 292), wenn die vorletzte nach den Schulregeln kurz ist. Bei vorletzter kurzer Silbe wird ferner wieder die Scheinprosodie beobachtet, daß als drittletzte eine positionslange Silbe vermieden wird, dagegen eine ursprünglich naturlange stehen kann, z. B.

v. 115 inde pugillō súo |
296 in cúius nómine |.

Auch hat Meyer III 297 im Anfang der Verse einige Reminiscenzen an die klassischen Hexameter aufgedeckt, die wir hier übergehen können. Im Übrigen wird in den Silben vor dem Versschluß die Quantität nicht beachtet, und der Accent ist natürlich frei.

¹ Vgl. die alten Sortes, Corp. Inscr. Lat. I 1440 und 1441:

De incerto certā | ne fiant, si sapis, caveas.
De vero falsā | ne fiant iudice falso.

Ich berücksichtige die alten inschriftlichen Hexameter im Allgemeinen nicht, weil bei diesen vereinzelt Versen kaum zu entscheiden, was Fehler und was Lizenz ist.

Im Carmen Apol. schliessen sich je zwei Hexameter zu einem Paare zusammen (Meyer III 304). Bemerkenswert ist, daß Commodian in zweien seiner kürzeren Gedichte, *Instructiones* 2, VIII und 2, XXXIX, die Zeilen aufser durch Acrosticha, auch durch durchgehende Reime — dort auf *-e*, hier auf *-o* — verbindet. Ich setze den Anfang des zweiten nach Ludwigs Ausgabe als Probe hierher:

Incolae caelorum | futuri cum Deo Christo
 Tenente principium, | vidente cuncta de caelo,
 Simplicitas, bonitas | habitet in corpore vestro.
 Irasci nolite | sine causa fratri devoto,
 Recipietis enim | quidquid feceritis ab illo.
 Hoc placuit Christo | resurgere mortuos imo
 Cùm suis corporibus, | et quos ignis ussit in aevo,
 Sex milibus annis | completis mundo finito.

2.

Das pseudo-cyprianische Gedicht an Flavius Felix, wahrscheinlich c. 500 verfasst, von welchem Meyer III 382 ff. handelt, gehört eigentlich nicht in unser Gebiet, da seine Hexameter nach metrischen Regeln gebaut sind, freilich mit der erwähnten Scheinprosodie, bei welcher nur die positionslangen Silben durchgehend als Längen zählen. Ich nenne es hier, weil es beliebige Reihen von Hexametern durch Schlufsreim verbindet, also den Anfang des Tiradenreims bietet.

3.

Indem wir uns nun zu den rein rhythmischen Hexametern wenden, beginnen wir mit denjenigen, bei welchen die größte Freiheit in der Verwendung der verschiedenen klassischen Mustertypen herrscht, um dann zu den Gedichten überzugehen, deren Verfasser eine Regelung des Versbaues, eine Auswahl aus den möglichen Typen angestrebt oder durchgeführt haben. Diese formale Anordnung scheint mir der chronologischen vorzuziehen, weil die Überlieferung rhythmischer Hexameter zu lückenhaft ist, als daß wir in jedem einzelnen romanischen Lande die ganze Entwicklung verfolgen könnten; wir müssen die Übergangsstufen aus verschiedenen Gebieten und Zeiten zusammensuchen.

Rein rhythmisch sind die Hexameter in den Grabinschriften longobardischer Fürsten und Geistlichen aus den Jahren 700—750, welche Meyer II 190 ff. und III 276 ff. aufzählt und bespricht. Da es für unsere Untersuchung von keinem Werte wäre, alle die einzelnen Eigentümlichkeiten zu verzeichnen, welche sich etwa in diesen Versen belegen lassen, führe ich als Beispiel nur einige der klarer gebauten auf. Zunächst ein paar Verse aus dem Epitaphium Damians, des Bischofs von Pavia¹, aus d. J. 710, das in der Handschrift den Zusatz *rithm.* führt:

¹ Gruter, *Inscr. ant.*, p. 1169.

Si meritis jacentum | piis laus datur sepulcri,
 hic tumulus laudandus | manet, que[m] funere tanto
 inclitus confessor | Dei Damianus beavit,
 civium que¹ lumen | extitit et gloria vatam,
 5 industria et cuius | martyr Nazarius aulam
 meruit, quam ambit | claritas, egregius istam.
 gaudeat namque specus | munus mirabile nactus
 reboans et laeta | sibimet tripudia cantet
 15 sed humili gestabat | mente caelestia dona,
 nec se, cum posset, | ceteris praeponeere nisus
 ecclesiae in arce | fugiens, attamen coactus
 sumpsit sacerdotium, | et verba mystica plebi
 ut bonus pastor | erogans Ticinensem cathedram
 20 decoravit moribus, | cuius et studium ingens
 fundamenta erecta | usque ad fastigia fantur

Als zweites Beispiel wähle ich die Grabschrift auf dux Au-
 doaldus a. 718²:

Sub regibus Liguriae | ducatum tenuit audax
 Audoald armipotens, | claris natalibus ortus,
 victrix cuius dexter[a] | subegit naviter hostes
 finitimos et cunctos | longe lateque degentes,
 5 belligeras domavit | acies, et hostilia castra
 maxima cum laude | prostravit Didimus iste,
 cuius hic est corpus | huius sub tegmine cautis.

Più sotto (nach Muratori):

Late at(?) non fama silet, | vulgatis fama triumphis,
 quae vivum, qualis | fuerit quantusque, per urbem³
 10 innotuit laurigerum | et virtus bellica ducem;
 sexies qui denis | peractis circiter annis
 spiritum ad aethera | misit et membra sepulcro
 humanda dedit, | prima cum indictio esset
 die nonarum | Juliarum, feria quinta.

Es sind hier noch fast alle Typen neben einander vertreten;
 so A, I: Dam. 1, 2 etc., Aud. 4, 5; A, II: Dam. 3, 4 etc., Aud. 6,
 7 etc.; A, III: Dam. 16, 19, Aud. 9; A, IV: Dam. 18, 20, Aud. 2, 12;
 — B, I: Dam. 19, Aud. 5; B, II: Dam. 3, 4 etc., Aud. 9, 14; B, III:
 Dam. 1, 2 etc., Aud. 1, 2 etc. Der Typus A, V, der hier fehlt, findet
 sich vereinzelt in anderen Grabschriften, z. B. im Epitaphium Theo-
 dotae (Muratori, ebend. 267 f.):

v. 4 quae favens docuit, | arguit, correxit, amavit.

¹ I. *qui* (Meyer).

² Muratori, *Annali d'Italia*, Tomo IV, Parte I, p. 312.

³ Bei diesem und ähnlichen Versen liegt es nahe, die Cäsus im 2. und
 4. Fufse anzusetzen nach klassischem Muster, wie solches unzweifelhaft befolgt
 ist im dritten Vers des Epitaphiums auf König Cuningbert a. 700 (Muratori,
 ib. 269):

Cuningpert | florentissimus | et robustissimus rex.

Die Prosodie wird nur im Epit. Audoaldi (und im Epit. des Königs Ansprandus) insofern gewahrt, als in den Senkungen des fünften Fusses keine Positionslängen stehen (Meyer III 278). Im Übrigen ist die Quantität und der Accent im Versinnern frei. Einen neuen Typus bieten die ersten Halbzeilen Aud. 1 und 10. Wie in den Halbversen, in welchen der letzte Accent die fünfte Silbe trifft (Typus A, II und A, IV) entweder eine oder zwei unbetonte Silben folgen können, wie neben v. 6 *máxima cum láude* | ein Vers 2 *Audoald armípotens* | liegt, so wird nun auch in denjenigen Halbversen, welche die sechste Silbe betonen (Typus A, I), neben der einsilbigen Senkung eine zweisilbige zugelassen. Dadurch entstehen 8-silbige erste Halbzeilen: v. 1 *sub régibus Ligúriæ* |, v. 10 *innótuít laurigerum* | als Correlate zu v. 4 *fnitimos et cúncios* |. Man könnte zwar hier die überzähligen Silben beseitigen, indem man die Endung von *Liguriae* einsilbig läse und die Endsilbe von *laurigerum* über die Cäsur weg vor *et* elidierte; doch finden sich solche Verse auch sonst mehrfach unter den rhythmischen Hexametern (s. No. 4 und 5).

4.

Bemerkenswert wegen des Wandels, den der hexametrische Bau erfahren hat, ist das Epitaphium aus Piacenza, Gruter Inscr. ant. p. 1169 No. 5 (vgl. Meyer II 192):

Species venusta, | mens cui aderat prisca
 laris indeflebilis, | adtumulatam ecce,
 nardei qui sedulo | et ambaris odorem
 ore spirabas, dogmata | philosophorum more;
 5 diaconati gratia | ipsaque inter omnes
 virgulta praecelebas, | admirandum valde.
 splendida de sorte | Romulaeque melitae fontis
 derivatus nempe | quacunq̄ue parentum patris
 indolis hic mori | maluit quam vivere fallax.
 10 animo elegit | totumque propositum faxit.

Die ersten Halbzeilen verwenden Typus A, II und A, IV, daneben A, I (v. 6) und den daraus entwickelten 8-silbigen Typus mit dactylischem Schluß (v. 4, 5), der in der vorigen Nummer besprochen ist. Eigentümlich sind die zweiten Halbverse, welche, wie v. 1, 9, 10 mit Typus B, II und B, III zeigen, gleichfalls auf das hexametrische Schema zurückgehen. Die meisten sind deutlich auf die Weise entstanden, daß im fünften Fusse eine der beiden unbetonten Silben unterdrückt wurde;

vgl. v. 1 | méns cui áderat prisca
 mit 2 | adtumulátam — ecce
 4 | philosophórum — móre.

So entspringen Halbverse von 7—9 Silben mit dem Ausgang '—'—'. Diese berühren sich mit dem Schema mancher erster

Halbverse, und einer von ihnen, v. 6 | *admirandum valde*, ist geradezu in den sechssilbigen Typus A, II übergetreten.

5.

Bevor wir weiter schreiten zur Untersuchung, wie einige Dichter des Longobardenreichs dieses laxen Versmaßes geregelt haben, wenden wir erst unsern Blick nach Westen. In der im 7. Jahrh. zusammengestellten Liturgie der Gothen, die später *Liturgia Mozarabica* genannt worden ist, finden sich als Prolog zu den *Ymni de toto circulo anni* 30 rhythmische Hexameter, deren Anfangsbuchstaben den Satz ergeben: *Mauricus obtante Veraniano edidyt*¹ (vgl. Meyer III 383). Sie sind zum Teil unverständlich und fehlerhaft überliefert; ich begnüge mich, einige zu streichende Wörter einzuklammern:

- Miracula primeva | ymnorum modula clara
 Angelica promserunt, | nascente Domino, ora,
 Videlicet paucis² | infusa celitus dona
 Resumere[n]t, terrestri | pastorum acie visa.
 5 In veteri jam quidem | ymnorum reuulserant³ ordo,
 Cum trium ora jubenum | fornacis igne devicto
 V(e)l(e)rique Patri Filio | jam tunc et ipsis adjuncto
 Sumserunt ymnum laudium | cunctorum, vite quod alto
 Olimpiadis ambitu, | quod(que) terreni circuitus giro
 10 Beato tamen cetui | quam cuncto elemento creato
 Toth sacra toth rura | ymnizabere arte camena,
 Ad nunc quod celebrat | per tot pie orbe[s] difusa
 Nitens ecclesia | divino sacramento locata.
 Tandemque et Redemptor | sacrum cene tempus adimplens
 15 Eterno (sit) Patri ymnum | concentu(m) apostolico solvens
 Vestigia beata | orationis causa convertens
 Exiit in montem | quoevum exorare Parentem.
 Rector quoque fidei | et cunctis per secla magister.
 Admonet et Paulus, | ut psalmis loquamur et ymni[s].
 20 Nam ex hoc surrexit | sacrata dogma ymnorum
 Ilario (Papa) Ambrosio | ceterisque more istorum
 Ad laudem divinam | ymnorum sic condere modos,
 Nunc laudes Domini, | nunc martyrum narrare triumphos
 Omnemque celibem | dirivare vocibus sonos
 25 Et dulces reddere | factori omnium melos.
 Dei summa gloria, | laus et letitia constat
 In his, et Trinitas | laudatur et ecclesia fraglat.
 Dum ymnum dicimus, | honorem et gloriam damus;
 Ymnum dum canimus, | ecclesia vota monstramus.
 30 Tandem et omnium | finem noxiarum obtamus.

¹ Migne, Patrologia latina Bd. 86, p. 886 f.

² Vor *paucis* ist wohl des Sinnes wegen *cum* einzuschieben.

³ *forte* „refulserat“.

Der Schluß des rhythmischen Hexameters ist überall rein bewahrt. Verwendet sind alle Typen außer dem fünfsilbigen A, III. So findet sich Typus A, I z. B. v. 1, 2; A, II: v. 19, 20; A, IV: v. 18, 26; A, V: v. 23—25 und 27—30. Auch der achtsilbige erste Halbvers fehlt nicht (v. 6—10, wohl auch 21), der somit keine longobardische Spezialität ist. In den zweiten Halbzeilen treffen wir Typus B, II z. B. v. 18, 19; B, III: v. 1—4 und 6—8; B, I: v. 13, 27, wobei zu bemerken, daß in letzterem Typus die ursprüngliche Unbetontheit der zweiten Silbe nicht gewahrt wird; vgl. die ähnlichen Beispiele bei Commodian oben S. 311 Z. 18. Alle Verse fügen sich diesen Schemen, wenn man auch bei der Einreihung einzelner zweifeln kann, je nachdem man Elision der Vokale annimmt.

Ich habe dieses Gedicht hier eingeschoben, weil es zwar ebenso locker gebaut ist, wie die bisher erwähnten longobardischen Verse, aber in einem Punkte eine Fortbildung des rein rhythmischen Hexameters zeigt, indem es beliebige Versreihen durch ein- bis zweisilbige Schlußreime verknüpft. Wir finden den Reim *-a* in v. 1—4 und 11—13, Reim *-o* in v. 5—10, Reim *-ens* in v. 14—16, Reim *-orum* in v. 20, 21, Reim *-os* in v. 22—25, Reim *-at* in v. 26, 27, Reim *-amus* in v. 28—30. Reimlos sind nur v. 17—19.

6.

Wir kehren nach Ober-Italien zurück. Eine gewisse Auswahl unter den Typen des rhythmischen Hexameters trifft das Epitaphium des irischen Bischofs Cumianus¹, Bobbio a. 736 (vgl. Meyer II 191; III 277).

Hic sacra beati | membra Cumiani solvuntur,
 cuius coelum penetrans | anima cum angelis gaudet.
 iste fuit magnus | dignitate, genere, forma.
 hunc misit Scotia | fines ad Italicos senem:
 5 locatus Ebobio | Domini constrictus amore,
 ubi venerandi | dogma Columbani servando
 vigilans, jejunans, | indefessus, sedulo orans
 Olympiades quatuor | uniusque curriculo anni
 sic vixit feliciter, | ut felix modo credatur,
 10 mitis, prudens, pius, | fratribus pacificus cunctis.
 huic aetatis anni | fuerunt nonies deni,
 lustrum quoque unum | mense(n)sque quatuor simul
 at pater egregie | potens intercessor existe
 pro gloriosissimo | Luitprando rege, qui tuum
 15 pretioso lapide | tympum decoravit devotus,
 sit ut manifestum, | alium ubi tegitur corpus.

Die ersten Halbverse zeigen fast alle die gleichartigen Typen A, II und A, IV; eine sichere Ausnahme bildet nur v. 4 mit Typus

¹ Troya, *Storia d'Italia*, Vol. IV, Parte III, p. 628.

A, V. Wenn wir in v. 8 (achtsilbiger Typus) *Olympiades* viersilbig und in v. 11 (Typus A, I) *huic* einsilbig lesen, reihen sie sich ebenfalls unter Typus A, IV und A, II ein. Die zweiten Halbverse sind nach Typus B, II und B, III gebaut. Nur v. 8 bietet Typus B, I; vielleicht ist aber *uniusque* dreisilbig zu messen.

7.

Strenger geregelt sind die Hexameter „*de Fundatione Civitatis novae*“¹ ums Jahr 734, deren Schlüsse fehlen (vgl. Meyer II 191):

Haec *Christus* fundamina | posuit fundatore . . .
 rege felicissimo | Liutprand per eum ceb . . .
 hic ubi insidiae | prius parabantur . . .
 facta est securitas | ut pax servetur . . .
 5 sic virtus altissimi | fecit Loncibard . . .
 tempore tranquillo | et florentiss . . .
 omnes ut unanimes | . . . plenis princ . . .

Die ersten Halbverse sind alle nach dem Typus A, IV gebaut, nur v. 6 nach dem verwandten Typus A, II.

8.

Ähnlichen Bau zeigen die 177 meist paarweise verbundenen Verse der *Exhortatio poenitendi*, zuletzt herausgegeben von Meyer III 434 ff. und besprochen ebend. 282 f. In den ersten Halbversen werden nur die oft verbundenen Typen A, II und A, IV verwendet, die den letzten Accent auf der fünften Silbe tragen. In den zweiten Halbzeilen wechseln nur die Typen B, II und B, III. Die Accente im Versinnern sind, wie überall, frei. Als Probe führe ich v. 96—102 an:

His namque fomentis | animae peccata medentur
 et omnia vulnera | priscam sanitatem receptant.
 sic namque divinum | sedabis cito furorem;
 sic profecto capies, | quidquid lacrimando deposcis;
 100 sic denique poteris | evadere, quidquid exoptas,
 quidquid claudit, obligat, | officit, affligit, obumbrat;
 et ad dei gratiam | hoc modo redire gaudebis.

9.

Mit den sechszeiligen Rätseln, die Meyer III 417 ff. herausgegeben und ebenda 278 ff. besprochen hat, gelangen wir zu denjenigen rhythmischen Hexametern, die ein streng einheitliches Schema befolgen, indem von den verschiedenen Typen der Halbverse nur je einer zur Verwendung kommt, in unserem Gedicht Typus A, II und B, III. Das Schema aller Verse ist also:

xxx—'— | xx—'—'—'

¹ Muratori, l. c. p. 360.

Der Accent im Innern ist frei; nur wird am Anfang der ersten Halbzeile ein dreisilbiges, in der Mitte betontes Wort wie *surrécta*, am Anfang der zweiten Halbzeile ein dactylisches Wort wie *omnia* vermieden (Meyer III 279). Als Beispiel diene das erste der 62 Rätsel, „*de olla*“:

Ego nata duos | patres habere dinoscor;
 prior semper manet, | alter qui morte finitur.
 tertia me mater | duram mollescere cogit,
 et tenera gyro | formam adsumo decoram.
 5 nullum dare victum | frigenti corpore possum,
 calida sed cunctis | salubres porrigo pastus.

IO.

Die 16 Hexameter des Epitaphiums eines Thomas, c. 700, zuletzt herausgegeben und besprochen von Meyer II 102 und 192, zerfallen in zwei Teile. Die ersten 10 Verse sind paarweise durch ein- bis dreisilbigen Reim oder Assonanz verbunden und zeigen das streng einheitliche Schema: Typus A, V + B, III. Mit v. 11 hört die paarweise Gliederung und die Assonanz auf; auch die Typen wechseln zum Teil in beiden Halbzeilen. Die 6 letzten Verse dürften daher von anderer Hand herrühren. Ich setze nur die 10 regelmäßigen Verse mit Meyers Emendationen hierher:

Quis mihi tribuat, | ut fletus cessent immensi
 et luctus animae | det locum vera dicenti?
 Licet in lacrimis | singultus verba erumpant,
 de te certissime | tuus discipulus loquar:
 5 Te generositas, | minister Christi parentum,
 te munda actio, | Thomas, monstrabat honestum.
 Tecum virginitas | ab incunabulis vixit,
 tecumque veritas | ad vitae metam permansit.
 Tu casto labio | pudica verba promebas,
 10 tu patientiam | parcendo¹ pie docebas.

II.

Wir kommen nun zu einem wichtigen, alten Zeugnis für rhythmische Hexameter auf gallischem Boden. Im 6. oder 7. Jahrh. schreibt der gallische Grammatiker Virgilius Maro in dem Kapitel „*de metris*“²: *at liniati versus quinque semper metris metiri debent secundum illud Catonis elegantissimi rhetoris*:

bella consurgunt | poli praesentis sub fine,
 precae temnuntur | senum suetae doctrinae.
 regis dolosi | foveant dolosos tyrannos,
 dium cultura | molos³ neglecta per annos.

¹ Meyer will *patiēdo* lesen.

² ed. Huemer, p. 14; Meyer II 78.

³ d. i. *multos*.

in his versibus primum spondeus et tertium itidem spondeus, reliqua tres dactyli sunt; qui pedes habent LII. Virgilius nennt hier ein zweisilbiges Wort *spondeus*, ein dreisilbiges oder einen dreisilbigen Wortkomplex *dactylus*, eine Silbe *pes*.

Es sind vier paarweise gereimte Hexameter, einheitlich gebaut nach Typus A, III und B, III. Dafs die Verse alle auch in Accent und Worttrennung genau übereinstimmen, wird eine Spezialität des „*elegantissimus rhetor*“ sein. Andere, die z. B. in der zweiten Vershälfte demselben Typus folgen, so No. 9 und 10, weichen darin von ihm ab. Durch Verwendung des Typus A, III in den ersten Halbzeilen erhalten diese ein Schema, das in der rhythmischen Poesie sehr häufig vorkommt, indem es sich zugleich aus der ersten Vershälfte des jambischen Trimeter, der sapphischen und alcaeischen Zeilen entwickelt hat (s. Meyer II 98). Virgilius fügt gleich darauf ein Beispiel der *versus perextensi* bei vom „Christen Lupus“:

veritas vera,
aequitas aequa,
largitas lauta,
fiditas fida,
diurnos dies tranquilla
tenent tempora.

Die erste Hälfte des Hexameters wird viermal wiederholt; dann folgt ein zweiter Halbvers und zum Schlusse eine Zeile in anderem Rhythmus.¹

12.

Wir können schliesslich die viel citierten Verse auf den Sachsenkrieg Chlotars II. in der ersten Hälfte des 7. Jahrhunderts nicht übergehen. Sie finden sich in der *Vita S. Faronis* aus der Mitte des 9. Jahrhunderts, sind aber, wie P. Rajna gezeigt hat², aus einer älteren Biographie des heil. Chillenus geschöpft. *Ex qua victoria carmen publicum juxta rusticitatem per omnium paene voltabat ora ita canentium, feminaeque choros inde plaudendo componebant:*

De Chlothario. est canere rege Francorum,
qui ivit pugnare in gentem Saxonum.
quam graviter provenisset missis Saxonum,
si non fuisset inclytus Faro de gente Burgundionum!

Et in fine huius carminis:

Quando veniunt missi Saxonum in terram Francorum,
(Faro ubi erat princeps,)

¹ Wenn wir die letzte Zeile zu: *tempora tenent* umstellen dürfen, erhalten wir eine Wiederholung des Hexameterschlusses.

² *Origini dell'epopea francese*, p. 120 ff.

instinctu Dei transeunt per urbem Meldorum,
ne interficiantur a rege Francorum.

Hoc enim rustico carmine placuit ostendere, quantum ab omnibus celeberrimus habebatur.

Man nimmt gewöhnlich an, diese Zeilen seien aus einem Gedicht in der Volkssprache übertragen mit Beibehaltung seines Charakters, wie der Reim zeige, und streitet nur darüber, ob das Volkslied fränkisch oder französisch gewesen sei. Allein auch jene Annahme scheint mir durchaus nicht erwiesen; die überlieferten Verse stehen dem Original wohl näher. Noch die Sprache des späteren, rein romanischen Epos, z. B. des Rolandsliedes, zeigt öfters einen gewissen grandiosen, pompösen Charakter und hat nicht selten einen halb gelehrten Anstrich. Letzteres hat Abr. Pakscher¹ näher ausgeführt, der, nach meiner Ansicht zu weit gehend, daraus auf einen geistlichen „Kompilator“ des Rolandsliedes schließt. Es wäre wohl möglich, daß dieser Charakter alterer wäre. Die epischen Gesänge der Franzosen haben sich, wie namentlich Rajna klar gelegt hat, nicht selbständig aus französischen Romanzen und Volksliedern entwickelt, sondern sind ursprünglich direkte Nachahmungen deutscher Epen. Es sind also von Anfang an „Kunstepen“, die freilich sehr volkstümlich werden konnten. Ob die französischen Epiker bei der Komposition sich auf französische Volkslieder stützten, wie G. Paris denkt, kommt für unsere Frage nicht in Betracht. Jedenfalls ist an und für sich nicht unwahrscheinlich, daß die Romanen, welche im Wettstreit mit den Germanen um die Gunst der deutschen Fürsten buhlten, indem sie ihre und ihrer Vorfahren Thaten besangen, sich zunächst der feierlichsten, erhabensten Sprache ihrer Zeit bedienten, der Sprache der Kirche und der geistlichen Poesie, des Lateins, das auch die offizielle und einzige Schriftsprache war. Daß jene epischen Dichter keine ganz ungebildeten Leute waren, dürfen wir aus der Komposition der späteren Epen schließen; sie mögen bei Sängern gelernt haben, wie der *citharoedus* einer war, den sich der Frankenkönig Chlodwig von Theoderich dem Großen verschrieb.² Freilich mochte ihr Latein kein virgilisches sein, sondern das sog. „Merovingerlatein“, das oft von einem oberflächlich latinisierten Romanisch sich nicht weit entfernt. Immerhin dürfen wir einem solchen Dichter wohl den Gebrauch des lateinischen Genitivs überhaupt und auch des schlecht-lateinischen Genitivs *Saxonum* statt *Saxonum* zutrauen, der durch den Reim sicher gestellt ist. In feststehenden Ausdrücken wie *geste Francor* haben sich ja einige Genitive bis ins spätere Epos hinübergerettet. Diese „lateinische“ Sprache war auch der großen Menge bekannt aus den Kirchenliedern und der Predigt und wohl auch noch ziemlich verständlich; denn erst weit später, erst 813 trat neben die latei-

¹ Zur Kritik und Geschichte des französ. Rolandsliedes p. 107 ff.

² s. Rajna, l. c. p. 36.

nische Predigt, da sie für das Volk völlig unverständlich geworden, offiziell die Predigt in der Vulgärsprache. Welche Gestalt jene Lieder im Volksmunde angenommen haben mögen, wollen wir nicht ergründen; einige Assimilation an die Volkssprache wird nicht ausgeblieben sein. Ein solches populär gewordenes Lied im Barbarenlatein der Merovingerperiode mögen die Verfasser der Heiligenleben vorgefunden haben, das sie nun seiner „*rusticitas*“ einigermaßen entkleideten, das sie in besseres Latein umsetzten, wobei allerdings der Versbau etwas in die Brüche ging. Immerhin dürfen wir annehmen, daß die Verse den alten Typus ziemlich treu bewahren; dies ist ja auch die bisherige Ansicht.

Prüfen wir die überlieferten Verse näher und scheiden wir den erklärend beigefügten Zusatz: *Faro ubi erat princeps* aus, so springt sofort und unverkennbar die Übereinstimmung sämtlicher Versausgänge mit denen der rhythmischen Hexameter in die Augen: *rége Francórum, in géntem Saxónum, missis Saxónum, Búrgundiónum, in térram Francórum, per úrbem Meldórum, a rége Francórum*. Ja, einige Verse bilden noch regelrechte rhythmische Hexameter:

quando veniunt missi | Saxonum in terram Francorum
instinctu Dei | transeunt per urbem Meldorum.

Typus A, I; A, III; B, II. Andere sind leicht herzustellen:

De Chlothachário | est cánere rége Francórum
qui ambulávit | pugnáre in géntem Saxónum . . .
si non fuisset Fáro | de génte Búrgundiónum.

Ich möchte natürlich nicht behaupten, daß die Verse wirklich einst genau so gelautet hätten; es mag etwa statt *canere* : *cantare*, statt *pugnare* : *hostizare*, statt *transeunt per urbem* : *passant civitatem* geheißsen haben u. s. w. Aber es scheint mir kaum zweifelhaft, daß das ganze Lied ursprünglich aus gereimten rhythmischen Hexametern bestand, die nur durch die Latinisierung und das zweimalige Citieren etwas gelitten haben. Selbst falls man einen Schlufs auf das zu Grunde liegende Gedicht nicht für statthaft hielte, bliebe immerhin die Thatsache, daß dann Hildegars Gewährsmann, der Verfasser der *Vita Chilli*, in gereimten rhythmischen Hexametern gedichtet hätte.

Wir haben nun die ganze Reihe der Überreste älterer rhythmischer Hexameter durchgangen, soweit mir solche durch Meyers Notizen bekannt geworden sind. Wir fanden sie in Italien, in Spanien, in Gallien bald locker gebaut, bald strenger geregelt, bald paarweise gefügt (No. 1, 8, 10, 11) bald zu Strophen verbunden (No. 9). Wir sahen auch den Endreim früh auftreten, bald ganze Gedichte begleitend (No. 1, 12?), bald Hexameter paarweise verknüpfend (No. 10, 11), bald beliebige Versreihen, ungleiche Tiraden bindend (No. 5, vgl. No. 2). Auch in quantitierend gebauten Hexametern ist Endreim nicht selten; sie heißen *versus caudati* (Meyer I 73 f.). Du Méril führt *Poésies pop. lat.* (1843) p. 80 f. eine Reihe meist später

Beispiele an; paarweis gereimte metrische Hexameter aus dem Jahr 676 citiert Meyer II 190.

Mit den von Virgilius citierten *versus limiali* sind wir formell, mit den in der *Vita S. Faronis* erhaltenen inhaltlich dem epischen Zehnsilber der Franzosen äußerst nahe gekommen. Die erste Vershälfte in:

bella consurgunt | poli praesentis sub fine

stimmt mit dem Anfang der Zehnsilber völlig überein; manche der letzteren lassen sich mit unverändertem Rhythmus ins Lateinische übertragen; z. B.

Alex. 18, e sainta marie | = sancta Maria |
5, d e reis celeste | = o rex caelestis | .

Da durch das französische Auslautgesetz die endbetonten Wörter überwiegen, tritt daneben der Halbvers mit männlicher Cäsur:

Alex 14, b ki nus raenst | = qui nos redemit |
Boeth. 5 e qui nos pais | = et qui nos pascit |
Rol. 63 dient paien | = dicunt pagani |
1128 pur nostre rei | = pro nostro rege | .

Der zweite Halbvers überragt den französischen mit weiblichem Ausgang um eine Silbe; es ist hier wohl eine der zwei Senkungen des ursprünglich fünften Fußes unterdrückt worden. Ein französischer Halbvers wie

Rol. 15 | quel pecchet nus encumbret

stimmt genau zusammen mit einem klassischen wie

Aen. VII 634 | lento ducunt argento.

Doch besteht natürlich kein direkter Zusammenhang zwischen dem romanischen Rhythmus und diesem ganz ausnahmsweisen klassischen Schema.

Lassen sich in der älteren lateinischen Rhythmik Beispiele dieser verkürzten Halbverse nachweisen? — Siebensilber mit trochäischem Schlufs sind in der lateinischen und keltischen Poesie der Iren häufig; sie werden namentlich paarweise zu einer Langzeile zusammengestellt und diese durch Schlufsreim verbunden. Ältere Beispiele dieser Versart, welche genau dem französischen Alexandriner mit weiblicher Cäsur und weiblichem Ausgang entspricht, und die in der irischen Poetik *Rannaigecht bec* heisst, sind aufgeführt bei Meyer II 96 f. und *Revue Celtique* VI 344 f. Doch ist der Zusammenhang dieser irischen Verse mit den rhythmischen Hexametern ganz unwahrscheinlich; gemäfs der Entwicklung der irischen Rhythmik sind sie eher aus der zweiten Hälfte des trochäischen Septenars durch Accentverschiebung hervorgegangen. Auch stehen die irische und die romanische Rhythmik in keinem engeren Zusammenhang.

Ein Gedicht auf den heil. Gallus (Meyer II 106), das auf den ersten Blick hierher zu gehören scheint, ist von Ekkehard IV (erste

Hälfte des 11. Jahrh.) aus einem deutschen Liede Ratperts (um 900) übersetzt mit Beibehaltung der Melodie, kann also nicht als Beispiel dienen.

Wohl aber fanden wir oben in No. 4, daß der wenig gebildete Verfasser die zweite Senkung des fünften Fußes öfters unterdrückte; wir ersehen daraus, wie nahe eine solche Kürzung für einen Dichter lag, der die klassischen Muster nicht mehr unmittelbar vor Augen hatte. Daß die Kürzung in den französischen Versen auf solchen lateinischen Vorbildern beruhte, glaube ich indessen nicht. Der Wandel des Rhythmus mochte sich durch die Entwicklung der französischen Sprache, durch den Schwund unbetonter Silben oft sozusagen von selbst ergeben. Man überzeugt sich leicht, wenn man gewisse französische Halbverse neben ihre genaue (Küchen-) lateinische Übersetzung hält:

Alex. 40,1 | ki plus est pres de Rome = | qui plus est pressum de Roma
 46,3 | ki sempres vint avant = | qui semper venit abante
 Rol. 1152 | en est passez Rollanz = | ind(e) est passatus Rotlandus.

Man könnte einwenden, durch den Vokalschwund hätten auch im Innern der Verse manche Verkürzungen entstehen müssen. In der That würde ein erster Halbvers wie *comes Rotlandus* | oder ein zweiter wie | *debemus bene morire* direkt zu französisch *quens Rollanz* | und | *devum bien murir*. Wenn wir nun Rol. 803 vier Silben *li quens Rollanz* | und 1128 sechs Silben | *devum nus bien murir* lesen, so ist anzunehmen, daß sich die kürzeren Verse nach den vier- und sechssilbigen umgemodelt haben. Natürlich gilt das Gesagte nicht von diesen zwei genannten Versen des 11. Jahrhunderts; sie sind nur als typische Beispiele für den Vorgang in weit früherer Zeit gewählt. Es ist ja durchaus nicht unwahrscheinlich, daß die streng nach der Silbenzahl geregelten Typen des 11. Jahrhunderts nur den Abschluß der Entwicklung darstellen, und daß früher die Silbenzahl eine Zeit lang geschwankt hat. Das Muster zur Regelung können andere Rhythmen gegeben haben, die sich enger an lateinische Vorlagen anschlossen, wie z. B. der aus dem jambischen Dimeter entwickelte Achtsilber, der ja auch im nationalen Epos neben dem Zehnsilber verwandt wurde (vgl. Gormund und Isembart). Gegenseitige Beeinflussung dieser Rhythmen thut sich auch darin kund, daß der Achtsilber nach und nach weiblichen Ausgang zuläßt, der ihm von Haus aus ganz fremd ist (noch nicht im Leodegar, Alexanderfragm., ziemlich selten in der Passion).¹ Der Zehnsilber besaß ihn dagegen, wie wir sahen, von jeher; ja, er ist hier vor der Cäsur wie am Versende der ältere. So ist er im Alexius und Roland sehr häufig, während der Boethius wohl weibliche Cäsur, aber nicht weiblichen Versschluß verwendet. Auch wäre denkbar, daß die genaue Fixierung der Silbenzahl von den geistlichen Dichtern ausging, die neben der vulgären Poesie die strenger

¹ Vgl. G. Paris, *Romania* I 292 ff.

geregelte lateinische vor Augen hatten. Geistliche und weltliche Dichtung gehen ja im Mittelalter wenn nicht in der Tendenz, so doch in der Form fortwährend Hand in Hand; und die ältesten uns erhaltenen Gedichte in Zehnsilbern, Alexius und Boethius, sind geistlichen Inhalts.

Wenn ich gerade die von Virgilius citierten Verse mit Typus A, III und B, III als Basis für die Entwicklung des französischen Rhythmus angenommen habe, so geschah dies darum, weil letzterem jene Typen besonders nahe stehen. Doch kann ihm auch ein Schema, wie es No. 10 zeigt, zu Grunde liegen. Ja, es läßt sich überhaupt kaum erweisen, daß die in der französischen Dichtung durchgedrungene Versgestalt auf einen einzigen Typus zurückgeht; sie könnte auch auf verschiedenen Varianten des rhythmischen Hexameters beruhen. Man vergleiche erste Halbverse wie

- Rol. 15 Oez seignurs | = audite seniores | (Typus A, I)
 640 Vostre emperere | = vester imperator | (A, II)
 43 Asez est melz | = adsatis est melius | (A, IV)
 25 De vasselage | = de vassallatico | (A, V)

oder zweite Halbverse wie

- 565 | chevalers puis aveir = | caballarios possum habere (B, I)
 640 | si bones nen out unches = | tam bonas non habuit unquam (B, II)
 629 | unches meillor ne vi = | unquam meliorem non vidi (B, II)
 1062 | ne placet damnedeu = | ne placeat domino Deo (B, II).

Meine Ansicht ist also, kurz zusammengefaßt, folgende. Als die Romanen des fränkischen Reiches etwa im 7. Jahrh. nach dem Vorbilde der deutschen Sänger die Thaten ihrer Herrscher zu besingen begannen, griffen sie, da ihnen ein volkstümliches Epos und also ein herkömmliches episches Versmaß fehlte, nach dem Versmaße der gelehrten erzählenden Dichtung, dem Hexameter, natürlich nicht in seiner quantifizierenden, sondern in der damals nicht ungebrauchlichen rhythmischen Gestalt, mit welcher häufig die Zusammenfassung einer größeren oder geringeren Anzahl von Versen durch Reim oder Assonanz verbunden war.¹ Wie die uns erhaltenen rhythmischen Hexameter, so mögen vielleicht auch die halb schriftlateinischen Verse jener romanischen Sänger in ihrem Bau vielfach geschwankt haben. Als ein Denkmal jener Zeit ist etwa das Lied auf Chlotars Sachsensieg zu betrachten.² Indem sich dann die epische Sprache der reinen Volkssprache näherte und ganz in sie überging, wandelte sich mit der Entwicklung der letzteren nach und nach der Verstypus. Namentlich wurde, da die romanische Rhythmik zwei feststehende unbetonte Silben an bestimmter Versstelle sonst nicht kannte, die doppelte Senkung vor dem letzten

¹ Wenn jemand zu der Annahme neigt, daß zu jener Zeit bereits ein volkstümlicher, romanischer Vers vorhanden war, der sich aus dem Hexameter entwickelt hatte, und den die Epiker benutzten, so ist dagegen nicht viel einzuwenden.

² Formell mag jenen Gedichten wohl auch No. 5 ziemlich nahe stehen.

Accent leicht vernachlässigt, so daß der typische Hexameterausgang sich verwischte. In Folge davon erhielt auch der vorletzte Accent freie Stellung, wie solche im Anfang der Verse seit jeher bestanden hatte. Ferner trat mit der Zeit neben den schwer konsequent durchführbaren trochäischen Ausgang der Halbvers-Schluss auf betonte Silbe. Wie bei den lateinischen Hexametern, so fehlte es auch bei diesen romanischen Versen nicht an einer Regelung, einer Auswahl unter den verschiedenen Typen, welche möglicherweise durch die musikalische Begleitung begünstigt wurde. So wurde die Zahl der Silben vor dem letzten Accent in früherer oder späterer Zeit fest. Dieses Versmaß ist dann sehr populär geworden und namentlich auch in die halbepische Romanzendichtung eingedrungen. Ihm entsprangen zwei neue Rhythmen, der aus 6+4 Silben bestehende Zehnsilber (Girard de Ross., Aiol) durch Umstellung der Halbverse und der Alexandriner (Karls Reise nach Jerusalem) durch Doppelsetzung des zweiten Gliedes. Daneben wurden aber auch andere, völlig unverwandte Rhythmen sowohl in der weltlich-epischen Dichtung (Gormund) als in der gereimten Heiligenlegende (Leodegar) gebräuchlich.

So wird auch verständlich, weshalb ein dem Zehnsilber genau entsprechender Vers in den lateinischen Gedichten des früheren Mittelalters fehlt. Diejenigen Dichter, welche die epischen Lieder der Volkssprache lateinisch reproduzierten oder nachahmten, gebrauchten eben den nahe verwandten klassischen Hexameter, wie z. B. die Vorlage des Haager Fragments zeigt.

Die Rhythmik der übrigen romanischen Sprachen, speziell der italienische Endecasillabo ist übergangen worden, da mir nicht feststeht, ob dieser Vers sich gemeinsam mit dem gallischen entwickelt hat, oder ob er fertig vom Norden entlehnt worden ist.

Wenn ich oben S. 302 im Anschluß an Meyers Untersuchungen bemerkt habe, daß die accentuierenden Rhythmen nicht den alten Versictus durch betonte Silben ersetzen, sondern daß die betonten Silben ihre alte Stellung bewahrten, so gilt dies natürlich nur für den Ursprung und die ersten Zeiten der Rhythmik. Als sich einmal eine feste lateinische Rhythmik ausgebildet hatte, in welcher meist die Accentstellen im Versausgang bestimmt, im Versinnern frei waren, konnte auch der lateinische Tonfall in den vulgärsprachlichen Gedichten direkt nachgeahmt werden. Stellen wir französische Achtsilber neben die lateinischen mit jambischem Schluss, die sich aus dem jambischen Dimeter, vielleicht zugleich aus dem Glyconeus entwickelt hatten (Meyer II 93), so wird sich der letzte Wortaccent selten in beiden Gedichten decken. Man vergleiche etwa den Anfang der Tottenklage um Erzbischof Fulco von Rheims (gest. 900)¹:

¹ Du Ménil, *Poésies populaires latines* (1843), p. 266.

O Fulco, praesul optime!
 o cunctis amantissime!
 re pontifex et nomine;
 homo, sed major homine . . .

mit dem Anfang des Leodegar-Lebens:

Domine deu devemps lauder
 et a sos sanz honor porter.
 in su' amor cantomps del[s] sanz
 quae por lui augrent granz aanz . . .

Hier tritt ein durchgreifender Unterschied in der Accentuation hervor. An die Stelle des Nebenaccents, der im Ausgang des lateinischen Rhythmus die letzte Silbe dreisilbiger Wörter trifft, ist im romanischen Vers überall ein voller Wortaccent gesetzt worden, was sich nur aus direkter Anlehnung erklärt.

R. THURNEYSSEN.

Anklänge an die germanische Mythologie in der altfranzösi- schen Karlssage.

III.

Aiol, Elie, Fierabras, Guillaume d'Orange.

(S. Zeitschrift XI 185.)

Aiol bietet wie so viele andere chansons de geste die vier Momente die ich bei der Besprechung des Doon (XI 15 f.) erwähnt habe, verfolgte Jugend, Kampf gegen den Verräter, Erwerbung einer Schönen, Trennung von ihr. Der Knabe wird in der Verbannung, im Walde, unter Not und Entbehrungen geboren. Der Wald und die Einsiedelei sind Reste einer ursprünglichen Vorstellung vom Totenlande (Grimm, M.⁴ 668, Germania I 422). Sein Vater hat echt mythisch nur ein Jahr gegläntzt (Aiol 32 ff.). Denn für den Leser der chansons de geste ist es unzweifelhaft das die dort erzählten Vorgänge schnell auf einander folgen: *Quant il ot espousée la seror Loeys, — . . Les traitors de France par armes accoilli . . . Ançois que li ans fust passés ne acomplis, — Ot il si bien le roi aquilé son pais — Que il n'avoit nul home qui guerre li fesist.* Loeys belohnte ihn schlecht dafür: auf Makaires Antrieb verbannte er ihn V. 53: *La dame estoit enchainé quant ors de France issi: — Quant vint en l'ermitage, si delivra d'un fil.* So beginnt auch das böse Geschick des Herakles, des Sonnengottes damit „dafs er nicht in Argos, sondern in Theben geboren wird, im Auslande, im Exil, wohin seine Eltern in Folge einer Verschuldung hatten flüchten müssen; wenigstens scheint dieses der Sinn seiner Geburt in Theben im Zusammenhange der ältesten Sage gewesen zu sein“ (Prel-ler, Myth. II³ 158). Die Gegend der Verbannung bei Mongaiant war ein ödes, armes Land, aufserhalb aller Kultur, wie es scheint (4206). Der Vater liegt dort während der sieben (50) oder vierzehn (79, 515) Jahre seiner Verbannung krank darnieder, während er später (8561, 8616) wieder ein Riese an Mut und Kraft ist. V. 79: *Que .XIIII. ans estut Elies el boscage — Courechous et dolans et povres et malades, vgl. 1906 ff., 2091 ff., 3501, 3920: Assés orent pain d'orghe, aigue del riu: — Il ne vivoient d'el en cest pais — Quant il eurent mengié, si font les lis; — Mais si grande poverté les*

ot souspris, — Li messages n'ot hieute, neis un cousin, — Fors la mosse del bos qu'il estendi, — Et a saisi un grés c'a son cieſ mist. Als Aiol aus der Einöde nach Frankreich zieht gleicht sein Aussehen dem der Helden die in der Sage oder im Märchen von einer „Fahrt nach dem Osten“ oder der „Bergentrückung“ zurückkehren: *Li paumiers le regarde en mi le vis: — Molt le vit nu et pouvre, d'escolori; — Si drap sont despané, s'est mal vesti, — Et sa grant lance torte, ses escus bis, — Les estriers renoés et mal assis, — Et li cevals fu maigres sor coi il sist* 1566 ff. Auch die zweite Phase seines Lebens, der Auszug aus dem Walde, um die Verräter zu bestrafen, hat sehr viele Berührungspunkte mit dem Auszuge des Helyas und des Doon. Wie jene ihre Mütter retten wollen, so will Aiol sie rächen und in ihren früheren Besitz zurückführen (550, 768, 1509). Die Lehren des Vaters (162 ff.) erinnern unwillkürlich an die des alten Grafen in Doon, wenn auch im Einzelnen manches verschieden ist. Wie den Doon so halte ich auch Aiol für eine Verjüngung eines Gottes. Ein Fingerzeig ist hier die Ableitung seines Namens vom *aiail* oder *aiant*, wozu ich Gaydon vergleiche. Der Schlangen giebt es im Mythos und in den Anfängen der Religionen zahllose und sehr verschiedenartige. Eine Geschichte aller dieser Schlangen schreiben hiesse eine Geschichte aller Männer schreiben die Alexander heißen, sagt irgendwo Max Müller. Gewöhnlich sind sie als Symbole feindlicher Naturmächte die Feinde des Lichtgottes, des Indra, Herakles, Apollo, Siegfried, Dieudonné de Gozon. Aber sie werden auch als Fetische verehrt; die eiserne Schlange verleitete die Juden zur Abgötterei, wie der Ring galt auch die Schlange als Sinnbild der Unsterblichkeit. Die Schlange konnte also wohl auch wie der Häher (die Elster) im Gaydon oder der Schwan im Ch. au cygne bedeuten, daß das Kind ein göttliches oder wenigstens gottbegnadetes Wesen sei. Allenfalls wäre auch noch an die Schlangen zu erinnern in welche schöne Prinzessinnen oder Meeresgöttinnen verzaubert wurden, die ein kühner Mann, der Lichtgott, durch einen Kufs entzaubern konnte (Grimm, M. 809 f.). Indessen scheinen die Verse (*Tant avoit savagine en icel bois foilli, — Culevres et serpens et grans aiails furnis; — Par de joute l'enfant .I. grant aiant coisi, — der Einsiedler — Une beste savage dont vos avés oi — Que tout partout redoutent li grant et li petit, — Et por icele beste que li sains hon coisi — L'apela il Aioul: ce trovons en escrit* 62 ff., vgl. 452) auch eine andere Erklärung, die freilich auf dasselbe hinauskommen würde, nicht nur zuzulassen, sondern selbst zu begünstigen. Das Wunderkind war eigentlich unverwundbar, und so konnten ihm auch die gefürchteten Schlangen nichts anhaben, wie es in den Psalmen heißt, „über Nattern und Basiliken wirst du wandeln“. Im Verlauf des Gedichtes wird die Unverwundbarkeit gegen Lanzenstiche freilich nicht aufrecht erhalten. Ähnliche Bedeutung wie die Verbindung mit dem *aiail* haben die Angaben des Dichters über die wunderbare Schönheit und große Klugheit des Aiol V. 56 *önques nus plus biaux enfes de mere ne nas-*

qui. Derartige Einzelheiten finden sich auch in dem älteren zehnsilbigen Teile des Gedichtes, der sich überhaupt in Bezug auf die von mir zu berührenden Punkte nicht wesentlich, höchstens durch grössere Einfachheit von der Bearbeitung unterschieden haben wird, so V. 907, 1206. V. 259 *Il n'ot valet en France mieus dotriné*; vgl. 348 f. Damit steht nicht im Widerspruche daß er lange Zeit als der „reine Tor“ erscheint. Aus christlichen Gebräuchen und Legenden sind folgende Punkte bemerkenswert, die den Helden als besonderen Schützling der Gottheit kennzeichnen. Der Eremit giebt ihm bei seinem Auszuge „*I brief*“: *ne fu onques nus mieudres ne n'ert jamais*, — *Li non de Jhesu Crist i sont tout vrai* 455 f. So lange er ihn bei sich trägt kann ihm Feuer und Wasser nichts schaden 472 f. Bedeutsamer als dieser Schein dessen Wirkung sonst durch Zauberringe erreicht wird, ist der Traum des Eremiten 362 ff. Die Bäume neigen sich vor Aiol, die wilden Tiere legen sich friedlich vor ihm nieder und küssen seine Füße u. s. w. Das wird in den Legenden erzählt die von der Flucht des Kindes Jesu und seiner Eltern nach Egypten vor Herodes berichten, und findet sich auch auf mittelalterlichen italienischen Gemälden dargestellt. Dabei sei erwähnt, daß diese Flucht nach einzelnen Versionen 3 Jahre, nach anderen aber 7 Jahre dauerte, wie gewöhnlich die „Ostfahrten“ der Helden der Karlssage. Die dann folgende Erklärung des Einsiedlers geht uns hier zunächst nichts an, ist überhaupt künstlich. Aiol wird schließlic auch populär kanonisiert oder mit dem heil. Aigulphus identifiziert (6042 *Tant fist Aiols en tere que il est sains el ciel*), wie die Giganten Fierabras (St. Flourens) und Renaut de Montauban. Auch hier scheinen also wieder Motive aus der germanischen Mythologie zuerst auf ein Ritterideal dann auf einen christlichen Heiligen übertragen zu sein.

Die erste Hauptaufgabe des ausziehenden Heros, der Kampf gegen den Verräter, der seine Eltern gestürzt und verfolgt hatte, verschleppt sich nun im Gedichte bis gegen das Ende. In der eigentlichen Sage älterer Zeit mußte die Rache gegen Makaire jedenfalls etwa gleichzeitig mit dem Eintreffen in Orleans erfolgen. Das erwartet auch der Leser nach dem ganzen Zusammenhange (vgl. besonders 550, 768, 1509). Statt dessen wird zunächst nur Makaires Bruder Rustan getötet (1495 ff.) und er selbst lebt bis V. 10906, sodafs der Kampf um Mirabel und die Störung des Eheglücks bzw. die Trennung der Gatten noch in den Rahmen des 2. Schemas fallen (vgl. XI 16). Auch die Erkämpfung der Mirabel (4561 bis etwa 8136) ist sehr weitläufig ausgeführt und mit allerlei Abenteuern überladen, die hier am besten zu besprechen sind. Die Ökonomie des Gedichtes ist offenbar verwirrt durch die Zusammenstellung der älteren und jüngeren Version. Diese Abenteuer erscheinen gewissermaßen als die Thaten des Herkules oder Theseus, die der Gottgesandte zum Nutzen der Menschheit ausführen muß. So zahlreich und ursprünglich wie die der hellenischen Sage sind zwar die Thaten des Aiol nicht, jene war auch eben in ihrer

Entwicklung und Überlieferung nicht durch das Eindringen des Christentums gestört worden.

Die Kämpfe gegen die Verräter und die Sarazenen lasse ich unberücksichtigt, da sie bei jedem Heroen des altfranzösischen Epos wiederkehren. Eigentümlich ist dem vorliegenden zuerst der Kampf mit dem Löwen. „Amis“, *che dist li ostes, or m'entendés. — Il i a un lion d'antiquité, — De la prison le roi est escapés. — Tramis li fu de Rome par grant chierté: — Il a mengiet son maistre et devouré. — Or est si en parfont el bos entré; — A paine i ose hons tout seus aler Il en a. c. ocis et afolés . . .* 1177 ff. Aiol geht trotz dieser Warnung durch den Wald und sieht auch den Löwen. *Chel jor avoit ochis un grant sengler; — Si en avoit mengiet a grant plenté: Boivre venoit a l'aigue, car bien le set. — Quant il coisi Aiol, si s'est tornes — Vers lui geule baee come maufés — Qu'il le voloit mangier et estranler: — Jamais plus fiere beste vos ne verés* 1302 ff. Der Held steigt ab, beraubt ihn zuerst der Tatzen und tötet ihn dann vollends. Es ist hier ebenso wenig wie bei dem Nemeischen Löwen an einen direkten Reflex des Mythos zu denken, wenn auch Verse wie 1303, wo man den Eber als Symbol des Winters betrachten könnte, und 1348 (*Qui tornoit le pais a desmesure*) darauf hinzudeuten scheinen. Den Löwen der Heraklessage, welcher dem semitischen Mythos entnommen ist, deutet man (vgl. u. a. Preller II 190) als die Gluthitze des Sommers. Weder diese noch des Winters Stürme können den Sonnenhelden heirren der ruhig seine Bahn wandelt. In unserem Falle ist jedenfalls der Löwe für ein anderes Untier eingesetzt. Möglicherweise ist ursprünglich ein Drachenkampf besungen worden, wie bei Siegfried, doch leitet ein anderer Umstand auf eine vielleicht näher liegende Erklärung. V. 1334 f. erzählen daß Aiol die Tatze des Löwen mitnahm — *Le poe del lion a retenue, — Si l'a a son archon devant pendue* —, so daß die Zuschauer gewaltigen Respekt vor ihm bekommen. So nimmt im Aspremonte (Bekker, Fierabras, Einl.) Naymon die Klauen des Greifen mit, die er abgeschlagen hat und hängt sie ebenfalls mit gleicher Wirkung an seinen Sattel. Die Greife sind ohne Zweifel Symbole der Stürme die in den Schluchten von Aspremonte hausten, wie die stymphalischen Vögel Sturm und Ungewitter bedeuten (Preller II 197), oder wie die Sturmadler der Edda. Hier hätten wir also eine ziemlich sichere germanisch-mythische Grundlage gefunden. Es lag nun nahe für einen Dichter der etwas Abwechslung bieten wollte statt der Greife andere weniger verbrauchte und die Phantasie mehr anregende wilde Tiere eintreten zu lassen.

Sehr viele Kämpfe hat sodann Aiol mit Räubern zu bestehen. Einige derselben dürften mythologische Elemente enthalten. Ich würde nicht wagen daran zu denken wenn nicht die übrigen Erscheinungen uns zwingen auch hier statt auf Beobachtung auf Symbolisierung zu schließen. Dazu kommt noch ein Moment von ausschlaggebender Bedeutung für mich. Es scheint mir ganz zweifellos daß der Redaktor des Aiol manches aus dem Renaut de

Montauban aufgenommen hat. So ist, glaube ich, von allen Rossen des karolingischen Cyclus keines Baiard so verwandt wie Marchegai, der u. a. auch wie jener in einem Wettrennen siegt. Die Einsiedler bessern Wege aus wie dort. So möchte es denn nicht ganz unwahrscheinlich sein, daß die Räuber hier zum Teil dieselbe Bedeutung haben wie die raubenden Haimonskinder, nämlich daß sie Dämonen der Stürme sind wie jene oder wenigstens Züge von solchen angenommen haben. Ich gebe zu daß die Nachbildung nicht so klar ist wie bei dem Räuber Galopin aus den Ardennen, welcher im Elie auftritt. Zu vergleichen wäre auch der gleichfalls in den Ardennen hausende Unhold Thierry (Fierabras 3703). Daß in allen Mythologien die Symbole der Stürme raubsüchtig und diebisch sind ist ja bekannt genug, doch muß zugestanden werden daß in den Erzählungen von der Ausrottung der Räuber durch halbgöttliche Helden die Symbolisierung oft wenig durchsichtig erscheint. Man vergleiche was Preller (II 289) über die entsprechenden Kämpfe des Theseus sagt. Dieser tötete auf dem Wege von Troezen nach Athen zuerst den Periphetes, d. h. den Hochberühmten auf einem unwegsamem Grenzgebirge. Der Räuber führt eine eiserne Keule mit welcher er die Reisenden tötete. Es folgte der Kampf mit dem Fichtenbeuger Sinis und mit dem Räuber Skiron welcher die Wanderer zwang ihm die Füße zu waschen und sie dabei ins Meer stieß, wo eine Riesenschildkröte ihre zerschellten Glieder verzehrte. Er soll ein Bild der heftigen Stürme sein, welche den Wanderer von den Skironischen Felsen leicht ins Meer schleuderten wo seine Glieder an den Klippen zerschellten. — Zuerst tötet Aiols sechs Räuber die ein Kloster plündern wollten und mit Keulen bewaffnet waren (782 ff.). Eine abgeschwächte Nachbildung scheint mir die Episode 1427—1490 zu enthalten, wo er wieder für Mönche eintritt. Die 1820 ff. erwähnten drei Strolche scheinen, wenn ich richtig übersetze, auch lüstern zu sein, was ein Hauptzug im Charakter der Winddämonen ist. *Et trova .III. larons . . . Qui gardoient les voies, les chemins et sentiers . . . — Ne peut nus hom passer, pelerins ne pamiens, — Marcheans ne borgois, ne soit a mort jugiés, — Se il a bele feme honis et vergogniés* 1820 ff. Das Hauptabenteuer mit dem Räuber Robaut und dessen Genossen wird V. 5697—6423 erzählt, allerdings unterbrochen durch das Abenteuer mit dem Drachen. Sie wohnen in einem Kastell am Wege nach St. Jaque: *Chevaliers u borgois qui la s'achemina, — C'il faisoient acroire qu'erent d'un ospital* 5709 ff. Das sieht vielleicht sehr realistisch aus, ebenso der Umstand daß sie ihr Schweigen auf Aiols Grufs damit erklären daß sie durch ihre Regeln zum Stillschweigen verpflichtet seien 5744 ff. „*Ja somes nous convers et rendu et rieulé; — Si ne devons a home ne plaidier ne parler: — Il nous est en capille desfendu et veé* 5744 ff. Andere Züge scheinen mir dagegen der mythischen Überlieferung entnommen zu sein. So das Hausen auf dem alten Kastell und die Schilderung des Anführers Robaut. *Cis ert maistres des autres, ses avoit a garder, —*

Et ot en son eage .IIII^{xx}. ans passés: — Molt ot longe le barbe dusqu'al neu del baudré; — Maint pelerin avoit mordri et estranlé, — Dont li peçie li furent dedens le cors remés 5735 ff. Ob das „gloutons faés“ (5721) Bedeutung hat muß ich dahingestellt lassen. *Il fu vieus et kenus, regart ot de fél serf; — Porquant il n'est si povres que il n'ait .I. Kastel, Mais tout jor vit d'empler, d'autre mestier ne sert 6276 ff.* Behaarung — hier der lange Bart — Armut und Raubsucht sind überall Eigenschaften der Sturmriesen. Wenn man an die Erzählung von dem Sturmadler Thiassi in der Edda denkt, der den Asen das Kochen des Ochsen verhindert und gewährt, gewinnen auch folgende Verse vielleicht Bedeutung: *Ne vit fu alumé . . ne de quisine faire nul aparellement 5780 f.* Der Hauptzug ist aber die Lüsternheit des achtigjährigen Hauptmannes, bei der man an die der Gandharven und Kentauren, sowie an Loki erinnert wird. *Et ferons de la dame trestout a no talent 5825. La pucele covoit, forment le dessira 5964.* Als Aiol mit dem Drachen ringt nimmt er Mirabel auf sein Rofs und entführt sie: „*Or girés avoec moi par desous ma courtine: — Si vous tenrai .X. ans u .XII. u .XIII. u quinze, — Se je reprenc une autre, ne vos coureçies mie, — Car .c. autresi beles en a jou ja honies*“ 6331 ff.; vgl. 6348. Der nacheilende Aiol erblickt sie bald. *Quant il les vit ensamble en .I. val caploier, — La pucele estoit lasse, ne se pot plus aidier, — Quant il l'ot abatue por avoec lui couchier: — Il ot traites ses braies por son cors aaisier. — La puchele s'avanche, ne se vout alargier, — Par entre .II. ses quisses li fait ses mains glacier; — Tant s'aprocha avant par ses colles le tient; — Si les trait par vertu qu'il ne se pot aidier: — .IIII. fois se pasma ains qu'il dut redrecier 6394 ff.* So drohen im Atharvaveda die neu vermählten Frauen die „herantanzenden Gandharven“ zu behandeln, die sich ihnen lustern nähern wollen (Meyer, Gandharven-Kentauren 7 ff., 21). Auch diesen Räuber tötet Aiol 6420.

Ein sehr erhebliches Moment in der Beweisführung daß Aiol der Sonnenheld ist, dürfte sein Kampf mit der Schlange 6108—6433 sein, der Aiol dem Apollo, Herakles, Siegfried, St. Georg an die Seite stellt. Über den von Apollo getöteten Python sagt Prel-ler (I 194): „Immer ist er ein Symbol der sich dem Lichte entgegensetzenden Finsternis, sowohl im physikalischen als im ethischen Sinne des Wortes, unter dem Bilde einer wilden Überflutung, einer faulenden Verwesung, wie sie sich im Thale von Krisa und in den Umgebungen von Delphi in der wüsten Zeit des Jahres darstellen mochte. Die Dichter beschreiben diesen Drachen als ein dem Typhon verwandtes, von der Erde geborenes Ungetüm, welches vom Gebirge und dem oberen Pleistosthale in die fruchtbare Ebene von Krisa hinabkriechend die Felder verheert, die Nymphen verjagt, Menschen und Vieh würgt, die Bäche schlürft, die Berge in furchtbaren Windungen rings umkreist; ein schlangenartig gebildetes Ungeheuer, wie sie die Sagen aller Völker so oft schildern. Ähnlich erklärt er die lernäische Hydra (II 193): „Ohne Zweifel bedeutet

die Wasserschlange mit den vielen Köpfen . . . den feuchten Grund von Lerna mit den vielen Quellen, ihr Gift das schädliche Miasma, welches sich bei mangelnder Kultur aus dem stagnierenden Gewässer von selbst entwickeln mußte Herakles ist in dieser Fabel wesentlich Alexikakos und Urheber der Kultur, ein Beweis dafs auch der argivische Glaube den Helden in der doppelten Bedeutung des Sonnenhelden und des Helfers und Heilands im weiteren Sinne des Wortes kannte.“ Hören wir jetzt was uns der Redaktor des Aiol von einem derartigen grausigen Wesen erzählt. Fern von Frankreich sucht Aiol ein Nachtlager und sagt zu Mirabel: *Chi devant a un pui et un castelet viés — Et une vile gaste, li mur sont desrochié, — Mais il n’y maint nus hon nés de mere sousiel* 6115 ff. Liegt es schon an und für sich nahe einen Kausalnexus zu vermuten zwischen der verödeten Gegend und dem Treiben des Drachen, so wird dieser Gedanke zur Gewifsheit durch V. 6153: *Les paiens de la terre avoit tous essilliés.* V. 6124 (*Desous ot .I. praiel et .I. large vivier*) scheint anzudeuten dafs der Schauplatz zum Teil feucht und sumpfig war, wie die Lager des Python und der Hydra. Von dem grausigen Aussehen des Drachen berichtet der Dichter: *Mais la nuit li (Aiol) avint tant orible pechié — Ains n’avint issi aspre a .I. seul chevalier, — Car diables le vaut tout enfin engingnier. — Uns serpens de put aire est issus del rochier — Qui bien avoit de lonc une ausne et .XV. piés; — Molt noirs et molt idus, mirabellous et fiers, — Et ot entre .II. iex largement demi pié, — Onques ne trova beste ne vausist justicier* 6146 ff. Bis zum Gürtel verschlingt sie den schlafenden Aiol, aber Gott läfst nicht zu dafs sie ihm schadet. Dafs scheint mir ein unverkennbarer Reflex der Vorstellung zu sein, dafs das Licht von dem Drachen der Finsternis zeitweilig verschlungen wird, ohne Schaden zu erleiden. So wird Indra von Vritra verschlungen (Mannhardt, Germ. Mythen 78), Herakles von dem Meerungeheuer (Isaak Tzetzes Scholien zu Lykophrons Cassandra 33, s. Koch, die Kiffhäuser-sage 3, Anm. 7). Es erinnert auch an den Glauben dafs wolfähnliche Ungeheuer Sonne und Mond zu verschlingen drohen, besonders bei einer Sonnen- oder Mondfinsternis. Mirabel sieht das Ungeheuer: *Tel hisde en ot la dame le sens guide cangier* 6169. Nach vielen Gebeten tötet Aiol den Drachen mit dem Schwerte: *Et li serpens morut, si gete .I. brait molt grant* 6368. Als Aiol und die befreite Mirabel dann zurückreiten um den „aversier“ zu betrachten scheuen die Rosse zurück: *Li ceval desous eus en sont espaventé: — Cil qui devant aloient sont vers France torné* 6432. Diese Verse gewähren gewissermassen den Ausgangspunkt für den Rhodischen Drachenkampf, bei dem das Neue hauptsächlich darin besteht, dafs der Ritter sein Rofs erst an den Anblick des Ungetüms gewöhnt und dafs er in Konflikt mit den Ordensregeln gerät. In der ursprünglichen Form war die Sage ganz identisch mit den sonstigen mittelalterlichen Drachensagen (Herquet in „Im neuen Reich“ II 497 ff.). Diese Gestalt hatte sie wie Herquet aus den

Berichten Buondelmontis und Maundevilles schließt noch in der 1. Hälfte des 15. Jahrhunderts, wo sie noch auf der Insel Kos lokalisiert war. „Wir wenden uns nun südlich schreibt Buondelm. nach Andemaki bis zum Ende der Insel, wo auf schroffer Höhe Kephalo thront. Dasselbst erschien vor noch nicht gar langer Zeit (*non diu est*) eine große Schlange (*serpens maximus*), die das Vieh auffraß und einen solchen Schrecken verbreitete daß alles floh (505)“. Ein Jüngling tötete sie. Auch die Tochter des Hippokrates trete noch als lebendes Wesen auf der Insel auf und jammere über ihr unglückliches Loos, d. h. über ihre zeitweilige Verwandlung in einen Drachen. Nach Maundeville (im Jahre 1336) ist dieser Drache wohl 100 Klafter lang und wird Landesfrau genannt. Er liegt in einem alten Kastell in einer Wüste und geht alle Jahre zwei- oder dreimal heraus, thut Niemandem Schaden, wenn man ihn nicht erzürnt. Die Jungfrau solle erlöst werden, wenn ein Ritter den Drachen küsse. — Das zeigt die Identität der Sage mit deutschen Drachensagen von denen u. a. Quitzmann (Religion der Baiwaren, s. Register) berichtet. Der Kufs ist der des Sonnengottes der die in häßlichen umgestalteten Nebel gehüllte Erde zu neuer Schönheit und Fruchtbarkeit erweckt. Die Verknüpfung mit historischen Namen ist immer ein sekundäres Moment.

Das dritte Hauptereignis in Aiols Leben, die Werbung um Mirabel und Gründung einer Heroenfamilie kündigt der Verfasser des älteren Teiles durch einen Traum des Einsiedlers in folgender Weise an: *La conquist une ymaige Aiols li frans, — Nus hons ne vit plus bele en son vivant, — Qu'il amena en France le cemin grant: — Al moustier Sainte Crois s'en vint esrant. — Prestre, moigne, canoine et clerc lissant — L'ymage baptisierent de maintenant: — En-cainte me sambla veraielement — Puis vi de li issir .II. colons blans* 381 ff. Diese Episode hat das Eigentümliche daß Mirabel mehr durch List gewonnen oder geraubt als erkämpft wird, obschon die Kämpfe auch nicht fehlen. Man könnte etwa an Thors Fahrt zu den Thursen denken um Idun die Frühlingsgöttin wiederzuholen, oder an Orestes der die Schwester — das Bild der Göttin — vom rauhen Gestade des Pontos holen soll. Sonst verweise ich auf XI 3 ff. Sehr bezeichnend ist auch hier daß Mirabel, obwohl Aiol ihren Oheim und Bruder tötet, doch bald einwilligt Aiol zu folgen, wie der Gerda in Oegisdrecca eine ähnliche Pietätslosigkeit von Loki vorgeworfen wird (vgl. 5490, 5592 ff.). Große Ähnlichkeit hat die ganze Darstellung mit der Erzählung der Reali wie Karl in Spanien seine Gemahlin gewinnt und beide Darstellungen wieder mit der Walthariussage. Ganz besonders treten in Mirabels Charakter die Züge hervor die sie einer Walküre verwandt erscheinen lassen, während die sonst oft bei den Heldinnen bemerkte Initiative in der Liebe mehr auf Lusiane übertragen zu sein scheint 2171 ff., 2275 ff., 3684, 5195, 8018. Mit der den germanischen Frauen vielfach beigelegten Prophetengabe hilft Mirabel dem Aiol im Kampfe zunächst durch Warnungen 5900 ff., 6720 ff., 6775 ff.

In der Not aber greift sie selbst in den Kampf ein: *De la hace danoise vait ferir le premier: — Sor le senestre espaule li a tel cop païé — Enfressi al braier l'a pardevant trenchié, — La boele en espant devant lui a ses piés* 5991 ff.

Die Ehe ist selbstverständlich nicht in philiströser Weise dauernd glücklich, das ist in mythischen oder halbmythischen Darstellungen ganz ausgeschlossen. Hier aber tritt sogar eine dreifache Störung des Eheglückes ein, die dritte wird die eigentlich mythische sein. Zunächst wird das lang hinausgezogene Beilager, und zwar, wie es scheint, die Brautnacht durch heranstürmende Verräter welche Feuer an das Zeltlager legen unterbrochen. Ob es genau die Brautnacht ist läßt sich allerdings bei der etwas unklaren Fassung nicht mit völliger Sicherheit sagen (vgl. 8306 ff., 8354 ff., 8369 ff., 8419 ff.). Das Ganze erinnert unwillkürlich an Knut Eckwalls Bild „Vikings Brautnacht“, welches aus der nordischen Sage geschöpft sein soll, die genaue Quelle kann ich nicht angeben. Zweitens werden beide Ehegatten gefangen und bringen in einem grauenhaften Kerker fünf Jahre zu 8533 ff., 8813, 8947 u. s. w. Im Kerker werden die beiden Söhne geboren, die beinahe gleich nach der Geburt von den Eltern getrennt werden. Makaire wirft sie in die Rhone, ein Fischer rettet sie und führt sie an einen fremden Hof wo sie erzogen werden. Das scheint ein Reflex der Skeafsage zu sein. Endlich erfolgt die Trennung der Gatten offenbar auf sieben Jahre, die übliche Zeit (7973, 9806, 10612, 10849).

Im Elie de Saint Gile entspricht Rosamonde der Mirabel. Zu dem Namen dürfte etwa das von Grimm über Hexennamen Gesagte (M.⁴ 888) zu vergleichen sein. Sie ist schön, viel umworben und trägt dem Heros ihre Liebe an. „*Gentieus fuis a baron, vois con sui bele et gente: .VI. rois mout orgellous me quierent et demandent* 1486; s. 1326 ff., 1365 ff., 1502, 1790 ff. und öfters. Ein Zug der sich mit großer Zähigkeit hält ist das der Held den Bruder der Schönen tötet 690 ff. An die Theseussage erinnert der Umstand das sie einem alten grausamen Freier geopfert werden soll, indem sie geradezu als Tribut bezeichnet wird. „*Amis, cil vostre rois me mande grant outrage: Chi sera o mes fieus o tel home en la place Qui li contredira le treu par ses armes*“ 1531, s. 1586. „*Fille, dist l'amirais mout estes couveitable. Por vostre cors me croist mout dolereus damage: Lubien de Baudas a le ehenu barbe Est issus de sa terre, s'est entrés en mes marces, De ton cors le vaillant li ai fait ot-riage*“ 1717 ff. Bei der unklaren Darstellung ist es nicht recht ersichtlich ob sie auch hier wieder dem Bruder durch Kampf genommen werden muß oder ob der Bruder für sie als Opfer eintreten soll. Häufungen und Assimilationen von Mythen sind ja etwas ganz Gewöhnliches. „*Lubiens de Baudas a la barbe ferande: . . . Entre lui et mon frere en ont fait convenance — A bataille fermée par le fust de lor lances. — S'il ochist et afole, tous jors serai dolante* 1490 ff. *Il a pris .I. message, al roi l'a envoiet, — Que il li doinst sa fille . . . u son fil li envoit, Caifas le proisiet — u Jossé*

d'Alexandre u Malprian le fier; — Li qués d'eus qui en isse, mout ert mal engingiés: — Bien peut estre seurs de le teste a tranchier 1509 ff. Später (2353) tötet Elie diesen Caifas der sich weigert für seine Schwester zu kämpfen und sie noch obendrein beschimpft und schlägt. Bedeutsam ist auch dafs sie im Besitze wunderbarer Heilkräuter ist. *Rosamonde s'en torne et son escrin deferme: — A ses mains qu'el ot blances en a trautes .II. herbes — Que Dieus ot sou ses piés, le gloriés chelestre — Quant en crois le leverent la pule gent averse, — En .I. anap de madre la souda la puchele. — Onques Dieus ne fist home, se le col en traverse, — Que ne soit aussi sains con li pisson en eve* 1445 ff. Ganz besonders aber unterscheidet sie von anderen Frauen, dafs sie ein wunderbares Burgverliefs beherrscht in welchem sie thront wie Venus im Hörselberge. Elye nennt es geradezu ein Paradies: „*Chaiens est paradis et la gloire chelestre*“ 1455, 2450. Man vergleiche zu der Stelle die ich glaube fast ganz citieren zu sollen Grimm, M.⁴ c. XXXII „Entrückung“.

Ob die bergentrückten Helden für Wodan eingetreten sind, wie Grimm (M.⁴ 802) will, oder ob man der Meinung Mannhardts (W.- u. Feldkulte II Einl. 28), wonach diese Sagen neue Schöpfungen des auch nach der Einführung des Christentums noch fortdauernden mythenbildenden Triebes sind, beipflichtet, scheint mir für die Auffassung dieser Stelle zunächst nicht erheblich zu sein, ist auch natürlich eine Frage die sich auf dem Boden der fränkischen Mythologie nicht entscheiden läfst. Ich folge jedenfalls der Ansicht Grimms (801) dafs diese Dinge mit der christlichen Eschatologie und etwa mit der um das Jahr 1000 verbreiteten Meinung von dem Untergange der Welt nicht zusammenhängen. Von den von Grimm angeführten Stellen scheint mir besonders die bei Pertz VIII 261 lehrreich zu sein: *non sumus ut putatis fantasmata, nec militum, ut vobis cernimur, turba sed animae militum intersectorum.* Von dieser Anschauung ausgehend lese man unsere Stelle. *Vasal, en chele cambre laiens vous en entrés — ... La troverés .III. lie de cristal tresjetés: Li pavemens en est tous a fin or ovrés, — Les colombes d'ivoire, qui tiennent les pilers, .. — Trespassés les abarges et gardins et fossés, — La verés vous les huis et le palais torner, — Et les vieutres detraire, les ors encainer, — Et toute riens en tere comme l'arce Noé-Ai-ge fait en ma cambre a fin or pointurer. — S'i a une richece dont vous ne vous gardés, — .IIII^c. chevaliers as manteus engoulés, — Et sont home ton pere, ne le quier plus cheler; — Bien quide l'amiraus que soient mort geté — Mais je fac les François en ma cambre garder, — Et cascun tient s'amie par l'ermin engoulé, — Qui est fille de conte, de duc u d'amirel, — Et si que la plus vieille n'a pas .XXX. ans passé: — Quant il vieut, si le baisse douchement et soef, .. Aval par devers destre, quant vous i enterés, — Troverés le chiterne a fin or pointuré, Et le mien lit demaine mout bien connisterés. — .. Trespassés tous les autres, devant vos ieus gardés: Par art de ningromance sont li limon fondé, — Aussi siet avenant con s'il fust compassé. — S'i a .I. vermeil paille galasién ovré: — Del plus fin or d'Arabe i*

a. c. mars saudés, — S'i a .M. cloketes qui pendent d'or fin cler; — Touchiés i de vo doit .I. petitel assés: — Amis, en tant de terme con .I. hons peut aler, — Mais qu'il soit auques lons .XXX. piés mesurés, — Vous sonera li lis menuement soef; — Ne harpe ne viele ne rote ne jougler — Ne nus oiseus qui soit, tant sache de chanter, — Plus volontiers n'orois, je vous di par verté. — *Elye entre en la cambre; .III. tans i a trové — Que la puchele n'ait de bouce devissé* (1664 ff.). Dem Redaktor scheint hier eine Verbindung einer Sage wie die vom Hörselberge und der vom Donnersberge (Kaiser Karls Berge, Grimm 796) vorgeschwebt zu haben.

Dafs die Tannhäusersage, überhaupt das Leben der Venus im Berge mythisch ist, hat bekanntlich Grimm mit aller Entschiedenheit behauptet. Zander (die Tannhäusersage, Königsberg 1858) kommt zu einem etwas anderen Ergebnisse. Aus seiner Abhandlung mag jedoch zunächst als für mich wesentlich hervorgehoben werden, dafs er die Identität von Stellen wie die unserige mit der Sage vom Hörselberge anerkennt. Er erwähnt dafs schon Mannhardt den Berg als einen Wolkenberg betrachtet hat für welchen auch Burgen oft genug eintreten. Er sagt dann selbst ausdrücklich dafs der Berg ursprünglich eine Burg gewesen sei (S. 30) und begründet den Übergang, in einer längeren Ausführung. Schon früher (S. 10) hatte er auf eins der von Grässe (die Sage vom Ritter Tannhäuser, Dresden 1846) abgedruckten Lieder verwiesen wo es heifst (Grässe 38): „Nun bin ich nit von dem Tewfel hie, Min Vater was ain Küng her, Babalen und Dasgandie — Dennoch hat er Landes mer, Helt, die wil ich dir nun geben, Belib unser eweklich.“ Diese Stelle klingt schon ganz nach der im Elie vorliegenden und enthält eine auch sonst in den chansons oft vorkommende Situation. Unklar ist auch das geschlechtliche Verhältnis der Venus zum Tannhäuser. Einmal wird sie „Jungfrau zart“ genannt (Grässe 59), in einem anderen Liede (S. 54) bietet sie Tannhäuser ihre jüngste Tochter an. Die Unklarheit findet sich also nicht blofs in den französischen Epen. Nach all diesen Erörterungen kommt nun Zander, in dessen Raisonement auch der angebliche Minnesänger Tannhäuser und sonstige Mitglieder eines adeligen Hauses gleichen Namens eine Rolle spielen zu dem merkwürdigen Schlufs dafs der Sänger Tannhäuser auf seiner Kreuzfahrt wider seinen Willen in entlegene asiatische Gegenden geraten und dort mit einer muhamedanischen Prinzessin in ein Liebesverhältnis verstrickt worden sei, welches er nach einem Jahre oder längerer Zeit aus Überdrufs und Reue aufgegeben habe. Eine solche Episode à la Rinaldo ist ganz unhistorisch. Die Unglücklichen die in solche entlegene Gegenden verschlagen wurden fanden dort alles eher als verliebte Burgfräulein. Burgen besafsen die Araber überhaupt nicht. Vermischungen mit Sarazeninnen kamen ja natürlich vor, waren aber sehr prosaischer Natur. Die Abenteuer in den Freudenhäusern der Küstenstädte waren nicht der Ausgangspunkt einer solchen Sage. Auch die fleifsigsten Sammler zur Geschichte der

Kreuzzüge finden kaum einige Beispiele wo sich christliche Fürsten mit Sarazeninnen verbunden haben. Röhricht, Beiträge I 69, berichtet von einer Erzählung das eine christliche Gräfin Mutter des Sultans Al-Kâmil gewesen sei, das ein Spanier die Wittwe eines Emirs geheiratet haben soll (71) das Ida von Österreich die Gattin eines Emirs gewesen sein soll (II 303). Das sind Fälle die eigentlich gar nicht hierher gehören, die auch für die Entwicklung der französischen Sage viel zu spät sind. Dasselbe gilt von der Sage von der zweiten Gemahlin des Grafen von Gleichen (S. Ersch und Gruber ad voc., Erfurter Mitteilungen 1886) dessen Zug in das Jahr 1188 oder 1288 fallen soll (Beiträge II 379) wahrscheinlich aber erst dem 15. Jahrh. angehört. Eine Heirat zwischen dem Bruder des Richard Löwenherz und einer sarazenischen Prinzessin ist geplant worden und im Jahre 1310 heiratete eine Sarazenin, deren Schwester Nonne wurde, einen christlichen Ritter. Es wäre absurd aus solchen vereinzelt Erscheinungen einen so hervorragenden stets wiederkehrenden Zug in den chansons, von dem unsere Stelle nur eine besondere Erweiterung enthält, ableiten zu wollen. Trotz dieses ganz falschen Ergebnisses behalten die Bemerkungen Zanders über die Verkettungen der Sage ihren Wert; es muß aber der Schlusssatz einfach umgedreht werden. Diese orientalischen Episoden sind nicht die Anfänge sondern die letzten Ausläufer des Mythos, dessen Natur Zander im ersten Teile beinahe ganz richtig erkannt hat. Er entwickelt dort (17) nach Grimm das der Tanhäuser ein Waldbewohner ist, der gewissermaßen einem Naturkultus huldigt, schöne Frauen liebt und dem Christentum feindlich ist. Eine vollständige Lösung des Rätsels bietet Mannhardt (Wald- u. Feldkulte II 72 ff.) in dem Kapitel von den „Waldgeistern und ihrer Sippe“. Der Tanhäuser ist wie diese ein „Dämon der Vegetation“ (73). Schon daraus erklärt sich seine Lüsternheit, die den Waldgeistern mit den Winddämonen, mit denen sie verwandt sind, gemeinsam ist (s. 87, 146). Aus dem wilden Waldwesen ist dann der Ritter und Sänger geworden, wie ich eine entsprechende Entwicklung in meinem Aufsätze über Renaud auseinandergesetzt habe. Historisches wird auch hier ohne Zweifel beigemischt sein.

Eine nicht uninteressante Figur ist auch der Räuber Galopin, der Züge von Maugis und Basin angenommen hat. Er scheint mir in mehreren Punkten meine Ansicht über die Haimonskinder zu bestätigen. Seine Heimat sind die Ardennen 1181. Bei seiner Geburt waren vier Feen zugegen, wie etwa bei Oberons Geburt. Der Räuber dürfte also wie dieser halbgöttlicher Natur sein. Darauf deuten auch die Verse: *Mi parent m'orent vil por chou qu'ere petis, — Si me varent noier en le mer, el grant fil* 1193. Kleine ungestaltete Kinder galten ja vielfach als von Kobolden und Zwergen erzeugt oder wohl gar vom Teufel. Wie Maugis ist er schneller als ein Rofs 1190, vgl. 1235 ff. Als Dieb dringt er wie die beiden Genannten in die tiefsten Verliese 1196 ff. Besonders stiehlt er das wunderbare Rofs des Lubien 1992 ff. Dabei verwendet er ein

Schlummerkraut und einen Zauberstab. *Galopins ot une herbe des puis de Garnimas, — Que Basin ot tolu, quant Garin encanta, — Quant li fain de la loge si fort les engresa(?) — Signor, che fu la nuit que Karles i ala. — Mist se main a sa bourse, l'erbe fors en gela, — Tant le frota li leres que li odeurs en saut; — Par entre .II. les grailles l'a lanciet el travail: Les gardes s'endormirent, lors fu seus li Cevals* 1979 ff. Der Stab scheint zwar zunächst nur ein einfacher Stock zu sein mit welchem er das edelste aller Rosse schlägt (2007, 2035), es dürfte aber derselbe sein von welchem V. 2373 die Rede ist: *En la bataille entra coureçous et irés — En sa main le baston u tant a richelés, — Que les fées ouvrerent en .I. ille de mer.* Die Darstellung ist ja überaus nachlässig und unklar. Ähnliches habe ich schon über Murgis Stab bemerkt (S. 197).

Im Fierabras wird ein alter mythisch-epischer Stoff behandelt, welcher für das Fest in S. Denis neu adaptiert ist. In dieser Beziehung steht das Gedicht der Pèlerinage de Charlemagne nahe (vgl. Rom. IX 50 und XIII 210 ff.). Der Titel leitet genau genommen irre, denn es handelt sich viel weniger um den Riesen als um dessen Schwester, die offenbar die eigentliche Heldin des zweiten Teiles ist. V. 1493 ist der Zweikampf zu Ende und von da an tritt Fierabras nur noch ganz selten und als Nebenperson hervor, die leicht zu entbehren wäre. Gleichwohl ist das Epos in Bezug auf die Einheit der Handlung in gewissem Sinne tadellos, wenn ich es richtig interpretiere. Denn auch schon im ersten Teile ist nach meiner Ansicht Floripas der eigentliche Gegenstand des Kampfes. Das wird allerdings nicht klar ausgesprochen, liegt aber schon nahe, wenn man die Verse 1317 ff. (*Ma sereur te donrai, bien seras mariés, — Floripas la courtoise, ki tant par a biautés — Puis conquerrommes France ains que l'ans soit passés; — En l'un des .II. roiaimes esteras coronés*) dahin erklärt das Floripas der Preis des Sieges — denn der war nach dem Vorhergehenden für Olivier nicht mehr zweifelhaft — für den fränkischen Helden sein soll. Nach dieser Hypothese würde also der Kampf um Floripas zwei Stadien einschließen. Der stürmende Freier muß sie zuerst ihrem Bruder, dann dem Vater und zwar letzterem, wie es in den chansons de geste gewöhnlich ist, am Sitze seiner Macht abringen. Sehr leicht zu erklären ist der Umstand das im ersten Stadium des Kampfes nicht der Liebhaber selbst sondern ein Vertreter, denn als solcher muß uns Olivier erscheinen, die Braut erkämpft. Das scheint mir in den Sitten der mittelalterlichen Lehnsherrschaft begründet zu sein, besonders aber in der Edda, wo nicht der Sonnengott Freyr selbst sondern sein Diener Skirnir die Gerda erobert, nicht Gunther sondern Siegfried mit und um Brunhilde ringt. Weniger klar ist es warum im zweiten Kampfe Berard de Montdidier verhältnismäßig so wenig die Leitung übernimmt. Es hängt das zwar zum Teil mit der Charakteristik der Floripas zusammen welche offenbar der Mittelpunkt sein sollte; es mag auch ferner darin seinen Grund haben, das der Dichter in zweiter Linie

wenigstens die bekannteren Namen der Umgebung Karls figurieren lassen mußte und so den eigentlichen Helden erst in dritter Linie berücksichtigen konnte. Auch aus dem ersten Teile der Destruction de Rome glaube ich schließen zu sollen daß der wirkliche Gegenstand des Kampfes Floripas ist. Die Reliquien sind nur eingeschoben um das Gewicht des eigentlichen Motivs, welches vielleicht dem Redaktor oder seinem Publikum für den speziellen Fall nicht mehr genügen mochte, zu verstärken. — Nach dieser allgemeinen Deutung wären noch einige Einzelheiten zu erwähnen.

Fast bis zur Evidenz läßt sich das Fortwirken des auf dem Mythos beruhenden Aberglaubens aus folgender Stelle beweisen. Die Heiden greifen den Turm mit griechischem Feuer an. Floripas weiß Löschmittel: *Du lait de la camoille lor corut aporter, — Et avec de l'aisil s'a fait tout destrenper* 3782 f. Sicher ist daß Essig als Löschmittel angesehen wurde obschon Lalanne seine Wirksamkeit bezweifelt. Sonst werden vor allem Sand und etwa Urin zum Löschen verwandt. Das sind längst bekannte schon von Gibbon mitgeteilte Thatsachen (S. Lalanne, *Recherches sur le feu grégeois* p. 6 ff., *Reinaud-Favé, Du feu grégeois* etc. Paris 1845 und Fortsetzung unter demselben Titel 1850; ferner *Bibl. de l'école des chartes* II. Série I 28 ff. und III 338 ff., 427 ff.). Nachzutragen ist noch daß auch frische Felle das Feuer unwirksam machten (s. Röhrich, *Beiträge* II 248). Bei den übereinstimmenden Angaben so vieler technischer Schriften über diesen Gegenstand, ist es nun nicht recht begreiflich wie ein ernsthafter Forscher wie Schultz (*Höfisches Leben* II 304) unsere Stelle die ganz vereinzelt steht als Beweis für die Löschkraft des Essigs ganz besonders aber der Milch, die sonst nirgends erwähnt wird und deren Anwendung ganz zwecklos war, anführen kann. Daß unser Dichter die Milch nennt, und zwar, wohl um der Sache einen gewissen Anschein von Wahrscheinlichkeit und Lokalfarbe zu geben, die Kameelmilch, erklärt sich ganz anders. Es ist nach Mannhardt, *Germ. Myth.* 17, ein in Europa weit verbreiteter Aberglaube daß Milch das Feuer löscht, besonders das durch Blitz entzündete. Die Milch ist nämlich nichts anderes als der Gewitterregen, da ja die Wolken in allen Mythologien als Rinder aufgefaßt werden. Daher auch die Bedeutung des Kuhurins und der Kuhmist bei den Büfungen der Indier (*Pfleiderer, Geschichte der Religion* 1869 p. 202).

Der Zauberring und der Zaubergürtel (2019 ff.), welcher letzterer gegen Hunger schützt (*Tant que la ceinture aient n'ert la tors afamée* 3053), entspricht dem Gürtel der Aphrodite, dem Halsband der Freya, der lüsterne Dieb dem Loki (vgl. Grimm, *M.* 255). Für die Riesin (4902 ff., 5037—5066) kann ich ein direktes Gegenbild in der Edda nicht aufweisen, man könnte etwa an die Mutter des Wolfes Fenrir denken. Die Zweizahl ihrer Kinder scheint mir sehr bemerkenswert zu sein, sie erinnert an Fierabras — Floripas, Renouart — Orable, Roland — Balduin, Olivier — Alda, Apollo — Diana u. s. w. Unentschieden bleibt es selbstverständlich ob man

an den Dualismus des guten und bösen Prinzips, Tag und Nacht, denken darf.

Es scheint sicher zu sein daß der *Cyclus des Guillaume d'Orange* im Ganzen historisch ist. Das geht aus den Nachweisen hervor die *Jonckbloet* im 2. Bande seiner Ausgabe geliefert hat, auch schon aus der großen Einfachheit der ursprünglichen Handlung und aus dem Fehlen der Verräter. Dem aus dem Norden gekommenen epischen Rahmen sind also hier geschichtliche Personen des Südens eingefügt worden. Darin liegt aber zugleich ausgesprochen daß in dem Beiwerk sich mythische Elemente finden müssen, und das bestätigt sich bei der Lektüre der einzelnen Branchen. Mythische Bedeutung hat vor allem das Geschwisterpaar *Guiborc (Orable) — Renouart*. Aber auch sonst sind Einzelheiten, zum Teil ganz interessanter Art, dem Mythos entnommen.

Die Gestalt der *Orable* ist untrennbar von den Heldinnen der späteren Epen; sie bildet, wenn man von manchen Äußerlichkeiten absieht, ebensogut den Mittelpunkt des *Cyclus* wie *Helena* in der *Trojasage*. Der Gewinn dieser Frau wird dem Heroen von den Redaktoren mindestens so hoch angerechnet wie die Eroberung der den Heiden abgenommenen Städte. *Ch. de Nymes 7: Après conquest Orange la cité, — Et fist Guibor baptizier et lever, — Que il toli le roi Tiebaut l'Escler.* *Cov. Vivien 317 ff.: „Puis asserrons d'Orange les mureaus, — . . . Renduz sera li palès principaus — Dame Guibor, qui tant est desloiax; — Si la r'aura encor li rois Tiebauz“;* 542 ff.: *Puis en irons à Orange à séjor, . . . Tiebauz r'aura dame Orable s'oissor.“* Als Grund ihrer Untreue gegen *Tiebaut* wird dessen Alter angegeben. *Prise d'O. 619 ff.: Dist Arragons: „Il fet moult grant folie, — Quar il est vielz, s'a la barbe florie, — Et ceste est bele et juenete meschine: — Il n'a tant bele en tote patennie . . . Trop par est fox vielz homs qu'aime meschine, — Tost en est cous et tornez à folie.“* Die letzte Bemerkung ist ein Versuch den Mythos zu rationalisieren; ob der Zug daß *Tiebaut* ein Greis ist ursprünglich ist läßt sich nicht entscheiden. Es ist sehr möglich, daß er den Dämon des Winters reflektiert. Merkwürdig und mit geschichtlicher Auffassung unvereinbar ist die Leichtigkeit mit welcher *Tiebaut*, nach den Reden die der Dichter zum Teil seinen Freunden in den Mund legt, mit seiner untreuen Gemahlin wieder verbunden wird, -- nur als Widerschein mythischer Vorstellungen zu erklären in einer kultivierten mit den Verhältnissen der Sarazenen nicht ganz unvertrauten Zuhörerschaft des 13. Jahrhunderts. Die mythische Unvergänglichkeit ihrer Schönheit ist zwar durch eine Addition nicht zu beweisen, doch wird sie in der ganzen Darstellung unzweifelhaft vorausgesetzt. So wird der siebenjährige Zeitraum während welcher *Vivien* von ihr gepflegt wird nur als nebensächlich in der Aufeinanderfolge der Ereignisse erwähnt (*Cov. Viv. 290, 600 ff.* — Daß überhaupt eine wirkliche sarazenische Frau einen christlichen Ritter heiratet ist ein Fall der in der ganzen Geschichte der Kreuzzüge nicht belegt ist. So eigenartig der Umstand ist daß

Wilhelm sich mit der Frau eines noch lebenden Sarazenen vermählt so merkwürdig ist auch das Verhältnis der Guiborc zu Vivien. Aliscans (ed. Jblt.) 838 ff. sagt Wilhelm zu Vivien: *Je vos norri par moult grant chièreté. — Et ma moillier au gent cors honoré — Biax sire niés, tant vos avoit amé, — VII anz toz pleins géus à son costé.* Ich zweifle nicht daran dafs auch dies ein Mythos ist, bin aber nicht in der Lage eine Erklärung zu geben. Manche Züge scheinen in den Fortsetzungen und Überarbeitungen stark verändert zu sein, so fehlt von der citierten Stelle der letzte Vers in der Ausgabe von Guessard und Montaiglon. Später wurde ja auch Orable dem Helden als Jungfrau zugeordnet, während es in der älteren Version (Aliscans) deutlich von Esmeré d'Odierno heifst: *Filz fut Guiborc, en ses flans l'ot porté. Si est fillastres Guillaume au cort nés* 1153.

Besondere Beachtung beansprucht Orable als Zauberin in den *Enfances Guillaume* (Joucbloet II 18 ff.). Hier liegt einer der Hauptbeweise dafs sie eigentlich eine Göttin ist. „Den gesunkenen, verachteten Göttern hat man die Zauberei zugeschrieben“ (Grimm, M. 861). Aufser den dort angeführten Stellen wo Odin *praestigia* zugeschrieben werden und er als *incantator et magus* bezeichnet wird, erinnere ich noch an Paulus Diaconus und an die *Hist. Longob. Florentina* (s. Register) wo Wodan als Magier auf einem Turme sitzt wie ein Riese in den *Chansons de geste*. Nicht richtig ist im Allgemeinen die Bemerkung Grimms dafs der Zauber teuflisch ist, wenigstens nicht in dem Sinne wie Zauberei in der altfranzösischen Dichtung vorkommt; doch auch der technische Begriff in der Religionsgeschichte läfst dieses Attribut nicht zu. An die Tatsache dafs die Inder durch Somaopfer ihren Göttern gewissermaßen Kraft verleihen schliesst Pfeleiderer (*Die Religion* 1869, II 83) die Bemerkung: „diese Vorstellung, dafs der Mensch auf die göttliche Macht einen zwingenden Einflufs durch gewisse Leistungen seinerseits ausüben können, ist aber nichts anderes als Zauberei“. Durch die Zauberei stellt sich also der Mensch über seine Götter, wenn er sich auch dessen natürlich nicht bewußt wird. Daher ist sie im Wesen identisch mit dem Fetischismus, wo irgend ein sinnlicher Gegenstand, sofern ihm eine Seele inwohnen soll, vergöttert wird (a. a. O. 104). Der Zauberei in den *chansons* liegt eigentlicher Fetischismus nicht zu Grunde da einerseits die Zauberdinge in Verbindung mit Reliquien Christi gebracht werden, andererseits ihre Besitzer eben verblaßte Gottheiten sind, denen es gefallen hat den sinnlichen Wesen die Wirkungen ihrer Macht durch sinnliche Mittel zukommen zu lassen. Überhaupt mag aber zu der germanischen Zauberei der Priesterinnen und Wahrsagerinnen sich orientalischer Einflufs gesellt haben. Dort war die Zauberei philosophisch begründet worden (Pfeleiderer 394). Sohrawardy († 1191) der „ein arabischer Albertus Magnus“ noch heute in der Volkssage als Zauberer fortleben soll, lehrte die nuplatonische oder buddhistische Theorie von den himmlischen Räumen, wo die idealen Vorbilder (die Ideen Platos) der irdischen Dinge wohnen. Die „Heiligen“ —

er lehrte auch die fortwährende Stellvertretung Gottes auf Erden durch einen Philosophen — haben nun die Kraft diese Idealdinge in die Wirklichkeit zu zaubern und so nach Wunsch Speisen, Gestalten, Melodien hervorzurufen. Die Zauberei der Orable scheint in der That an ein solches System zu erinnern. Nötig ist aber die Annahme orientalischen Einflusses keineswegs.

Dafs der mit dem Fichtenstamme kämpfende Renouart mythischen Ursprungs ist wird wohl leicht zugestanden werden. Seine Gestalt bildet eine Hauptetappe auf dem langen Wege von den Thursen der Edda bis zum Morgante.

Höchst eigentümliche Einzelheiten finden sich in diesem Cyclus. Cov. Vivien 1703 ff. heifst es, mit Bezug auf die aus der Moniage Guillaume bekannten Vorgänge: *Ce dit la gent del tens ancianor, C'onques ne fu nus homs de tel vigor A saint Guillaume, ce dient li plusor, Que il gila le jaiant de sa tor, Par vive force le destruit à dolor, Et fist le pont Guillaume par iror, Et li deables par nuit dé-péça tot: Il le gaila, c'onques n'en ot péor, Et le gila en la plus grant rador. Encor i part et i parra loz jorz: Iluec est l'ève en icele brunor, L'abisme senble, et si tornoie entor.* Das ist ohne Frage ein Beweis von der auch nach der Einführung des Christentums noch fortwirkenden Kraft des „mythosbildenden Triebes“. — In der That, wenn wir die Umformung der Naturerscheinungen in persönlich wirkende Wesen, mag man eine wirkliche Verwandlung, gewissermaßen eine Transsubstantiation, oder einen handelnden Dämon in, hinter oder unter den Naturerscheinungen annehmen, Mythos nennen, so liegt hier nicht blofs eine Hypothese sondern die notorische Thatsache eines solchen vor. Unerheblich ist es wer in dem Strudel liegt, der Teufel, ein Riese oder sonst ein Dämon. Dieselbe Geistesthätigkeit verlegte übrigens die Esse des Hephästos unter den Aetna und liefs die Erdbeben entstehen durch die Zuckungen des von dem Gift beträufelten Loki.

Ein ganz analoges Beispiel bietet die Pilatussage in der Schweiz. Dafs der Name durch Verwechslung mit *pilateus* (*mons p.*) entstanden ist kommt hier nicht in Betracht und kann gern zugegeben werden. Der Mythos liegt darin, dafs man ein persönliches Wesen in dem Pilatussee vorhanden dachte, welches die in den Schluchten dieses Berges so oft und furchtbar tobenden Stürme hervorruft, sei es spontan, sei es gereizt durch Steinwürfe. Der letztere Zug erinnert noch an das Hervorrufen der Stürme im Walde Broceliande durch Begiefsen des *perron* (Chev. au lyon.). Auch dafs der Teufel sich dem Brückenbau widersetzt, also die Ausbreitung der Kultur hindert, entspricht vollkommen eddischen Anschauungen und den Deutungen die Uhland vom Thormythos gegeben hat. Ein merkwürdiger Beleg für die sinnliche Deutung der Gottheit ist auch die folgende Stelle aus dem Coronement Looy 515 ff. *Respont li rois: N'es pas bien ensaigniez, Qui devant nos oses de Deu plaidier. C'est l'ome el monde qui plus m'a fait irier. Mon père ocist une foldre del ciel, Toz i fu ars, ne li pot home*

aidier. Quant Dex l'ot ars, si fist que enseigniez, El ciel monta, çà ne volt reperier, Ge nel porroie sièvre ne enchaucier; Mès de ses homes me suis-ge puis venchiez . . . Quant ge lasus ne peus Deu gerroier, Nul de ses homes ne vueillerai lessier, Et moi et Deu n'avons mès que plaidier Moie est la terre et suen sera le ciel. Hier befinden wir uns nicht mehr ganz aber nahezu auf dem Standpunkte der Veden, in denen man nicht unterscheiden kann ob Agni der Gott oder das Feuer, Uschas die Göttin oder die Morgenröte gemeint ist. Wenn der Dichter auch einen Sarazenen so sprechen läßt, so vermindert das die Bedeutung der Stelle für die Beurteilung der religiösen Anschauungen seiner Zuhörer nicht. Wenn er ihnen überhaupt eine solche Schilderung bieten konnte, so zeigt das schon daß sie in ihren Auffassungen nicht übermächtig weit von denen des „Sarazenen“ entfernt waren. Es handelt sich eben nicht um eine wissenschaftliche Mitteilung sondern um naive Poesie. — Aliscans (Guessard) 5701 ff. *Les tors d'Arcaise tenoit en casement, Desous l'abisme où desoivre li vent. Illuec dist on ke Lucifer descent; Outre cest regne n'a hom abitement, Fors Sajetaire et Noirons (Joncbl. lucuns) ensement. Onques n'i ot .I. seul grain de forment; D'espises vivent et d'odour de pieument. Par dechà est li grans arbres ki fent .II. fois en l'an par rajonissement.* Die Abweichungen der Ausgabe von Joncblöet sind gering. Meine Auffassung dieser Stelle ist folgende. Der *abisme* ist nicht etwa eine Bergschlucht oder eine Höhle aus welcher Winde hervorzukommen scheinen, wie auf dem berühmten *creux du vent* im Jura am Neuenburger See, er ist vielmehr am fernen Horizont zu denken. Lucifer wird Thor sein, wo dessen Herrschaft endet hört der Getreidebau und die Kultur auf. Der Baum ist der Weltbaum, nach Auffassung der Edda; das Spalten deutet den Anfang der beiden Hauptjahreszeiten, etwa durch die Solstitien bezeichnet, an.

G. OSTERHAGE.

Zu Benoît's Chronique des ducs de Normandie.

(Vgl. Zeitschr. XI 231 ff.)

II. Band.

Die Form *joi* 15299, die schon 10936 im Reim begegnete (s. weiter oben 212), gebraucht Benoît auch sonst noch, so 17292, wo sie durch *novel* gesichert und für *joie* des Textes einzusetzen ist. Noch häufiger ist *joies*. Bereits Settegast 59 führt 32038 an; vgl. ferner 16964, 29180, 31419. — 15324—5 *Avez l'uncore joi essaüe?* *J'os aveit il acompaignie* (so Michel später) sind unverständlich. Es ist vielmehr zu lesen *Avez l'uncor jor essaüe?* „Habt ihr ihn (den König) noch einen Tag, noch einmal erprobt?“ Derselbe Fehler weiter unten 15525. — 15359 l. *Que des ore gabez de mei* oder *Que des or vos gabez de mei*. — 15388 *Senlis*, eine in Denkmälern des Mittelalters häufiger als jetzt genannte Stadt, findet sich auch sonst oft in der volksetymologischen Schreibung *Saint Liz*, so Auberi 133, 13, Fierabras S. 175, G. de Viane (*S. Lis*) 532¹. — 15406 *ci que „bis“*; ebenso 35868, 36116, 36265, 36749, 37338. — V. 15410 *Or gardez l'ovre a queu tend-eille* sehen Stock 450, 475, Settegast Zeitschr. III 464 in *eille* eine dem prov. *elha* (*illa*) entsprechende dialektische Form; allein es ist wahrscheinlich zu lesen: *Or gardez l'ovre a qu'eu tendeille*. Zu *tendeillier* von *tendre* vgl. *estendeillier* von *estendre*. — 15415 statt *Fu a Roem li reis Lowis* l. *Fu a Roem reis Loewis* (vergl. T.). Schon weiter oben S. 233 wurde bemerkt das *Lowis* für *Loewis* ungemein oft in der Handschrift vorkommt. So auch noch S. II Überschrift, 15587, 15596, 15765, 15776, 15948, 16017 u. s. w.² Das die zweisilbige Form des Namens dem Dichter zuzusprechen sei, läßt sich nicht erweisen; deshalb ist auch 15802 zu lesen *Mais bataille vers Loewis*, obwohl T. bietet: *Mais la bataille vers Lowis*. — V. 15432 *L'evesque de Paris ert sis fiz*, um eine Silbe zu lang, läßt sich durch Umstellung berichtigen:

¹ Über die Entstehung von *Senlis* aus *Silvanectis* vgl. Quicherat, Anciens noms de lieu 20. Andererseits entspricht *Sellentois*, das in der Hystore de Julius Cesar ed. Settegast vorkommt, 7, 9, dort aber keine Erklärung gefunden hat, *Silvan(ec)tensis* scil. *pagus*. Auch hat eine Handschrift *Senlis*.

² Dem Schreiber ist die kontrahierte Form sogar schon so geläufig, das er nur selten mehr *Loewis* setzt: 17937, 17953, 18183, 18192. Beim Dichter von Richars li biaux ist die zweisilbige Form schon Regel; s. S. 98, 99, 100 ff. Dreisilbig selten; s. Foerster zu 4145.

De Paris l'evesque ert sis fiz. Vgl. S. 80 V. 17669. — 15464 l. *Chaiſt de ci qu'es fundemenz*; vgl. 15448. — 15467 l. *nul* statt *nisun*; s. Rom. Forsch. I 388. — 15525 l. *jur* statt *joi*; s. ebd. 373. — 15554 l. *veie* : *teie*. — 15584 *Qu'issil voudrai*; vgl. T. — 15802 s. zu 15415. — 15597 statt *Eissi est l'afaire enpris* l. vermutlich *Eissi est li afaire enpris*. Seite 232 Anmerkung wurde bemerkt, daß ein Hiatus, wie er an der vorliegenden Stelle sich findet, in der Chronik sehr selten begegnet. Eine nochmalige genauere Durchsicht des Textes ergibt, daß diese Bemerkung zu modifizieren ist. Der Hiatus begegnet wenigstens so häufig, daß nur von einem verhältnismäßig seltenen Vorkommen — das Werk hat 42310 Verse — gesprochen werden darf. Übereinstimmend in beiden Handschriften treffen wir ihn I S. 22 V. 574, S. 25 V. 651, S. 67 V. 1817, S. 142 V. 1736, S. 155 V. 2100, 3382, 6963, 6981, 7207, 8509, 9143, 9282, II V. 18583, 18694, 19772, 20537, 22525, 23959, 25337, 28140, 29016, III V. 35897, 36219, 37555. Wohl in der Londoner Hs. nicht aber in der von Tours liegt er ferner vor 21338, 23467, 23652, 27589, 27808. Zu diesen Versen kommen noch V. 9299—9300, 9343, 9527, 10109, 12138, 12468, 12635, 17975, 42017, 42161, die in T. fehlen. Ob der Hiatus auch nur an den zuerst angeführten Stellen auf Rechnung des Dichters zu setzen ist, läßt sich schwer entscheiden; einigermaßen dagegen spricht der Umstand, daß überall eine Besserung sich leicht bewerkstelligen läßt, ohne daß dem Text große Gewalt angethan zu werden braucht. S. zu den einzelnen Versen. — 15626—7 *Honor querrom senz demorance Cum* (oder mit Michel *C'um* = *C'unc*) *de ce faire n'ait puissance* ist schwerlich richtig; *Honor* scheint vielmehr entstellt zu sein aus *Oncor*. — 15638 l. *Cum rei Aigrout*. — 15645 l. *Augent* statt *I augent*. — 15667—8 *De la requeste se fist liez E delaié u l'en le mande* ist unklar. Vermutlich *E de la veie u l'en le mande*. — Als Ort, wo der Dänenkönig Haigroid landete, nennt Benoît 15694 auf Grund von Dudo (239) *Salins Corbuns*, an der Mündung der Dive gelegen (15690). Um welchen Ort es sich hier handelt, ist ungewiß. Vgl. Rou II S. 637. Von den beiden Dörfern *Corbon* kann wegen der Lage keins in Betracht kommen. Wace sagt (Rou I S. 143): *Suz Waravile vint od sis nes salvement La u Dive entre en mer, asez pres de Bavent*. Sollte etwa *Cabourg* gemeint sein, nicht weit von Varaville und ganz nahe der Mündung der Dive? — 15728 l. *contres lor* = *contre les lor*, „gegen die ihrigen“. Inkliniation beim Artikel, auch sonst gelegentlich anzutreffen (s. Tobler, Versbau² 31 Anm. 2) begegnet in der Chronik mehrere Male. Zunächst auch 21589 l. *Mais trop s'escola entreus lor* = *entre les lor*; so schon Settegast 44 richtig gegen Michel (Glossar unter *lor*); ferner 18929 l. *E mult sist bien entres arcons*; 19245 l. *Ainz quel soleiz deust espandre*; 21265 l. *I resplendent contrél soleil*; vgl. T.; 35577 l. vermutlich *Bien mostrel livre e bien descovre*; 40478 l. *Quel reis Henris fu coronez*; vergleiche T. — 15744 statt *Teu piete en a Aigrouz li reis* l. vielleicht *Teu piete en a li reis* oder *Teu pitie a Aigrouz li*

reis. — 15772—3 *Qu'autrement ne lor puis aidier Ne ajuer ne conseillier* wird kaum richtig, statt *ajuer* vielmehr ein anderes Verbum einzusetzen sein, vielleicht *secorir*. — 15797 l. *tut*. — 15874 *Loweis* verschrieben für *Loewis*. — 15877 l. *as guez Herluin* statt *as genz Herluin*, wie schon Rou II 637 bemerkt worden ist, entsprechend Wilh. v. Jumièges (242 C) *apud vadum quod Herluini vocatur*. Die so bezeichnete Lokalität haben wir wahrscheinlich am rechten Diverfer zu suchen, Varaville und Bavent gegenüber. — 15885 l. *l'i* statt *li*. — 15923 ist vielleicht zu lesen *Quidez que por vos ne por eus* aber 15925 *Peres le conte Herluin* ist ganz unverständlich. T. hat statt *Peres*, wie Michel angiebt, *Percles* oder *Percres*. Mit diesem Ausdruck scheint identisch zu sein das gleichfalls unklare *Peeres*, *Perchers* (T.) 31231. Die 15917—29 entsprechende Stelle bei Dudo (240) lautet: *Tunc quidam ex tironibus Bernardo respondisse fertur: „Num propter te caeterosque advenas talis comes, ut est Herluinus, ullis latebris repositus abscondetur?“* — 15947 *seigniere* „Fahne“ = prov. *senheira*, Raynouard Lex. r. V 227. — 15954 ist wahrscheinlich zu lesen *Vis m'est qui bien le siut de pres* und dieser Vers mit dem folgenden zu verbinden. Vgl. Michel III 873 zu der Stelle. — 16019 l. *mais oi* statt *mais oi*. — 16041 *Que*. — 16054 *cointe* Schreibfehler für *coite*. — 16108 l. *Jal* statt *Ja le*; vgl. T. — 16125 zu *creeiz*, wie T. richtig hat, vgl. S. 237 zu 5775. — 16142 ist das *h* von *heaume* wieder als stummes behandelt, ebenso 18254, 22680. Vgl. *l'osberc* 19788, 21256, 21332, 22635, 28599, *d'aubers* 18254, 22680 und S. 232 zu 703. — Dafs Benoît bei den Versen 16164—6 *Dunc vout quens Herluins parler, Ausi li prist talant d'usler Cume fist a Dan Isengrim* an eine bestimmte Episode aus dem Roman de Renart gedacht hat, wie Michel annimmt, dünkt wenig wahrscheinlich. Vom Heulen Isengrims ist dort ja oft die Rede; so in der Ausgabe von Martin I 73, 124, 152, 155, II 263. — 16184 l. *E de son fil*. — 16253. Dafs *plai* neben *plait* oft bei Benoît vorkommt, zeigt Stock 478. — 16265 l. *airee*. — 16311 *esfreie* statt *desreie*; vgl. T. — 16417 zu *renge* vgl. G. Paris, Alexis zu 15^b. — 16423 l. *Issil*; vgl. T. — 16426 l. *avez*; s. Settegast 5 und zu Band I, 9152. — 16434 *A voz aunes ne a voz diz* „so wie du es abmisst und du es bestimmst“; vgl. Littré unter *aune*. — 16437 l. *Kar cil l'aura qui (= cui) il est dreiz*. — 16515 l. *mile*. — Zu 16576—7 *Mais n'aureiz pas, tant sai je bien, Ennuet l'ostel Saint Julien* d. h. gute Herberge, s. Michel's Glossar (III 819). Der heilige Julian (Bischof von Le Mans) war der Schutzpatron der Reisenden; vergl. Scheler zu B. de Condé XII 235 (S. 454); Littré; Gaspary, Zeitschr. X 312. — 16591 *Dunt eriez ier sire e reis*. Dafs Benoît Wörter wie *maistre*, *pere*, *sire* gewöhnlich nicht mit dem *s* versieht ist S. 237 Anmerk. gezeigt worden. Von weiteren Stellen, wo solche Formen durch den Reim gesichert sind, kommen in Betracht 19183, 42218. Ungemein häufig sind sie durch die Silbenzahl des Verses gesichert. Zu den früher namhaft gemachten Stellen gesellen sich *livre* 33774, *autre* 33303, *pere* 17136, 18220,

20968, 25960, 33931 u. öfter, *frere* 26334, 27001, 33940, 37530, *sire* 19377, 20155, 23990, 33641, 41795 und noch öfter, *traitre* 19537, 34010, *pastre* 28548, *faitre* 39391, *conoissere* 30663, *doniere* 37125, *norissere* 42181, *meudre* 28212, 40081, *nostre* 24020, 28210, *vostre* 37183. Andererseits begegnet mit *s* im Innern des Verses: *peres* 28248, 31811, 39556, 39960, *freres* 40002, 41044, 41899, *toleres* 22545, *autres* 27470, *micudres* 41444. In Betreff der Eigennamen herrscht großes Schwanken. So finden wir durch den Reim gesichert *Richarz* 18579, 22045, 22818, 24626, 27218, 28380, 29626, *Geofreiz Joufreiz* 21535, 28950, 41932, 41956, *Unfreiz* 36313, *Lohiers* 21209, 23145, *Salemuns* 20913, *Tiebautz* 22393, aber ebensowohl *Richart* 14226, 17621, 21229, 22339, 22693, 29262, 29384, *Giefrei Jousfrei* 24939, 27412, 27447, 34308, 35639, *Omfrei* 36303, *Lohier* 20107, 21628, 21682, 22051, *Salemun* 12461, 22466, *Tiebaut* 22011. Doch scheint bloß *Guillaume*, ohne *s*, die dem Dichter geläufige Form zu sein; sie findet sich sehr oft im Reim und zwar immer mit demselben Wort (*reaume*) gebunden: 7880, 10619, 14149, 31512, 32160, 33182 u. s. w.; *Guillames* nicht ein einziges Mal. *Guillaume* ohne *s* ist ferner an vielen Stellen durch das Metrum gesichert: 28967, 34631, 35826, 39520, 40161 und öfter. Wie *Guillaume* sind auch die anderen auf tonloses *e* ausgehenden Namen behandelt; der Reim sichert *Morice* 11324, *Jeremie* 12460, *Wace* 23654, *Godwine* 34013, *Ewine* 37918, 38621, *Gregoire* 36388, *Helie* 40358, *Alisandre* 18885, 36787; nur kommt neben *Eustace* 37414 auch *Eustaces* vor 37463. Wichtig ist die Wahrnehmung, daß Benoît nur einen Nominativ *Henris* kennt: 10281, 10303, 28031, 29436, 30788, 32075 u. s. w., c. obl. *Henri* 40441, 41965. Angesichts der großen Willkür, die der Dichter sich sonst, was das Flexions-*s* anlangt, gestattet, ist die Konsequenz, die er hinsichtlich dieses Namens beobachtet, bedeutsam und gestattet einen Rückschluß auf den damaligen Sprachgebrauch. — In Betreff der Bindung *misere* : *mere* 16654 (vgl. noch 27033, 30484) s. Stock 451, desgl. Foerster, Chev. as deus espees XXXV, wo das häufige Vorkommen solcher Reime besprochen ist. Ebenso bei G. de Coigny *cymenterre* : *frere* 298, : *mere* 300, 693, *chimere* : *frere* 635. — 16712—5 scheinen folgendermaßen verbessert werden zu müssen: *Nului puis pas cil bien ne monte* „Keinem nützt später der Vorteil“, *Qu'a sa gent seit damage e honte Ne cele honor ne quer ne ruis Dunt a cent mile fust de pis*. Schon T. hat 16714 *Ne* statt *De* des Textes, außerdem 16712 *Ne puie pas cil ne ne monte*, was aber zum folgenden Verse nicht recht paßt. Wegen des Reimes *ruis* : *pis* vgl. 17555, 18056, 18492, 23855, 24197, 25106 und Stock 471. — 16771 l. mit T. *negun* statt *mul*; vgl. 16812 und 17537 (T.). — 16797 l. *cule* statt *cuce*; vgl. 39126 und Godefroy. — 16879 *N'est en dotance ne pour*. — 16905 scheint *fait il* und 16910 *e* getilgt werden zu müssen. — 16912 l. *A il dunques eu bataille?* — 16941 *or* statt *ore*. — 16949 ist ein Punkt oder doch ein Semikolon zu setzen, mit 16950 ein neuer Satz zu beginnen und die

Interpunktion nach *hainos* 16951 zu tilgen. So zum Teil schon Michel später. — 16973 l. statt *Lor* mit Michel *L'or*. — 16988 l. *ajuez*. — 17020 ff. hat der Herausgeber mißverstanden; es ist einfach zu lesen *Dol fait, nel pout riens si grant faire*; vgl. zu der Stelle Dudo 245: *Regina vero, lugubres regis, sui conjugis, suorumque incessanter casus deflens, animumque suum tanti infortunii anxietate atrociter contorquens, nullumque salubre sibi consilium inde in tota Francia reperiens, misit ad patrem suum Transrhenanum regem Henricum*. — Nach 17076 fehlt ein Vers, den T. hat. — Bei Dudo (246) erwidern die Normannen auf die Aufforderung, den gefangenen König Ludwig auszuliefern, kurz: *Non reddetur, verum tenebitur*. Benoît sagt 17116—20 *Beau furent requis li Normant Qu'il rendent le rei Lo[ewis]. Mais unques n'en (so T.) fu conseil quis, De lui veer n'en rendrunt mie, Ce jure chascuns e afe*. Der vorletzte Vers ist verderbt. Im Einklang mit der schroffen Antwort bei Dudo wäre vielleicht *De lur vies neu rendrunt mie* „Ihr Lebtage werden sie ihn nicht ausliefern.“ — 17131 l. *amerra*; vgl. Rom. Forsch. I 375. — 17149 nennt Benoît den Bischof von Beauvais irrtümlicher Weise *Disdier* statt *Hildier* (= *Hilderich*); vgl. Dudo 246, Ord. Vit. II 363. — 17212 l. *L'ait si*. Im vorhergehenden Vers hat *qui* wie oft bei Benoît die Bedeutung „sondern, vielmehr“. Vgl. Settegast 55. — 17292 l. *joi* statt *joie*; s. zu 15299. — 17304 l. *Dunc rendu lor a lor signor*; vgl. T. — 17308 l. *s'aombra*. — 17349 l. *Eissi li vait cui Deus en done*; vgl. T. und im folgenden Vers *cume* für *cum*. — 17396 *entredeus* „Atempohiebe“; s. Martin zu Fergus 66,35. Die letztere Stelle führt auch Godefroy an, giebt aber eine verkehrte (La Curne entnommene) Erklärung des Ausdrucks. — 17415 l. *As povres ert tres charitos* oder *esteit* für *ert*. — 17452 vielleicht *Plus de vaillant de mil buens mars* (vgl. 18350 T.). Doch mag eine Zahl vor *mil* ausgefallen sein. — 17482 etwa *Sen aveit lui a consentir*; vgl. T. — 17496 l. *que il* statt *qu'il*.¹ — 17539—43 l. vielleicht *Ne je nel voil plus endurer, Mais itant vos voil demander: Out eu sis pere e sis aives Ne teneit unques sis besaives Si ceste cite cum il tient*. — 17600 *fers* = *fer(m)s*. Im Altfr. ist *ferm* auch *fer* die gewöhnliche Form (neufrz. nur *ferme*). Bei mehreren Adjektiven findet sich jedoch schon im Altfranz. auch beim Masculinum stets das *e*, worauf Suchier, Reimpredigt S. 73 zu 58^a aufmerksam macht.² Im Neuf Franz. hat die Zahl derselben noch zugenommen: außer dem eben genannten *ferme* gehört auch *chauve* dazu, altfranz. meist *chauf*. Andererseits kommt *juste* schon altfranz. selten anders als in dieser Form vor; um so bemerkenswerter ist es daß wenigstens

¹ Die Stellen des Textes, wo umgekehrt bei *que, ne* u. s. w. die Elision des Vokals stattfinden muß, vom Schreiber aber nicht ausgeführt ist, sind hier nicht weiter besonders angegeben worden. Bereits weiter oben S. 231 wurde bemerkt, daß der Kopist die Elision überhaupt oft unbezeichnet gelassen, wo sie faktisch einzutreten hat.

² Statt des sonst allein üblichen *large* findet sich im Roman de Renart einmal *larc* (II 327): *Renart commande faire parc Enmi la sale grant et larc*.

Benoît auch *just* gebraucht: 23866, 24271, 29405, 36474. Liegt hier wieder provenzalischer Einfluß vor? Aber auch Estienne de Fougieres hat *just* V. 306: *E les juz e les pecheors*. Nie ohne *e* scheinen sich zu finden *monde, rebelle*. — 17620 l. *prie*. — 17633 l. mit T. *Tante denier a pris a tort*. Wie auch bei einem Masculinum *mainte* statt *maint* 20132, 20800, 26988 (T.)¹, so bietet die Chronik ebenso *tante* an mehreren Stellen statt des gewöhnlichen *tant*: I S. 8 V. 145, 18883 (T.), 20508, 31788 (T.); darnach ist auch 19909 zu verbessern. Vgl. Burguy I 191. — 17635 l. *force il*. — Was der Herzog Richard 17647—50 zu den Anhängern Radulf Torta's sagt: *Vos qui li estes aideor E maistre e amonesteor L'en sostenez d'or en avant, Qu'os ne l'en serreiz ja garant* wird durch eine Vergleichung mit der entsprechenden Stelle bei Dudo (249) deutlich: *Quod suasistis usque modo illi et adhuc suadetis, sed nequaquam illi proderit*. — 17688 *Cil qui plus erent puissanz* ist zu kurz; vermutlich *Cil qui plus i erent puissanz* oder *Cil qui plus esteient puissanz*, wie Roman. Forsch. I 377 vorgeschlagen ist. T. hat *ereient*. — 17731 l. *Out pais od le rei Loevis*. — 17773 vielleicht *Deffendez vos, c'os lo a faire*; s. Rom. F. ebd. — Nach 17795 fehlt ein Vers, den T. hat. — Hugo der Große fragt 17800 ff. die normannischen Großen, ob sie schon für die Verheiratung Richards Sorge getragen: das hätten sie thun sollen; worauf sie erwidern 17808 ff.: „Sire“, *funt li, vos dites veir, C'eust este mult grant saveir, Mais n'est pas fait, or qu'en quidez U serreit il bien mariez?* Aus einer Vergleichung mit Dudo (250) geht hervor, daß anders interpungiert werden muß: *Hugo vero secreti sui benevolum coepit paulatim pandere propositum: „Requisistis adhuc Ricardo duci Northmannorum uxorem voluptuosae humanitati et dignitati ejus congruam et habilem?“ Responderunt: „Nequaquam.“ Et ille: „Quorsum intentionem vestri consilii vertitis, vel cujuslibet filiam illi vindicando subjugabitis?“* Zu lesen ist also: „Sire“, *funt il, vos dites veir, C'eust este mult grant saveir, Mais n'est pas fait.* „Or qu'en quidez U serreit il bien mariez?“ — Nach 17864 ist ein Vers in beiden Handschriften ausgefallen; desgleichen fehlt nach 17920 im Text ein Vers, den jedoch T. bietet. — 17959 ist *en* zu tilgen. — 17974 ff. ist von Hugos des Großen Vater, dem Markgrafen Robert I. die Rede; die Stelle entspricht folgender bei Dudo (251) *Hugonis magni ducis pater Rothbertus super patrem tuum Karolum, favente Rollone, avo Ricardi ducis, sceptrum hujus regiminis injuste suscepit, et pene totam Franciam sibi prave subjugavit*. Man könnte demnach versucht sein, *revert* 17974 mit Michel in *Robert* zu ändern, was aber der Wortlaut der vorhergehenden und folgenden Verse nicht zuläßt. Vielmehr haben wir anzunehmen, daß vor 17974 Verse ausgefallen sind, in denen Robert genannt war; *revert* ist in *reveit* zu verändern und 17975 wird zu lesen sein: *A mostrar li l'oeuvre en apert*. — 17983 l. vielleicht *Si qu'on nul leu ne l'entendeit*. — Da das listige Vorgehen Arnulfs von

¹ Vgl. Foerster zu Yzopet 837.

Flandern besonders bezeichnet werden soll, so ist 18040 wohl zu lesen *senz blasmement* (vgl. T.). Arnulf möchte Richard verderben, ohne selbst die Schmach übler Nachrede noch zu mehren, die ob der von ihm angestifteten Ermordung Wilhelm Langschwerts noch auf ihm lastet. — 18085 l. *riche*, s. S. 237 zu 6194. — 18155 *fest* „Giebel“, s. Schelers Anhang zu Diez E. W. 747. — 18186 l. *com* statt *come*. — 18266 l. *Cum s'eust este deserte*. — 18283 lautet *Ceste cite, vez, ne crient rien*. Bereits S. 232 zu V. 586 sind mehrere Stellen angeführt worden, wo *vez* statt *veez* steht. Diese Form begegnet auch sonst noch sehr oft in der Chronik: 18840, 19368, 22292, 22466, 27295, 28227, 28236, 31928, 32992, 33377, 35703; sie findet sich überhaupt schon früh vereinzelt, später sehr oft, zumal in der Volksdichtung. Zwar nicht ein einziges Mal im Computus des Phil. v. Th., obwohl gerade hier das *veez* so sehr häufig vorkommt. Aber Cliges 1722, Jourd. de Bl. 1200, 1690, 1813, Vrai Aniel 197, 206, Gui de Nanteuil S. 15, Huon de B. S. 133, 149, 152, Auberi 4,25; 7,3; 22,31; 60,31; 107,9 und öfter. Sehr häufig auch im Roman de Renart: I S. 8, 17, 102, 132 u. s. w., II, 27, 39, 100, 156, 223.¹ — 18320 l. vermutlich *Ci les m'eus en covenant*. — 18316 ff. beschwert sich König Otto bei Arnulf darüber, daß die Bürger von Rouen ihm nicht, wie doch Jener verheißsen, die Schlüssel der Stadt überbringen, worauf Arnulf ihm vorzuspiegeln sucht, daß der weite Weg daran Schuld sei, auch Niemand durch die dichten Wälder zu gehen wage, weil Räuber drin hausen: *Foresz i a granz e gastines U a larrons, genz Sarazines, Sor qu'il ne s'osereient mettre, Sinestes sunt par qui tramettre*. Der letzte Vers ist verderbt; auch T. bietet nichts Besseres: *Sines tesunt*. Es ist vielleicht zu lesen *Si nes tes unt par qui tramettre* „und sie haben durchaus keine die sie schicken könnten.“ — 18352 *abeter* „anhetzen“, s. Tobler, Vrai Aniel zu 366. — 18399 ist *il* zu tilgen. — 18409 l. *veee*. — 18453 l. *riche*; s. zu 18085. — 18455 *vize* mit T. — 18496. Das Partizip *offri* begegnet in der Chronik sehr oft, so schon 2856, 11381, 11396, ferner 20417, 23513, 24665 u. s. w. Auch *soffri* kommt vor 31059. Im Roman de Troie findet sich *offri* gleichfalls V. 13554. — 18583 l. vielleicht *Senz escosse e senz nul retor*. — 18614—7 lauten *L'un sunt por lor cors garantir, Li autre por eus envair; L'un sunt por defendre lor terre, Li autre la vienent conquerre*. Es ist also *L'un = Li un*, also wieder ein prov. Zug. Die Stelle scheint unverdächtig. — 18693 l. *Si'n i enverse*; vgl. T., und im folgenden Verse vielleicht *Au mettre enz e al entasser*. — 18731 l. *Ja'n*; vgl. T. — 18757 l. *ne Aleman*; s. Rom. F. I 394. — 18785 *Ja la porte ne fust vee*; vgl. T. — 18883 l. *Oist l'om tantes (tante T.) cous ferir*; s. zu 17633. — 18909 l. *Qu'eissil*; vgl. T. — 18929

¹ Angesichts des häufigen Vorkommens von *vez* muß man G. Paris (Romania XIII 130) Recht geben, daß V. 95 der Karlsreise zu lesen ist *Vez cum gentes cumpaines*. Der Ausdruck *gentes cumpaines* ist gewiß echt; kommt er doch noch einmal vor (784). Ebenso wird man 508 lieber *vez* lesen als *grant* vor *pelote* missen wollen.

wegen *entres arcons* s. zu 15728. — 19049 *troine* umgestellt aus *lorine* = *taurina* bedeutet ein Musikinstrument, wohl eine Trompete, aus Stierleder; s. Du Cange (*taurea*), Georges (*taurinus*). Erwähnt wird es ohne bestimmte Erklärung von Schulz, hof. Leben I 437, wo außer der vorliegenden noch eine Stelle aus Guill. de Palerne steht. *traine* Tristan I 195 ist offenbar dasselbe Wort: *Maint chalemel, mainte traine Qui fu la nuit en la gaudine Oist au pavellon soner*. Bei Raynaud, Motets, in der interessanten Übersicht über die Musikinstrumente II 320 fehlt *troine*. — 19055 l. *redoterent* oder *li Normant*. — 19189 wohl *e suor* statt *e en suor*. — 19219 l. *e li grege*. — 19241 *la cupee* „die mit einem Büschel oder einer Haube Versehene“, auch P. Meyer, Documents manuscrits 102 = *l'aloë cupee* 31314, englisch *copped lark* „Haubenlerche“. Vom altfr. *cope*; s. Diez E. W. (*coppa*). *Copee* heißt auch eine Henne im Roman de Renart I 11 ff. — *treie* 19244 und schon I 152 V. 2016 scheint dasselbe Wort zu sein wie das von Jaubert, Glossaire du centre de la France² und Favre, Glossaire du Poitou genannte *traie*, worunter eine Drosselart zu verstehen ist und das dort mit dem nfrz. *draine* „Misteldrossel“ (Littré, Sachs) gleichgestellt wird. — 19245 s. zu 15728. — 19264 l. *granz genz* oder *grant gent*. — Der Reim *bracee*: *armee* 19326 ist ungenau; s. Stock 470. — 19364 ist *E* zu tilgen. — 19403 l. *Siveaus*. — In V. 19413 *E de granz flums, parfuns, marages* ist *marage* schwerlich das von lat. *mare* abgeleitete Adjektiv, das wir in Ausdrücken vor uns haben wie *pais marage* Rou I V. 1136 *terre m.* Chron. ascendante 35, *ciés m.* Alexander 72,18, *porte m.* Romania XI 257, *eve m.* Jourd. de Bl. 2701, *peisson m.* Karlsreise 582. Vielmehr handelt es sich um ein anderes, von Darmesteter, Formation des mots composés 27 (wo die vorliegende Stelle angeführt ist) besprochenes und nun durch Godefroy mehrfach belegtes gleichlautendes Wort mit der Bedeutung „ungestüm, wild“. Anders faßt unsere Stelle Scheler, Trouvères belges S. 334 zu 224. Aber *marage* kann hier kaum Substantiv sein, wie Scheler meint. — 19446 l. *quel* (= *que le*) statt *qu'il*. — 19459 l. *Ju si n'os en defendriez*. — 19572 *Veit la vile bien atornee*; s. Rom. Forsch. I 395. — 19585 l. *uncor*; s. ebd. 396. — Das aus *tenebricus* entstandene *tenerg(r)es* (: *herberges*) 19735 kommt in der Chronik außerdem noch dreimal vor, überall im Reim mit *herberges*, nämlich 39396, ferner 5710, 37207, wo *tenerges* statt *tenegres teniegres* zu lesen ist. Denselben Reim finden wir im Roman de Troie 19144; vgl. Settegast 57; *tenierge* auch bei Estienne de Foug. 661: *chartre tenierge* (: *fierge*: *cierge*: *enferge*). — 19772 ist wohl mit Michel zu lesen *Bien le vus mustre apertement*. — 19818 l. *Nos les ensuivrom sagement*; vgl. Rom. F. I 379. Diese Stelle entspricht genau Dudo 261: *Nos vero eos caute prosequemur*. Die Abweichung in T. ist darum Entstellung: *Nos les enserron sagement*. — 19863 ist statt *Mais si cum en l'estoire ai apris* zu lesen *Mais si cum en l'estoire apris* oder vielleicht *Mais si cum m'a l'estoire apris*. — 19879 wegen *Maupertus* s. Rou II 642. — 19909 l. *E tante piz e tante gule*; vgl. zu 17633. — 19921 *Lor i*

unt tant testes coupees scheint unverdächtig. Dafs tant adverbial gebraucht wird zeigt Foerster, Chev. as deus espees zu 6401, 6607. — Von den Versen 20034—7 sind die drei ersten der Besserung bedürftig und zwar ist folgendermassen zu lesen: *Devant eus sunt chevaus mener Tant cum l'om en pout amasser; Ne fu unc, c'en dit li escriz, Si estranges faiz ne oiz.* 20035 hat T. das Richtige; 20034 *l'enchaus* für *les chevaus*, was nicht palst. *estranges* bezieht sich auf *torners* und *repaire* 20033. — 20115 wohl *porent*. — 20185 l. *ostagiee*, dsgl. 20286. — 20193 l. *nel* oder *neu* (so T.) oder *nes*; vgl. den vorhergehenden Vers. — 20223 ist *Qu'eisi* zu lesen. — 20287 l. *E sis plus cher ami prochain*. — 20323 l. entweder *Riches furent trop les entrailles* oder *Riches en furent les entrailles*. Letzteres bedeutet hier vermutlich „Einzugsfeierlichkeiten“. Es steht in der Bedeutung „Eingänge“ Jourd. de Bl. 1107. — 20325 l. *qu'el*. — 20373 *pense*, ebenso 20569, 20904. — 20383 l. *pis*; vgl. zu 16712-5. — Mit Bezug auf 20396, wo es vom König Lothar heisst: *Le vis aveit lonc, maigre e ros* zeigt Michel, dafs mit roter Haut- und Haarfarbe eine böse Vorbedeutung verknüpft wurde. Er führt auch die Stelle aus dem Rou I S. 171 an, wo Thetbald von Chartres Richard I. dem französischen König gegenüber schmäht: „Sire rei“ *dist Tiebalt, „mult sumes tuit huntus De Richart, cel Normant, cel aventiz, cel rus.* Ebenso sagt im Charroi de Nîmes (P. Meyer, Recueil II 245) Guillaume d'Orange von demselben Fürsten: *Quant reperai de Saint Michiel del Mont, E j'encontrai Richart le viel, le ros.* Desgleichen nennt Garnier geringschätzig in seinem Leben des heil. Thomas Wilhelm den Roten *le rus rei* (Bekker fol. 40 Str. 4). Vgl. zu 7234. So soll denn auch im Roman de Renart immer wieder auf Reinecke's Tücke und Bosheit hingewiesen werden, wenn er genannt wird *li rox deputere* I 21, *rous ennuios de pute foi* ebd. 199, *punes rox de male part* ebd. 482, *cil garz roux de pute pel* II 189 u. s. w. Ja die Wölfin Hersent sagt ihm geradezu (I 121): *Renart, Renart, li poitz le doit Que soiez felz e deputaire.* — Nach 20434 fehlt ein Vers; T. bietet ihn und es ist zu lesen *Ce t'est mult grant deshonorance Qu'ait nule seignorie en France* nach Dudo 265: *Non est tui nec nostri honoris ut talis comes dominetur nostri.* — 20440 l. *gent*. — 20452 l. mit Michel d'Eberne; vgl. Rom. Forsch. I 379. — 20453 l. vielleicht *Si ra tels terres d'entor sei*. Die ganze Stelle 20453—6 wird verständlicher durch eine Vergleichung mit Dudo (265): *Omnium quippe regnorum omnes gentes ei famulantur et obediunt nec est nisi tu qui queat resistere superbienti temeritati ejus militumque suorum.* — 20508 l. *Qui en tantes quers s'apareille*; vgl. zu 17633. — 20537 vielleicht *Prengent en essample e esgart*. — Von den Versen 20540—1 *Trenchez mei la ronce u l'ortie Si i naistra dunc asor vers* ist der zweite vielleicht folgendermassen zu bessern: *Si renaistra dunc a sorvers*. Das letztere Wort entspräche dem prov. *sobrevers* „Austreten“ (von Flüssen), hier also „Überflufs, Fülle“. — 20556 l. *teus*. — 20569 *pense* statt *pensé*; ebenso 20904, 22472. — 20594 vielleicht *Que de Berri, France e Borgoigne*. — Nach

20600 ist ein Punkt zu setzen, dagegen nach 20601 ein Komma. — V. 20628 heißt der Erzbischof von Köln, Bruno, sonderbarer Weise *Dux d'Avauterre e de Lovain*. Dudo (266) nennt ihn *Lothariensem ducem*. — *Avauterre* „Niederland“; s. Du Cange, Gachet. — 20705 ist *vos* zu tilgen. — 20727 zu *s'escuser* sich ausschließen s. Tobler *Vrai Aniel* zu V. 12, R. de Renart I 21; vgl. ebd. 348. — 20760 l. *Que est tis granz sens devenuz* oder *Qu'est or tis granz sens devenuz*. — 20771 l. *De lor paroles e lor diz*. — 20776, 20779 vgl. Dudo 267: *'Unde, vel cujus fideles estis?'* *Responderunt: „Quid tibi cujus?'* — 20782 *Ne volum pas qu'en ca nos sace* ist nicht zu verändern, vielmehr *qu'en = qu'on*. T. hat *qu'eu = que il*, was sich denn auf Thetbald beziehen liefse. Vgl. 20752. — 20784 l. *avis* statt *vis* oder *ice* statt *ce*. — 20813 l. *Queinement* wie 21895. Dasselbe Wort ist noch an einer Reihe anderer Stellen einzusetzen, wie eine Vergleichung mit T. zeigt, so I S. 103 V. 611, 23743, 25920, 29952, 31612. Der Schreiber der Londoner Handschrift hat es meistens nicht verstanden; es steht nur 21895. 39219 ist *Queinement* zu lesen mit T. Vgl. hierzu Settegast 35, Stock 474, Zeitschr. III 463, Estienne de Fougieres 234, 968. — Den nach 20813 fehlenden Vers bietet auch T. nicht. — 20826 l. *dol*. — 20854 l. *Li arcevesque*. — 20871 *Ne mostre qui qu'en parler voille*. — 20909 *un vize*. — 20910 *novelier* „neuerungssüchtig“; ebenso Marie de France ed. Warnke (s. Glossar). Eine andere Bedeutung, nämlich „nach Neuigkeiten trachtend, klatschsüchtig“ hat das Wort bei B. de Condé V164, Trouvères belges VIII 217; s. Scheler zu beiden Stellen (S. 411 bzw. 342). — 20916 l. mit Michel *creez*. — 21040 vielleicht wie Rom. Forsch. I 396 vorgeschlagen worden ist *De s'erite, force e empire*. — 21215 l. mit Michel *mauveisins*; vgl. 22567, 28650, 30480. — 21265 l. *I resplendent contrel soleil*; s. zu 15728. — 21286 l. *qu'il*. — 21338 vielleicht *E chevauche il as premerains*; vgl. T. — 21352. *sei* ist zu tilgen. — 21420 l. *Nes deffent si que l'om nes poigne*. — 21436 ist unverständlich. Vermutlich ist nach 21435 ein Komma zu setzen und zu lesen *N'el n'out riens fait ne entendu* „und es wurde Anderes durchaus nicht gethan noch gehört“. Im folgenden Verse l. dann *coru* statt *coruz*. — 21456 l. *Se il*. — 21465 *conreee*. — 21519, 31743, 36905. Auf das zu *sevrer* gehörende Verbaladjektiv *seivre* „getrennt, los“ in der Chronik (ferner R. de Troie 10604, Wace's Brut 3134, Tristan I 18, La Corne) macht bereits Scheler aufmerksam J. de Condé I 386 Anm. Ebenda II 360 behandelt er das gleichlautende Substantiv, das an der besprochenen Stelle die Bedeutung „Grenzscheide“ hat. — 21556—7 l. vermutlich *reaignent: baignent*. — 21567 l. *ne les* statt *nes*. — 21589 s. zu 15728. — 21670 l. *veint = vient*; vgl. 20779. — 21766 l. *Des hor*. — Zu 21797—21800 vgl. Dudo 272: *Ne igitur praecupperis morte aut capiaris, precamur, divertite urbemque Rotomagensem celeri equitatu pete, ne forte inimici tui praecoccupent nos velociori cursu eamque vindicent sibi, reperientes vacuum militibus. Zu voi 21798 s. Stock 478. — 21819 l. *Se est qui l'enfance con-**

sence „ob Einer da ist, der die Thorheit zugiebt.“ — 21841 l. *Si'n a.* — 21872 statt *aasmance* l. vermutlich *esmaiance*. — 21880 *patibler* wohl richtig von Burguy als eine Ableitung von *patibulus* erklärt: „mit den Händen und Füßen hin- und herfahren“. — 21957 l. *Que tu neu gez* (von *geter*) *de Normendie*; s. Michel III 873. — 21965 l. *Seveaus oies cum tul poz faire* und im folgenden Verse mit T. *Contre trestot son nuisement*. — 22015 l. *un buen matin*, dsgl. 27953, 30887, ebenso 37620 *au buen matin*. — 22072. Statt *Trestot l'an puis e l'autre atiere* ist natürlich nicht, wie Michel (III 873) meint, zu lesen *Trestot l'an puis e l'autre antiere*, sondern *Trestot l'an puis e l'autre a tiere* „in der Folge“. — 22098—9 *Si cum je eu livre ai entendu, A Ermentruwile sunt venu* müssen verderbt sein, da der zweite Vers eine Silbe zu viel hat. Vielleicht *Si sunt, c'eu livre ai entendu, A Ermentruwile venu*. — 22375 ist *que* vor *leopardz* einzufügen. — 22448 l. mit T. *En quatre sens pesmes e laiz*; vgl. Dudo 276: *Merito namque beati marchionis Ricardi quadripartiti detrimenti illo die infortunium persensit*. — 22510 l. *quiere*. — 22521 l. *Nou* (oder *Neu*) *dit neu retrait esriture*; vgl. Michel. — 22525 vielleicht *Senz rien querre ne demander*. — 22564 Wegen *Corbuneis* s. Rom. Forsch. I 399. — 22641 wohl *N'en autre deport n'esbancie*. — 22647—8 l. *Qui sil vout de tot abaissier E qui si sovent l'endamage*. Vgl. T. und Michel. — 22659 l. *Ainz que bien fust lite la pians*; vgl. T. — 22698 *Guiolfosse*, 23061 *Guioldfosse* (l. *Guioldfosse*) entspricht dem lateinischen *Givoldi fossa* bei Dudo 277; jetzt *Gefosse*. Wegen der Lage s. Rou II 647. — 22776 l. *Si n'alout pas*. — Nach 22827 ist ein Fragezeichen am Platze; s. Rom. Forsch. I 400. — 22848 l. *atenz*. — Zu 22876 ff. *De c'est l'estoire testimoine Qu'au duc Richart tramist un moine Por lui conduire qu'a lui vienge, Que ses deiables lous ne crienge* vgl. Dudo 277: *misit quemdam monachum ad ducem Ricardum . . . postulat ducem et advocatum itineris sui viatoremque sibi dari, ne forte devorent manducenique se tui diaboli et lupi*. — Michels Vermutung dafs 22927 statt *Deum mestier* zu lesen ist *devin mestier* wird durch die entsprechende Stelle bei Dudo bestätigt. Benoît sagt 22924 ff. *Ci vei les iglises servies, Ci par tot en chascon mostier A celebre devin mestier*, Dudo 278: *delubra ecclesiasque ab incolis veneranter perlustrari mysteriumque divini officii solemniter conspexi celebrari*. — Nach 22988 fehlt ein Vers, den T. hat. Er ist mit 22988 zu verbinden, dagegen nach 22987 ein Semikolon zu setzen. Die von Michel empfohlene Interpunktion ist unstatthaft. — 22997 ist *s'ai je* zu lesen; im vorhergehenden Verse verbessert schon Michel *unt in funt*. — 23043 l. *Frere te sunt tuit ne d'Adam* oder *Frere te sunt e ne d'Adam*. — 23049 hat der Schreiber vor *lur* das ähnlich aussehende *lui* ausgelassen; vgl. T. — Nach 23052 ist ein Fragezeichen zu setzen. — 23069 l. möglicher Weise *tel* statt *cel*; vgl. Rom. Forsch. I 382. — 23082 vielleicht *arenger* statt *avenger*; s. ebd. 383. — 23099 ff. l. *Issieu faites qu'isil ferai, Si puis, issi* (= *ici*) *vos atendrai*. Vgl. ebd. 383. T. bietet nur teilweise das Richtige. — S. 262 Überschrift ist statt

al essue wohl zu lesen *a desseu*, wie 28181, 32908, 37059; ebenso 41340, statt *al esseue* des Textes, das Godefroy mit „*a l'issue*“ übersetzt. — 23194 ist vermutlich *Que li dreiz reis des ceus m'ait* zu lesen. — 23207 l. *recante*, s. Settegast 21. — 23233 wohl *A ta pitie non sormuntable*; vgl. Rom. Forsch. I 383. — 23288 ist vermutlich *qu'il* zu tilgen. — 23302 l. *Eissil*. — 23318 *trestot*. — 23365 *miserin* „elend“ entspricht prov. *mezeri* bei Suchier, Denkmäler prov. Literatur (Glossar). — 23403 *Or oiez cum bel le respunt* ist schwerlich richtig; l. *bel lor respont*. — 23425 l. *amor leial*. — 23443 l. *Qu'en ja neu verra od ses oilz*. — 23462 *E si'n i ra de crestiens*. — 23467 l. vielleicht *iceste* statt *ceste*. T. weicht hier und im folgenden Vers sehr ab. — 23523 *lorrez* = *loeres*. — 23574 l. *tut*; ebenso 23769. — 23652 l. wohl mit T. *grant meschef*. — Zu 23654 vgl. Rom. Forsch. I 411 Anmerk. 4. Merkwürdig ist, daß der Vers, wo Wace genannt ist, in T. anders lautet: *Ne unques Dam le Deu ne place*. — 23673 statt *Qui en teu dolor e en teu gerre* l. entweder *Qui en teu dolor, en teu gerre* oder *Qui en teu dolor e teu gerre* oder *Qui'n*. — 23682 hat T. *E la ous* (= *ou les*) *ateint l'ardant herce*, was richtig sein mag. Sonst könnte auch gelesen werden *E u les ataint l'ardant herce*. Diese Vorstellung von der glühenden Egge findet sich nicht bei Dudo, wohl aber spricht er vom Phlegethon (283), den Benoît einige Zeilen vorher (23679) nennt. — 23714 l. *Mainz* statt *Mais*. Derselbe Fehler 29504. — 23721 *seuite*, wofür entweder *seite* oder *seute* (prov. *seula* Bartsch Chrest. 340,4; s. auch Foerster, Ztschr. II 166 Anm.) zu lesen ist, entspricht *secte* in T. — 23743 l. *E queinement*; s. zu 20813. — 23839 l. vermutlich *En queu* = *En que il* oder *Eu queu* = *El quel*, kaum *En que* oder *En quei*. — 23865 l. *Ceus qui en bien* oder *A ceus qui'n*. — 23878 *Rest qui sil*; vgl. T. — 23911—2 l. *Si s'ovre acomplie e finee Fu del Saint Esperit fermee*; vgl. T. und Rom. Forsch. I 385. — 23918 l. *neisune* statt *veisine*; s. ebd. — 23959 l. vielleicht *Sa force ne sa grandite*. — Dafs 23989 mit T. zu lesen ist: *Qu'en vil leu povre deigna nestre* zeigt Dudo 284 *humiliatus usque ad humani exordii pudorem et pannorum illuuiem et praesepti vilitatem*. — 24022 l. wohl *venuz* statt *veuz*; s. Rom. Forsch. I 412. — 24039 l. *Qu'isil*; vgl. T. — 24047 l. *Cels*. — Vor 24087 ist eine Lücke anzunehmen; s. Rom. Forsch. I 411. — 24098—9 l. vermutlich *E quanqu'il par vout acomplir Des escritures de lui dites*. — 24149 *Au tierz jor surrexit senz error* ist zu lang. Vielleicht ist *resorst* statt *surrexit* zu lesen. — 24163 l. *Mais uns uns Deus* („ein einiger Gott“) *umiaument*; s. T. — 24212 l. *Que ainz*. — 24243 *Je di senz charge ne senz fes*. — 24252. Die seltsame Form *surrex* (vgl. Suchier, Ztschr. VI 437) kann nur Particip sein: „vereinigt, auferstanden aus dem Grab“ — 24286 l. *uncor* und 24290 *or*. — 24288 *piete*; s. Stock 470. — 24311 l. *Pur cel vos* oder mit T. *Pur ce l'os*. — 24393 l. *Cele ovre a chascon graantee*. — 24403 l. *Des or*; dsgl. 24652. — 24409 l. *Encui, quant beaus sera li jorz, Vos josterai ensemble toz*; vgl. Dudo 286: *Diluculo vero revocabo vos*. Die Besprechung mit den dänischen Obersten, denen

der Herzog die lange Rede hält, fand Nachts statt. Vgl. Ben. II 279, Dudo 283. — 24416 l. *sorquidez*. — 24417—8 ist wahrscheinlich zu lesen: *Ja n'en serriez mais creuz Se d'os s'erent aperceuz* „Euch würde nie wieder von ihnen geglaubt werden, wenn sie euch bemerkt hätten“ nämlich daß ihr die Unterredung mit mir gehabt. — 24425 l. *nul affaire*. — 24531 *Dum cil qu'a la lei Deu s'atendent*. — 24600 wohl *Si nos*. — Nach 24637 fehlt ein Vers; T. hat ihn. — 24705 l. *Si'n i out*. — 24765 *Plus amee e tenue chiere*. — 24804—5 *feni: departi*. — Nach 24808 ist ein Komma statt des Punktes zu setzen; s. Rom. Forsch. I 401. — 24846 ist zu lesen *Pren femme dunt (= de unde) Deus dunt (= donet) seignor*. — 24871 l. *vout* statt *out*. — 24909 *Qu'eissil vout*; s. Rom. Forsch. I 402. — 24933. Der Name *Alfred* findet sich im Text meistens in der Form *Auvre Auure*, Nom. *Auvre Auurez*. Hierfür ist wohl einfach, wie T. gemeiniglich hat, *Auvere* zu schreiben und nicht, wie Michel zuweilen setzt (30991, 37606) *Auvre*. — 24935 l. *Des filles out a non Hawis*; vgl. 27456. — 24945. Zu dem Namen *Idon* s. zu 28900. — 24957 l. *nule d'ele*. — 24974 l. *Mais nel tint*. — 24990 *soude*, auch *soute* (25189 T.) „Bestürzung, Angst“; s. Du Cange unter *subitare*. — 25023 l. *Ja chapele ne nul mostier*; vgl. Roman. Forsch. I 403. — 25043 bedeutet *mortier* ein mörserartiges Gefäß, s. Du Cange (*mortarium* 4), La Curne. Dieselbe Bedeutung wird für das von Godefroy angeführte Wort anzunehmen sein. — 25044 l. *esfreiez*. — 25113 *arde* gekürzt aus *la male flame l'arde* oder einer ähnlichen Verwünschung. — 25144. *sousir* bedeutet wohl „versinken“, s. Diez E.W. 682, G. Paris, Romania VI 148. Vgl. 36207. — 25172 l. *se rumilie*. — 25198 l. *li en place*. — 25205 *Qui uncor*. — 25248 *Merveille unt*. — 25251 *E tost* wie im vorhergehenden Verse. — 25264—5 *fin: Latin*. — *porcors* 25293 hat nichts mit *porcus* zu thun, wie Michel vermutete und Constans, chrest. de l'ancien fr. meint, sondern entspricht in seiner Bedeutung dem von Du Cange genannten *percursus = districtus, territorium*; vgl. auch La Curne (*parcours*). — 25336 statt *planistreiaus* l. *planistreaus* oder *planistriaus* von *planistre* „Ebene“ R. du Mont-Saint-Michel 62, 736. — 25337 l. *delitables*. — 25349 l. vielleicht *Assez, ceo quit, e pro en prent*. — 25403 l. *Pur ceo qu'issil trova li dus*, ebenso 25420 *Qu'eissil veut*; vgl. T. zu beiden Stellen. — Die Erwähnung der *Vitae Patrum* von Seiten Benoit's 25423 verdient bemerkt zu werden. — 25533 l. *la plomee* statt *l'aplomee*. Wegen der Bedeutung s. Michel's Glossar. — 25560 *pantoille* „keicht“; das Wort hat mit *patauger* nichts zu thun, wie Michel meint. — 25666 *gringnos* „betrübt“; vgl. Foerster zum Yzopet 543. — 25705 l. *sodement*. — 25722-3 l., auch unter Änderung der Interpunktion, *Trebucha l'i, neier l'a fait E eissi* (so Michel) *mort* („getötet“) *par son agait*. — 25738 l. *Cum tul*; vgl. T. — Nach 25739 hat T. einige Verse mehr, die in den Text aufzunehmen sind, weil erwähnt werden muß, daß der Teufel mit dem Vorschlag des Engels sich einverstanden erklärt, was eben in diesen Versen geschieht. — 25796

ist *e* oder das zweite *si* zu tilgen. — 25815 l. vielleicht *Que qu'en-chaucent od une lance*. — 25817 *espondues* „aufgegeben, preisgegeben“. — 25840 l. *Demi fail*. — 25871 l. *uncor*. — 25886 vielleicht *Quant vint*, „Beau maistre“ *fait li dux*. — 25920 l. mit T. *queinement*; s. zu 20813. — 25955. *Saint Johan* irrig statt *Saint Oein*. — Wegen *deboissiez* 25997, auch 10476 und 26073, s. Suchier, Denkmäler provenz. Litteratur (Glossar). — 26026 l. entweder *Icele devom aorer* oder *Cele devom nos aorer*. — 26044 *N'ai fait*. — Zu 26064—7 vgl. Dudo 291 . . . *mitte quamplurimos operarios ad excidendos lapides multasque calcis vivae fornaces compone*. — 26077 *blef* (: *nef*) = *bleu*; s. Settegast 37. — 26083 l. *Precioses*. — 26114 möglicher Weise *Si ne fu puis jor, ce lisons*. — 26128 l. *Resplendisseit*. — 26138 vielleicht *Eu en lui out des plus plainz*; vgl. T. — 26157 l. *jel vos* oder *je l'os*. — Benoît, ein Zeitgenosse Heinrichs II. von England, hatte Recht, wenn er 26198—9 sagte: *N'ert pas Charles, si cum je vei Encor au jor ennoint a rei*. Der erste französische König, der den Namen Karl führte, war erst Karl IV. wieder, der dritte Sohn Philipps des Schönen (1321). — 26213 l. *unc* statt *un*. — 26224 ist vielleicht zu lesen: *U nul pechie n'out cui qu'eu tart* (: *Richard*); vgl. T. Der Text hat *tarst*, ebenso 32522, eine Form, die Willenberg, Romanische Studien Heft XII S. 408 zu *targier* stellt. Allein es ist wohl eher *tarder* zu Grunde zu legen und *tarst* (für *tart* 3190) zu beurteilen wie das dort S. 404 angeführte *eswarst*. Doch läßt sich das schon von Diez Gr. II 233 genannte *herbert* (von *herbergier*) anführen, z. B. Flore u. Bl. 1582, 1589, Atre per. 1908. — 26236 l. *Mais que od force qu'od amor* und im folgenden Verse mit T. *Li fist*. — 26298 l. *a venir*. — 26306 wohl *Dona del suen*. — 26330 ist *En tant* zu lesen und nach 26333 ein Komma zu setzen. — 26350 l. *piete*; vgl. Stock 470. — 26392 l. *gent*. — 26466—7 *N'est nule genz de nul ae Dunt il ne seit plaint e plore*. — 26489 *plataine* „Grabstein“; s. Michels Glossar, wo auf Du Cange verwiesen wird. Hier sind zwei Stellen aus den Roman de Troie angeführt, an welchen das Wort sich gleichfalls findet. — 26518 l. *Or*. — Nach 26626 fehlt ein Vers; T. bietet ihn. — 26705 l. *Dunt lor bestes en sunt menees*. — Unter *graverens* 26720 sind Beamte zu verstehen, denen die Verwaltung der Steueraufgaben und Abgaben obliegt, entsprechend *gravaringus* bei Du Cange. Vergl. Rou II 667 zu 2011. — 26737 *homece* „Männlichkeit“, von Godefroy noch durch eine weitere Stelle belegt. — 26748 l. mit T. *N'ierent si mais lor les devices*. *devise* = prov. *deveza* für *devedada* (vgl. Raynouard, L. rom., Paul Meyers Glossar zu Flamenca, *devesia* bei Du Cange); gewöhnlich altfrz. *devese* (La Curne, Godefroy) „verbotener Platz, Schonung, Weide“. Vergl. *defois* Diez E. W. 444. — 26769 l. *d'eus* statt *deus*. — 26785—6 *conte : honore*. — 26791 *Des or*. — 26825—6 *Des garez en i out de quiz : N'i out si jofnes ne si veiz* kann schon des unstatthaften Reimes wegen nicht richtig sein. Möglicher Weise ist im zweiten Verse zu lesen *N'i ert si*

granz ne si petiz. — S. 396 Überschrift l. *revela* statt *releva*; Michel: *rebela*, allein *reveler* (*rebellare*) ist die gewöhnliche altfrz. Form. — 26886 l. vermutlich *E tant qu'a plusors d'eus s'en plainst*. — 26894 l. *Que tut*. — 26988 l. mit T. *En mainte sen*; s. zu 17633. — 27016 Wegen des Waldes von *Vernei* s. Rou II 658. — 27096 *Liseuis* = *Lisevis*. — 27123 *Que en lui*. — 27152 scheint Michels Verbesserung richtig zu sein: *Sire mostrez que je vos seie*. — 27248 l. *vieilles*; vgl. Rou II Vers 1097 ff., Rom. Forsch. II 487. — 27298 l. *seie* statt *sui*; vgl. T. — 27384 *mile*. — 27515 *sodement* statt *sodément*. — 27534 *Corbin* „Rabe“; s. Godefroy; auch Personennamen; s. Zeitschr. VIII 333, Mém. de la Soc. des Antiq. de Norm. XV, XVI. — 27542 l. *Quil* = *Qui li*. — 27589 l. vermutlich mit T. *Mei pese e il si durement*. — 27625—6 l. *plente: nonbre*. — 27670 ist statt *Od assez poi de compaignie*, da *de* in T. fehlt, eher zu lesen *Od assez poie compaignie*. — 27690—4 sind nach T. zu verbessern. Der Dänenkönig Swen sagt dem Herzog Richard *E lui e la sue gent tote Vout vers lui estre en bone amor Cum unt este si ancestor; Ce quert e vout e ce demande Cum que li affaires s'espande*. Im Folgenden ist der Text jedoch verderbt und wird auch durch Einschaltung des ausgefallenen, aber in T. vorhandenen Verses nicht besser. Man könnte versucht sein zu lesen 27695 ff. *Tot eissi cum li duc l'unt fait De Rou descendu e estrait Normant tuit per e comunal Que tort ne damage ne mal Ne lor vienge*; allein vor 27695 scheint etwas zu fehlen. Zur Not liefse sich freilich der letztere Vers auf das 27678 Gesagte beziehen. — 27731 l. vielleicht *Ne riens*. — 27795 etwa *Od sa femme e od ses dous fiz*. — 27808 l. wohl mit T. *encontre*. — 27812 l. *Alvarez ses nevoz*, *Ewarz*; s. zu 24933. — 27927. Statt *Alvarez* l. *Alrez*, dsgl. 27994, 28043, 28052. — 27982 l. *Quant sis out vencuz reis Chenuz*; ebenso *Chenuz* 28006. Vgl. 28046, 28705. — 27990 l. *effree*. — 28024 *Hardez Chenuz*. — 28026—7 *s'erite: corone*. — 28034 ff. ist unter Zuhilfenahme von T. folgendermaßen zu lesen: *Si fu la lignee espandue Qui de Rou esteit descendue Si fu montee e eshauee Qu'ui uncor n'est de rien baisiee Qui (= „vielmehr“) en sa tres plus grant honor U eu (= el) fust unques a nul jor; Assez set tote genz coment*. Letzteres geht auf des Dichters Gönner Heinrich II. — 28059. *Chenuz* als c. obl. ist hier durch den Reim gesichert, daher auch 28046, 28064, 28072 — an den beiden letzteren Stellen l. *Harde Chenuz* — zu belassen. — 28140 l. vermutlich *Dedenz la terre*. — 28145 ist *pierres* in *perrieres* zu bessern. — 28147, 35973 *soros* neufrz. *suros* eig. „Überbein, Geschwulst, Geschwür“, so La Riote du monde S. 2 *Est-il sains?* — *Nenil. On le meteroit en fierire*. — *Je di s'il est sains de gales et de soros*. — *Il ne se plainst onques a moi de maladie qu'il eust*. Vgl. Michel zu dieser Stelle (Seite 12). S. auch Scheler zu B. de Condé (S. 456). An den beiden vorliegenden Stellen bei Benoît steht das Wort in übertragenem Sinn „Verdrufs“. In derselben Weise wird prov. *sobros* gebraucht, z. B. von Bertran de Born ed. Stimming 8,32, dsgl. it. *soprosso*, span. *sobrehuoso*. — *estorcoc*

28164, 34311, *estercos* 31968 „ausweichend, Ausflüchte suchend, widerspänstig“ von *estorce* „Ausflucht“; s. Godefroy. — 28237 l. *Eïssil greent*. — 28257 *bon*. — 28314 l. *D'escuz, de tros, de chevaliers*; vgl. T. — 28375 *Escrie i fu* „Deus aie!“ — 28431 ist der Text verderbt; T. hat *Ou d'estancher ou de cester*. Das Richtige scheint *de cesser* zu sein. — 28483 l. *guert* von *guerpir*. — 28498 l. *garde*. — 28508 *Empresse e reschigne e abaie*; vgl. T. und Michel. — Mit dem rätselhaften *latui* 28522, *latuiet* 28539, kann kaum etwas Anderes als die Schäferhütte oder der Schäferkarren gemeint sein. Sollte das Wort mit *Latte* zusammenhängen? — 28547 l. mit Michel *Ca hei*. — 28553 l. *nes* für *les*. — 28567 ff. ist die von Michel vorgeschlagene Interpunktion in den Text aufzunehmen. — 28606 l. *quel compaignie*. — 28612 *D'iceste perte e d'iceste honte* ist zu lang, wenn das *h* von *honte* nicht als stummes angesehen werden soll. Vielleicht *De ceste perte e ceste honte*. — 28643 l. *ne tient*. — 28667 l. *ajuer* statt *aïdier*; vgl. Settegast 30. — 28732-3 l. *assemblément : ajostement*. — 28792-3 wegen des Reimes *regretez : preïsez* vgl. Stock 469. — 28862 l. *grant esgart* und im folgenden Vers mit T. *Puis unt mande au duc Richart*. — 28865 zu *Coudrei* vgl. Rou II 664. — 28965 ist statt *Bernart* und 29538 statt *Richart* zu lesen *Reinalt*. — 28974 l. *bones murs*. — 28990 *Fon Ion* 28990, 38461, *Idon* 24945 = *Eudonem*; vgl. Mall, Computus v. Phil. v. Th. S. 23. — 29004 nennt Benoît die Grafschaft Talou ungenau *la terre entre Chauz e Pontif*; s. Rom. Forsch. II 489. — 29016 vielleicht *Iceo vos puis bien dire e os* oder *Ceo vos puis je bien dire e os*. — 29056 vermutlich *Ne le tens ne l'ore n'en sai*. — 26061 l. *S'est or*. — Nach 29068 fehlt ein Vers; T. bietet ihn. — 29071 l. *Eïssil*. — 29200 ist statt *aise* zu lesen *ainse*; vgl. T. Derselbe Fehler weiter unten 29565, 29868. — 29206 l. *fonde*. — 29220 hat *decliner* die Bedeutung „zu Ende bringen, vollenden“. — 29346 l. *jel* statt *je le*. — 29430 l. *Hom*. — Zu 29504 vgl. T. und zu 23714. — 29551 l. *ferlie* und im folgenden Vers *Si qu'eu* (= *que il*) *ne l'en perneit pitie*. — 29560 l. *l'i*. — 29561 l. *qu'eu* (= *que el*); vgl. Michel. — 29565 s. zu 29200. — 29581 l. *Des or* oder *qu'a pris*. — 29603 l. *Tant veissele* (vgl. zu 19921) oder *Tante veissele e veir e gris*. — 29658 wohl *U defense*. — 29742, 32468 *chatien* = prov. *captenh*. — 29819 ist statt *oïz : vieuz* zu lesen *euz : veuz* oder *ieuz : vieuz*; dsogl. 30918-9. — Nach 29860 sind zwei Verse aus T. einzuschalten. — 29868 s. zu 29200. — 29952 ist *quoïement* mit T. in *quoïnement* zu verändern. — Nach 29983 fehlt ein Vers, den T. hat. — 30021 l. *Som* statt *Solom*. — 30125 l. *Od plusors maint buen marc d'argent*; vgl. T. — 30144 l. *mis pere*. — 30215 l. *uncor*; vgl. Rom. Forsch. II 493. — 30268-9 l. *Robert : cert*. — 30287 *qu'ert*. — *entronchie* 30296, von Michel im Glossar mit einem Fragezeichen versehen, gehört wohl ohne Zweifel zu *tronc troncon*, bedeutet jedoch schwerlich, wie Godefroy annimmt, „*séparé du tronc*“, sondern vermutlich „in Stücken aufgehäuft“. — 30330 l. *sis corages*. — 30340 l. *que*

il. — Vor 30515 sind einige Verse ausgefallen; s. Rom. Forsch. II 500. — S. 531 Überschrift l. *Huon* statt *Odon*. — 30524 l. *Raoul* und im folgenden Vers *D'Evreues ne mais lui tot soul*. — 30534 l. *pere*. — 30542 l. *Por chevaliers queus* (= *que les*) *i porchace*. — 30553 ist statt *C'um qu'i* zu lesen *Cum qu'i*. — 30611 l. *l'autre merciz*. — 30710 l. *Que al*. — 30744 *Sil*. — Nach 30754 hat T. zwei Verse mehr, die aber nicht entbehrt werden können. Die Lücke entstand dadurch daß der Kopist den zweiten dieser Verse mit 30754 deshalb verwechselte weil beide am Anfang Ähnlichkeit zeigen und zugleich der Reim derselbe ist. — 30769 l. mit Michel *C'um* = *C'unc*. — 30789 l. *poesteis*. — 30801 *Mult li meri*. — S. 541 Überschrift l. *Dol*. — 30808 *Ne vout sol plain pie de s'onnor* oder *Ne vout nul plain pie de s'onnor*. — Zwischen 30883 und 30884 sind zwei Verse ausgefallen; T. hat sie. Aus den Versen in T. geht nun hervor, daß von 30880 an folgendermaßen zu lesen ist: *Toz mande a armes les barons E s'a chevaliers tant semons E autres genz cum il plus pout E ses amis ou qu'il les out; Mult en out de plusors semblanz: De la venjance desiranz E od mult grant chevalerie Chevaucherent en Normendie*. — Nach 30891 bietet der Text eine größere Lücke, die durch T. ausgefüllt wird. Sie scheint dadurch entstanden zu sein, daß 30891 und der Vers, der vor 30892 stand, mit demselben Wort *mais* beginnen. Der erste Vers des Passus in T. ist aber verderbt und es ist vermutlich zu lesen *Ainz qu'il viengent demain al seir*. — 30892, 30905, 30947, 30991 l. *Auverez*; s. zu 24933. — Nach 30905 ist eine weitere Lücke, die T. ebenfalls glücklich ausfüllt. Zu lesen ist hier aber im dritten Vers *lor* statt *li*, im vierten *Ainz qu'il reviegne*; vgl. 30926. — 30918—9 s. zu 29819. — 30936 l. *S'iert*. — 30943 vielleicht *N'en esparniez seit uns toz sous*. — 30944 l. *Or*. — Nach 30997 folgen in T. zwei Verse, die in den Text aufzunehmen sind: *Quer a toz les plus sojornez Raie le cler sanc des costez*. Dann heißt es weiter: *Après ces pensez doleros, Morz e vencuz e angoissos Fu ja creuz tant lor esmais Que deromp(e)u sunt a un fais*. Der erste dieser Verse ist schwerlich richtig so. Vielleicht: *C'après trespensez, doleros*. — Nach 31013 hat T. noch vier Verse mehr, dsgl. noch zwei Verse mehr nach 31019. — 31015, 31182 *Redons*, 38462 *Redon*, eine halb lateinische Form (*Redones*), sonst *Rednes* 7721, jetzt *Rennes*.¹ — S. 548 Überschrift l. *Robert* statt *Guillaumes*. — 31022, 31046 l. *Soens* wie T. hat, oder *Suens*, das durch den Reim 31046 gesichert ist. — 31027 l. *Auverez*; s. zu 24933. — 31037 l. *Ceo u haut hom* oder *C'u haut home*. — 31042 l. *S'aveit*. — 31044, 40696 zu *lai* = *lait* s. Stock 478. — 31053 l. *Mais or*. — 31097 *sodement*. — 31114 l. mit Michel *port preissent*; vgl. Rom. Forsch. II 484. — 31146 l. *qu'i porreit*. — 31156 *vize*. — 31215 *dessevrance*. — Nach

¹ Ebenso wird *redne* (von *retinere*) I S. 109 V. 804, 16580, 21834, 36946 zu *renne*. Häufiger ist *rene*, auch *regne* geschrieben (unter Anlehnung an *regnare*) und sehr gewöhnlich *resne*, daher neufzr. *rêne*.

31221 scheint etwas ausgefallen zu sein. — 31230 l. *Par enveiseure*. — 31231 s. zu 15925. — S. 558 wird erzählt, daß der Vater der Harlette bei seiner Weigerung dem Herzog Robert seine Tochter zu überlassen, beharrt hätte *Ne fust un suen frere, un sainz hom, Qu'il out, de grant religion, Qui'n Gouver out son ermitage Qui li destoli cume sage, Senz faille l'en eust foie* „der ihn verständiger Weise davon abbrachte; ohne Zweifel hätte er sie geflüchtet“. Unter *Gouver* ist vielleicht der Wald von Gouffern zu verstehen, der sich nordöstlich von Argentan hinzieht, also nicht eben weit von Falaise. — 31309 l. *Ne seit d'os ne nule parlance* oder mit Michel *Ne seit de vos ne reparance*. — 31327 wohl *Tant en ert l'onor maire meie*. 31337 l. *qu'el*. — 31392 l. *nel fist*. — 31431 l. *a nesun* oder *a negun for*. — 31435 l. *Des or*; dsgl. *or* 31437, 31496, 31775. — 31452 l. *qu'aveit*. — 31542 l. *eschaucera*; vgl. Rom. Forsch. II 496. — 31546 l. *Qu'en ne*. — 31612 l. mit T. *queinement* statt *coment*; s. zu 20813. — 31643 l. *D'aveir e sage e buen seignor* oder mit Michel *D'aveir un sage e buen seignor*. — 31661 zu dem Reim *servige: lige* s. Settegast 36. — Zu 31729 ff., wo der Gedanke ausgesprochen wird, daß diejenigen, welche nach dem heiligen Lande wallfahren, nach ihrer Rückkehr oft noch ärger sündigen als vorher, vgl. Roman de Renart I 40 und 278. — 31743 s. zu 21519. — Der zu 31768 gehörende Vers fehlt in beiden Handschriften; vermutlich hat er sich vor jenem befunden und mag folgendermaßen oder ähnlich gelautet haben: *Trestot mel a neient e quasse*.

III. Band.

V. 31788 l. mit T. *E tante mal*; s. zu 17633. — 31800 l. *Que de terres, chasteaus e feus*. — Nach 31845 fehlt ein Vers, den T. hat: *Qui enz eu cuer li deost e saigne*; l. *doelt* oder *dell*. — 31889 l. *C'ert li quens d'Uismes Gileberz*; vgl. 31892. Daß *Uismes* ein Irrtum Benoît's ist, indem er *Ocensis* (= *Aucensis*) bei Wilh. v. Jumièges für *Oximensis* gehalten, ist Rom. Forsch. II 526 bemerkt worden. — 31905 l. *porriez*. — 31987 *neentel* „nichtig“ von *neent*; auch Roman de Troie 12021. — S. 11 Überschrift l. *Herlewin*; vgl. 32087. — 32200 l. *L'i*. — 32202 ist *jure* entstellt aus *joure*, wie T. hat (*joure* auch I S. 95 V. 369, 393, S. 116 V. 980). Der Text bietet hier überall *jofne* (vgl. 31807). In Betreff der verschiedenen Formen, in denen lat. *juvenis* im Altfrz. auftritt¹, s. Foerster zu Aiol V. 132, G. Paris Romania X 52, 53, XII 196, W. Meyer Ztschr. VIII 237. — 32225, 38406 *feimentie* statt *feimenti*, 8538 durch den Reim gesichert, dsgl.

¹ Mit *joule* (Hystore de Julius Cesar XXI, Fierabras S. 134), *joure juevre joenvre* (Mont Saint-Michel 1461; s. Huber in Herrigs Archiv 76 S. 167, 318), *gembles giembles yembles* (Romania XI 624) ist zu vergleichen *Esteule* (Hystore de J. Cesar a. a. O.), *Estievre* (Benoît 35051, 40096 T.), *Estenvre Estienvre Esteinvre* (Est. de Foug. V. 1321, 1338, Mont Saint Michel 65; s. Huber a. a. O. 318), *Estiembles* (Romania XI 49) = Stephanus.

9673, 14426 kommt auch sonst oft vor; so R. de Renart I 33, 250, 332, 366, II 267, Trouvères belges 26,2; s. Foerster Chev. as deus espees S. 421 zu 11494, Aiol zu V. 857. — 32240 l. *alumes : craventez*. — 32251 vielleicht *E tut si'n i naissent cent mil*; vgl. T. — 32276 l. *tut* beide Male. — 32359 *sodement*. — 32418 *voidie*. — 32572 *Li quens de Boloigne Engelrans* ist ungenau. Der Genannte war Graf von Ponthieu; s. Rou II 680 zu 3512—3. — 32654 l. *Guillaume*. — 32755 Die Form *Davi* (vgl. Stock 478) wie hier durch den Reim gesichert auch Reimpredigt Strophe 49, 120 und im Anhang ebd. Strophe 80, 96, Roman de Renart II 24, 179, Auberi 145,12. — Wegen *rabaster* 32806 s. Diez E. W. 662. — Von dem seinen Verfolgern enteulenden Herzog Wilhelm heißt es 32884 *Par lieus gee (= guee), par leus roteie*. Die Stelle scheint so richtig zu sein, *gee*, wie schon Michel angiebt = *guée*; *roteie* vermutlich „reitet auf der Landstrafse, auf dem Fahrweg“. — 32912 ist wahrscheinlich zu lesen *Par Rie, une vile champestre*; s. Rom. Forsch. II 527 Anm. 1. — 32947 l. *Or gar*. — 32951 vielleicht *Treslot autresi cum a De*. — 32962 l. *M'eussent*. — 32965 *uncor*. — 33077 *Guillaume*. — 33099 vielleicht *plus maudient*; s. Rom. Forsch. II 520. — 33127 l. *puisse*. — 33200 verbesserte bereits Michel *l'Eison* in *Leison* (s. III 873), allein auch *Averenches* im folgenden Vers ist unrichtig und zu lesen *Argences* wie 33263, 33280; s. Rou II 684, Rom. Forsch. a. a. O. — 33282 ist das *h* von *heaume* als stummes behandelt, s. Rom. Forsch. II 521; ebenso 33305, 36426, 37175; vgl. S. 232 zu 703. — 33388 l. *mau le fereiz*; *mau* aus *mal* = *mar*. — 33408 *deceu* „betrügerisch“; s. Tobler, Zeitschr. V 187. — 33441 vermutlich *E par les gros des cors passees*. — 33475 ff. vielleicht *Mais enbatu sunt en teu plait Dunt il auront des lor(s) entvers Cent par le champ pales e pers*. — 33528 l. *Co ert*. — 33544 l. *C'est s'enseigne soventes feiz*. — 33574 l. *cume*. — Der Punkt nach 33600 ist durch ein Komma zu ersetzen. — Zu dem Kopistenfehler *vijs* für *vis (visum)* 33602 s. Stock 487. — 33669 *la pene de l'escu* „der oberste Teil des Schildes“; s. P. Meyer, Romania II 202 und vgl. Roland 1298, 3425. — 33691 l. *mil* und mit T. *just* statt *fu*. — 33700 hat *esloignier* faktitive Bedeutung „hinter sich lassen, verlassen“, wie bereits Scheler, J. de Condé I 412 bemerkt hat. Ebenso R. de Renart II 404: *Tant ont erre par la forest Qu'il ont esloigne grant partie*. — 33741 *Kar nus n'i prent de sei retor* „denn Keiner entschädigt sich da“. Jeder sucht nur noch sein Leben zu retten, und denkt nicht mehr daran für den Schaden, der ihm zugefügt ist, am Feinde Rache zu nehmen. — 33897 l. *oeuvre* (: *Lingevre*). — S. 72 Überschrift l. *Godwine* wie 34013. Der Name *Ewine* kommt weiter unten vor (37918). — 33922 *Hardechenuz* als c. obl.; vgl. zu 28059. — 33924—5 l. *Alre : Auvere*; s. zu 24933. — 33933 l. *C'unc coile*. — 33940 l. *Auvere*; s. zu 24933. — 33952 *Barbeflo = Barfleur*. — 33960—1 sichert der Reim *merveilles : veilles* die Erweichung des *l* in lat. *velum*. Vgl. noch die Reime *veilles : drescees* I S. 49 V. 1279—80, *veiles : esloigniez* ebd.

S. 121 V. 1139—40, *neiez : voilies* 38912—3, die zwar nicht völlig beweiskräftig sind, da Benoît ja zuweilen *e* und *ie* mit einander bindet, s. oben zu 19326, 28792, ferner 42133. Im Innern des Verses *se reveilla* 27985, *se voillierent* 40407.¹ S. auch Settegast 29, 33, Stock 475. Oft kommt lat. *candela* altfrz. mit erweichtem *l* vor, z. B. in P. Meyers Documents ms. S. 239, Roman de Renart I 25 (*s'esveille : chandelle*), 155 (*merveilles : chandeilles*). Weniger auffallend ist die Erweichung bei *esteille*, da hier ja im Lat. *ll* vorliegt (*stella*). Diese Form, die schon Mall (Computus 77), als eine zu Recht bestehende Nebenform von *esteile* auffasst, ist im Mystère d'Adam ed. Palustre an drei Stellen durch den Reim gesichert: S. 120, (: *vermeille*), 124 144 (: *merveille*). Zwei dieser Stellen macht schon Stock a. a. O. namhaft. *veille* steht auch in einer Handschrift des Guigemar der Marie de France (ed. Warnke S. 11 V. 159. Vgl. noch Apfelstedt, Lothr. Psalter XXXVII, Cloetta, Poème moral 94.— 33997 l. *de puis*. — 34002 l. *Auvere*, ebenso 34017, 34050, 34088; s. zu 24933. — 34033 wohl *Si'n ama mult le rei Godwine*. — 34081 l. *Qu'eissil voleit*. — 34156 *l'encriesme*. — 34210 vielleicht *E mist peine plus que de sei*. — Dafs 34265 der Text von Wilh. v. Poitiers abweicht, ist Rom. Forsch. II 512 angemerkt worden. — 34341 ist statt *od* zu lesen *oz*; vgl. T. Derselbe Fehler wiederholt sich weiter unten 40454, 41320. — Nach 34354 fehlt in beiden Handschriften ein Vers; vielleicht: *Cument al duc seit plus contraire*. — 34377 l. *osassent*. — 34436 l. *al siege*. — 34439 l. mit T. *Qui*. — 34442 *Si l'ost*. — 34457 *laisse*. — Von dem seltsamen Versehen, das Benoît 34500 begangen hat, ist die Rede gewesen Rou II 687 Anm. 1. — 34607 l. *c'iert seu*. — 34621 *l'i osent atendre*. — 34735 *Mult poièreit al duc son pris*; vgl. T. — 34773 *Ne fu veu joies si grant*; s. zu 15299. — 34783 wohl *les chaafauz*. — 34824 l. *por reison*; vgl. Rom. Forsch. II 507. — 34859 ist *gard* zu bessern in *gar*, wie 34926 steht. — 34869 l. *vizes*; so auch Michel später. — 34876 l. *lui*. — 34925 *iteu plait*. — 34937 *En Puille*. — 34941 *Si ceus*. — 34943 ist natürlich statt *frere* zu lesen *pere*, wie schon aus dem Gegensatz zu *mere* (34945) folgt, entsprechend Wilh. v. Jumièges 277 B. — 34961 l. *Ses osz mena Ou assaer*, — 34963 l. *De ci qu'il l'out*. — 34991 *Qu'il preist femme de haut parage* ist zu lang; vermutlich *d'aut parage*. — 35045 l. *l'autre Aeliz*. — 35056 *rissirent*. — 35063 etwa *Qui les fundes ou n'en quels leus* oder *Qui les fundeurs n'en quels leus*. — 35079 l. *deveee*. — 35085 vielleicht *Que ja n'en iert faile sofrance*. — 35122 und 35124 hat Michel später richtig verbessert; 35125 l. *pis* statt *puis*. — 35152 l. *neu*. — 35263 l. *S'em*. — 35282 l. *conquere* oder *conquiere*. — 35397 *Qui n'i aveit ne freins ne seles*. — Zu dem Irrtum Benoît's V. 35429 vgl. Rou II 693 zu 4927, Rom. Forsch. II 527. — 35475 l. *pitiz*. — 35537 l. *Que cels*. — 35577 l. *Bien mostrel livre*; s. zu

¹ Es liegt nahe bei diesen Schreibungen Beeinflussung von *veille* (*vigilia*), *veillier*, *reveillier* anzunehmen.

15728. — 35603 l. vermutlich *Od ost*, s. Rom. Forsch. II 525. Die Konjektur wird durch den Umstand gestützt daß *od* für *ost* *oz* auch sonst im Text vorkommt; s. zu 34341. — 35651 l. *qu'out*. — 35657 l. *Herbert*. — 35696 *de pis*. — 35713. *Gauter de Maaine* ist ein Irrtum wohl schon des Verfassers selbst; vgl. Rou II 695. Das Richtige, *Maante*, würde auch in den Vers passen. — 35738 l. *Mais por quei si fu apele*; vgl. T. — 35774 ist das Semikolon zu tilgen und 35775 die Lesart von T. aufzunehmen. — Nach 35778 hat T. zwei Verse mehr, die aber interpoliert zu sein scheinen: *Cist ne damagerent pas pou La terre au buen conte d'Anjou*. Jedenfalls ist *buen* unecht. — 35805 l. *tres beles riens*. — 35813 l. *C'um* oder *C'unc*. Das Komma nach *aage* ist zu tilgen. — S. 141 Überschrift *as guez de Vire* ist unrichtig; l. *as guez de Dive*; s. 35868. — 35867 l. *o eus n'estrive*. — 35869—75 sind unter Änderung der Interpunktion folgendermaßen zu gestalten: *Ne finassent desqu'a la mer; Que sis laissast en paiz aler, S'il ce peussent acomplir, Au repaire n'au revertir N'eust deshet mes los e gloire E si essaucee victoire C'unc n'ierent diles tex bobances*. — 35897 l. *sages*. — 35915 vermutlich *N'oié fu*. — 35931 ist vielleicht *genz* zu tilgen oder T. zu folgen. — 35973 s. zu 28147. — 35983 bezeichnet Benoit die Frau Heinrichs I. von Frankreich irrtümlicher Weise als *filie al rei de Hungrie*; Wilh. v. Jum. sagt *Rugorum*. — 36005 l. *Ne asous n'acomunie* oder *N'asous ne acomunie*. — 36027 l. *cume*. — Nach 36100 fehlt ein Vers; T. hat ihn. — 36113 l. *tel haine*. — 36152 *Cel d'ous* oder *Cel d'eus*. — 36207 *soussis* „Abgrund“; prov. *somsis*; s. zu 25144. — 36219 l. *Orribles*. — Wegen der Interpunktion 36314 ff. s. Michel; 36317 wird außerdem zu lesen sein *Qu'on* statt *Qui*. — 36359. Mit Bezug auf *Gegaterne* s. die Rom. Forsch. II 526 aufgestellte Vermutung. — 36360 l. *frere*. — 36443 *reregna* „regierte seinerseits“. So richtig Michel (Glossar). — 36470 l. *C'um*; vgl. Michel III 874, oder *C'unc*. — Zu *Petredede* 36475 s. Rom. Forsch. a. a. O. — 36488 l. *Qu'icil*. — 36566 l. *Sempre*. — 36584 *Od oz*; s. Michel. — 36587 *torcenos* (*torconnos* T.) = *tortionosus* „Unrecht tuend“, s. Michels Glossar, *estorcenos* 36560 = *extortionosus*, letzteres der Bedeutung nach = *estorcos*; s. zu 28164. — 36597 ist das *h* in *Heraut* als stummes behandelt; s. hierüber S. 241 zu 9914. — 36678 ist mit T. zu lesen *N'a en pense que plus l'en face* und das Folgende vielleicht also zu ändern: *Ne mais c'ume au siecle plus hace Qu'il fera lui tote sa vie*. — 36687 l. *conquere* oder *conquiere*. — 36694 *Moreloing*. — 36846 l. *reis*. — 36874 ist *Conains* statt *Alains* zu lesen (vgl. 36946, 36980); dsgl. 36882. So schon Michel. Vgl. Rom. Forsch. II 526. — 36893 l. vermutlich *Dunc n'est granz joies ne granz biens*; s. zu 15299. — 36899 l. *Dunt l'ies fait sire e avoe*. — 36902 *Westmostier* irrig statt *Vinmostier*; trotzdem Wilh. v. Jumièges (286 B.) sagt *Winnusterium in Normannia*, s. Rom. Forsch. a. a. O. — 36905 s. zu 21519. — 36940 l. *Conain*; s. Rom. Forsch. II 508. — 36994 l. *lornee*. — 37011 *grant jent* oder *granz jenz*. — 37016 zu *Li quens Hugues li mareschaus* vgl. Rom. Forsch.

II 524 Anm. 2. — 37021—2 sind mit 37020 zu verbinden; sie beziehen sich auf Wilhelm von Varenne. Über ihn s. Rou II 720. — 37024 l. *ore none*. — 37057 *message*. — 37070—1 sind mit T. umzustellen und wohl folgendermaßen zu gestalten: *Onc poples teus ne fu jostez Ou plus a de cent mile armez*. — 37074 l. *gar*, wie 37077, 37154. — 37087—92 lauten *Qui Damne Deu trait a garant Qui il conduit e tient e maine Qui juste cause a dreite e saine En liu d'aveir, honor e gloire, Valor e puissance e victoire Deit bien aveir, s'en lui a fei*. Die Stelle ist verderbt und zwar steckt der Fehler in der vierten Zeile. Es ist zu lesen: *En lui de veir honor e gloire*. — 37096 l. *conquerrai*. — 37162 *riche*. — 37168 *Au duc n'ai ne m'i sui enpris*. — Zu 37192—3 vgl. die Konjektur Rom. Forsch. II 509 Anm. 4. — 37207 l. *tenerges*; s. ebd. — 37217 *Des or*. — 37246 *hobelez* heißt vermutlich „Humpelrei, Unentschlossenheit“; vgl. engl. *hobble*, altengl. *hobbelen* „humpeln“. — 37252 l. *recevront*. — 37314 wohl *a rais vermeilz*. — 37322 Zu *panceil* (von *pance*) vgl. *vantroil* Yzopet zu 1290. — 37325 l. *En ierent ja dui mile pale*. — 37338 l. *miedi* oder mit T. *Ci qu'a hore de haut midi*. — 37392 l. *que il*. — 37414 *Dunc vint poignant quens Eustace* ist zu kurz, ebenso 37463 *Il e ses genz quens Eustaces*. Zu lesen ist entweder *li quens Eustace* oder *Eustace* (*Oiestace* T.). Letzteres mag das Richtige sein, da es nicht gerade wahrscheinlich ist, daß der Schreiber *li* beide Male ausgelassen haben sollte, vgl. 38313 und andere Fälle S. 232 zu 230. Ferner *hüaume hüaume* in Richart l. b. und Octavian (s. dort S. 153 bzw. V). — *diemaine* 37553, von Michel im Glossar als *dies magna* erklärt, ist eine häufige (s. Godefroy; vgl. noch Roman de Renart *Après la messe diemeine* I 186 neben *Après la messe diemenche* 187), im Computus des Phil. v. Th. sogar ausschließlicly vorkommende Form. Hier ist von einer Anlehnung an *magnus* beim Dichter nichts zu finden, wohl aber wird das Wort in Verbindung gebracht mit *demeine* 625, 2197. — 37555 ist wohl zu lesen *E fosse e tres espinoze*. — Wegen des Irrtums 37566 vgl. Rom. Forsch. II 527. — 37579, 37582 l. *Si tot*. — 37600 *sieu = si le*. — 37606 l. *Auvere*; s. zu 24933. — 37639 l. *vez*; ebenso 37651; an der letzteren Stelle hat bereits T. das Richtige. — 37730 l. *E si [li] livrent fiers ostages*; vgl. zu diesem Kopistenfehler zu 23049. — 37731 ist vermutlich zu lesen *Arcevesque ert donc Estiganz*, dsgl. 37796 *La vint l'arcevesque Estiganz* und 37802 vielleicht *Tant prie Estiganz ducement*. *Stiganz* in *Estiganz* zu verändern wird durch 38006 nahe gelegt: *Li arcevesques Estiganz*. — 37753 l. *ajuer* statt *aidier*. — 37952 l. *Qui esteient e faus e vains*. — 37984 l. *vize* mit T. — 38004 ist das Komma nach *li* zu tilgen. — Zu den Namen 38006—9 s. Rom. Forsch. II 514. — 38041 l. *seut*, dsgl. 38485 *veut* (: *Maheut*). — 38109 l. *Guerre*; vgl. Rom. Forsch. II 510. — 38161. *Baiues*. — 38286 l. *nel* oder *neu* (*nen* T.). — 38313 l. *Eustaces*; s. zu 37414. — 38322 l. *vos* statt *n'os*. — 38341 *Eu quer d'iver* „im Herzen des Winters“ d. h. mitten im Winter. — 38344 *Wincenesel*, bei Ord. Vit. II 178 *Vincenesium*, jetzt *Winchelsea*. T. hat irrig

Weise *Penevesel*. — 38390 ist mit Michel das Komma zu tilgen; ferner aber 38393 zu lesen *Que ja'n aient sa bienestance*. — 38398 l. *Petit e grant e bon e mal*. — 38434 *ci qu'en terre mere* „bis zur Mutter Erde“, d. h. bis auf den Grund. — (*h*)*ullage* 38453 alte Form mit erhaltenem *t* (ags. *átlaga*). *Cum* (*h*)*ullage* entspricht dem *modo piratarum* bei Wilh. v. Jumièges 290 A und Ord. Vit. II 189. — 38461 *lon* = *Eudonem* (Wilh. v. Jumièges a. a. O.); s. zu 28990. — 38508 l. entweder *fu* statt *fait* oder *E s'ert reine coronee*. — 38516 paßt nur *ornee* in den Vers, nicht *aornee*. — 38649 *Cantebruge* entspricht *Gronlebruga* bei Ord. Vit. II 185 = Cambridge. — 38654 l. *pire* st. *sire*. — 38661 l. *A Robert de Cumes le proz* wie T. hat. Vgl. Rom. Forsch. II 515. — Die Namen 38697 ff. nach Ord. Vit. II 188. — 38742 *E tant estruit d'or e d'argent* d. h. *E tant garnement, estruit d'or e d'argent*. — 38753 hat sich der Dichter im Reim *enemic*, also eine prov. Form, gestattet. Vgl. Stock 483. — 38766 l. *alendierent*. — 38774 *pis*. — 38782 scheinen unter *freres* die Henker verstanden werden zu müssen. — 38830 l. *Que* und *voel* oder *vel* (: *celestiel*). Vgl. Stock 456. — V. 38843 bekäme dadurch daß statt *Ewine* das richtige *Godwine* eingesetzt würde, eine Silbe zu viel; es steht zu vermuten, daß der Fehler auf Rechnung des Dichters zu setzen ist. — Die Länder- und Völkernamen S. 264 nach Ord. Vit. II 191. — 38903 l. *Norwiz*; vgl. T. — 38905 l. mit T. *Raols de Gader*; vgl. Ord. Vit. a. a. O. — Zu 38913 ff. und 38933 ff. vgl. Ord. Vit. II 192; *Galler* entstellt aus *Gallevus*. — 38943—4 ist vermutlich zu lesen *Tant troverent lances agues E tant saetes esmolues*; s. zu 19921. — *Muntagu* 38987 entspricht *Montem Acutum* bei Ord. Vit. II 193. Gemeint ist *Montacule* westlich bei Yeovil in Somerset. — 39003 l. *Cez*. — 39004 *bonaventuroses*; vgl. 38186. — 39056 l. *Paiene e cuverte el boschage*. — 39088 wohl *Ainz lez le bruillet d'unes plaines*; vgl. T. — Vor 39111 scheint etwas zu fehlen. — 39127 *brasholes* (*braholes* T.) wohl nicht „*broussailles*“, wie Michel und Godefroy angeben, sondern eher eine Ableitung von *brai*, also „schlammige, sumpfige Gegenden“. — 39197 l. *destruiemenz*. — 39219 l. *Queienement* mit T.; vgl. zu 20813. — 39230 l. *N'esparnoent*. — Zu 39231—2 vgl. Ord. Vit. III 222. — 39256 l. *Des or*. — 39287 l. *mut l'ost*. — Zu 39384 s. Rom. Forsch. II 517 Anm. 2. — 39392 l. *ajueres* statt *aidieres*; s. Settegast 30. — 39411 l. *Eissil voil* und 39413 *Qu'issil tiengent*. — 39419 l. *Cum jo ai fait*. — 39456 *S'eissil faites*. — 39464 Wegen *pardonables* s. Tobler zu *Vrai Aniel* 322. — 39471 l. *Cil qui tresloz les granz biens done* oder *Cil qui toz les granz biens nos done* oder *Icil qui toz les granz biens done*. — 39473 l. *qu'issieu voil*. — 39571 l. *enchartrez*. — 39681 *Tuit li plusor*. — 39702—3 wohl *Tant par fereies a despire*; s. Rom. Forsch. II 518, und im folgenden Verse *fol* statt *sol*. — 39713 führt *Que* in T. darauf daß zu lesen ist *Queu* (= *Que le*). — 39716 l. *Que le boillon*. — 39717 *Tost fenit tost trespasse* ist um zwei Silben zu kurz. Wahrscheinlich haben wir *tost fuit* einzuschalten, was der Kopist wegen der Ähnlichkeit mit *Tost fenit* vergessen

haben mag. Vgl. zu 23049. — 39754 l. *esteit bel e cler*, s. Rom. Forsch. II 519. — Zu 39757 s. ebd. Anm. — 39810. Wegen *De l'autisme* vgl. Stock 484. — 39821 l. *que a*. — Aus dem was der Dichter 39827 ff., 40969 ff., 41033 ff., 41763 ff., 41817 ff., 41830 ff. sagt, scheint hervorzugehen, daß er die Absicht hatte, auch noch die Geschichte Heinrichs II. und der Mutter dieses Fürsten, der Kaiserin Mathilde, zu bearbeiten. Vgl. auch Michels Einleitung I S. xxv. Oder deutet er das nur an, um sich in der Gunst des Königs noch mehr zu befestigen? — 39833 l. *S'ai je*. — 39851 *lesut* scheint verschrieben für *eslut*. — 39953 l. *Sunt*. — 39968 l. *E que a rei*. — 40016 l. *de pis*. — Unter dem 40093 genannten Grafen Wilhelm, über den der Herausgeber nichts bemerkt, haben wir ohne Zweifel Wilhelm II. von Eu zu verstehen, den Heinrich I. später (1096) wie so manche Andere in grausamer Weise verstümmeln ließ. Vgl. Ord. Vit. III 411. — 40115 l. *Por veir deus-ent entr'eus deus* oder *il entr'eus*. — Nach 40116 scheint etwas zu fehlen. — 40141 l. *N'ou meins n'oust*. — 40147 *Qu'isil garda*. — 40149 *C'um*. — Zu 40186 vgl. Rom. Forsch. II 534 Anm. 1. — 40208 *La seignorie de Norméandie* ist zu lang: vermutlich *Le seignorie*, vgl. 40235. — 40219 l. *Herbert*; vgl. Wilh. v. Jumièges 294 D, schon von Michel später verbessert (III 874). — 40229 l. *d'Elie*. — Von den Versen 40250—1 *Preecha tant a tote gent L'alee tant de Jerusalem* ist der zweite zu lang. Michel änderte: *L'alee tant d'Ierusalem*; allein es ist wohl eher *tant* zu tilgen: *L'alee de Jerusalem*. — 40264 l. *les munz* d. h. die Alpen, vgl. Rom. Forsch. II 530 und 41792. — 40291 l. *ravra*. — 40378 l. mit T. *lee* statt *nee*. — 40456 l. *acostume*. — 40478 l. mit T. *Quel reis Henris*; s. zu 15728. — 40524 l. *haor*. — 40597 und 98 wird statt *od* zu lesen sein *out*. — 40618 ist das Komma nach *furent* zu tilgen: „ganz allein waren sie Beide noch nie“. — 40622 l. *Que*. — 40624 wohl *A oie l'avision*. — 40641 l. *Qui sil*; vgl. T. — V. 40678—80 *Cist sunt membre de Jesu Crist E qui cez laidist e engraisse De mortel viande s'engrafi]sse* ist das erste *engraisse* (= *engresse*) von *engresser* „angreifen“ (s. Scheler, Jean de Condé I 429), das zweite von *s'engraisser* „sich mästen“. — 40709 *Escrieme si ne t'espoent* scheint entstellt zu sein aus *En crieme sui, ne t'espoent*. — 40769 l. *nel* statt *nes*, denn der Bischof hat den König bereits wieder verlassen; s. 40751—2. — 40770 *saintisse* ist eine gewifs richtige Verbesserung Michels. *saintir* bedeutet hier „heilig werden“ (s. Glossar), sonst auch „heiligen“ B. de Bouillon 521; s. Scheler zu der Stelle (S. 247) und „heilig sprechen“ Mont-Saint-Michel 2486. Daher *saintissement* im Leben des h. Thomas ed. Bekker fol. 77^b Str. 2. — 40773 l. *fiereient*. — 40797 *aceinte* „Umkreisung“, wie neufrz. *enceinte*; *faire les enceintes* „das Wild einkreisen“. Vgl. 18181 *De loing l'aceint e acembele* „von Weitem umkreist er ihn und lockt ihn an“, das Bild vom Vogelsteller hergenommen. — 40798 *as fuz* entspricht, wie auch Michel meint, dem neufrz. *à l'affût*; vgl. Littré unter letzterem Worte — *mes* 40801 und in der von Michel mitgeteilten Stelle aus Gai-

mar heißt „Ziel“; s. Marie de France ed. Warnke 225. Das Wort fehlt bei Godefroy. — 40820 l. *Que il*. — 40838 l. *Tot eissieu truis*. — 40860 l. *Enz en l'ore*. — 40923 l. *e quieu servirent*. — V. 40950 *S'en fu Sainz Anseumes repairie* ist wohl *s'en* zu tilgen. — In dem um eine Silbe zu langen Vers 40968 *Gente e de mult avenante faicon* ist vielleicht nur *mult* zu streichen, möglicher Weise jedoch zu lesen *Gente ert e d'avenant faicon*. — 40970 l. *la matire* — 41028 l. *E qu'a* oder *Qui a*. — 41053 l. *E esturmans*, ebenso 41055 *E chers aveirs*. — 41106 l. *Que* oder *Cum*. — 41133—5 *Ne m'est pas avis cil seil sage, Se li avient un gref damage, Por cel s'en face traz e tanz* ist unverständlich. ·Etwa *Por cel s'en face treis itanz* (nämlich *damages*)? — 41172 l. *lui desgajer*. — 41178 *Par poi nen est*. — 41184 *Ne l'i*. — 41192 *as porz*. — 41214 *mile*. — 41227 *la concordance* verschrieben für *l'acordance*. — 41244 l. *n'enchee*. — 41245 *avoir* als Reflexivum „sich verhalten“ vgl. Hystore de Julius Cesar 261, Froissart, Poésies II 36,1216. — 41263 vielleicht *Choses mult par laides a faire*. — 41304 l. *Tenerchebrai*; s. Rou II 774. — 41340 l. *a dessu*; s. S. 355 zu S. 262 Überschrift. — 41389 l. *a cante*; s. zu 23207. — 41398 l. *cum*. — 41408 giebt Benoît den Tag der Schlacht von Tinchebray ungenau an, wenn er sagt *Si fu li tens de la bataille En oilovre tot dreit senz faille*; s. Rou II 775. — 41426 l. *homes*. — 41445 vielleicht *Eissi par sa tres grant simplece* oder *Mais eissi par sa grant simplece*. — 41458 l. *S'out*. — 41463 *sis corages*. — 41468 l. *sage*. — 41484 *Loewis*, dsgl. 41528, 41860. — 41531 *lau* = *la le*. — 41534 l. *lores* oder *nen ert*. — 41538 *dure*. — 41576 *Burc Toroude* = *Le Bourg-Téroude* nicht weit westlich von Elbeuf. — 41583 *Watevile* = *Valteville-la-Rue* südlich bei Caudebec, aber am andern Ufer der Seine. — 41614 l. *Li reis lor terres e maneirs*. — 41628 ist das *e* zu tilgen. — 41690 l. *Que*. — 41692—3 vermutlich *Cele ovre e honte e iceu lait Manda estreit a ses justises*. — Zu der irrigen Angabe 41715—6 vgl. die Rom. Forsch. II 535 aufgestellte Konjektur. — 41756 l. *Cume que tornast li afaires* oder *Cum que unc tornast li afaires*. — 41769 l. *E une guerre*. — 41814. Statt *N'ert mie mais a trover leger* wird zu lesen sein *N'ert mais mie a trover leger*. — 41845 l. *Seignor out eu plus haut home*. — 41851 l. *Sunt estrait tuit cist rei de France*. — 41886 ist *teu* zu tilgen. — 41901 l. *envers* statt *vers*. — 41957 l. *L'abe*. — 41959 *Qu'i out*. — Zu dem Irrtum 41963 s. Rom. Forsch. II 534. — 41966 l. *l'i*. — 41988 wohl *Renovout*. — Zu 41989—94 vgl. Rom. Forsch. II 535. — 41994 l. *Pont Orsun*. — 42000 l. *ses demaines*. — 42007 l. *Qu'isi*. — 42017 wohl *En eus e clore e enforcier*; vgl. Rom. Forsch. II 533. — 42029 l. *ermite*. — V. 42030 *De ci qu'as eles de Mungeu* kann das im Glossar mit einem Fragezeichen versehene *eles* nichts Anderes sein als *ailes* „Flügel, Flanken“. — 42062 l. *De beaus, de precios e genz*. — Zu 42067 s. Rom. Forsch. II 536. — 42086 l. *e un content*. — 42104 wahrscheinlich *A Caam*. — 42118 l. *N'out*. — 42133 *moillier : loer*; s. Settegast 30. — Zu 42154 s. Rom. Forsch. a. a. O. — 42161 viel-

leicht *Estiefne le conte de Bleis*. — 42174 l. *Au conte d'Ou*. — 42179 l. *Enorez mult e mult loables*. — Von Thetbald IV. von Blois und Champagne sagt Benoît 42189—90 etwas drollig: *Si tint Treies, Chartres e Bleis De ci qu'il fu blans cume neifs*. Hieraus könnte man schließen, Thetbald habe ein sehr hohes Alter erreicht, was jedoch nicht der Fall ist. Da Ord. Vit. IV 286 erzählt, daß er 1101 im zarten Knabenalter stand, so dürfen wir annehmen, daß er in den neunziger Jahren des 11. Jahrhunderts geboren war. Er starb aber 1152. — 42192 *Brehaigne* entstellt aus *Behaigne* (Cleomades 2887; *Behaignon* Jean de Condé XXIII 253) = *Behania* (*Bohemia*) bei Wilh. von Jumièges 310 B. — 42198 l. *Qui'n Engleterre*. — 42210 l. *Fille Eustace de Boloigne*; s. zu 37414. — 42270 l. *Qu'endreit*. — Zu 42282 vgl. Rom. Forsch. II 535. — 42283 l. *La a*.

H. ANDRESEN.

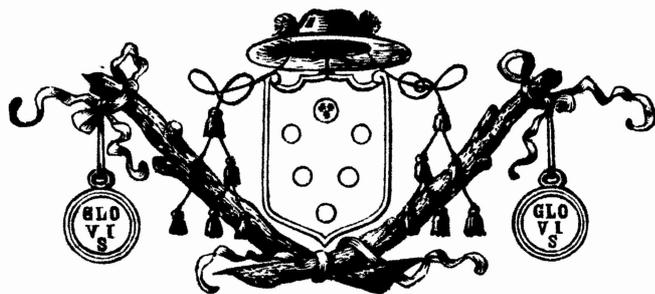
Zu den Liederbüchern von Cortona.

Rodolfo Renier hat in der *Miscellanea Caix-Canello* S. 271 ff. (*Un mazzetto di poesie musicali francesi*) ein Liederbuch aus dem Anfang des 16. Jahrh. beschrieben und z. T. veröffentlicht, das ihm in der Sopran- und Altstimme aus G. Mancinis Katalog (*I Manoscritti della libreria del comune e dell'Accademia Etrusca di Cortona*, 1884, S. 53 f. No. 95. 96) und in einer von Mancini angefertigten Abschrift bekannt geworden war, die er zum Zweck der Herausgabe mit den Hss. selbst verglich. Es ist R. Renier, und ebenso P. Meyer, der in der *Romania* XV 458 über Reniers Veröffentlichung berichtete, unbekannt geblieben, daß sich der *Tenor* des Liederheftes in Paris befindet, und zwar in der *Nat. Bibl., Nouvelles acquisitions franç.* No. 1819, „*Recueil de chansons historiques et populaires*“ benannt. Die Zusammengehörigkeit der drei Hss. ergibt sich aus dem gemeinsamen Inhalt und der gleichen Reihenfolge der Lieder; auch das Format ist dasselbe (ich maß 176×123^m ; Renier 175×122 ; daher wohl irrig die Angabe bei Mancini mit 179×127); die Abweichungen des Textes sind von derselben Art, wie sie zwischen Sopran und Alt bestehen, die Strophen der Lieder sind nur stückweis, zwischen den Notenlinien, mitgeteilt.

Da bei den kontrapunktischen Kompositionen, wie sie seit der zweiten Hälfte des 15. Jahrh. durch die niederländische Schule, mit Okeghem (1443—1512) an der Spitze, in Frankreich, Italien und Deutschland herrschend werden, der Text der Melodie vollständig unterthan gemacht wird, und nur die Stimmen in ihrer Gesamtheit das Gefüge des Liedertextes noch erkennen lassen, so ist die Mitteilung des Textes nach den einzelnen Stimmen, denen oft ganze Verse durch die Melodisierung entzogen, andererseits wieder Verstücker in vielfältiger Wiederholung überwiesen werden, nötig, um Lied oder Strophe vollständig zu erhalten. So ist denn auch die Mitteilung des Tenortextes im vorliegenden Falle nicht zu umgehen, obgleich auch er bei einzelnen, offenbar 4 oder mehrstimmigen Liedern der Sammlung sich immer noch als unzulänglich erweist. Vielleicht daß die nachstehende Veröffentlichung anregt, nach weiteren Stimmen Umschau zu halten.

Diese ist hier umsoweniger am unrechten Orte angebracht, als es sich nicht, wie man wohl beim ersten Anblick der Liedertexte zu meinen geneigt sein kann, bloß um schlichte „Volkslieder“ handelt.

Es sind vielmehr, zu einem großen Teile, kunstvolle, figurierte Vokalkompositionen und Werke der ersten Meister¹ der Zeit (was ebenfalls Renier und Meyer entgangen ist), die über das Können der Lautensänger und das Verständnis des Publikums derselben hinausgehend, nur von geschulten Sängern einem musikempfindlichen Hörerkreise vorgetragen werden konnten. Der bedenkliche Inhalt manches der zu Grunde gelegten im Volkston gehaltenen Lieder verleiht den Kompositionen auch noch eine sittengeschichtliche Bedeutung. Ihre Bedeutung wird erhöht dadurch, daß es sich hier um Liederbücher einer mediceischen Kapelle zu handeln scheint. Schon Mancini versäumt nicht (a. a. O.) anzugeben, daß eine Initiale der Sopran- und Altstimme das Mediceerwappen, eine andere das Bild eines ausgestreckten, an einen Baum angebundenen Hundes mit dem Sinnspruch *Constante* darbietet. Es ist der Sinnspruch des Lorenzo Magnifico (†1492), lat. „Semper“.² Auch im Tenor findet sich das Mediceerwappen, aber als selbständiges Bild, auf fol. 38, über den Notensystemen für das nur in zwei Worten angegebene ital. Lied: *Palle Palle*, und zwar in folgender Gestalt:



Die beiden Äste, auf denen das Wappen ruht, sind eine, um der an ihnen befestigten Denkmünzen willen, vorgenommene Zuthat zu dem Wappen der Kardinäle aus dem Mediceerhause. Die Denkmünze, mit der noch nicht gedeuteten Aufschrift GLOVIS, ist eine Medaille des Giuliano Magnifico³, des Sohnes Lorenzos (1478 bis 17. März 1516), Herzogs von Nemour (1514) und Gemahls Philibertas von Savoyen (der Tante Franz I. von Frankreich), dem P. Bembo in seinem Dialog della Volgar Lingua (1502 bis 1525) und Castiglione im Cortigiano (1514 — 28) einen sehr bedeutenden Anteil

¹ Ihrer mehrere läßt Rabelais im Vorspiel zum 4. Buche des Gargantua in der Geschichte von der verlorenen Holzaxt mit anderen zeitgenössischen Meistern *melodieusement* ein zotiges Lied zum Vortrag bringen.

² Auf Münzen und Wappen. Vollständig: *Ut Laurus, semper Laurenti fama virebit*; s. Litta, Famiglie celebri, Tav. XXI; Riestap, Armorial général I 188.

³ Ein Exemplar der Münze befindet sich im kais. Münzkabinet in Wien; s. Armand, Les Médailleurs italiens des XV^e et XV^e s., tom. III (1887) S. 191. Die Vorderseite zeigt das Bild des Giuliano mit der Umschrift: *Iulianvs. Medices. Dvx Nemorii*. S. auch Dielitz, Die Wahl- und Denksprüche, Frankfurt 1884 S. 407. Die Deutung *Si volge* (umgekehrt gelesenes Glovis) ist sinnlos, und diese von D. hier angenommene Darstellung des Sinnspruchs G.'s ohne Beispiel.

am Gespräch nehmen lassen. Es kann keinem Zweifel unterliegen, daß die Liederhefte der Kapelle eines Mediceers angehört haben.¹ Das Wappen steht in sofern an bezeichnender Stelle in der Pariser Hs., als es über einem Liede mit dem mediceischen Kriegsruf *Palle, Palle* angebracht ist, der in einem mediceischen Triumphgesang begegnet, den A. d'Ancona (*La Poesia popolare*, S. 55 f.) wiederaufgefunden, und als auf die Wahl Leos X., des Bruders Giulianos, zum Papst (1513) gehend, erkannt hat.² Auf das Mediceerhaus beziehen sich außerdem zwei Grabgesänge in den Liederheften (s. u. No. 42 u. 45), beide Lorenzo Magnifico († 1492) gewidmet, der zweite, wie Mancini (S. 53) nachweist, von Poliziano. Ein drittes lateinisches Klagegedicht, aller Wahrscheinlichkeit nach auf die Gemahlin Ludwigs XII. von Frankreich, Anna von Bretagne († 1514; No. 58), von Mouton († 1522) komponiert, wird dem Todesjahr der Beklagten angehören, also ebenfalls noch vor Giulianos Tode entstanden sein (s. Mancini a. a. O. S. 54). Hiernach wäre man genötigt für die Entstehung des Liederbuches die Jahre 1514 bis 1516, nicht die Zeit um 1520 (Mancini, Renier) anzunehmen. Jedenfalls ist der Gedanke, der zweite der beiden Grabgesänge könnte dem Herzog Lorenzo von Urbino gelten, durch Polizianos Todesjahr (1494) ausgeschlossen. Befremdlich ist nur die Verbindung der Denkmünze des Giuliano, der zwar Generalcapitain der heil. Kirche zu Rom (1515), aber nicht Kardinal war, mit dem Kardinalswappen. Entweder ist daher die Denkmünze des Vaters Giuliano mit dem Wappen des Sohnes, des Kardinals Ippolito (1529—35), verbunden worden, oder mit dem des Oheims Giulianos, des Papstes Clemens VII., in der Zeit seines Kardinalats, d. h. Giulios von Medici (1513—23, zugleich Erzbischof von Florenz). Nicht in Frage kommt der älteste unter den Kardinälen aus dem Mediceerhause, Giovanni (1489—1513), der nachmalige Papst Leo X., da ein Gedicht der Sammlung sich auf das Jahr 1514 bezieht. Für die Herstellung der Sammlung wäre mithin noch die Wahl zwischen den Jahren 1514—23 oder 1529—35 zu lassen. Die Aufschrift war schwerlich gleichzeitig die Devise eines andern Mediceers. Die Aufschriften auf den (Geld)-Münzen, die Benvenuto Cellini (s. *Vita sua* I c. 45, 46 u. a.) für den Papst Clemens VII. anfertigte, beziehen sich immer auf den Bilderschmuck derselben. Unter den Devisen des Kardinals Hippolyt (*Ingressus non regressus; Emergit pressa; Inter omnes*)³ befindet sich die in Rede stehende ebenfalls nicht. Man ist übrigens versucht die fragliche Aufschrift *Gloria virtutis sodalis* oder (hexametrisch) *Gloria virtutem sequitur* zu lesen.

¹ Ebenso trägt der dem Kardinalerzbischof von Salzburg gewidmete *Liber selectarum cantionum* (1520) das Wappen dieses Kirchenfürsten (s. bei Eitner, *Musiksammelwerke*, 1877, S. 14).

² Vgl. dazu Poliziano, *Prose volgari p. c. d. I. del Lungo* (1867) S. 96; I. Nardi, *Istorie della città di Firenze* libr. VI.

³ S. Dielitz a. a. O.

Der Inhalt der Liederhefte steht der Annahme ihrer Herstellung in der Zeit von 1514—1516 insofern nicht entgegen, als alle Komponisten schon vor dieser Zeit lebten.

Eine Sammlung von Originalkompositionen ist unser Liederheft, wie man leicht nach seinem Entstehungsorte vermuten könnte, nicht. Es sind ähnliche Sammlungen älteren Ursprungs handschriftlich und in Drucken bekannt, z. T. mit denselben Liedern von denselben Meistern komponiert, versehen. Die älteste Hs. ist vielleicht No. 15123 (2637, XV s.) der Nationalbibliothek in Paris, mit *Chansons françaises et italiennes avec chant noté*, deren Inhalt ich leider versäumte mir seiner Zeit zu verzeichnen. Ebenso mangelt mir genauere Nachricht über die einzelnen Stücke der Hs. von Dijon, No. 295 (XV s.), mit Kompositionen von Okeghem u. a.¹ und über die Brüsseler Hs. 10549 (XV. sec. 2. Drittel).² Schon in den Anfang des 15. Jahrh. wird (wahrscheinlich zu früh) die florentiner Hs. Strozzi-Magliabechi, Cl. VIII 1040 gesetzt, mit italienischen und zahlreichen französischen Liedern z. T. volksmäßigen Charakters, welche letzteren Stickney (Romania VIII 73 ff.) abgedruckt hat. Davon begegnet No. 10 *Mon père m'a mariée* unter den Kompositionen der Canti B 50 des ältesten italienischen Notendruckers Octavian de' Petrucci vom Jahre 1501; No. 18 *A Paris sur petit pont* in O. Scotto's Canzoni francesi von 1535; keins in unserer Sammlung. Sicher älter ist, aber eine Stellung für sich nimmt ein, das Buch mehrstimmiger Gesänge der Bibl. palat. zu Modena No. 568 (14.—15. Jahrh.), dessen Inhalt aus A. Cappellis Poesie musicali dei sec. XIV a XVI (Bologna 1868) zu ersehen ist. Die Texte sind hier sämtlich der höfischen französischen Lyrik des 15.—16. Jahrh. entnommen; die Komponisten sind, wie es scheint, durchaus Italiener und bis auf einen (Francesco Cieco, † 1397) den Musikhistorikern noch heute gänzlich unbekannt (Johannes de Janua, Antonellus von Caserta u. a.). Derselben Art sind vermutlich die zwei französischen Lieder in der Hs. 568 (alt Suppl. 535), XIV. s. der Paris. Nat. Bibl., die Marsand in Manoscritti ital. etc. (1835) S. 579 beschreibt. Vor 1508 setzt G. Paris (Chansons du XV. s. S. XII) die Hs. Bibl. nat. No. 1597 (alt 7617³, Colbert 1625)³ mit 75 anonymen 3 und 4 stimmigen Liedern, von denen Paris 9 in der (einstimmigen, Discant-) Hs. Paris, Nat. Bibl. 12744 seiner Chansons du XV. s. (No. 2. 9 vgl. 18. 27. 52. 63. 71. 103. 111. 130 vgl. 104 = Hs. 1597 No. 52. 34. 71. 31. 50. 57. 15. 70. 64) wiederfand; es dürften weiterhin noch No. 10. 55. 73. 95 mindestens zum Texte von 1597 No. 40. 42. 49. 48 stimmen. 20 von den in Hs. 1597 enthaltenen 75 Liedern kommen aber ebenfalls schon in mehreren vor 1508 ge-

¹ St. Morelots Schrift darüber (De la musique au XV^e s., 1856) ist mir hier nicht zugänglich.

² S. Catalogue de la Bibl. des ducs de Bourgogne.

³ S. Catalogue des Mss. franç. I 270.

druckten Liederbüchern vor, mehrstimmig komponiert von den hervorragendsten Komponisten der sog. niederländischen Schule; 16 andere stehen in anderen Melodienbüchern der ersten Hälfte des 16. Jahrh., und gehören ebenfalls Komponisten an, die bereits vor 1508 namhaft waren. Von einem ihren Häupter:

Josquin de Pres (c. 1445—1521) rührt her die Komposition von No. 31 *Si congié prens* (gedr. 1545); No. 34 (73) *En l'ombre*, gedruckt schon in Petruccis Canti C. 150, Venedig 1503¹; 3stimmig 1536, s. Eitner S. 518; ebenso ist von ihm No. 48 *Se j'ay perdu mon amy*, gedruckt 1536; s. Eitner a. a. O. S. 524.

J. Obrecht (c. 1430—1507) gehört die Motette No. 6 *Si sumpsero*, gedruckt in Petruccis zweitältester Veröffentlichung von 1501, Canti B 50; Ambros, Geschichte d. Musik III 182, erwähnt unter den Messen Obrechts eine über *Si dedero*, die aber nicht mit No. 8 des Cod. 1597 gleichzusetzen ist; letztere Komposition rührt vielmehr von Agricola (s. u.) her. S. auch unten Brumel.

Brugier (s. Ambros III 189) komponierte No. 71 *L'amour de moy*, gedruckt 1545; anonym 4stimmig schon 1503 bei Petrucci [in Motetti B. 33]; s. Eitner S. 331 u. 2.

P. de la Rue (nach 1477) gehört vielleicht No. 4 *Da pacem, domine*, gedr. 1540; aber auch von A. Brumel (gedr. 1545), Gombert (gedr. 1539) u. a. sind 4—5stimmige Kompositionen des Textes bekannt.

A. Brumel (vor 1501): No. 2 *Beata es virgo* (gedr. von Petrucci 1502); auch von Obrecht ein 4stimmiger Satz, gedr. 1505 von Petrucci. No. 3 *Da pacem* s. P. de la Rue. No. 50 *Ce moys de may* (s. Ambros, S. 243).² No. 73 *A l'ombre du bissonet*, s. Ambros, S. 240.

A. Agricola (vor 1501) lieferte No. 7 *O quam glorifica* (gedr. 1502), No. 8 *Si dedero* (gedr. 1501; s. Obrecht), No. 9 *Mes pensées* (gedr. 1501; auch von Compère komponiert, s. u.), No. 10 *L'eure est venue* (gedr. 1501), No. 14 *Va t'en regret* (s. Ambros 246), No. 18 *Si vous voulez estre* (s. Ambros, S. 246), No. 30 *Comme femme desconfortee* (gedr. 1503), No. 32 *Se miculx ne vient* (gedr. 1501. 1503), No. 24 *Je ne vy onques* (s. Ambros, S. 245), No. 42 *Royne dez flours* (gedr. 1501), No. 46 *Que vous madame* (gedr. 1503).

¹ Über Petrucci und seine Sammlungen von Liederkompositionen s. nächst A. Schmid, Oct. von Petrucci, Wien 1845, und Vernarecci, O. de' Petrucci da Fossombrone (1872) das vortreffliche Hilfsmittel zur Bestimmung der Urheber von Melodien des 16. und 17. Jahrh., bei der Unerreichbarkeit der ältesten Melodienbücher doppelt schätzbar, von R. Eitner, Bibliographie der Musiksammelwerke, Berlin 1877.

² Wurde auch von L. Bourgeois, Le Bouteillier (s. Eitner S. 423) u. a. komponiert.

L. Compere († 1518) No. 9 *Mes pensees* (s. Ambros S. 250) siehe Agricola; No. 12 *Allez regretz* (s. das. und Petrucci, 1501 unter Hayne); No. 22 *La saison en est* (s. das.); No. 24 *Venez regretz* (Petrucci 1501); No. 57 *Lourdault* (Petrucci 1501); No. 58 *L'autre jour m'y chevauchoye* (s. Ambros, das. und Petrucci 1503); No. 62 (s. Ambros 249 und Petrucci 1502).

Hayne van Ghizeghem (vor 1501), No. 12 (Petrucci 1501; s. o. Compere); No. 35 *La regrettee* (Petrucci 1501).

Erst in jüngeren Büchern finden sich vor:

N. Gombert (jüngerer Zeitgenosse Josquins de Pres), No. 5 *Dulcis amica Dei* (gedr. 1532), No. 34 *En l'ombre d'ung buyssonet* (1540), No. 39 *Vostre beaulté* (1544); No. 70 *Mon mari m'a diffamée* (1560; anonym bei Petrucci 1503) und schon in Petruccis Canti B (1501) von J. de Orto.

J. Japart, *Tant bel m'y son* bei Petrucci (1501).

P. Certon (s. Rabelais a. a. O.) No. 39 *Vostre beaulte* (1554; o. a. Gombert und Caulery 1556).

P. Rousseau (s. das.) No. 29 *Tant ay d'annuyt* (1569).

Cl. Jannequin (s. das.) No. 64 *My levay* (1538; anonym 1533).

La Chapelle (Capella?), *Faictes s'il vous plait* (1549).

Le Cocq(?) No. 1 *Deul et ennuy* (1544).

Unbekannt sind die Komponisten von:

No. 19 *Qui belles amours a* (gedr. 1535), No. 27 *Mon souvenir* (Petrucci 1501), No. 37 und 61 *Fors seullement*, das von Obrecht und Josquin de Pres an außerordentlich oft in Musik gesetzt wurde (s. S. 387) und No. 65 *Mary de par sa mere* (gedr. 1545).

Es bleiben noch eine beträchtliche Zahl anderer in Hss. oder Drucken vorläufig noch nicht nachzuweisender Stücke übrig.

Einige von den bestimmbareren bietet die ins 16. Jahrhundert gehörige Handschrift No. 2245 der Bibl. Nat.¹, worin die Komponisten ihrer 26 französischen Lieder genannt werden. Es sind von den in No. 1597 vorgefundenen Musikern: De Pres fol. 25 *En l'ombre* = Handschrift 1597 No. 34; Agricola fol. 21; Compere fol. 2. 7. 9 = Handschrift 1597 No. 14 *Va t'em regret*; fol. 10. 12 = Handschrift 1597 No. 22; fol. 15. 20. 22 *Faisons boutons* = Hs. 1597 No. 43; fol. 24; Hayne fol. 1. 4. 5. 8. 14; 17 *Alez regrez* vgl. Compere bei Hs. 1597 No. 12; fol. 19 *Les grantz regretz* = Hs. 1597 No. 13. Dazu kommt der älteste unter den niederländischen Komponisten J. Okeghem († 1512; s. Fétis, Biogr. universelle des mus. s. n.) fol. 13, 16 *Fors seullement*, s. hier oben, sowie Prioris fol. 3 (s. Rabelais) und die unbekannteren Verjeust fol. 6, „Residuum“ fol. 11, Fresneau fol. 18 (s. Eitner a. a. O. S. 566), Mureau fol. 23 und Lafoulerie fol. 25; Hayne fol. 2 *Mon souvenir* steht bei Petrucci (1501).

¹ S. Catalogue des Ms. franç. I 390.

Von den 6 dreistimmigen Nummern der Hs. Bibl. nat. 1596¹ (XVI s.) sind nur *Va t' en, regret* fol. 2 in Hs. 2245 No. 9 Compere und Hs. 1597 No. 14, sowie *Fors seulement* fol. 7, (s. o.) anderwärts nachzuweisen. Die Anfangszeilen verraten höfische Dichter des 15. Jahrh. als Verfasser der zu Grunde gelegten Texte, die auch fast ausschließlich in Hs. No. 2245 vertreten sind.

Derbvölkermäßig ist teilweise der Inhalt der von G. Paris aus Hs. Bibl. nat. 12744 herausgegebenen Chansons du XVe s. Außer den ihr mit Hs. 1597 gemeinsamen Stücken von J. de Pres (No. 9. 52. 95), Brugier (No. 27), Brumel (No. 63), Agricola (No. 55), Compere (No. 71), Gombert (No. 40. 70), Jannequin (No. 130) oder unbekanntem Komponisten (s. o.) enthält sie noch 16 anderwärts vorkommende Kompositionen; drei darunter von J. de Pres, nämlich No. 7 *Une mousse de Bisquaye*, bei Petrucci Canti C (1503), No. 12 *Bergerotte savoisenne* bei Petrucci Odhecaton (1501) und No. 18 *En l'ombre*, das auch in Hs. 2245 fol. 25, 4 stimmig bei Petrucci 1503 steht; 1 von J. Japart, No. 8 *Vraiz dieu d'amors* bei Petrucci Canti C (1503), 1 von Compere, No. 135 *Le grant desir* bei Petrucci, Canti B (1501); Petruccis Odhecaton vom Jahre 1501 bietet noch an unbenannten Kompositionen aus Hs. 12744 No. 4 *Hellas, qu'elle est*, 4 stimmig, No. 101 *Puisque de vous* 3 stimmig. Petrucci Canti B 50 vom Jahre 1501: No. 11 *A qui direlle*, 4 stimmig, No. 138 *Reveillez vous?* 4 stimmig. Seine Motetti B 33 von 1503: No. 12 *Bergerotte savoisenne*, 4 stimmig (s. o.), No. 26 *J'ay bien nourry*, 4 st., No. 127 *Gentilz gallans aventureux*, 4 stimmig. In einer der Sammlungen des Pariser Notendruckers P. Attaignant: Gaillardes et Pavanes, von 1529, steht No. 59 *En regardant*; in desselben Trente Chansons vom gleichen Jahre No. 127 (s. o.), in den Trente et deux chansons von 1529 No. 74 *Le bon espoir*; in seinem Vingtroisieme livre von 1547: No. 131 *Par ung matin*. Th. Susato von Antwerpen druckte in L'unziesme livre von 1549 No. 48 *Petite fleur coincte*, in seinen 26 Chansons von 1555 No. 103 *Qui belles amours a*; endlich Phalèse von Löwen 1569 No. 102 *Pleust a dieu*. Mehrere andere weist G. Paris selbst in Drucken der 1. Hälfte des 16. Jahrh. nach.

Von der Hs. der Utrechter Universitäts Bibl. No. 202 Varia, 16. Jahrhundert, die auf 48 Blättern, 39 französische neben 4 holländischen Kompositionen enthält, steht das eine von Raynaud (Bull. de la Soc. des Anc. Testes III 115) mitgeteilte Lied *Et gentilz maréchal* nicht nur wie E. Picot (ebenda V 96) angiebt, in der Sammlung von Nourry 1535, und Lotrian 1543, sondern wird schon 1534 in den 28 Chansons musicales des P. Attaignant angetroffen.²

Es liegt nahe genug die nach 1501 entstandenen handschriftlichen Sammlungen von Liederkompositionen verschiedener Musiker als aus den Drucken hervorgegangen anzusehen. Sie sind Auswahlen daraus für engere Kreise und deren besonderen Zwecke.

¹ S. Cat. des mss. franç. I S. 271.

² Abdruck der Hs. u. S. 394 ff.

Originalkompositionen verschiedener Komponisten flossen, nach Erfindung des Notendrucks durch O. Petrucci, in die sich immer weiter verbreitenden gedruckten Melodienbüchern zusammen, wie seit dem 16. Jahrh. Lieder französischer Dichter in von französischen Buchdruckern unternommenen Sammlungen von Originalgedichten zuerst an die grössere Öffentlichkeit gebracht wurden. Schon der Umstand, daß wohl die Drucke, nicht aber die Hss. (mit einziger Ausnahme der Hs. Bibl. nat. 2245) die Komponisten nennen, — sie werden in den Drucken nach Möglichkeit bezeichnet, — deutet auf dieses, nicht auf das umgekehrte Verhältnis zwischen Druck und Hs. hin. So ist denn auch eine erhebliche Zahl der in den Hss. von Cortona und Nouv. Acq. 1819 vorhandenen Lieder mit dem Namen des Komponisten namentlich in Petruccis ältesten Notenbüchern (1502—1504) anzutreffen. Ihr Vorkommen in solchen oder in jüngeren Büchern zeigte schon Renier an der Hand der von Vernarecci (Ott. da Petrucci da Fossombrone, 1872) abgedruckten Liste teilweise an. Seine Angaben werden unten vervollständigt, unter Beifügung der Komponisten der Lieder und der Drucke. Auch in unserm Liederhefte begegnen Okeghem, Obrecht, de Pres, Agricola, Compere und gleichaltrige Musiker. Da in den Sammlungen vor 1516 schon bisweilen Kompositionen derselben Texte von verschiedenen Meistern begegnen, so ist eine Identifikation der Nummern der Hss. von Cortona und Paris N. Acq. 1819 mit den Kompositionen nur unter Vergleichung der Melodien möglich. Sie wird erschwert dadurch, daß die ältesten Notendrucke Petruccis zu den größten Seltenheiten gehören, und z. B. von Petruccis Odhecaton (1501), von den Canti B 50 (1501), Motetti A 33 (1502), Motetti B 33 (1502) nur je ein (unvollständiges) Exemplar (in Bologna) noch vorhanden ist, von den Canti C 150 (1503) nur eins in Wien sich befindet, etc. Die bei den unten abgedruckten Liedern bemerkten bibliographischen Angaben sollen daher zunächst nur zur Wegweisung dienen.

Die Hs. Nouv. Acq. 1819 besteht aus 80 schön weissen Pergamentblättern, wovon fol. 1—74 beschrieben sind (Cort. 95 hat 79 beschrieben, 13 weifs, Cort. 96 : 76 beschrieben und 4 weifs), der Rest war für Nachträge bestimmt. Das Format ist quer 8⁰. Vier Notensysteme füllen eine Seite; die Systeme sind 5 zeilig, die Noten rund (in No. 12744 noch häufig eckig). Der Text steht, soweit vorhanden, zwischen den Systemen; oft unvollständig, wie im Diskant, offenbar wegen der Vertrautheit der Sänger mit dem Texte. Ebenso ist, wie dort, die Schreibform der französischen Stücke italianisierend, sie wird sogar oft undurchsichtig, was die grössere Wichtigkeit verrät, die den Melodien gegenüber dem Texte beigelegt wurde. Der Inhalt der Hs. ist mannigfaltig genug, eine gewisse Anordnung der Lieder ist wahrzunehmen. Ihre Zahl beläuft sich auf 62 (Cortona 61).¹ Darunter 32 französisch, 4 italienisch, 26 lateinisch. Da die Tinte öfters wechselt, sind die Stücke nicht auf einmal abgeschrieben.

¹ Dabei ist wohl das letzte Stück nicht mitgezählt; s. S. 394.

Die Anordnung gründet sich wesentlich auf die Verschiedenheit der Sprache; damit zugleich aber auf die des Inhalts. Es sind:

Franz.	Ital.	Lat.
1—18	19. 20	
21—24. (25). 26. 27	28	29—32
33—35		36. 37
	38	39—45
(46).—49		50—62.

Weil unter französischen Liedern stehend, wird 25 französisch sein; 46, von dem die Paris. Hs. ebenfalls nur den ersten Buchstaben schreibt, ist in Cort. ein französisches Lied von einigen Strophen. Die französischen Lieder sind der Weltlust geweiht, die italienischen haben einen satirischen Zug, die lateinischen sind bes. Lieder der Kirche. Von den französischen begegnen 1. 2. 3. 5. 6. 7. 8. 9. 11. 12. 14. 15? 17. 22. 27. 33. 49 in Notendruck, 1. 7. 22. 33 in mehrfacher musikalischer Bearbeitung; von den lateinischen 29. 30. 31. 36. 39. 40. (41). 45. 49. 50. 54. 55. 56. 58. 59. 60. 61, darunter sind 30. 40. 45. 61 mehrfach komponiert worden. Schon in Petruccis (unvollständigem) *Odhecaton* (1501)¹ mit fast ausschließlich französischen Texten stehen von obigen Nummern 1. 7. 11. 12. 14. 33, sowie No. 20 (ital.); in den *Canti B* (1501)² finden sich No. 2. 5. 6. 7. 9. 14. 22; im drittältesten Notendruck mit französischen Texten, in Petruccis *Canti C* (1503), die No. 3. 8. 15? 17. 27 (in anderer Komposition, als im *Odhecaton*: No. 1. 7. 33, oder in den *Canti B*: No. 22); außerdem das ital. *Fortuna* No. 20 und das latein. *Ave* No. 33. Außer No. 49, das sich erst 1536 nachweisen läßt, finden sich mithin von den in Drucken bekannten Liedern unserer Sammlung alle franz., ein ital. und ein lat. Lied in den drei ältesten Drucken weltlicher mehrstimmiger Gesänge des Italiens Petrucci vor.³ Es darf daher, bei der späteren Entstehung unserer Liedersammlung, an Entnahme der einzelnen Nummern aus den Drucken und zwar an eine Benutzung derselben neben einander gedacht werden. No. 23. 24 stehen in Hs. Bibl. nat. 1597; No. 10. 18. 21 in Hs. Bibl. nat. 12744; vorläufig als *Unica* der franz. Abteilung sind No. 4. 13. 16. 26. 35. 47. 48 zu betrachten.

Die in vier Gruppen auftretenden lateinischen Gesänge, mit No. 29 erst beginnend, sind Psalmenverse: (29?). 36. 44. 50. 51. 52. 53. 55. 56. 57 neben einer Stelle aus Hiob: 41; Stellen aus Evangelien: 37. 39. 40. 61 und der Offenbarung Joh.: 59; das Pater noster: 30; Hymnen: 31. 32. (43?). 54. 60 und weltliche Klagegesänge 42. 45. 58. Ein Grundsatz für die Anordnung der latein.

¹ Das Inhaltsverzeichnis aber ist erhalten; mitgeteilt in Eitners Monatsheften für Musikgeschichte V 53 ff.

² Inhaltsverzeichnis des nicht mehr vollständigen Ex. zu Bologna s. ebenda S. 55 f.

³ Sie geben alle drei die Stimmen in Partiturform, haben also eine ursprünglichere Einrichtung als die Stimmenbücher von Cortona und Paris.

Gesänge ist nicht erkennbar. Ein Teil begegnet in Petruccis ältesten geistlichen Melodienbüchern: No. 45 in seinen Motetti B (1503); No. 36. 39. 40. 44. 61 in den Motetti C (1504); No. 59. 60. 61, sämtlich von J. Mouton, in Petruccis Motetti de la corona (1514 ff.); in jüngeren Sammlungen, von alten Komponisten No. 30. 50. 55. 56, J. de Pres; von H. Isaac No. 54, No. 9 von Cl. de Sermisy; unbekannt ist Druckort und Komponist bei No. 37. 37. 41—43. 51—53. 57. Auch hier kommen also Petruccis erste Drucke als Quellen für unsere Liedersammlung ernstlich in Frage. Die Komponisten der weltlichen, wie der lateinischen Stücke sind im allgemeinen dieselben Personen, und wiederum jene Ausländer, die wir oben bei den älteren handschriftlichen Sammlungen volksmäßiger Texte mit mehrstimmiger Komposition anzuführen hatten, nämlich: Okeghem komponierte No. 1; J. de Pres No. 2. 20. **30. 39. 40.**¹ 49. **50. 55. 56. 61**; H. Isaak No. **45. 54**; Agricola No. 1. 22; Obrecht No. 22. **31**; Busmoys No. 9; de la Rue No. 22; Ghiselin No. 22; Compere No. 3. 6. 7. 11; Mouton No. **58. 59. 60. 61**; Gombert No. 30; Japart No. 12. 20, Vaqueras No. 5; anonym sind überliefert No. 7. 8. 14. 17. 22. 27. **36. 40**. Man sehe zu diesen Namen Fétis, Biographie univers. des musiciens; Ambros a. a. O. Bd. III u. a.

Es handelt sich hiernach bei den Liederheften von Cortona und Paris um eine Auswahl der beliebtesten Kompositionen weltlichen und geistlichen Stils der zur Zeit angesehensten Meister in der Musik, die beinahe alle in Italien als Sänger und Komponisten selbst gewirkt hatten, und deren Werke zu kennen und zu genießen und bei ernsten und heiteren Anlässen zu verwerten (*musicam vero illam numerosam sive discantum . . sine qua non deum optimum maximum prospiciamus, non nuptiarum solennia celebramus, non convivium, non quidquid in vita jucundum transmittimus*“ sagt Petrucci in der Vorrede zum Odhecaton), den kunstbegeisterten Höfen Italiens in der Zeit der Mediceerpäpste ebenso ein Bedürfnis gewesen sein muß, wie sie es anderen Künsten gegenüber offenbart haben.

In nachstehendem Abdruck ist der gesamte Text der Hs. mitgeteilt, auch die lateinischen Stücke, weil sie die Sammlung charakterisieren und zur Bestimmung der Quellen erfordert werden. Vom Texte sind nur die durch die melodische Phrasierung veranlaßten Wiederholungen von Textworten ausgelassen, weil sie von den Tonsetzern herrühren und in Reniers Abdruck des Diskant im wesentlichen mitgeteilt sind; andererseits sind in Klammer im Tenor fehlende Textstellen des Diskant beigegefügt. Die Gliederung der Strophen ergab sich hierbei schon meist; bei einigen Liedern muß sie mit Hilfe der Bassstimme erwartet werden. Im übrigen ist die Wiedergabe der Lieder buchstabengemäß. Die Textabweichungen der Hss. von Cortona, einige Erklärungen und Besserungen sind unter den Liedern angemerkt. Man wird leicht erkennen, daß der

¹ Die fettgedruckten Ziffern sind die Nummern der lateinischen Texte,

Tenor die meisten Dunkelheiten des Diskant zu beheben vermocht hat. Mit .. ist angedeutet, daß die Hss. den Text lückenhaft geben, mit () ist zu Tilgendes angezeigt; Cort¹ bezeichnet den Diskant, Cort² den Alt in Reniers Lesung. Es erübrigt noch die Bemerkung, daß die Texte durchkomponiert sind und nur bei No. 1 die Verse 6—8 und 9—11 die gleiche Melodie haben.

1. (Cort. 1).

Je n'é deul que de vous ne viegne, fol. 1
 mais quelque mal que je soustiengne
 j'ay trop plus chier vivre en douleur,
 que souffrir que mon povre cuer
 5 a ung aultre que vous se tiengne.
 Car deu voulut tant por vous faire
 que il n'est nul qui n'ust trop a faire
 de vous grant biens a droit louer.
 Son plaisir fust de vous complaire
 10 et plus de biens qu'en aultres faire,
 dont ung chacun vous doit amer.

7 que il : qui Cort¹, nul cuer Cort¹ 10 et plus en vous Cort¹ a faire alle drei. — *Es ist mir nicht gelungen den Verfasser dieser höfischen Strophe zu ermitteln.*

Komponisten: Okeghem bei Petrucci Canti C (1503); die Melodie, gedruckt bei Ambros-Kade, Gesch. d. Musik, Bd. V S. 10 weicht vollständig im Tenor ab, daher es sich wohl um die Komposition des Agricola, bei Petrucci Odhecaton (1501) handelt.

2. (Cort. 2).

„Basé moy, ma doulx amie, fol. 2
 pour amor je vous am pri[e].“
 „E non feré.“ — „E pour quol?“
 „Si je faysé la follie,
 5 Ma mere en saroet marrie.
 Vela de quoy, vela de quoy.“

1 ma d. a. fehlt Cort¹ ma fehlt Cort² 2 prie Cort¹, die Zeile fehlt Cort² 4 fehlt Cort¹.² Genau wie oben findet sich die Strophe in dem Zibaldoncino musicale der Marucelliana, abgedruckt von Renier a. a. O. S. 278.

Komponiert von J. de Pres, bei Petrucci Canti B (1501); 6stim. bei Petrucci, Canti B (1501) und Susato 1545, anonym.

3. (Cort. 3).

Une playsant fillette
 Au matin se leva,
 a pris sa ciemisette,
 a hote voes cria:
 5 „Entre dos huiz
 che m'est il ayenu?
 Ma cinture m'é corte
 o le ventre m'é creu.“

„[Or vous tases, la belle],
 10 por dieu, ne plores plus.
 Si c'est un enfant male,
 le jour a de les chu.
 Entre doz huiz

 15 si c'est une fillette,
 elle jour a du chu.“

4 crie *alle*. 7. 8. 9 *in Cort*. 8. 9. 7. 7 *corte e Cort*^{1. 2} 9 *fehlt Par. und Cort*¹, 12 *il portera l'eschu Cort*^{1. 2}, *jedenfalls näher dem Ursprünglichen*. 14 *fehlt eine korrespondierende Zeile allen; vgl. V. 6. Der Bau der Strophen ist in der zweiten Hälfte nicht in Ordnung zu bringen.*

Komponiert von Compere, bei Petrucci, Canti C (1503).

4. (Cort. 4).

Jouly marinier, passe moy Sene. fol. 3^v
 L'autre jor j'estoy sur Sene
 rencontre du capitano.
 Y m'oit apelle villeina.
 5 „Je ne sui passe villeine,
 se le fi du roy non m'ame . .

1 *sena Cort* 2 *estoit Cort*.

5. (Cort 5).

Veci la danse Barbari. fol. 5
 En Barbari avint l'altrier une grant aventure
 de troes filles d'un borgioes qui yoent a la verdure.
 Disoet la plus yone de troes: „je suiz la plus fendue
 5 depuis le chul jusch'a nombril.“

2 *une grant a. fehlt Cort*¹ 3 *d. t. f. = Cort*², 1 *Silbe fehlt*.

Komponiert von Vaqueras, bei Petrucci Canti B (1501).

6. (Cort. 6).

Lordault lordault [lordault], garde que tu feras!
 Car si tu te maries, tu t'en repentiras.
 Si tu prens yone feme, yalous tu en seras.
 Lordault, lordault, lordault, garde que tu feras.
In 12744 (No. 40) vollständig, aber nach anderer Melodie. In 1597, No. 57.

1 [lordault] *fehlt Cort*^{1. 2}; *vgl. v. 4 und No. 12744 No. 40.* 3 *yone Cort*².

Komponiert von Compere, bei Petrucci Canti B (1501).

7. (Cort. 7).

Vostre bargeronette, m'amiette, m'a norri. fol. 6
 Mon pere m'a doné mari.

La premier[e] nuit,
Quant ge coucie o luy . .

1 . . nourri *Cort*² 3 premier *auch Cort*.

Komponiert von Compère, bei Petrucci Odhecaton (1501); von demselben (ebenfalls 4stimmig), mit der zweiten Zeile beginnend, bei Petrucci, Canti C (1503) und anonym bei Petrucci, Canti B (1501).

8. (Cort. 8).

„Et levez vous, ho Guiglielmette, fol. 7
car il est est jor.

Vostre ciamisette [é] apretee.“

„Si mon biau pellison je ne ay . .

5 „Hirons fere la tourte

Et deliez no vache.“

Quant Guiglemette entendit,

Si repont a grant ate . .

1 leves *Cort*² nach 8 et point je ne mi leveré *Cort*² Die Stimmen genügen nicht um die Reihenfolge der Zeilen und die Strophenform zu erkennen. Augenscheinlich gehört im Lied die Zeile „nach 8 Cort“ hinter Z. 4.

Komponiert 4stimmig, anonym, bei Petrucci, Canti C (1503).

9. (Cort. 9).

Je suiz amie du fourrier, or alez, fol. 8
et mignonne a cez gens d'armes;
je fus prinz[e] en ung village,
au matin a dezlogier.

5 Si mon pere m'eut donné, or alez,
cent eschus en mariage,
je n'eusse paz fet l'outrage
de mon corps abandoner.

1 fourrier *Cort*² Oralez *Renier* 3 prise *Cort*¹ village *Cort*² 5 m'eut: me *Hs. und Cort*. 7 n'usse . . outrage *Cort*².

Komponiert von A. Busmoys, bei Petrucci, Canti B (1501).

10. (Cort 10).

Gentil galans de Fransa qui a la guerra ales, fol. 9
je vous pri ch'i vo pleise mon amy salues . .

Nous ne porteront plus d'espees,

puisque le roi nous a cases

5 e nous a rogné nou sodee . .

In 12744 gehört Z. 1. 2 No. 126 (Str. 1) an; Z. 3—5 sind eine Variante zu No. 140 (aus der Zeit Karls VIII., 1483—98; s. G. Paris, a. a. O. S. 143), dessen 1. Strophe lautet: Nous n'y porteront plus d'espée Ne hommes d'armes ne achers: On nous a rogné noz quartiers; C'est grant pitié Aux gens d'armes perdre soudée.

1 en la 12744 2 que vous *Cort* 5 nosode *Cort*.

II. (Cort. 11).

„Alon, feré no barbes!“ — „Alon, gentil galans!“ fol. 10
 La barbiere les moglie sovent dos a la foes,
 Quant so mari revient de feré sa besogne,
 chi luy font viglechome [en] disant: „Coment va,
 5 coment fet votre feme, fet elle plus cela? . .
 Et ou la trouveroye la femme au petit chon?
 Trouver ne la seroye . .“
 Laltrier j'en trové une qui dit che l'a petit;
 par dieu, je bouteroie une quaque de arans
 10 et un plain de lamproyes . .

1 nos *Cort.* alons *Cort.* 2 s. d. a. l. f. *Cort*² *Darnach noch*: Il trouve ses mignons *Cort*² 4 qui *Cort* 6 on *Cort* o. p. c. *Cort*² 7 saroye *Cort.* 8 je n'é bien trové une *Cort.* 9—10 une — lamproyes *Cort*: Paris Bruges et Gant dedans et Troyes si je voloye. *In V.* 9 q. d. a. = *caque de harengs, Heringstonne.* *Auch hier sind Strophen zweier Lieder vereinigt, der Text ist entstellt, besonders bei V. 1—5.*

Komponiert von Compère, bei Petrucci, Odhecaton (1501).

12. (Cort. 12).

„Tam bien mi son pensada, mari, se mi bates, fol. 11
 A l'amy m'en iray.“
 [„Helas, la mi mogliere, che conseil as aghut?]
 Jo te tenir ondrade chome l'aigle d'un duch.“
 5 Non cal partir de chasa por aver ton deghut;
 E meschin, chon feré?

3 *nur in Cort*; che con se las *Renier* 4 *tenrai?* chon *Hs.* 5 ch'al *Renier*, cal = *calet*; chasa = *casa*; deghut = *dégout.* — *Steht noch in Hs. 1597 No. 55.*

Komponiert von J. Japart, bei Petrucci, Odhecaton (1501).

13. (Cort. 13).

Tambour laridon.
 Le roi a fet crier
 par villes et fabors
 que le joeulx mestier
 5 soet mantenu tousjors.
 4 joeulx *Cort*² 5 touiours *Cort*².

14. (Cort. 14).

Voles oir une cianson des chons? fol. 12
 Qui mal en dit, i n'é pa gentilz hons.
 Le bien en vient, le solas et la yoye,
 a deulx genos on luy baigle sa proye.

5 Le chon ne crint bombarde ne chanon,
 chorto, choglart, flécie ne vireton;
 n'e rienz si fort que contre luy ne ploye . .

1 de *Cort* 2 il n'e pas gentilz hons *Cort*² 3 Se *Cort*² 5 craint
*Cort*² 6 ch. ch. passevolant fl. n. v. *Cort*² — chorto wohl = *Karthaune*,
Viertelkanone; choglart = *franz. coillard Wurfgeschofs* (s. *Godefroy*); vireton
 = *Drehbolzen*; passevolant = *12-Fufskanone*.

Komponiert, anonym, gedruckt bei Petrucci Odhecaton (1501)? s. Renier S. 278.

15. (Cort. 15).

Si j'e fet ung cop a pree, fol. 13
 ho! en do'je estre blamee?
 Ma cinture é levee;
 s'i m'ut fet mal, j'usse dit: ho!

5 L'altrier quant je cievaucioie
 men ciemin droit a Paris,
 Rencontré la belle . .
 antre le bra (de) son amy;
 cela sans plus et piuz, hola!

1 si je tet ung cop *Cort*² apres *Hs. und Cort*; *sinnwidrig und gegen den Reim*. 2 no en doie *Cort* 3 *fehlt Cort* 4 Si m'a fet *Cort* 5 quant ciemynoye *Cort* 6 Paris *Cort*, Lyon *Hs.* 9 piuz = *pis. Strophen zweier Lieder vereinigt*.

Komponiert, anonym, gedruckt bei Petrucci, Canti C (1503) zweite Strophe?

16. (Cort. 16).

Si je vous avoie pointe, fol. 14
 hellas, dame bell'e gente,
 troez fois de mon aguglon,
 vous n'en series que plus gente,
 5 hellas dandriglon.

„Quant vous viandres a vostre mayson . .,
 vous choucierez avec que moy, hostesse.“ —
 „Hemi, helas, cela ne feré pas,
 helas, hemi, ne coucierez apres mi.“

10 E darion la mi fa lo re daridan *u. s. w.*

2 hellas dandriglon dame *Hs., Cort*, da me *Renier*. 4 plus gentil *Cort*
 5 dandriglon belle gente *Hs.* 6 e quant *Cort mayson[-ette]*? 8. 9 Helas
 ami *Cort*² 9 apres (*l. aupres*): avec *Cort*.

17. (Cort. 17).

Ciascun me crie : marie toi, marie! fol. 15
 Hellas, je n'ose, tan suis bon compaignon.
 [La fillette qui m'ara, n'ara pas tous *sic* ses ayses],

el' ara troez foiz le iors fin et soef et malayse;
 5 dever le vespre luy doblera la feste,
 desur sa teste catre cops de baton.

Quant j'estoy a marié, si tres yolye estoye,
 je n'use pas fet ung pas par ciemin ne par voye,
 [ch'on ne m'ut donné ung bochet].
 10 Or suiz je pris au trebuciet.
 Ciaschun *u. s. w.*

Entre (?) vous genti galans, ne vous maries mie,
 [certe, si vous maries, vos ferez grant follie].
 Je me reprens de l'avoir fet;
 15 or suiz je pris o trebuciet.
 Ciaschun *u. s. w.*

2 n'ose *Cort*² suiz *Cort*² 3 fehlt *Hs.* 4 fehlt *Cort* fin = *faim*
Die Strophe ist offenbar nicht vollständig. Einem zweiten Liede ist das Fol-
gende entnommen. 7 Quant j'estoye *Cort*² yolye *Cort*² i estoye *Cort*
 8 fehlt *Cort* use *d. i. eus* 9 fehlt *Hs.* 10 fehlt *Cort* 12 fehlt *Cort*
 13 fehlt *Hs.* 14 avoir *Cort*² 15 outre buciet *Cort*.

Komponiert, anonym, bei Petrucci, Canti C (1503) fol. 35. 113.

18. (Cort. 18).

„Fille, vous aves mal gardé le pan davant.“ — fol. 16
 „Mere, je ne puis amander, c'est par le temps.“ —
 „Et figle“. — „Doulce matre“. — „Fille,
 Et n'amé vous home qui vive?“
 5 „Mere, trop tart le m'aves dit.“
 „E, parlé bas.“ — „Et pour que bas . .

Tousjor de celle me souvient
 qui a la teste enveloppá
 d'un crovercié ensafraná;
 10 la merende, je l'ame bin.

Die 2. Strophe ist einem anderen Liede, das in Hs. 12744 No. 96 steht
(s. P. Meyer, Romania 1876, S. 458), entnommen.

2 c'est *Cort*² 3 E figle ma tre duolce fille *Cort* 6 Et pour que bas
 fehlt *Cort*.

19.

Vo m'avete svergogné, fol. 17
 niente del vostro m'avé doné.
 Che mangiera la sposa la prima sera?
 Dinderindina la *u. s. w.*

5 La vita della sgalera
 dal papa sancto et sommi confessato

levanteus donna Johanna
 Noi siamo a mal partito
 chi se lo vuol saper si se lo sappia
 10 et marragnan suona lo chorno o chapo chaccia
 chi guasta l'altrui chose fa villania

Statt dieser No. in Cort. die Verse einer Laudenmelodie: Fortuna disperata, s. Renier, a. a. O. S. 272. — Z. 3 Chi mangiera la sposa und Z. 7 stehen in Cortona in No. 20 in anderer Verbindung, s. das. S. 273. Den Refrain Z. 4 hat ein Lied in Hs. 12744 No. 104; identisch damit wird sein die Laudenmelodie La dingherlindina, die Alvisi, Canzonette antiche (1884) S. 99 hslich nachweist. Ebenfalls Laudenmelodien sind Z. 5 und 11, s. Alvisi S. 99. 84; vermutlich sind die übrigen Zeilen auch solche Liederanfänge.

20.

Fortuna d'un gran tempo mi s'e stata fol. 18
 tutta gentile et gratiosa et bella.
 Dame un poco di quella mazacrocha
 et dammela ben chotta.

In Cort. No. XXI die Zeilen 1. 3. 4. in einem Contrasto (s. Renier S. 273), den H. Isaac komponierte, s. Ambros-Kade, Geschichte der Musik V, XXXVI.

Komponiert von J. de Pres, bei Petrucci, Odhecaton (1501); J. Japart, bei Petrucci, Canti C (1503).

21.

Entré ye suis en gran penser fol. 19

5 Systeme ohne weiteren Text. Wohl No. XXII in Cort.; s. Renier S. 272 Anm. 2 und S. 277. In Hs. 12744 beginnt so die 2. Strophe von No. 139.

22. (Cort. 19).

Forsellement l'atante que je more, fol. 20
 en mon las chor nul espoir ne demore;
 car mon malhor si [tres] fort me tormente
 ch'il n'est dolor que par vo je ne sente
 5 porce que suis de vous perdre bien sore.

2 las fehlt Cort 3 tres Cort 4 par vous ne Cort Steht noch in Hs. 1597 No. 37. 61; Hs. 1596 No. 6; Hs. 2245 komponiert von Okgehém.

Komponiert von P. de la Rue, bei Petrucci, Canti B (1501), von Obrecht, bei Petrucci, Canti C (1503), von Agricola, ebenda (1503), von Ghiselain, ebenda (1503), anonym, ebenda (1503); von J. de Pres, gedruckt 1538 (s. Eitner S. 518) und noch von mehreren anderen in jüngeren Drucken.

23. (Cort. 20).

Il estoyt ung bon(e) home qui venoet da Lion, fol. 21
 il avet une fille de tan belle facon
 Fa fa re la mi re la sol u. s. w.

Il avoit une fille de si belle fasson,
 5 i l'a mis a l'escole aupres de sa meson.
 Fa fa re la mi . . . ut

Steht auch Bibl. nat. No. 1597 No. 60.

4 Il . . fille *fehlt Cort.*

24. (Cort. 21).

Amor de moy il est en close
 en ung si pleysant jardinet,
 ou croit la rose et le muguet
 et ausy fet le passerose.

Auch Bibl. nat. 1597 No. 71, Hs. 12744 No. 27 (s. P. Meyer, Romania 1886, S. 458).

1 L'amor *Cort und die anderen* il *fehlt* 1597 sy 12744 2 dedans un joly 12744.

25.

L . . (5 *Systeme Melodie ohne Text*).

S. Renier S. 271 Anmkg. Cort = XXVI?

26. (Cort. 22).

„Maire de dieu, tant caude son, plena d'ordure; fol. 23
 vous es mege natural,
 sans fere mal
 prenes m'a cure.“

5 „Je son mege natural
 que cognoisse a l'orinal:
 vous aves plaga mortal
 soux la senture;
 a ung pan pres du nombril
 a grant peril:
 10 prenez en cure.“

5 a *fehlt Cort* 6 vous aves *fehlt Cort* 7 ioux *Cort* 8 nonbril *Cort.*²

27. (Cort. 23).

L'aultre jor je cevaucoye; fol. 24
 [en] l'ombre d'ung pont, son gabilliondon,
 je trovei una bargiere.
 Je la pris par sa man blanche:
 5 „nous dansaron sans vous soner . .

Auch Paris 1597, No. 58.

2 en in einer *Wiederholung der Zeile.* 5 vous *auch Cort*; wohl mot zu schreiben.

Komponiert, anonym, bei Petrucci, Cant. C (1503); Renier S. 277.

28.

Che fa la ramanzina? fol. 25

De! che fa ch'ela non ven?

O caro amor . .

S. Renier S. 272 (Cort. XXIX).

Komponiert, anonym, bei Petrucci, Strambotti, libro IV (1505). Verbunden mit *Fortuna d'un gran tempo* (s. No. 20) komponiert von L. Fogliano, gedruckt bei Petrucci, Frottole, libro IX (1508).

29.

Substituimus pacem et non venit, quesivimus bona, cognovimus peccata nostra; non imperpetuum irascaris nobis Deus Israel. Qui celorum contines tronos, domine rex regum, terram palma concludis. Exaudi nos Deus in gemitibus nostris.

Woher die Worte genommen sind, ist mir unbekannt.

Komponiert z. B. von Cl. de Sermisy, gedr. bei Attaignant, Motetti libr. XI (1534) und u. a.

30.

[fol. 26] Pater noster qui es in celis, sanctificetur nomen tuum, adveniat

Komponiert z. B. von J. de Pres, gedruckt bei Ott, Opus musicum (1537); von Nic. Gombert, gedruckt in seiner *Pantaphthongos Harmonia* (1541) u. a.

31.

Ave, regina celorum, fol. 27

ave, domina angelorum.

Salve, radix sancta,

ex qua mundo lux est orta.

Komponiert, z. B. von Obrecht, gedruckt bei Petrucci, Canti C (1503) u. a.

32.

[G]aude, gloriosa, fol. 28

super omnes speciōsa,

vale valde decora

et pro nobis semper Cristum exora. Amen.

Eine Hymne, nur ähnlich im Anfang, bei Kehrein, Sequenzen No. 840.

33.

E logeron nous seans, hostesse, o non . . fol. 29

S. Renier, S. 276 und 271 Anm.²; in Cort wohl No. XXXIV.

Komponiert, anonym, gedruckt bei Petrucci, Odhecaton (1501) und Canti C (1503).

34.

Une . .

Vier Notensysteme ohne weiteren Text. S. Renier S. 271 Anmerk. 3. In Cort wohl No. XXXV.

35. (Cort. 24).

Vray dieu, che pene m'esse
che d'etre presonier;
ye vis en grant tristesse
et an tres grant dangier.

5 La dolor chi ne cesse
mi fet (la) color cangier;
ye n'ay bien ne liesse
por mes maulx alegier.

1 esse = *est-ce*. 6 lo Cort² In Cort¹ nur Vray dieu.

36.

[fol. 31] Si oblitus fuero tui Jherusalem, alleluya, obliviscatur me dextera mea, alleluya. Si non meminero tui, alleluya (*bis*). Super flumina Babyllonis illic sedimus et flevimus, dum recordaremur tui, Syon, alleluya (*bis*). Hymnum cantate nobis, alleluya. Quomodo cantabimus canticum domini in terra aliena, alleluya (*bis*). Illic qui captivos duxerunt nos, verba cantionum. Quomodo cantabimus canticum domini in terra aliena, alleluya (*bis*). Et omnis exercitus canebat legiptime alleluya. Et David . . .

Psalm 136 V. 5. 6. 1. 3. 4.

Komponiert, anonym, gedruckt bei Petrucci, Mote'ti C (1504).

37.

[fol. 35] In illo tempore assumpsit Yhesus . . et Johannem fratrem ejus et duxit.

Evang. Math. IX 1.

38.

Palle, Palle . .

S. Renier S. 272. Als No. XL in Cort. S. d'Ancona, Poesia popolare S. 55 u. o. S. 372 f.

39.

[fol. 38] Liber generationis Yhesu Cristi, filii David, filii Abraam *u. s. w.*
Aus Evang. Matth. I 1—16.

Komponiert von J. de Pres, gedruckt bei Petrucci, Motetti C (1504).

40.

[fol. 43] Tulerunt dominum meum et nescio ubi posuerunt . . .

Evang. Joh. XX 2. 13.

Komponiert von J. de Pres, gedruckt in Evangelia dominicorum dierum (1554), 6 stimmig; 4 stimmig bei Petrucci, Motetti B (1503); 4 stimmig mit No. 41 verbunden von M. Pesenti, gedruckt bei Petrucci, Motetti de la corona (1519).

41.

[fol. 44] Reposita est haec spes mea in sinu meo, et in precordiis meis.
Der Anfang = Hiob XIX 27.

42.

Quis dabit pacem populo timenti, si quid irati superi . .
Aus Seneca Hercules Oetaeus v. 1541 ff.; s. Mancini a. a. O. S. 53.

43.

[fol. 45] Dive pax, orbis medice, qui nostros casus in terris miseratus.
Noch zu No. 42 gehörig?

44.

[fol. 46] Tota pulcra es, amica mea, et macula non est in te. Favus
 destillans labia tua, mel et lac sub lingua tua. Odor unguentorum super
 omnia aromata. Jam enim hyems transiit, imber abiit, et recessit.

Flores apparuerunt in terra nostra, vinee florentes odorem dederunt, et
 vox turturis audita est in terra nostra. Surge, propera, amica mea. Veni de
 Libano, veni, coronaberis

Aus Canticum Cantic. IV 7. 11. 10. II 12. 13. IV 8.

Komponiert von N. Craen, gedruckt bei Petrucci, Motetti C (1504)
 von N. Gombert, gedruckt im Liber Motettor. IV (1539); von Cl. de Ser-
 misy, gedruckt bei Attaignant, Moteti, libr. XI (1534) u. a.

45.

Quis dabit capiti meo aquam . . fol. 48
 Laurus impetu . . jacet . .
 Si turtur viduus solet . .
 Sub cujus patula coma . . et requiescam in pace.

*Polizianos Trauergedicht (nach Jeremias IX 1); Poliziano, Prose volgari
 S. 274; s. Mancini a. a. O. S. 54. Nur die Strophenanfänge in der Hs.*

Komponiert von H. Isaac (s. Poliziano, Prose a. a. O.) = Petrucci, Mo-
 tetti B (1503). Später von N. Payen, gedruckt in Sacrarum Cantionum libr.
 IV (1547).

46.

L fol. 50
 12 Notensysteme ohne Text. Wohl Cort 25, s. Renier S. 287.

47. (Cort. 26).

Pardones moy, se je foloye, fol. 51
 Verdin verdingoye;
 l'on ne s'en doit esmervellier
 por verdinguer,
 5 quant plus saige que moi foloye.

Ung falconier tousjours s'ejoye,
 verdin verdingoye,
 quant il voit son oyseau voler
 por verdinguer,
 10 mais qu'il ne perde point sa proye.

1 *In Cort*² nur J. Sardennes *Cort*¹ faloye *Cort*¹ 5 car *Cort*¹
 mon *Hs. u. Cort.* 8 soint o. *Hs.* voler gay (*ter*) *Cort*¹

48. (*Cort.* 27).

Vele ci, vele la, n'ameré le gorriere mignon. fol. 52
 Quant j'estoie jonette, petite garsillon,
 on m'envoyet a l'erbe garder mes agnellons.
 Falilon, la fille, le godon n'ameré . .

1 ma mere *Cort* gorriere s. *Godefroy s. v. gorrier.* 4 la fille : fillette
Cort godon s. *Godefroy s. v.*

49. (*Cort.* 28).

Se y'ay perdu mon amy, fol. 54
 je n'ay point cause de rire;
 je l'ay sy longtemps ame,
 vray dieu, que volé vous dire?
 5 Il a cincque ans et demi
 qu'a mon gre l'avrie choisy;
 morte suys, sy je ne l'ay;
 que volé vous dire de mon amy?

In Hs. 1597 No. 48; *Hs.* 12744 No. 95 *Str.* 1 in besserer Fassung.
 2 point *Cort*¹ : pas *Cort*² 3 *Hs.* 12744 mit richtigem Reim servi.
 5 cinque *Cort*¹ 6 avoye richtig *Hs.* 12744. 8 de moy *Hs.* 12744.
 Komponiert von J. de Pres, gedruckt in Courone des chansons (1536).

50.

fol. 55 Paratum cor meum, deus . . cantabo . .

Psalm 107 V. 2.

Komponiert von J. de Pres, gedruckt in *Psalmorum select.* tom. II
 (1539) u. a.

51.

fol. 56 Salvum fac dextera . .

Psalm 59 V. 7.

52.

fol. 58 In Ydumeam extendam calceamentum meum

Psalm 59 V. 10.

53.

[fol. 60] Amica mea, oculi tui columbarum . . inter filias. Introduxit me rex
 in cubiculum . . Fulcite . . languore langueo.

Aus Canticum Cant. I 13—16. II 1. 2. 4. 5.

54.

Prophetarum maxime, fol. 61
 natuque princeps egregie . .
 Concede nobis tuas digne concinere laudes

Komponiert, vereinigt, von H. Isaac, gedruckt im Liber select. cantionum (1520).

55.

[f. 64] Misericordias domini in eternum cantabo . .
 Quoniam et dominus suavis est . . O quam bonus dominus . .

Psalm 88 V. 1; Psalm 99 V. 5.

Komponiert von J. de Pres, gedruckt bei Petrucci, Motetti de la corona, Libr. IV (1519).

56.

[fol. 66] Miserere nostri domine . .

Psalm 122 V. 3.

Komponiert, mit No. 55, von J. de Pres, gedruckt a. a. O.

57.

[fol. 66] Fiat misericordia tua, domine, super nos

Psalm 32 V. 22.

58.

Quis dabit oculis nostris fontem lachrimarum . .

Heu nobis, domine, defecit Anna . .

Ergo ejulate, pueri, plorate . .

Trauergesang auf Anna von Bretagne, s. Mancini, a. a. O. 54.

Komponiert von B. Mouton, gedruckt bei Petrucci, Motetti de la corona libr. III (1519) u. a.

59.

[fol. 69] Factum est silentium in celo, dum conmitteret draco bellum cum michele

Aus Offenbarung Joh. VII 7.

Komponiert von B. Mouton, gedruckt bei Petrucci, Motetti de la corona, libr. II (1519).

60.

Gaude, Barbara beata . . fol. 71

Gaude, quia meruisti . .

S. Kehrein, Sequenzen No. 781, aus dem Missale ad Rom. eccles. usum, 1520.

Komponiert von B. Mouton, gedruckt bei Petrucci, Motetti de la corona, libr. I (1514).

61.

[fol. 73] Missus est Gabriel angelus
Evang. Lucae I, 26. Von anderer Hand geschrieben.

Komponiert von J. de Pres, gedruckt bei Petrucci, Motetti C (1504), 4stimmig; 5stimmig bei Petrucci, Motetti de la corona, libr. IV (1519); von B. Mouton, gedruckt in Liber select. cantionum (1520).

62.

[fol. 74] eceruent et blasmaverunt me totum in circuitu
Anfang fehlt.

Nachtrag zu Seite 377.

Durch die Gefälligkeit des Herrn Dr. E. Kossmann in Utrecht, dem ich eine Abschrift der Utrechter Hs. Varia 202 verdanke, die hier selbst im letzten Augenblicke zu benutzen mir das Entgegenkommen des Herrn Oberbibliothekars Tiele in Utrecht ermöglichte, bin ich in den Stand gesetzt, die Texte des kleinen Liederbuches von Utrecht nachträglich mitzuteilen.

Sein Inhalt wird gleichfalls gedruckten Sammlungen des 16. Jahrh. entnommen sein; doch ist es mir nur für 19 Nummern gelungen Drucke nachzuweisen. Von den 79 Blättern der bereits von G. Raynaud a. a. O. kurz beschriebenen Hs. sind fol. 37^b, 38^a und fol. 49^b—79^a nur mit Notenlinien versehen, auf die übrigen verteilen sich die 42 Lieder der Hs., darunter 39 französische und 3 holländische (letztere auf fol. 22. 26. 28, nach No. 18. 21. 22 des nachfolgenden Abdrucks). Auf fol. 17^b (mit No. 16) setzten weitere Hände ein, die sich statt eckiger auch ovaler Notenköpfe bedienen und an den Formen des *rceny* sich besonders deutlich unterscheiden lassen. Die Initialen sind größtenteils unausgeführt geblieben. Die Schrift ist flüchtig, die Schreibung nachlässig und nicht ohne Anzeichen der Entstehung des Buches in der Nähe pikardischer Mundart (*gline* = *geline*, *gardinet* = *jardinet*). Dafs die Schreiber mehr ihrem Ohr als der Schreibgewohnheit der Zeit folgten, zeigen Wortformen wie *le* für *les*, *servituer* für *serviteurs*, *faict* für *faites*, *dysá* für *disant* u. dgl. Der Liedertext beschränkt sich immer auf eine Strophe und auch diese ist öfters unvollständig, insbesondere in den heiteren motettartigen Nummern, wie dies in den mehrstimmigen Kompositionen der Zeit gewöhnlich ist. Auch die Verbindung von Strophenteilen verschiedener Lieder fehlt hier nicht (z. B. No. 9).

Als Tenorstimme bezeichnet, enthält das Buch auch Kompositionen mit dem Altschlüssel (z. B. No. 21. 26. 29. 30. 31. 33 ff.); No. 16. 17 sind mit Sopranschlüssel versehen; No. 1—15 (erste Hand) wechselt ebenso der Tenor- und Altschlüssel. Der

erste Teil enthält wesentlich Lieder im Volkston von anstößiger Ausgelassenheit, aber offenbar großer Verbreitung und Beliebtheit schon vor ihrer mehrstimmigen Bearbeitung; der zweite bietet hauptsächlich lyrische Strophen höfischen Stils dar. Von Komponisten werden bei No. 28 J. Baston, bei No. 35 Th. Crequillon, bei den holländischen Liedern Georg und Gilles Hompe genannt. Baston komponierte jedoch auch No. 20, Crequillon noch No. 26. 28. 30. 32. 34. 36. Davon sind No. 20 auch von Clemens non Papa und von einem Ungenannten in Musik gesetzt worden (s. u.), No. 26. 34 auch von Cl. de Sermisy, No. 34 von de Villiers und Manchicourt. Komponiert von P. Symon wurde No. 37, von P. Cadeac No. 22, von Richafort No. 16, sowie No. 11, das außerdem Clemens non Papa, N. Gombert und de Castro mehrstimmig bearbeitet haben, No. 13 von B. Ducis, No. 1. 10. 14. 17. 38. 39 von Unbekannten. Die Drucke, die diese Kompositionen enthalten, stammen aus der Zeit von 1503—1560; die Utrechter Hs. wird bei einzelnen Liedern eine ältere Aufzeichnung darstellen. Welchem Komponisten die in ihr enthaltenen Melodien im einzelnen Falle angehören, kann sich erst durch Einsichtnahme in die auch hier schwer zugänglichen Drucke und durch Vergleichung der Melodien ergeben. Viele dieser Drucke befinden sich in München, Berlin, Wien, einzelne sind nur in Königsberg, Wernigerode, Danzig bisher nachzuweisen, Straßburg besitzt keinen einzigen. Der Gefälligkeit des Herrn Prof. v. Reinhardtstöttner, des Dr. Jacobs in Wernigerode, Dr. Schwan und Dr. Appel verdanke ich Angaben über einige der gedruckten Texte. Von den vertretenen Komponisten bilden einen geschlossenen Kreis: N. Gombert, ein früher Schüler von Josquin de Pres, geboren zu Brügge, Meister des Madrider Kinderchors des Kaisers Karls V. (1530), von dem seit 1529 Kompositionen im Druck vorkommen; J. Richafort, ebenfalls Schüler Josquins, von Geburt Niederländer, 1543—7 Kapellmeister an der Kirche St Gilles in Brüssel, von dem seit 1519 Musikstücke in Sammlungen begegnen; B. Ducis, mit dem Geburtsnamen Hertogs, ebenfalls noch aus Josquins Schule, tritt seit 1532 in Drucken auf. Clemens non Papa, der schon zur Zeit Papst Clemens VII. angesehen war, starb als Kapellmeister des Wiener Hofes vor 1558 (Liederdrucke seit 1539); Crequillon war Kanonikus zu Namur, Termonde (1552) und Béthune (1557), und ebenfalls einer der Kapellmeister Karls V. (Liederdrucke seit 1543); J. Baston (Liederdrucke seit 1542) gehörte zu den flandrischen Musikern; P. de Manchicourt, geb. zu Béthune um 1510, lebte als Kapellmeister in Tournay (Liederdrucke seit 1532). J. de Castro war Kapellmeister Johann Wilhelms von Jülich-Cleve-Berg, und ist im Anfang des 16. Jahrh. in Lüttich geboren. Nichts näheres weiß man von P. Symon, Cadeac und de Villiers. Abgesehen von Cl. de Sermisy, Unterkapellmeister König Franz' I. von Frankreich (1532) und den drei nach ihrer Herkunft und Stellung unsicher gekannten (vgl. zu den erwähnten Fétis und Ambros) sind es mithin durchaus nach Herkunft

oder Stellung den Niederlanden angehörige Musiker, die als Komponisten von Liedern der Utrechter Sammlung auftreten. Die Blütezeit fast aller war das 2. Viertel des 16. Jahrh. Frühestens dieser Zeit wird daher das Liederbuch entstammen.

Ein Schreiber fügte auf fol. 79^b die Worte bei:

Loopt ende hoopt in vreuchden
Lyt, weest, verblyt in deuchden.

Der nachfolgende Abdruck der französischen Strophen folgt der Hs. in der Schreibung, unterdrückt die Wiederholungen von Textesworten und sucht die strophische Gliederung, wo sie mit einiger Sicherheit zu erkennen war, anzugeben. Leider fehlen Paralleltexthe in Drucken oder Handschriften gerade bei den naturwüchsig kecken Nummern des ersten Teiles, die am unvollkommensten in dem Utrechter Büchlein mitgeteilt werden und manches mir Unverständliche enthalten, z. B. in 6. 12. 18.

1.

L'autre jour (je) vis per ung matin fol. 1
la fille de nostre voisin
qui se jouoit a ung gendarme — a l'arme!
et le baisoit et l'acolloit
5 et davantaige luy faisoit,
et hem, hélas, m'amyé!

S. Raynaud im Bulletin de la Soc. des Anc. Text. III 115.

2.

Hola, ho, par la vertu goy! fol. 2
Dieu vous garde, madame;
je teniroy(?), par le sang goy
Re[n]contrai Margo
5 qui gardoit ses vacches.

3.

[S]ur le bombombom. fol. 3
Nous estiems trois conpaignons, — pire lire ron —
qui revenions de Lyon.
Je rencontray Jennetton,
5 je mys main sur sen tetôn,
je luy levay son plichon.

Gedruckt (4 stimm.) sind bei Attaingnant, 28 chansons, 1530, und in denselben 29 chansons, 1530, beidemal. anonym, Lieder nur mit gleicher Anfangszeile. S. S. 404.

4.

[D]ondon, farilaridon. fol. 4
Mon chemyn devers Grantmon
rencontray en ma voye
m'amie gardant les moutons.

5 Je le(s) prins ense(*entre?*) le brache,
le gettay dessus les jonck;
la fillette vit le loup
qui enportoit ses mouton.

5.

Je me levay au matinet, fol. 5
pimperlo pindorilorpinet,
je'm'en entray au gardinet
et j'ay trové ung coquet.

6.

[.]uidant estre en chambre fol. 7
par ce(?) fust logié
dedens ung poulliet.
Quant il se leva pour pisser,
5 le coc haultement
se murmura crai[n]dant(?)
que luy vaulsist coquer ses glines,
si le fist crier ensamble, — coc . . dach.
L'otesse qui entend(o)it
10 tout[e] la bataille,
de son lit se leva soubit
en luy dysa: „haha, poullaille,
fait vous la sy hault vous nist?“

7.

[J]aymais ne m'aviendra. fol. 8
Il estoit ung bon homme
en l'aige de cent ans;
il a la barbe grise
5 et le cheveulx tout blanc — et crac.
Il avoit ugne fille
en l'aige de XV ans;
elle a faict la folye,
elle est grosse d'enfant.

8.

[Q]ui me donra ung bruliez, fol. 10
il dormira au piet du lietz, — aultrement non.
Qui me donra ung duca,
il dormira entre me bra.
5 Qui me donra ung lyon,
il dormira sur mon petit fron.
Qui me donra ung angelo,
il fera tous les aultrez wihotz.

1 bruliez = *broûlé?* *Lütticher Geldstück*; s. *Grandgagnage, Dict. II* 508. 6 fron(t) = *nature de femme*, s. *Leroux, Dict. comique I* 551. 8 wihotz, vgl. *Grandg. II* 488; *Scheler zu Jean de C. I* 410, *II* 379.

9.

De[s] j'ay paine et soussy,
 doluer et grant martir,
 triste je suis si..
 pour aimmer leaulement.
 5 Je ne puis vivre nullement
 [n]'avoir solacs ne joye,
 depuis le partement
 de celle que j'aymoie.

10.

[F]ortune, laisse moy le vie, fol. 12
 tu me tourment[es] durement,
 souffre moi vivre seulement,
 et . . . je t'en prie.
 5 Pourquoy m'es tu tant ennemie?
 Ne s'en peult il faire aultrement?

Gedruckt in G. Rhau's Tricinia, 1542, anonym; andere Strophe. S. 404.

11.

[S]ur tous regres le miens [plus] piteulx pluere fol. 13
 jectans suspir(e) transpersans mon las cuer;
 car j'ay perdu l'amyable liquer
 que tant je plains et plaindrai en ample heure.

1 [plus] *nach: J. Ott. 115 weltliche Lieder, 1544, No. 78.*

Komponiert von J. Richafort (s. S. 395), gedruckt bei Attaingnant, Chansons musicales, 1533 u. a.; von N. Gombert (s. S. 395), gedruckt bei Gardane, Sex Misse, 1547 (Missa) u. a.; von Clemens, gedruckt bei Waelrant, Jardin musical, 1556, und noch später von J. de Castro s. Eitner, S. 455.

12.

[O]u serai ge du nombre, ma maistresse, fol. 14
 de servituer dont aves sy grand(e) presse
 pour parvenir a che halt manuiter (?) ?
 Ne soyes . de mon desir, m'amyé;
 car vous scavez la doluer qui me blesse.

13.

[L]e printtamps fait florir fol. 15
 les arbres per nature,
 tous oyseaulx resjouir
 au bois subz la verdure;
 5 et il fault que j'e[n]dure
 paine, soing et traveil
 pour vous, belle figure,
 qui me fait che resveil.

Komponiert von B. Ducis, gedruckt bei Attaingnant, Chansons musicales, 1533.

14.

[J]e m'en vois au vert bois fol. 16
 oyr chanter l'ossilon.
 Medisant vont disant
 que je [y] vois pour Marion.
 5 Or y vont pastoureau
 et puis s'en vont pastorelle
 et si font ung bocquet

*Der Text ist vom Komponisten mit äußerster Freiheit behandelt.
 Komponiert, anonym, gedruckt bei Attaingnant, Trente et six chan-
 sons, 1530; dort Z. 2 l'oisillon.*

15.

[D]essus le marchiet d'Arras, fol. 17
 mire la mire la bombas,
 j'ay trouvé ung Espaignart;
 il me dist: „fille, escolcha
 5 de l'argent qu'on vous donra.

16.

Ne vous chaille, mon coeur, si vous aves fol. 18
 du mal beaucoup et si n'aves tousjours
 de vous' plaisir entiere joyssanche.
 Car, si dieu plaist, vous ares aleganche
 5 du mal pour qui si souvent vous resves.

*Komponiert von Richafort, gedruckt bei Susato (Antwerpen), Le
 cincquiesme livre (des chansons), 1544; hier richtig Z. 2 tousjours n'aves.*

17.

Et gentilz marichal,
 ferreras tu mon cheval?
 A Paris à trois fillettes,
 la plus josne est m'amiette.

*S. oben S. 377. Komponiert, anonym, gedruckt bei Attaingnant, Vingt
 et huit chansons musicales, 1534 etc., mit geringen Abweichungen; vgl.
 Jacotin, A Paris a troys fillettes in Attaingnant, 38 Chansons musicales, 1529.*

18.

N'as tu point veu la viscontine fol. 21
 tant prop[r]ine, tant godine
 qui a son chief bien pingniet?
 Elle a donne la gorre a l'espine
 5 la plus fine sur la mine
 qui soit point[e] au refudoir(?)
 et s'y a este envelope
 dessus son verdilonet
 et s'y a este point et brouiliet
 10 vert come ung papegay. Fariran!

Komponiert, anonym, gedruckt bei Petrucci, Canti C, 1503; nur Z. 1.

19. (Fuga in diapason).

fol. 22

De mon mary je ne me plains . mie;
 sy je me plains, c'est sans raison.
 N'e ce point fait d'ung bon baron?
 Toutjours me tenste, quant je file. Geor (*gestrichen*) Gilles Hompe.

20.

fol. 24

Je prens en gres la dure mort
 pour vous, ma dame, par amours;
 navrez m'avez, mais a grant tort,
 dont fineray [de brief] mes jour.
 5 La chose my vient a rebours
 souffrir sy tost la mort amere.
 O dure mort, que faictes vous?
 Mourir my fault, c'est chose clere.

Komponiert, anonym, gedruckt bei Susato, Chansons à 4 parties, 1^r livre, 1543; von Clemens, gedruckt bei Attaignant, Chansons nouvelles 27, livre 6, 1539; von J. Baston, gedruckt bei Susato, 22 Chansons, 5^e livre, 1544, u. a. 4 [de brief] nach Attaignant.

21. (3. Hand)

fol. 26

Je fille, quant dieu me donne de quoy,
 je file ma quenaille o voy (?)
 En nous jardin m'en entray,
 trois flours d'amours

22. (2. Hand?)

fol. 29

D'amour je suys desheritee
 et plaindre ne me puis, helas.
 J'ay perdu mon amy,
 seullette suys, il m'a lessee

Vgl. P. Cadeac, Je suis desheritée, bei Attaignant, Chansons nouvelles. Livre 4, 1539. S. S. 404. Auch Attaignant, Trente chansons, 1533.

23. (4. Hand)

fol. 31

Au joly gentilz vert bochaige
 j'ay percheu hier une fillette
 souvent chantant en son doulx langaige.
 Au lieu où elle estoit seulette
 5 . son amy par amourette
 avéc(que) luy en joyeuseté.
 Mais il n'osoit dessus l'erbette
 faire du sien sa volunte.

24. (Canon in Dyapason).

fol. 32

Dame d'honnuer, de pris haultayne,
 d'amour et de consolation,
 vous estes la plus souverayne
 du monde a mon intencion.

- 5 Je vous pri(e) sans abusion
que vous [me] tenez pour amy;
car quant de vous ay vision,
je ne crains point mon ennemy.

Komponiert von Jacotin wurde ein anderer Text mit gleichem Anfange, gedruckt bei Gardano, Primo libro de Mudrigali, 1559. Exemplar in München.

25. (Response de joyssanche; (5. Hand)). fol. 33

De vostre mort mary seray
usant ma vie en desplaisanche,
souvent je vous regreteray;
gros duel pour vous je porteray,
5 aultre que vous je n'aimeray
aiant de vous la souvenanche.

26.

- O(r) combien est malheureux le desir fol. 35
dont je ne puis recovrer que torment,
de mon amy j'ay forme ung plaisir
que est trop loing de mon contentement.
5 Je voy mon bien finir soubdainement,
mon travail croist soubz couverte pensee;
sans esperer je souffre doucement
le mal que fait amye offensee. (*dahinter* La reponse).

Komponiert von Cl. de Sermisy, gedruckt bei Attaingnant, Liber VII, 24 . . . modulos . . . habet, 1534, etc.; von Th. Crecquillon, gedruckt bei Phalese, 1^r livre du Recueil des fleurs produictes de la divine musique . . . (Löwen) 1560, etc.

27. (6. Hand).

Le mal que fait une amye offensee,
me donne ennuyt en lieu d'esbatement;
car nulluy

28. (Josquin Baston; (7. Hand)).

- Ung souvenir en fermete constante fol. 36
jamais de moy, pour vray, ne sortira;
mon c[uer] le veult, aussi je me contente,
puis que secret vers moy se retira.
5 A tout jamais nul ne l'escondra,
garder le veulx jusques a mort . . .
affin d'estre en pensee constante
et qu'on dira, c'est ung penser leal. —
Sans avoir fin, et

Komponiert von J. Baston, gedruckt bei Phalese, 2^e livre des Chansons (Löwen) 1554, etc., (auch von Crecquillon komponiert, gedruckt bei Phalese, 1^r livre des Chansons, Löwen, 1554; hier Z. 5 escondra; 6 a m. etwa [fatal]; 8 leal penser Hs.

29.

Si bien dire l'osoye
 dont me vient le souffrir,
 mon mal allegeroye
 sans en getter souspir,
 5 Mais trop bien . sca[roye]
 qu'on m'a voulu choisir
 pour user ou(?)que souloye,
 ma vie en desplaisir.

30.

Mort m'a prive par sa cruelle envie fol. 39
 d'ung medecin cognoissant ma nature,
 et m'a remis en si grand frenesie
 qu'en peu de temps j'ay bien changie pasture.
 5 Riens ne my vault ma grant progeniture,
 vertu me couvre, armé de patience,
 divin vouloir passe humaine science.

Komponiert von Crecquillon, gedruckt bei Susato, 1^e livre des Chansons (Antwerpen) 1543 etc.

31.

Plus en fera[i], car des de ma jonesse fol. 40
 j'ai mis du tout mon coeur et mon adresse
 de bien servir ce qu'il m'a commande.
 Tousjours ay fait du tout sa volunte,
 5 [ce] qui est au coeur une grande liesse.

32.

Mort ou merchy en languissant j'attens,
 mais cognoissant que en vain je pers mon temps.
 Raison le veult, me conseille et enhorte
 de quitter tout; mais l'amour est si forte
 5 que mes espritz ne sce(ven)t estre content.
 Helas, m'amour, tu scais ou je pretent;
 dont te requiers, a la clameur entens
 du povre amant lequel crie a la porte.

Komponiert von P. de Villiers, gedruckt bei Attāngnant, Chansons nouvelles, livre 3 etc., 1539; von Crecquillon, gedruckt bei Phalese, 5^e livre des Chansons (Löwen) 1555. Z. 5 lies mon.

33.

Ce franc baisier, ce basier amiable, fol. 41
 tant bien donné, tant bien recheu aussy
 qu'il estoit doux, o beaulte admirable!
 Baisies moy donc cent fois le jour ainsy.
 5 me recepvant desoubz vostre merchy;

pour tout jamais vous en pouldres bien dire
 que me donnant ung baisier adoulcy,
 m'avres donne perpetuel martire.

34.

Si mon travail vous poeult donner plaisir, fol. 43
 recepvant d'aultre plus de contentement
 ne craignies pas me faire desplaisir;
 mais en laissé a mes yeulx le torment.

5 Puis que du mal sont les commencement,
 c'est bien raison qu'ilz en seuffrent la peine;
 ploures donc povres yeulx, doucement
 le doeul yssu de la joye incertaine.

*Komponiert von Crecquillon, gedruckt bei Susato, le 3^e livre de Chan-
 sons (Antwerpen) 1544; von Cl. de Sermisy, gedruckt bei Moderne, Para-
 gon des chansons, 3^e livre, 1538; von P. Manchicourt, gedruckt bei Susato
 Le 9^e livre, . . . 29 chansons, Antwerpen, 1545; hier Z. 7 statt ploures rich-
 tiger endure.*

35.

Prenes pitie du grand mal que j'endure fol. 44
 pour vous aimer, sans m'en vouloir blasmer.
 Amour vous poeult comme moy faire aimer
 et du passé faire paier l'usure. — Crecquillon.

*Komponiert von Crecquillon, gedruckt bei Susato, Le 3^e livre de
 Chansons, Antwerpen, 1544.*

36.

Force sera, si de brief n'ay secours fol. 45
 de m'eslongier de ce que mon coeur aime:
 pas sans regretz; car grant soucy et paine
 me font souffrir, et seufre tous les jours.

Komponiert von Crecquillon, gedruckt, ebenda, 1544; derselbe Text.

37.

Baisier souvent, n'es ce point grand plaisir? fol. 46
 Dictes ouy, vous aultres amoureux;
 car du baisier vous parvient le desir
 de mettre en ung ce qui(l) estoit en deulx.
 5 L'un est tres bon, mais l'aultre vault trop mieulx;
 car le baisier sans avoir jouyssance
 est ung plaisir de fragile assurance.
 Mais tous les deulx ralies d'ung acord
 donnent au coeur si grande esjouyssance
 que tel plaisir met en oubly la mort.

*Komponiert von P. Symon, gedruckt bei Attaignant, Chansons nou-
 velles, 20^e livre, 1546; wesentlich derselbe Text.*

38.

Content desir qui cause ma douleur, fol. 48
 heureulx scavoir qui mon travail renforce,

o forte amour qui m'a rendu sans force,
donné secours a ma peine et langueur.

*Komponiert, anonym, gedruckt bei Phalese, 7^e livre des Chansons,
(Löwen) 1560 etc.*

39. (Response).

Vivre ne puis content sans sa presence, fol. 48
mourir m'est doulx, si je n'avoye l'espoir
de prompt retour et que loial debvoir
de mon amour luy en fist cognoissance.

*Komponiert mit 38 verbunden, ebenda. Noch 1636 gedruckt bei Phalese
(les heretiers), Livre 7^e des Chansons vulgaires.*

Bemerkung. No. 3 lautet in den 28 *Chansons* (nach dem
Münch. Ex.) und in den 29 *Chansons* (Ex. in Wernigerode):

No. 3 (28 Chansons).
Nos estions troys compaignons
tos d'une livree
querans come frans pions
la bonne vinee,
bons morseaulx et doulx sapions(?);
aux gobeletz trouvé l'avons.

Ma courte jaquette
gaye e joliette
qu'est estroicte dessoubz,
l'entendes vous?
elle est en gaige pour dix solz.

22 (München).
Je suys desheritee,
puis que j'ay perdu mon amy;
seulle il m'a layssee,
pleine de pleurs et de soucy.
Rossignol du bois joly,
sans point faire demeuree,
va t'en dire a mon amy,
que pour luy suys tormentee.

No. 3 (29 Chansons).
Nous estions troys compaignons
qui alions dela les mons;
nous voulions faire grant chere,
sen devant derriere;
et sy n'avions pas ung solz,
sen dessus dessoulz. —

Quant on nous voit arriver,
on nous pria de souper
avec la chamberiere,
sen devant derriere;
nous mengeames nostre soul,
sen dessus dessoubz,
et sy n'avions pas . . (*wie o.*).

No. 10 (Berlin).
Fortune, laisse moy la vie.
Puisque tu veulx avoir les biens,
je te declaire qu'i sont tiens.
Mes doncque fin a tout[e] envie!

G. GRÖBER.

VERMISCHTES.

I. Handschriftliches.

La Vittoria di Christiani des Giovanni Bonasera.

Cod. ital. 300 der kgl. Hof- und Staatsbibliothek zu München enthält einige Oktaven, in denen Giovanni Bonasera den Seesieg bei Lepanto (1571) feiert. Die Handschrift auf ziemlich morschem Papier ist von Palermo den 14. März 1572 datiert; sie enthält gemalt auf dem ersten Blatte den österreichischen Doppeladler mit der Überschrift „Qval sempre fvi“, dann eine Widmung in italienischer Sprache an den „serenissimo Prencipe“ *Don Juan d’Austria*, den „vero figliuolo del glorioso Carlo Quinto“, in welcher der Dichter ihn bittet, „degnarsi drizzar i serenissimi sguardi a le mal composte Rime in stile Siciliano Accio non manchi fra le setanta dua languaggi il nome di sua Altezza.“

Das Exemplar ist offenbar für *Don Juan* bestimmt und von Bonasera selbst geschrieben.

Von Giovanni Bonasera, den Mazzuchelli (Gli Scrittori d’Italia, Brescia 1762, vol. II, part. III, S. 1559) einen „poeta assai pronto, e dotato di facilità somma nel far versi“ nennt, finden sich (s. ebenda) einige sizilianische Gedichte in den *Muse Siciliane* (Palermo 1645. 2. Asg. 1662).

La luna iunta al Saturnu, spera [f. 2^a]
Per l’ascensu di l’horridu draguni
Lu locu, e’ statu di la terza sfera
Per oppositu misa alu liuni
Marti s’ adira, e’ contra l’ aspra fera
Venere aiuta (standu in scörpiuni)
Mentri la santa liga, e’ trina schera
Nata cu’ la palumba alu timuni.

Lu sulì di ponenti illuminanti
Nexi (scoprendu la sua excelsa imagu)
Et occupandu l’anticu liuanti
La luna oscura, e abbarbaglia lu dragu

Et ali Curchiolari fulminanti
 Si mustra, (dandu ali mostri l' appagu)
 Comu fù Gioui contra li giganti
 Vndi surgì, et in vnda vn russu tagu,

Vndi lu serenissimu Joanni [f. 2^b]
 Stindardu GENERALI e Confaluni
 Dili nimichi spogli senza danni
 Resta comu fù Apollo in lu fituni
 Vndi prometti per setti, e setti anni
 Sicuru portu, e pachi alu liuni
 Stanti la morti di l' impij tiranni
 E' per l' eclissi dili mezzi luni

A quistu adunca li tri parchi soru
 Filanu longu lu vitali spagu
 Poi ch'¹ reduchi l' hebreu turcu, e moru
 Suggetti ad unu stissu Areopagu
 Chi comu Scipiu cu' tantu decoru
 Supra lu gran triufu di cartagu
 Trasporta cu' la seggia e virga d'oru
 L' augellu di vittoria presagu.

A l' aquila, anzi nouu Diu di guerra [f. 3^a]
 Renuntia (comu loru campiuni)
 Nettunnu l' acqui, Marti l' ampla Terra
 Gioui s' àmira e spantasi Plutuni
 A lu cui nomu la luna s' atterra
 Lu Mundu trema, e trema lu draguni
 Quali, a dispettu dila genti perra
 Reforma li paterni dui Coruni.

*fine | Della prima parte della | Vittoria di
 Chri|stiani per | sua | Altezza.*

Spingi lu volu augellu Giouiali [f. 4^a]
 Chù ch' spintu non fù per l' excelsi opri
 Per cui signorigiasti triumphali
 Quantu lu mari abbrazza, e l' airu scopri
 Sybillano l' augurij martiali
 Ch' li vittoriosi gramphi adopri
 E cu' li dui coruni éntrambu l' ali
 Li Cheli apoy, e li dui poli copri.

Glosa.

¹ *Spättere Hand: chi.*

Poi ch' per sagri, et astronomi carti
 Dilu gran truncu vna rama austriali
 S' hà vistu, e lu demustra Apollu, e Marti
 Ch' amplijrà l' insigna Impernali
 Versu li santi, e li bizantij parti
 Vndi resona la vuchi fatali
 Lu tempu essendu prontu á sublimarti
 Spingi lu volu augellu Giouiali.

Juntu vndi fù l' hebreu da Titu vintu [f. 4^b]
 Et vndi Costantinu l' eccu scopri
 Comu ti sagrau Petru a Carlu quintu
 Di dui conformi testi ti ricopri
 E d' Otthoman lu semi in tuttu estintu
 (Mentri la forza, e l' ardimentu adopri)
 Sarrà lu volu tò per l' airu spintu
 Chù ch' spintu non fu per l' excelsi opri.

L' operi excelsi e li famusi proui
 Dilu terrenu diu, di Marti equali
 Lassaru eterna marauiglia á Gioui
 E stupuri infinitu ali mortali
 Maximu tra li magni antichi, e noui
 Di cui la trumba altera, et immortali
 Conquassa l' airu, e la terra còmoui
 Per cui signorigiasti triumphali.

Li dui coruni, e' bifurcata testa [f. 5^a]
 Ch' l' lu liuanti, e' lu ponenti scopri
 Di Philippu, e Joanni manifesta
 Dui Imperij coniuanti in fraterni opri
 Comu d' Arcadiu, d' Onoriu s' attesta
 Cussi cu' li colanni dui t' adopri
 E cu' li pinni in perpetua festa
 Li Cheli appoy, e' li dui poli copri.

*fine | Della Seconda parte della | futura Vittoria
 di | Christiani In | H'Jerusalem | per sua Altezza | .*

Eccu Eccu oretu l' aquila volanti
 Eccu lu veru diu dila vittoria
 Ch' affacchia com' vn Suli illuminanti
 Eccu la pompa, e la Romana gloria
 Eccu l' inuittu Marti eccu l' atlanti
 Eccu di Carlu quintu la memoria
 C' hà spintu li stindardi triumphanti
 Contra l' inuidia, e lá nimica boria.

Glosa.

¹ *Korrektur mit hellerer Tinte: chi.*

Primu la Illustri insigna d' Aragona
 Cu' lu Chitati, e vintimiglia inanti
 Lunu, moncata, bulogna, e cardona
 E branchiforti, e ianza guerrigianti
 Lu boscu, e li sequachi di bellona
 Lu campu, affittu, agliata, e' lu restanti
 Fazzanu vn' eccu al' eccu ch' resona
 Eccu Eccu oretu l' aquila volanti.

Di poi la valerusa genti yspana [f. 6]
 E l' alta nationi d' Andria d' oria
 Vltra la firintina, e catalana
 Sequa di pisa l' Antica memoria
 Et ogn' altra Prouintia Christiana
 Di gradu in gradu cu' triumphu, e gloria
 Gridandu vaya cu' vuchi soprana
 Eccu lu veru Diu dila vittoria.

Dili chù luchidi armi, e ricchi panni
 Et ostru, ch'¹ maj chinsi guerrigianti
 Per lu restauru di l' hauuti danni
 Cu' lauru, oliua, e palma triumphanti
 Ogn' unu scarcu di dolu, e d' affanni
 Cu' spassi, iochi, balli, soni, e canti
 Nexa á incontrari lu terzu Joanni
 Ch'¹ affaccia com' un suli illuminanti.

Supra vn carru di focu in mezzu vn lagu [f. 7^a]
 L' aquila, ch' defendi lu liuni
 Per la phenichi Pia contra lu dragu
 Natu cu' la palumba alu timuni
 Vndi surgi et in vnda vn russia tagu
 E per l' eclissi dilli mezzu luni
 L' augellu di vittoria presagu
 Reforma li paterni dui coruni.

Glosa.

L' Angilu xisu per gratia diuina
 Cu' lu stindardu dilu suli vagu
 Comu fù Perseu cu' l' orca marina
 Cussi s' adopra contra dilu dragu
 Ch' ardi suffunda annichila, e ruina
 Fachendu dilu feru sangu sfragu
 Cu' subita vittoria, e repentina
 Supra vn carru di focu in mezzu vn lagu.

Di sangu vn lagu si vidi conuersu [f. 7^b]
 Charonti stancu e carricu Plutuni

¹ *Nachkorrektur: chi.*

Per la gran straggi, in cui restau sùmersu
 Lu checu, et ostinatu Farauni
 Per manu heroyca nota à l'uniuersu
 D'vn' altr' Achill' vn' Hercul' e vn Sansuni
 Per cui ad vn puntu acquista quantu hà persu
 L'aquila, ch' defendi lu liuni.

L' offisu Marcu à Marti moui á sdegnu
 (Bontà di Petru contra lu gran magu)
 Ch' di l'amica la patria, e sustegnu
 Salua, (sulcandu l'vndi d'ulmu e fagu)
 Talchi l'adustu Diu, per forza e ingegnu
 (Malgradu di medusa, e dilu pagu)
 Rendi ala bella dia lu persu Regnu
 Per la phenichi Pia, contra lu dragu.

Lu corpu in sagri marmi e li trophei [f. 8^a]
 Lu dignu templu d'alcide hoggì copri
 E' l'alma in uitta fra li in uitti dei
 Fa signu ch' à sequirla t'adopri
 Chi per li dui succhessi semidei
 L'un' alu statu, e l'altr'¹ ali grandi opri
 Triumphirai tra mauri, Indi, et hebrei
 Quantu lu mari abbrazza, e l'airu scopri.

Lu Rè di l'Austru, ch' di gloria excedi
 Ogni potentia, e Maestà Reali
 Dilu scettru paternu vnico heredi
 Acquistira Dominiu vniuersali
 Per l'almu in vittu d'unu ch'² procedi
 Di la sua destra supranaturali
 Di cui la fama ogni herculi precedi
 Sybillanu l'augurij martiali.

La luchi ch'² senz' Alba á nui s'apersi [f. 8^b]
 E' intornu a Phebu sgumbrau l'oscuro opri
 Ch'² contra la caligini conuersi
 L'ecclisi, in lu sblenduri, ch' si scopri
 Riuela per li signi ch'² scopersi
 Lu letu iornu, ch'² la neglia copri
 Per cui fortuna voli in tutti versi
 Ch'² li vittoriosi gramphi adopri.

Oprandu contra lu Scitha, e lu mauru
 L'artigli xisi di l'arca fatali

¹ *Korrektur mit hellerer Tinte: altru.*

² *Desgleichen: chi.*

Seruandu la thyara, e lu camauru
 Abbranch'rai¹ lu globbu mundiali
 E dandu á lu liuni amplu restauru
 Per manu di l'heroy di nullu equali
 Reposirai cu' l'vnicu thesauru²
 E cu' li dui coruni e' ntrambu l'ali.

Fazza per tutta la Chitati festa [f. 9^a]
 E spingia statui à futura memoria
 Dila vittrichi, e gloriosa testa
 Cu' laudi non mai scritti, a nulla hystoria
 Fazza vulcanu strepitu, e tempesta
 A la sua intrata cu' sonanti boria
 E vn' Eccu ch'³ rebumba, e manifesta
 Eccu la pompa, e la Romana gloria.

Nettunu e thethi cu' li dei marini
 Eulu, e la stilla di polluuchi erranti
 A saluamentu cu' li vili chini
 Lu sbarcanu a lu ponti triumphanti
 Vndi li gesti, et operi diuini
 D'un tantu heroy per specchiu stánu inanti
 E Replica la fama senza fini
 Eccu l'inuittu Marti, Eccu l'atlanti.

Trumbi, e' tamburi (vltra l'artiglieria) [f. 9^b]
 Fazzanu scruxu, e signu di vittoria
 Accumpagnandu la cauagliaria
 Lu semideu di tantu nomu, e gloria
 Cu' sforgiu, faustu, e cu' tappizzaria
 Per strati, e per fenestri a l'austru, e boria
 Sentasi diri in ogni locu, e via
 Eccu di Carlu Quintu la memoria.

Nettar' ambrosia, latti, manna, e meli
 Curra, ogni xhumi, e fonti mormuranti
 La terra li tesori soi riueli
 Cu' sagri frundi mirti hedri, e acanti
 Et vna trumba tona dili cheli
 Quistu è quillu famusu guerrigianti
 Homu chelesti, e terrenu micheli
 C' hà spintu li stendardi triumphanti.

¹ *Desgleichen*: Abbranch'rai.

² *Text*: thesauru.

³ *Desgleichen*: chí.

Colossi, templi, Carri Archi, e' teatri [f. 10]
 Trophei, triumphi, e letitia notoria
 Si fazzanu, e si vya in milli quatri
 Descritta la preterita vittoria
 Comu fù contra milli armati squatri
 Di Scipiuni, e' Cesaru la gloria
 Cussi sua Altezza sia comu lu patri
 Contra l' inuidia, e la nemica boria.

*Fine Del trionfo della | intrata che fece sua |
 Altezza a Palermo | Di Sua Altezza | Humilmo
 Seruo | Giuanni Bonasera. |*

K. V. REINHARDSTÖTTNER.

II. Grammatisches.

1. Über steigende und fallende Diphthonge im Ostfranzösischen.

In dem Abrifs der altfranzösischen Laut- und Formenlehre, welcher Bartschs *Langue et Littérature Françaises* beigegeben ist, habe ich mich kurzer Hand gegen die Theorie ausgesprochen, nach welcher *-ie*, *-uo*, *-iee* in der ältesten französischen Sprachperiode fallende Diphthonge gewesen wären. Es war dort kein Raum, meine Ansicht zu motivieren. Das Versäumte soll hier nachgeholt werden. Ich gedenke jedoch die Frage nicht in ihrem ganzen Umfange zu behandeln. Es soll dieser Artikel nur ein „Beitrag“ zur Lösung derselben sein. Vorausgeschickt sei eine Bemerkung über Havets theoretische Erörterungen *Romania* VI 321 ff. Der französische Gelehrte, der annimmt, daß *ie* aus lateinischem ξ ein ursprünglich fallender Diphthong war, scheint mir die Hauptschwierigkeit nicht gelöst zu haben: *Pēdem* soll durch *pēēdem* zu *pēēt pēēt* geworden sein, während *fidem* zu *fēit* wurde. Aber warum wurde aus *pēēdem* nicht *pēēdem pēidem* wie *fēēdem* zu *fēidem*? Mit anderen Worten, warum stellt sich bei lateinischem kurzen Vokal der *i*-Laut vor dem *e* ein, während er bei langem lateinischem Vokal dem *e* folgt? Das ist der Kern der Frage, und darauf giebt Havet keine Antwort. Dasselbe gilt von *-uo = ō* im Gegensatz zu *ou = ō*. Angesichts dieses unzulänglichen Deutungsversuches zwingt nichts, vom rein theoretischen Standpunkt, die Ansicht aufzugeben, daß lat. offene betonte Vokale im Gegensatz zu den geschlossenen steigend diphthongieren, wenn auch eine befriedigende Erklärung noch nicht gegeben ist. Auf diesem Standpunkt stehen W. Foerster *Zeitschr. f. rom. Phil.* V 592, Böhmer und Schuchardt, der vor Havet eine der Havetschen Theorie ähnliche Ansicht verfochten hatte, dieselbe aber *Zeitschr.* II 187 zurücknahm.

Es soll hier blofs die Frage untersucht werden, ob es im Ostfranzösischen fallende Diphthonge aus latein. *é* und *o* gab; dazu kommen noch einige sekundär entwickelte Diphthonge, die den erstgenannten an die Seite gestellt werden können. Für den „fallenden“ Diphthong ist Neumann eingetreten Zur Laut- und Flexionslehre des Altfranzösischen S. 54 ff. und neuerdings Cloetta in seiner Ausgabe des Poème Moral (Romanische Forschungen II). Die Ausführungen des letzteren verdienen auch deshalb Beachtung, weil Cloetta nicht nur seine eigenen Ansichten, sondern wie er andeutet, auch diejenigen seiner Lehrer wiedergibt.¹

1. Man beruft sich, um die Theorie der fallenden Diphthonge zu stützen, zunächst auf die bekannte Erscheinung, dafs im Ostfranzösischen die Participialendung *-iata* zu *i'* wird. Dieses *i'* soll nach Cloetta aus *ipe* entstanden sein in der Weise, dafs sich das erste unbetonte *e* zuerst zu *ɛ* verdumpfte und dann schwand. Auch nach Neumann S. 56 sprach man *iee*. G. Paris drückt sich Alexis S. 276 vorsichtig aus, indem er sagt „la difficulté de prononcer le groupe de voyelles *iee* a fait supprimer l'*é*, ou, pour mieux dire, la prononciation a fondu l'*i* avec l'*e* et a contracté la diphtongue *iee* en *ie*.“ W. Förster bemerkt dagegen Ztschr. f. Neuf Franz. Sprache I 83: „Sicher ist nur, dafs *iee* weder zu *i'* „kontrahiert“ wurde, noch dafs eine Zurückziehung des Accenten, die das Französische überhaupt nicht kennt und die seiner ganzen Entwicklung diametral entgegengesetzt ist, stattgefunden hat.“ Förster fügt hinzu, dafs jenes *i'* denjenigen Dialekten eigen sei, die an Stelle eines französischen *ie* ein *i* aufweisen. Dafs letzteres nicht richtig ist, habe ich Ostfranzösische Grenzdialekte (Französische Studien V) § 12 und 13 gezeigt: In der That ist *i'* = *iata* dem ganzen Osten eigen, während die Vereinfachung von *ie* zu *i* ausgedehnten Strecken des lothringischen Sprachgebietes unbekannt ist. Ja, es giebt in den Vogesen einen Strich, in dem der Inf. Praesent. und das Part. Masc. *mě žyě* (*manger*) lauten, das Part. fem. aber *mě ži'*; ebendort sagt man auch *pye* = *pedem*. Hiermit ist die verschiedene Natur beider Erscheinungen klar erwiesen. Es folgt daraus m. E. auch, dafs der Wandel von *ie* zu *i* jünger ist als der von *-iata* zu *i'*. — Meine eigene Ansicht über den Wandel von *-iee* zu *i* habe ich Ostfranz. Grenzdial. § 13 dargelegt. Ich bin der Überzeugung, dafs *i'* aus *iei'* (vgl. z. B. im Bernhart *chaingieie*, *jugieie* u. s. w.) entstanden ist, wobei das zweite *i* ein Hiät-*i* war. Das Wesentliche des Vorgangs liegt darin, dafs der *i*-Nachklang, der sich im Osten nach beinahe allen Vokalen einfindet, im Hiät sich zu einem vollen Vokal auswächst, weshalb man wohl im Infinitivus und Part. Masc. *ame* mit schwach nachklingendem *i*, aber nur im Participium femin. *ameie* mit vollem *i*-Vokal sprach. Die heutigen Patois lassen darüber

¹ Die im Folgenden entwickelten Ansichten finden sich schon in meinen Ostfranzösischen Grenzdialekten an verschiedenen Stellen angedeutet. Dieselben sollen hier miteinander verbunden und eingehend begründet werden.

keinen Zweifel. In Lothringen ist heutzutage der *i*-Nachklang vielfach geschwunden, wo er nicht im Hiat stand; im Hiat jedoch findet man durchweg *y*, *meyü* *maturus* und *šaley'* oder *šalay'* *cantata* neben häufigen Inf. *šatę* und seltenem *šatę'*. Dafs aber der Triphthong *iei* auch im Osten zu *i* vereinfacht wurde, zeigt die Behandlung von *sir'* *cera*, *pyę'hi* *placere* (aus **cieira*, u. s. w.).¹ Auf welche Weise freilich der Triphthong *iei* sich zu *i* vereinfachte und namentlich wie sich die Tonverhältnisse während dieses Prozesses gestalteten, darüber wissen wir nichts. Am wahrscheinlichsten ist, dafs der mittlere Vokal ausgestoßen wurde²; vgl. *üi* = *ó+y* aus *uoi*, *uei*. Nichts berechtigt zu der Annahme einer Betonung *iei*; ebenso gut wäre eine Betonung *ieí* denkbar; letztere Möglichkeit ist von Ulbrich Zeitschr. II 528 nicht berücksichtigt. Es kann auch während der Zeit des Überganges die Betonung eine schwebende gewesen sein.

Ich schliesse hier eine Bemerkung über den Triphthong *iei* aus *é+y* an. Cloetta vertritt die Ansicht, dafs *é+y* gemeinfranzösisch zu *iei* geworden sei und dafs dann in einem bestimmten Gebiet Reduktion zu *e(i)* stattgefunden habe. Zu diesem bestimmten Gebiet mufs auch der Osten gehören. Es giebt aber im Osten kein Lautgesetz, nach welchem *iei* zu *ei* werden könnte. Vielmehr ist soeben gezeigt worden, dafs auch im Osten *iei* zu *i* wurde; *lieit* wäre zu *lit* geworden; wenigstens müssen wir dies bei dem jetzigen Stand unserer Kenntnis der ostfranzösischen Lautlehre annehmen. Unter allen Umständen würde man bei der von Cloetta vorausgesetzten Betonung *iei* einen Wandel zu *i'* und nicht zu *e* erwarten. Aber auch dafür, dafs im Französischen *lit* aus *lieit* mit betontem ersten *i* hervorging, giebt es keine Beweise; man vergleiche das im vorigen Absatz Gesagte. Ich bin der Überzeugung dafs es im Osten (zumal im Lothringischen und Burgundischen) in der Gruppe *é+y* zu einer Diphthongierung des *e* gar nicht gekommen ist.

2. Ein ganz anderer Vorgang ist, wie oben gezeigt wurde, der Wandel von *ie* in *pie* zu *pi*. Neumann giebt S. 56 zu, dafs derselbe sich nicht nur durch Zurückziehung des Accentus auf das *i*, sondern auch durch progressive Assimilation erklären lasse, d. h., das betonte *e* wäre zu *i* geworden, worauf beide *i* zusammengeflossen wären (weder bei Cloetta noch bei Havet ist von dieser zweiten Möglichkeit die Rede). Ich kann jedoch Neumann nicht

¹ In ähnlicher Weise erklären sich die östlichen Infinitive *seir*, *veir*, *cair* aus **seieir*, **veieir*, **caieir*, wo das erste *i* den Hiat füllt, vgl. Ztschr. IX 484. An einen Übergang dieser Verba in die 4. lat. Konjugation darf man nicht denken.

² Prof. Gröber macht mich darauf aufmerksam, dafs die Annahme der Angleichung des *e* an die beiden es umgebenden *i* wahrscheinlicher sei; auch bei *uoi* oder *uei* = *ó+y* sei man genötigt, *e* oder *o* durch *i* infizieren zu lassen, ehe *üi* möglich wurde.

zugeben, daß die erste Erklärung ($i = ie$) weit leichter sei, als die zweite; darüber s. weiter unten. — Ein direkter Beweis läßt sich m. E. zu gunsten keiner der beiden möglichen Erklärungen beibringen, — wohl aber ein indirekter:

In denselben Strichen Lothringens, in denen e zu i wird, wird auch o zu $ü$ (s. Ostfranz. Grenzdiakete § 31, 78, 80). Wo dagegen ie beharrt, entspricht lat. $o iæ$ (heute $yæ$ gesprochen). Man ist demnach berechtigt, $iæ$ als die Vorstufe zu $ü$ anzusehen. Wäre nun $i =$ lat. e aus dem betonten i eines Diphthongs ie hervorgegangen, so würde man auch $i =$ lat. o erwarten, wobei i das erste betonte Element des Diphthongs $iæ$ wäre. $i = o$ findet sich jedoch nur da, wo jedes $ü$ zu i wird, demnach ist $ü$ das ursprüngliche. Über die Entstehung von $ü$ aus $iæ$ vergl. Ostfranz. Grenzdiak. S. 42 Anmerk. Dafür, daß $iæ$ zunächst zu $iü$ wurde, dann zu $yü$ und darauf das y schwand, weil $yü$ eine im Lothringischen mißliebige Lautverbindung war, kann ich noch folgenden Beweis beibringen. In Tannois bei Bar-le-Duc sagt man $bödyü$ (aus franz. *bon dieu*). Das y war meinem Ohr jedoch bloß bei langsamem Sprechen wahrnehmbar. Wurde rasch gesprochen, so hörte ich nur $dü$. Thatsache ist, daß im Lothringischen die Reduktion von $iæ$ zu $ü$ sich überall da findet, wo ie zu i wurde. Dies ist so zu verstehen, daß, während ie zu ii wurde, gleichzeitig $iæ$ zu $iü$ vorrückte. Solche parallele Entwicklungen (z. B. $ü : i = æ : e$) finden sich häufig. Daraus folgt meines Erachtens, daß der Wandel von $iæ$ zu $ü$ ebenso alt ist wie der von ie zu i .¹ Wie dem aber auch sein mag, so finde ich in den Schicksalen des Diphthongs $iæ$ den direkten Beweis dafür, daß derselbe nicht fallend war. Ist dem aber also, so ist der Rückschluß gestattet, daß auch ie , dessen Schicksale denen von $iæ$ analog sind, kein fallender Diphthong war.

Auch auf folgende Thatsache sei noch aufmerksam gemacht: In neulothringischen Dialekten und im Lütticher Wallonisch wird ferrum zu $fyæ$ oder $fyæ$, während ferus fi , pedem pi giebt. Der Umstand, daß in ferrum das e ursprünglich gedeckt, in ferum offen war, reicht zur Erklärung der Erscheinung nicht aus. Denn zur Zeit als sich der Monophthong i aus ie herausbildete, werden beide Wörter *fer* gelautet haben. Es ist unwahrscheinlich, daß die Diphthongierung in $fyæ$ ferrum erst später erfolgte, auch mußte damals rr von ferrum längst zu einfachem r geworden sein. Bei der Annahme eines fallenden Diphthongs ie würde man nun fi ferrum erwarten. Eine befriedigende Erklärung gewinnt man dagegen, wenn man davon ausgeht, daß der Diphthong stei-

¹ Die Form $iæ = o$ (die wahrscheinlich auch für die Dialekte der Franche-Comté zu grunde zu legen ist) sowie die weit verbreitete Vereinfachung zu $ü$ sind durch Texte so gut wie nicht dokumentiert — ein schlagender Beweis dafür, daß die Forschung über altfranz. Dialekte die heutigen Patois zum Ausgangspunkte nehmen muß und sich nicht damit begnügen darf, dieselben gelegentlich zur Vergleichung heranzuziehen.

gend, die Qualität beider *e* aber verschieden war: *pié*, das geschlossenes *e* hatte, wurde auf dem oben bezeichneten Wege zu *pi*, in *fyé* ferrum dagegen, das offenes *e* hatte (in vielen Gegenden Lothringens und Burgunds spricht man *fya*, *fa*), war die Entwicklung des Monophthongs unmöglich.

In Assonanzen wie *lievent : delivre*, *lumiere : Marie* (s. Neumann l. c. S. 57) nehme ich an, daß *ie* bereits wie *i* klang, daß aber Dichter und Schreiber die frühere Orthographie beibehalten haben.¹ Ist dem nicht also und liegt hier der ursprünglich fallende Diphthong *ie* vor, so bleibt unbegreiflich, warum ähnliche Bindungen *ie : i* nicht in den ältesten Sprachdenkmälern vorkommen.

Zur Stütze seiner Ansicht beruft sich Neumann S. 55 noch auf die Wiedergabe und Behandlung der Laute *ie* französischer Wörter in mittelhochdeutschen Dichtungen: afrz. *ie* wurde durchgehends mit mhd. *ie*, einem fallenden Diphthong, gebunden. Dieses Argument ist schon von Diez (wie Neumann selbst angiebt) Gr. I 441 Anm. bekämpft und auch von Vising und Gröber Zeitschr. VI 382 Anm. widerlegt worden.

Eine notwendige Voraussetzung der hier verteidigten Erklärung ist, daß im Diphthong *ie* das *e* geschlossen war. Diese Annahme stößt auf keine Schwierigkeit. G. Paris Alexis S. 79 nimmt für das *e* den geschlossenen Klang in Anspruch. Cloetta hält S. 52 beim steigenden Diphthong *ie* *e* für gesichert. Zeitschr. II 293 macht Suchier darauf aufmerksam, daß ten Brink Anglia I 551 dargethan hat, daß im Munde der Anglonormannen sowohl das aus lat. *a* wie das aus älterem *ie* entstandene *e* die geschlossene Aussprache hatte. Die Ansicht Havets, nach der man altfrz. *ie* gesprochen hätte, entbehrt vielmehr des Beweises.

¹ Größere Beweiskraft möchte man den Bindungen von männlichem *ie* mit weiblichem *ie* beilegen. Dergleichen kommt z. B. in De Venus la desse vor, wo *marchié* mit *vie*, *amie* reimt. W. Förster meint S. 51, daß hier *ie* als *i(e)* (fallender Diphthong) gesprochen wurde und mit dem weiblichen *i-e* fast zusammenfiel. Wir hätten also hier die von Cloetta postulierte *ie*-Form. Dagegen spricht jedoch die S. 51 konstatierte Thatsache, daß in jenem Text das weibliche *e* der Nomina und des Genus überhaupt sehr häufig vernachlässigt wird: man findet *fer* statt *feré*, *pucels* . . *pare* u. s. w.; das durch den Reim gesicherte *li poitrals fu* . . *basti-e* beweist, daß das nachtonige tonlose *e* verstummt war. Ich glaube daher, daß man nicht *marchie*, *vie*, *amie*, sondern *marchi*, *vi*, *ami* sprach. Cloetta selbst sagt l. c. S. 46: „So sehr war das *e* nach lautem Vokal (in der weibl. Endung *ie*) vernachlässigt, daß der Dichter sich ausnahmsweise die Auslassung desselben in der Silbenzahl gestatten konnte, und so wird auch der Reim des Diphthongs *ie* (aus *é*) mit dem 2 silbigen *ie* erklärlich.“ Vgl. noch die Bemerkungen Cloetta's S. 55 über sogenannte umgekehrte Schreibungen und Toblers (Versbau S. 33, 34) über die Vernachlässigung des stummen *e* nach lauten Vokalen. Was die Bindung *moitié* (Hälfte) : *i-e* betrifft, die einzige dieser Art im Bast. de Bouillon und Baud. Seb. (s. Tobler, Gött. Gel. Anz. 1877 S. 1605), so glaube ich allerdings, daß es neben *moitié* ein *moitie* (vielleicht analogisch nach *partie* gebildet) gegeben hat. In den Vogesen begegnet nämlich ein *mutéy'* (s. Ostfranz. Grenzd. Gloss.), das sich nur aus *moitie* erklären läßt; *moitié* wäre in jenem Strich zu *muti* geworden (cfr. *miti* in der franz. Schweiz), während *-i-e* (ursprüngliches und sekundäres) dort zu *ey'* wird.

Endlich sei noch darauf hingewiesen, daß die Auffassung, die ich hier vertrete, einen einfacheren lautlichen Vorgang voraussetzt, als die Havetsche. Nach der ersten wurde *pié* zu *pií*, *pi* (in gewissen Strichen, in denen die diphthongische Form sich hielt, wurde *pié* zu *pyé*). Nach der Havet'schen wäre in dem Gebiet, in dem der Monophthong zur Geltung kam, die Reihenfolge (*pié*), *pié*, *pié*, *pi* anzunehmen, in den Strichen aber, in denen die diphthongische Form sich behauptete, die Reihenfolge (*pié*) *pié*, *pié'*, *pyé*. Die erste Erklärung macht die Annahme eines Tonwechsels überflüssig.

3. Mit demselben Recht, mit dem man sich zur Begründung der Theorie der fallenden Diphthonge im Osten auf *i' = ié* und *i = ié* beruft, könnte man sich auch auf eine andere lautliche Erscheinung stützen. Meinen Gegnern gebe ich zunächst eine neue Waffe in die Hand. In denselben Strichen Lothringens nämlich, in denen *ie = é* zu *i* und *ie = ó* zu *ü* wird, wird freies betontes lat. *é* nach Labial zu *u*, *fué* vicem zu *fu*, *mué* mensem zu *mu* u. s. w.; s. Ostfrz. Grenzdial. § 47. Auf den ersten Blick scheint es hier nur eine Möglichkeit, den Lautwandel zu erklären, zu geben, nämlich die, daß *fue* durch Betonung des *u* und Verdampfung des *e* zu *u* geworden sei. Sieht man jedoch genauer zu, so liegt auch hier die Sache anders. In denjenigen Gegenden nämlich, in denen die Vereinfachung zum Monophthong nicht erfolgte, findet man die Formen *fwö*, *mwö* u. s. w. In denselben hat sich nicht etwa das *o* des afrz. *fois*, *mois* erhalten, sondern das *o* hat sich erst sekundär aus *fwé*, *mwé* unter dem Einfluß der Labiale entwickelt. Doch kann uns hier die Art der Entstehung dieser *o*-Formen gleichgültig sein. Das einzige, worauf es ankommt, ist, daß wir berechtigt sind, *fuo* und *muo* als die unmittelbaren Vorstufen zu *fu* und *mu* anzunehmen. Während *ie* zu *ü*, *ie* zu *iü* vorrückten, rückte auch *uo* zu *uu* vor, woraus sich dann *u* ergab. Gerade in diesem Parallelismus in der Entwicklung der drei Diphthonge liegt die beste Gewähr für die Richtigkeit der hier vorgetragenen Auffassung.

In den Patois der Franche-Comté wird zwar *pedem* zu *pi* und *bovem* zu *bü* oder *bæ*, vicem aber zu *fwa*, mensem zu *mwa* u. s. w. Geht man bei der Erklärung dieser Formen von der Annahme fallender Diphthonge aus, so begreift man nicht, warum es nicht auch in der Reihe vicem, mensem u. s. w. zum Monophthong kam wie im Lothringischen. Verständlich wird jedoch die Abweichung, wenn man annimmt, daß *fuó*, *muó* die notwendige Voraussetzung einer Monophthongierung von *fué*, *mué* waren. Hat sich ein solches *fuó* (aus welchen Gründen immer) in den Patois der Franche-Comté nicht entwickelt, so konnte der Monophthong *fu* nicht entstehen; *fué* wurde vielmehr dort zu *fwa*.

Wichtig ist eine andere *u*-Form, die im Wallonischen vorkommt und die hier nicht übergangen werden darf. In Lüttich

wird bovem zu *bū*, ovum zu *ū* u. s. w. (Zeitschr. IX 485), und da dort auch pedem zu *pī* wird, so ist kein Zweifel, daß *bu* aus einem älteren Diphthong hervorgegangen ist. Für Mons weist W. Altenburg, Eupener Programm II (1881) S. 20, *ue*-Formen nach: *nué* novus, *nuef* novem, *bué* bovem, *suèr* und *swair* soror u. s. w. Ich gebe zu, daß jene *u*-Formen sich am einfachsten aus *bue* mit betontem *u*, also aus einem fallenden Diphthong erklären lassen; ob aber, nach allem was bereits über die Frage hier gesagt worden ist, diese einfachste Deutung auch die wahrscheinlichste sei, mag der Leser beurteilen. Als die allein mögliche kann sie aber keinesfalls betrachtet werden: *bué* konnte zu **buo* werden und sich dann wie lothring. *fu*, *mu* entwickeln, wenn auch zugestanden werden muß, daß die Sache hier insofern anders liegt als im Lothringischen, als im Wallonischen nicht durchweg der Gruppe *ue* aus *o* ein labialer Konsonant vorausgeht. Möglicherweise könnte auch dem Laute *u* das alte *uo* (daraus dann *uu*, *u*) der Eulalia zu Grunde liegen, über welches Suchier Zeitschr. II 291 zu vergleichen ist. Daß das Wallonische nicht nur eine Entwicklung für lat. *o* kennt, beweist *ie* = *o* in Couvin (s. Wilmote, Note sur le Patois de Couvin, Revue de l'Instruction publique en Belgique Bd. 29). Endlich sei noch erwähnt, daß der Lütticher Dialekt in *muèr* mortem, *puèl'* porta den Diphthong wahrt, und zwar m. E. weil der *o*-Laut in dem ursprünglichen Diphthong *uo* sich nach *a* hin bewegte (jetzt ist er bereits bei *e* angelangt), während in dem für *bū* vorausgesetzten *buo* das geschlossene *o* sich dem *u*-Laut zugeneigt hätte (ähnlich oben *pi*, aber *fyè* ferrum). Doch kann hierauf kein allzugroßes Gewicht gelegt werden, da in *muèr*, *puèl'* der lateinische Vokal ursprünglich gedeckt war und deshalb eine Vergleichung mit dem freien *o* nicht ohne weiteres beweiskräftig ist.

4. Ich komme zu einem letzten Punkt, der ursprünglichen Betonung des Diphthongs *üi* aus *o+y* in *nuit* noctem u. s. w. Hier liegt die Sache insofern anders als bei *e* und *o*, als die Sprache von alters her einen fallenden Diphthong *üi* besaß, der lautgemäß aus lat. *ū+y* hervorging, z. B. *fruit* fructus, *conduire* conducere. Dahin gehören auch die Pronomina *lui*, *cui*. Es ist nun aber unwahrscheinlich, daß die Sprache längere Zeit zwei *üi*-Reihen mit verschiedener Betonung neben einander bestehen ließ. Eine Angleichung der einen an die andere lag nahe, und aus diesem Grunde ist es kaum möglich, etwas sicheres über die ursprüngliche Betonung des Diphthongs *üi* = *o+y* zu wissen. Man findet schon früh *üi* im Reim mit *i* (bei Philippe de Thau, Wace, Crestien de Troyes) und noch verhältnismäßig spät (bei Rutebœuf) *üi* mit *ü* gebunden, s. Metzke in Herrig's Archiv Bd. 65. Die Beweisführung Neumanns l. c. S. 58 ist nicht überzeugend, weil sie beide *üi*-Reihen nicht auseinander hält. — Was übrigens den Osten betrifft, so fragt es sich überhaupt, ob *o+y* durch *uoi* zu *üi* wurde. Das wallonische und metzische *ü* kann aus *üi*, aber auch aus *a*

hervorgegangen sein. Die Entscheidung wird durch den Umstand erschwert, daß in diesen beiden Dialekten auch die Entwicklung von $\acute{e}+y$ nicht durchsichtig ist. Für das Metzische wurde die Frage unlängst hier (Zeitschr. XI 261) erwogen. Im übrigen Lothringen und in der Franche-Comté ist der Laut α in $n\alpha$ noctem (im Bernhart *noit*) u. s. w. m. E. unmittelbar aus $\acute{o}+y$ entstanden, genau wie e in *le lectum* unmittelbar aus $\acute{e}+y$ hervorging. Diphthongierung halte ich hier für ausgeschlossen und den Cloettaschen Satz, daß $\acute{o}+y$ ursprünglich in ganz Frankreich zu uoi wurde, für unerwiesen. Es ist auch nicht abzusehen, nach welchem Lautgesetz die Gruppe uoi (noch dazu, wie Cloetta S. 66 will, auf dem u betont) sich im Osten zu oi (α) hätte vereinfachen können. Im ganzen Osten ist heute jedes $üi$ zu $ü$ geworden; dieser Wandel muß schon alt sein, denn heute können die Ostfranzosen gar kein $üi$ mehr aussprechen, die Patois geben französisches $üi$ durch *wi*.

Ich gelange zu dem Schluß, daß alle hier in Betracht kommenden lautlichen Erscheinungen sich bei der Annahme steigender Diphthonge erklären lassen, daß dagegen mindestens eine, der Wandel von $i\alpha$ zu $ü$, mit der Annahme fallender Diphthonge unvereinbar ist. Aber selbst wenn die Existenz fallender Diphthonge $ié$, iee , uo , ue für den Osten gesichert wäre, so würde daraus für die älteste französische Sprachperiode, geschweige denn für das Romanische überhaupt, noch gar nichts folgen. Ein ostfranzösisches pie würde für einen ursprünglich gemeinfranzösischen fallenden Diphthong ie ebensowenig etwas beweisen, als ein westfranzösisches $\acute{e} = ie$ zu gunsten eines ursprünglich steigenden Diphthongs ausschlaggebend ist. Wenn Vising Zeitschr. VI 377 sagt, daß das Französische in ältester Zeit nur fallende Diphthonge kannte, so möchte ich dem bis zur Erbringung überzeugender Beweise widersprechen. Suchier macht Zeitschr. II 290 nach Brachets Angabe darauf aufmerksam, daß der Oxforder Psalter den Diphthong ue aus \acute{o} bald auf dem u bald auf dem e zu accentuieren pflegt (*ihüec süen, süen, cuér*), während er den Diphthong $ié$ stets auf dem zweiten Element betont. Ob dieser Thatsache die Bedeutung zukommt, die ihr Suchier beimißt, bezweifle ich. Es folgt daraus bloß, daß zu einer bestimmten Zeit ein Schwanken in der Betonung von ue eingetreten war. Das anglonormannische $u = \text{lat. } \acute{o}$ läßt sich ebenso gut aus einer Vorstufe uo , uu wie aus einem fallenden Diphthong $ié$ erklären. Die erste Erklärung dürfte sogar wegen der parallelen Entwicklung von $ié$ zu e den Vorzug verdienen. Suchier selbst erklärt Zeitschr. II 291 das u , welches in normannischen Texten vor m und n mit ue wechselt (*buen bun, süen sun, uem um*), aus der Verdunkelung von uo zu uu d. h. u unter dem Einfluss des Nasals.

A. HORNING.

2. Über die spanischen Laute ç, z und j.

Bekanntlich hatten die Laute ç, z und j im 16. Jahrh. noch nicht ihre jetzige Aussprache. Den von den Romanisten dafür geführten Beweisen werden wir hier das Zeugnis zweier italienischer Autoren jenes Jahrhunderts hinzufügen, welche noch nicht, so viel wir wissen, angeführt worden sind.

M. G. Mario Alessandri d'Urbino, der sich eine Zeit lang in der spanischen Hauptstadt aufgehalten hat, in seinem Buche *Il paragone della lingua Toscana et Castigliana* (1560), sagt, daß das spanische ç „si pronuntia come la nostra z quando ha gagliardo spirito, onde la forza che ha la nostra z in queste voci . . . *confidenza . . . scherzo . . . zuccaro . . .*, si possede dalla ç Castigliana in . . . *çaragoça . . . caça, aluidança, et altri simili*“ (Blatt 5); und im Bl. 38 sagt er: „la pronuntia che diamo alla z di poco suono et di leggiero spirito in *azaria, zefiro, azimo, zodiaco, azurro* danno Castigliani alla sua z in *hazer, azedia, azogue, azul*, et in tutte laltre uoci loro c'habbiano la z.“

Giorgio Bartoli in seinem schätzbaren Werke *Degli elementi del parlar Toscano* (Ausgabe von 1854) schreibt: „. . . *gia . . . in agio . . .* semiuocale rimesso del *gi*¹ vsasi da' Toscani tra due vocali; gli Spagnuoli lo segnano *j*.“

EPIPHANTIO DIAS.

III. Etymologisches.

Etymologisches.

1. ital. *fregare*, frz. *broyer*.

Ascoli hat längst nachgewiesen, daß indogerm. *bh* im lateinischen Anlaut *f*, im Inlaut *b* ergebe. Zu gleicher Zeit hat er darauf hingewiesen, daß sich ausnahmsweise *b* im Anlaut, *f* im Inlaut finde. Als Beispiel für den ersten Fall hatte er nach Diez *floculum-bioccolo* erwähnt. Ich sehe diese Erscheinung in einer nicht kleinen Anzahl von Wörtern. Indem ich mir vorbehalte, auf die Erscheinung ausführlicher zurückzukommen, erwähne ich für einmal nur: lat. *fricare* gegenüber rom. *bricare* (wozu die Artikel bei Diez I *bricco, bricco briga*, gehören); lat. *flammare* (aus *fla(g)mare*), gegenüber rom. *bramare*; **frixa* (summen, Schwarm, von *fricare* gegenüber roman. *bresca*); **frictia* (von *frigere*) gegenüber roman. *brezza*, **fri(g)na* (von demselben *frigere*) gegenüber ital. *brina*, *frig(v)idus* gegenüber ital. *brivido*, *flagrare* gegenüber roman. *bragiare*, *frangere* gegenüber ital. *brano* (**bhrag-num*).

¹ Das *g* im Worte *gente*.

2. ital. *fresco* etc.

leitet man immer noch vom deutsch. frisch, für dessen Ursprung die Germanisten selbst keinen Rat wissen; Kluge denkt gar an lat. *priscus*. Das Verbum *frigere* entbehrt in den lat. Wörterbüchern des Part. Perf.; es konnte *frictum* oder *frixum* lauten; vom ersten kommt *frisson*, vom zweiten durch Metathese *fresco*.

3. ital. *carrozza* (*carroccio*).

Diez führt dieses Wort unter den Ableitungen von *carrus* auf, indem er *ozza* (*occio*) als Suffix faßt. Wenn man *biroccio* = *biróteus* (Ascoli, Arch. Glott. VII 410) vergleicht, wird man darin eher *quadriroteus* mit Anlehnung an *carro* sehen.

4. ital. *frana*.

leite ich weder vom *fragmina* noch von *voraginem*, sondern von **fragna*. Wegen der Laute vgl. *flag-ma* — *flāma*, wegen der Bedeutung *rupes* und *rumpere*.

5. ital. *frasca*

entstand mit der bekannten Metathese aus *fraxa* und bedeutete zunächst: der zersplitterte Ast.

J. ULRICH.

BESPRECHUNGEN.

Der Roman von Escanor von Gerard von Amiens, herausgegeben von Dr. H. Michelant. Gedruckt für den Litterarischen Verein in Stuttgart. Tübingen 1886. (178. Publikation des Litt. Ver.). XXVIII 697 S. 8^o.

Durch die neue Veröffentlichung, mit welcher der rüstige Siebziger die Freunde altfranzösischer Dichtung beschenkt, lichtet sich einigermaßen doch die Dämmerung, in der bisher die Gestalt Gerarts von Amiens immer noch gestanden hat; und mir scheint, der Dichter gewinnt dabei. Das zuerst etwas genauer bekannt gewordene von seinen Werken, der Charlemagne, in dem er den Grafen Karl von Valois (*le frere au roy de France, Le conte de Valois*) als seinen Auftraggeber bezeichnet, das zwischen 1285, dem Jahre, wo Karl die Grafschaft antrat, und 1314, demjenigen, wo sein königlicher Bruder Philipp IV. starb, verfaßt sein muß, hat ihm bei der Nachwelt wenig Anerkennung eingebracht. Mit ungeschickter Kontamination volkstümlicher Überlieferung und aus Chroniken gezogener Geschichte empfiehlt man sich der heutigen Forschung gleich schlecht wie mit den Versuchen, altherwürdiger Form durch willkürlich ausgeheckte Neuerungen den Reiz des Neumodischen zu verleihen; wenn G. Paris von den über 23000 Alexandrinern des Charlemagne mit voller Sicherheit sagt, sie werden nie herausgegeben werden, wer weiß, ob er nicht Recht behält? Etwas weniger bekannt ist der *conte du cheval de fust*, als dessen Verfasser sich ebenfalls Gerardins d'Amienz nennt an der Schlusstelle, die man unter den von Stengel in der Zeitschr. f. rom. Phil. X 476 gegebenen Auszügen und in der Vorrede des Escanor S. XXV findet. Am letzteren Orte wird ohne weiteres behauptet, Gerardin habe sich mit jenen Schlusworten unbefugterweise die Verfasserschaft des von Adenet herrührenden Cleomades zugesprochen. Indessen erscheint dieser Vorwurf durchaus ungerechtfertigt; denn was man bisher durch Keller (in der Romvart S. 100 ff.) und durch Stengel (a. a. O.) von dem Conte du cheval de fust kennt, zeigt, daß dieses Werk mit dem Cleomades keineswegs eins, sondern eine besondere Bearbeitung vielleicht ganz desselben, jedenfalls eines nah verwandten Stoffes ist, in dem Maße unter allen Umständen von jenem Werke verschieden, daß von einfacher Aneignung fremden Gutes durch Gerardin keine Rede sein kann. Auffällig ist allerdings, daß der Dichter, der in seinem Charlemagne die von Adenet zur Anwendung gebrachten Neuerungen, durch welche die Berte sich von allen früheren Chansons de geste unterscheidet, angenommen hat; der in diesem seinem großen

Werke auch dem Stoffe nach der Fortsetzer Adenets ist; der gleich diesem der höfischen Erzählung wie im Escanor so im „hölzernen Pferde“ lyrische Stücke einflücht, auch im Stoffe der letztgenannten Dichtung mit Adenet so nah zusammentrifft. Ihr, die außer der Riccardischen drei von A. F. Didot angegebene Pariser Handschriften uns erhalten haben, möchte ich wohl einen Herausgeber wünschen. Anhaltspunkte zur Bestimmung der Zeit ihres Entstehens scheint sie nicht zu gewähren; eine Dame, welcher der Dichter seinen Stoff verdanken will, und einen Ritter, auf dessen Geheiß er arbeite, lehrt er in der Einleitung nicht näher kennen.

Das dritte sicher dem Girardin d'Amiens¹ zugehörige Werk ist wiederum sehr beträchtlichen Umfangs, indem es nach Verlust von etwa 1000 immer noch ungefähr 26000 achtsilbige Verse zählt, ist ein Abenteuerroman, der die aus den Dichtungen vom Hofe des Artus bekannten Persönlichkeiten, vermehrt um einige neue, in mancherlei Unternehmungen und Abenteuer verwickelt vorführt, und nennt Z. 8 ff. als Auftraggeberin und als Zuführerin des zu bearbeitenden Stoffes eine aus Spanien gebürtige Königin von England, der der Verfasser wie auch ihrem Gemahle allen Segen Gottes wünscht. Letztere kann nur Eleonore, die Tochter Ferdinands III. von Kastilien und Leon, die Schwester Alfons X. sein, die 1254 mit Eduard von England vermählt wurde und 1290 starb, von der aber als von einer Königin von England erst seit der Thronbesteigung ihres Gemahls (1272) gesprochen werden konnte², was für die Datierung des Werkes im Auge zu behalten ist.

Die einzige Handschrift, die dem Herausgeber bekannt geworden ist, hat ein kleines Stück am Anfang, ein längeres nach Bl. 72 eingebüßt; und die von ihm übersehenen Fragmente, welche v. Reiffenberg in den *Bulletins de l'Académie royale de Bruxelles* T. X herausgegeben hat, und auf die auch ich erst durch H. Suchier hingewiesen worden bin (sie entsprechen den Zeilen 10914—39, 10944—69, 10973—99, 11004—29, 11752—78, 11782—807, 11812—38, 11842—68), treten leider nicht da ein, wo Aushilfe zumeist erwünscht sein würde, wie sie denn überhaupt kaum irgendwo beachtenswerte Abweichungen zeigen außer etwa Z. 10933, wo man übrigens auch ohne ihre Unterstützung *N'ainsi* statt *Qu'ainsi* hätte einführen müssen, und 11812, wo *Car* die unzweifelhaft richtige Vervollständigung des zu kurzen Verses bildet. Dafs nach Z. 5250 und nach Z. 11062 je mindestens ein Vers fehlt, einiges wohl auch nach 3695, sei bei dieser Gelegenheit ebenfalls erwähnt.

Eine Übersicht des Inhalts hier zu geben thut nicht not, da der Herausgeber eine solche in seiner Einleitung bereits bringt und zudem durch ein Namenregister es einigermaßen erleichtert nachträglich einzelnes wieder aufzufinden, das dem Gedächtnis etwa entschwunden sein mag. Letzteres Register würde allerdings bessere Dienste leisten, wenn es zu den zahlreichen Namen nicht bloß lange Reihen von Ziffern, sondern auch über Heimat, Verwandtschaft und Erlebnisse der Personen das Wichtigste mit Angabe der Fundorte hinzufügte. Wer hat nicht schon so schlechte Indices wie etwa die von Reiffenbergs Mousket verwünscht?

¹ So nennt sich der Verfasser Z. 25898; Girart heißt er Z. 25908, Gerardin und Gerart ist sein Name Z. 4 und Z. 50 geschrieben.

² Es ist ein Druckfehler, wenn derselbe bei Michelant Eduard II. genannt wird; gemeint ist Eduard I.

Was Gerart erzählt, ist übrigens nicht eine so überwältigende Fülle von Begebenheiten, daß dem Leser alle Übersicht verloren ginge: es sind im ganzen drei oder vier nicht ungeschickt mit einander verflochtene Hauptvorgänge, die man als Inhalt des Gedichtes bezeichnen kann, Vorgänge, von denen jeder ungefähr gleiches Interesse wie die andern beansprucht, dergestalt daß auch die Betitelung des Ganzen nach dem „schönen Escanor“ keineswegs als die sich von selbst ergebende gelten darf. Diese Vorgänge sind: die Liebe Keus zu Andrivete, seine Vereinigung mit derselben und die Einsetzung dieses Paares in das durch Andrivetens Oheim vorenthaltene Erbe; die Rechtfertigung des ungerecht angeschuldigten, selbst seinen Freunden durch unglückliche Umstände verdächtig gewordenen Gavain durch einen lange sich verzögernden Zweikampf mit dem schönen Escanor, welcher Zweikampf den Gavain reinigt ohne doch seinem Gegner das Leben zu kosten; das fromme Ende des schönen Escanor, für den der Dichter vorher eine besondere Teilnahme nicht zu erkennen gegeben hat; endlich, wenn dieses vierte Element mit den andern in gleiche Reihe gestellt zu werden verdient, die sich rasch entwickelnde, zuletzt durch glückliche Vereinigung gekrönte Neigung Giflets zu der Frau, die ihn als Gefangenen ihres Bruders zu hüten hat. Besonders anziehend scheint mir namentlich, was zu der Ausführung des ersten Motivs gehört: Keu ist zwar auch für Gerart der rücksichtslose Polterer, als welchen man ihn aus allen Dichtungen des Cyklus kennt, und wird auch hier um seiner Grobheit willen öfter noch verlacht als gescholten; der Dichter aber versteht es, neben dieser Besonderheit auch Keus ritterliche Tüchtigkeit und leidenschaftlichen Eifer für die Wahrheit so nachdrücklich zur Geltung zu bringen, daß man den anderwärts bloß lächerlichen Seneschall liebgewinnt und nicht umhin kann ihn durch die Nöte, die ihm sein Herz bereitet, wenn auch mit Lächeln, so doch mit aufrichtiger Teilnahme zu begleiten. Läßt hier der Erzähler einen glücklichen Humor spielen, so waltet ein solcher — und ich glaube, nicht für den heutigen Leser allein, sondern mit Wissen und Willen des alten Dichters — auch in der Ausführung der Teile, in denen Gavain im Vordergrund steht: in der Art, wie dieser Ausbund ritterlicher Tugenden durch unglückliche Fügung von Umständen, ja selbst durch den Übereifer der redlichsten Ergebenheit in die Lage kommt, von Freunden, auf deren Achtung er sollte rechnen können, scheinbar angeschaut zu werden und sich die Möglichkeit einer Rechtfertigung abgeschnitten zu sehen, liegt eine feine Komik, die für manche anderwärts störende Breite entschädigt. Derber wirkt die kurze Episode, in welcher Dinadans nüchterne, spießbürgerliche Auffassung ritterlichen Thuns urplötzlich in Erinnerung bringt, wie neben der Weltanschauung der Helden eine andere besteht und ihrer selbst nicht minder sicher ist, die später in Sancho einen beredten Vertreter gefunden hat. Ein gewisser mutwilliger Übermut scheint mir auch darin zu liegen, daß mehrmals der Dichter die Aufklärung über zunächst ganz unbegreifliche Vorgänge erst lange erwarten läßt, bevor er sie nachträglich giebt: so erfährt der Leser erst S. 362, was die Veranlassung zu der gegen Gavain gerichteten Anklage gewesen sei; worin der Hafs seinen Grund gehabt habe, mit welchem Briant den Gavain verfolgt, hört er erst nach der Bestrafung Briants S. 416. Der Schluß des Werkes scheint mir einigermaßen aus der Tonart herauszufallen, die sonst festgehalten ist: durchzieht dasselbe im übrigen ein heiterer, weltfroher

Geist, so sieht man zuletzt den schönen Escanor nach dem Tode der Geliebten, die zuvor gar nicht einmal sonderlich im Vordergrunde gestanden hat, aus der Welt sich zurückziehen und als Einsiedel unter Umständen sterben, die beinah einen Heiligen aus ihm machen, woran sich ein ähnlicher Ausgang seiner Schwester und sogar seines Oheims fügt, von dem man dergleichen zu hören am wenigsten vorbereitet ist.

Breit ist der Dichter überall; oft aber dürfen wir ihm dafür dankbar sein. Ziehen uns seine vielen Wappenbeschreibungen wenig an (doch könnte vielleicht ein bewanderter Heraldiker einstmals wirklich geführte Schilder erkennen und daraus auf Beziehungen des Dichters schließen), und ermüdet heute die lang ausgespinnene Schilderung eines Turneis und zahlreicher Einzel- und Haufenkämpfe, so ergötzen dafür die reichlich eingestreuten Proben höfischer Unterredung in Scherz und in Ernst, und fesseln die Aufmerksamkeit Beschreibungen kunstreicher und kostbarer Geräte, das anziehende Bild einer durch Handel und Gewerbe blühenden Stadt u. dgl. Der Neigung, in die Erzählung lyrische Stücke zu verflechten, ist Gerart hier nur an vier, noch dazu nahe beisammen liegenden Stellen gefolgt, hat sich aber mit je einem Refrain begnügt (Z. 7929, wo man wird so abzuteilen haben: *Mal amendement Preingnent cil qui font samblant D'amer, si n'en ont talent*, ferner 7993, 8132 und 8340). Von Besonderheiten seiner Ausdrucksweise sei wenigstens seine Liebhaberei für rhetorisches Fragen erwähnt, in Folge deren er gern einem den Grund angehenden Hauptsatze ein *pourcoi?*, einem die Beschaffenheit eines Dinges angehenden ein *lequel?* oder *savez lequel?*, einem die zuvor nur im allgemeinen bezeichnete Person näher bestimmenden ein *et qui?* *savez qui?* *et par cui?* u. dgl. voranstellt, und die weitere, im 14. Jahrh. immer mehr um sich greifende für das weichliche Übermaß im Gebrauch der Deminutiva, namentlich auch der adjektivischen (*Et puierent un terrelet. Lors virent en un vaucelet. Si comme a demie liuete Cele meisme maisonete*, 25569; *li mors ot fait sa fossele Le jor devant mult netelete*, 24949 und ähnliches).

Von der Sprache des Dichters oder seiner Mundart zu reden mußt ich mich, da mir sehr viel anderes zu sagen bleibt, enthalten; ich erwähne nur die zahlreichen Beweise, welche die Reime für das Verstummen des inlautenden *s* vor *t* gewähren, für das Verstummen des auslautenden *s* und *z* (896, 6991, 7197, 11109, 13066, 17342, 19024, 20134), sowie für den Verfall der Nominalflexion (vgl. auch 595, 1678 mit 4447, 8490, 22483); einiges andere hat der Herausgeber berührt.

Was des letzteren eigentliche Hauptaufgabe betrifft, so bedaure ich sagen zu müssen, daß sie mir nicht so gelöst scheint, wie man es von einem mit altfranzösischer Litteratur nicht erst seit gestern sich beschäftigenden Manne erwarten durfte, und wie man es heutzutage fordern muß. Auch für wen altfranzösische Texte weniger sprachliches als ästhetisches Interesse haben, wie es der Herausgeber von sich gesteht, sollte sich mit einem so oft unterbrochenen Verständnis eines Textes nicht begnügen, und darf als Herausgeber nicht (und namentlich nicht stillschweigend) so viel drucken lassen, über dessen Sinn Rechenschaft zu geben ihm nicht möglich sein würde. *E se non fosse che ancor lo mi vieta La riverenza . . . l'userei parole ancor più gravi*. Von Besserungsvorschlägen und Korrekturen von Druckfehlern sei hier wenigstens das nicht ganz Selbstverständliche angebracht.

Man schreibe oder lese Z. 92 *ert* — 102 *demandoient*, — 160 *Se la* — 162 *Qu'aucuns n'i ert* (Hs. *Quauci?*) — 186, 194, 198, 4920 *s'i* — 242 *dist*, *ensi con* — 259 *En bien, en vaut nonante et nuef. Avoir sanz cuer* — 264 *Ja mar* — 290 *Maugre qui qu'en poist, au derriere* — 294 *Mesire Keu, vous dites mal* — 350 *aniant d. h. anuiant* — 363 *droiture?* — 366, 3614, 18382 *vistece* — 390 *Aler m'en voeil por (par?) le voir outre, Ce dist Kex, coi qu'il en avengne*". — 409 *quoi que* — 448 *c'on* — 453 *lor (?)* — 457 *compaignon de parler*, — 673 *Et quel? que dame* — 752 *quele honor I avriez vous? voir deshonor* (nämlich *avriez*) — 769 *faire?* — 772 *Muinz* (vgl. 803) — 797 *Come li siens* — 853 *aparler* — 855, 3930 *a paie* — 856 *biax sire dix, aie* — 879 *je quidaisse estre honie D'a lui parler tant seulement; De lui veoir ne voi comment Me puist* — 891 *ouroit* (d. h. *orabat*) — 905 *despondre* — 951 *avriez* (vgl. 881) — 1026 *racontant* — 1132 *eschiche(?)* — 1239 *devee* (*jour d. Unglückstag*) — 1309 *dote*, — 1371 *fust il, n'eust* — 1392 *donte* — 1630 *Comment mais* (wie *künftighin*) — 1841 *verroit* — 1965 *Con cil qui assez ot apris Des oisiauz, cele part s'en vint*. — 2133 *ne avoir* — 2216 *coster Du cors*, — 2258 *N'en paine* — 2428 *ne fust, la guerre Fust adonques* — 2478 *Por qu'il* — 2489 *ne vos porroie* — 2578 *vif* — 2641 *areee* — 2706 *ains* — 2775 *Gavain* — 2779 *unz drois deables* — 2806 *Et medis* — 3018 *Mais il* — 3071 *S'amours* — 3074 *affaite* — 3116 *Et li* — 3242 *De metre* — 3246 *part* — 3287 *le ssiens* (vgl. 3611, 3855) — 3340 *le siens mont* — 3564 *ains* — 3737 *Gorvain* — 3836 *Que le bon fer ne sentesist De Ke el coste* — 3846 *i ert* — 3848 *Et mouit r'a voir* — 3868 *pas* — 3872 *n'est pas* — 3900 *entulle Ne* — 3906 *hom nez* — 3909 *devers cuer* — 3936 *mainte fenme* — 3945 *redire*". „*Dame, car* — 3991 *as* — 4032 *Et tant i r'eut, nul mix monte Ne trovast on* — 4108 *Gontier* — 4172 *C'a plus* — 4231 *a aprendre* (d. h. *por a aprendre l'apresure De baillier les armes*) — 4263 *d'emprendre* — 4302 *S'en moi* — 4304 *tele nublece* (vgl. 13886) — 4306 *chose ne desveut Qu'ele voeille* — 4351 *De lui* — 4417 *Aprendre* (im Sinne von *soi aprendre*) — 4445 *pucele*. — 4510 *gent* — 4707 *je ne quidoie* — 4719 *Toute chose* — 4803 *d'onme né* — 4881 *Si r'a* — 4935 *qu'il l'em praingne* — 4969 *Com nuz* — 4992 *sable*. — 5090 *avenir* — 5163 *avoient*; — 5260 *grevast*, — 5299 *parz* — 5305 *ame nee* — 5395 *haut* — 5409 *contrepensser* — 5468 *Mal gre* — 5554 *por diu, merci!* — 5589 *des Illes*". „*Dame, car c'est unz honz nobiles*", *L'amie au Biau Mauvais a dit*; „*C'autrement* (d. h. *Qui autr.*) *en conte, il mesdit. Et avez vous u. s. w.* — 5610 *Huimais, tans fust* — 5656 *N'i ert* — 5798 *Et quoi?* — 5812 *damaga; Et tant, desconfit* — 5837 *lasant s'aloient Et de cuer et de volente. Il erent* — 6021 *Je sai bien tant, la departie* — 6037 *ne sai haut honme, vergoingne* — 6056 *bone n'agreable* — 6196, 6680 *i ert* — 6391 *avoir mort Pour rienz* — 6525 *si entendi Tost a lui et hastivement Que* — 6648 *Eu d'estre et bone et bele* oder, wenn der Hiatus gemieden werden soll, *Eu de bone estre et de bele* — 6717 *aucuns* — 6855 *doi* — 6964 *vint* — 7278 *il li vint(?)* — 7329 *empresissent* — 7598 *deust*, — 7641 *mostiers* — 7708, *alez* — 7722 *ceste* — 7769 *qui que* — 7856 *adeviner* — 7906 *fun* — 7969 *par ert* — 8072 *seust avenir* — 8121 *Orent* — 8248 *Je n'ai mie* — 8330 *cuer* — 8476 *Un bel* — 8548 *aussi* — 8561 *de-main*, — 8783 *enterchierent* (vgl. 8867) — 8814 *Jamais de lui ne le qui-*

daissent; *Un chevalier ainz en retaisent* — 8824 *lors du senz Si fors* -- 8967 *lors li* — 9062 *Soiez* — 9130 *Et(?)* — 9150 *renderoit* — 9208 *por lignage* — 9236 *avoir* — 9280 *En sifaite* — 9291 *Et s'en entremetoit deus tunz Lors, que ses oncles ne volsist* — 9327 *detenir* — 9401 *Sire, j'amaisse bien por voir* — 9408 *pris* — 9416 *gard'on* — 9452 *valsist* — 9564 *l'i sache* — 9567 *voi* — 9580 *je n'i voi el, Mais vous venez a mon ostel* (vgl. 10270 *n'i at el*) — 9570 *l'i sachent* — 9663 *dame, dieus vous convoie!* — 9669 *ne nous ert mis en defois* — 9658, 9726, 10218 *mestiers* — 9748 *deviez* — 9792 *dame Chose dont ele eust diffame,* — 9824 *dehaitie* — 9831 *alerent puis* — 9959 *j'a.*

10000 *cil qui* — 10041 *fera c'un paissement* (vgl. 10038) — 10054 *De tracier* — 10075 *bien pris* — 10088 *Je ne sai* (s. Anm. zu S. 266) — 10160 *a li servir* — 10276 *Congie, s'amie l'acola* — 10410 *riote* (vgl. 10471) — 10482 *si hardi Ait ceenz nul, tel maintien face* — 10607 *tote s'envie* — 10738 *partis. Comme cil . . . besoigne, Dist a sa dame* — 10845 *d'iretage Ne tenist* — 10877 *com li leust* — 10960 *Que* — 11111 *fins et loiaus* — 11128 *en nul assenz* — 11257 *or vous mande Ayglinz* — 11416 *tiennent,* — 11463 *doutoient,* — 11535 *quel chose?* — 11574 *pucele Sa niece* — 11632 *mal estre* — 11697 *aussi* -- 11824 *pri qu'ele* — 11839 *d'eles amer* — 11842 *en vie mesaaisie* — 11968 *Vo penssee* — 12082 *voloir* — 12299 *sos l'aissele* — 12379 *entreprendre.* — 12380 *estrif* — 12434 *plaie* — 12669 *controuvee. Du chastelain onques* — 12843 *que largesse s'est; Car la en ot tez vint et set* — 13195 *qu'il assaillirent* — 13215 *d'acier. Por . . . essaucier Lor corut* — 13277 *Qui ne* — 13557 *Qui ce fist* — 13761 *S'a tel don* — 13835 *Qu'il ne fu puis, qu'il n'en eust* — 14072 *li vait* — 14109 *Ot vers Gifflet, coi qu'il desist.* — 14199 *morteuz.* — 14370 *S'i* — 14418 *avront,* — 14423 *Qu'il le puist longuement tenir. Tant d'armes puissent maintenir, N'ait ja* — 14456 *mesage?* — 14555 *en sa voie* — 14596 *l'i* — 14930 *s'i* — 14956 *C'a paieez.*

15006 *nul plus bel* — 15097 *ciendroit, Ne s'autres* — 15200 *empresissent* — 15245 *ce dist,* — 15476 *l'em prist* — 15484 *Destorbier[s]* — 15675 *n'i ert* — 15778 *n'aloit Voillant mal* — 15967 *contrefait* — 16078 *cele terre* — 16086 *s'i* — 16182 *riches* — 16184 *Que volez?* — 16265 *descendirent.* — 16271 *a paieez* — 16316 *mal'amor* — 16597 *de tel visce Que guerredon* — 16603 *Deservir* — 16651 *l'ait. Mais c'on ne face Gifflet lait, Il ne li chaut, bien ert euz* (d. h. derselbe wird sicher wiedergewonnen werden) — 16692 *en liu* — 16771 *Gavain* — 16852 *grant* — 17031 *Le dist puis An-drivete aussi,* — 17160 *em prist* — 17245 *et contre* — 17428 *qui soit dounce* — 17476 *A quatre* — 17649 *deffendrai.* — 17653 *fussienz* — 17907 *s'en entremetoient* — 17913 *n'i ert* — 17918 *Nule . . . Laide parole* — 17962 *nul'autre* — 17971 *S'i* — 17975 *mellee* — 18009 *siue.* — 18010 *sotive De tant de tanz qu'ele s'i mist; Ne pieça ne s'en entremist Nule dame . . .* — 18016 *Gifflet* — 18028 *apert,* — 18039 *en croie* (darin Glauben schenke) — 18042 *en preingne* — 18176 *freres* — 18211 *por mi,* — 18281 *aviz* — 18282 *sambler, dame nee Soit* — 18291 *a paie* — 18310 *d'amor* — 18337 *li recordoit* — 18353 *s'ele* — 18419 *avoit;* — 18582 *il oy* — 18597 *ne se puist* — 18672 *„Si croi, wenn die direkte Rede nicht etwa schon mit 18664 beginnt* — 18726 *C'a riens* — 18730 *regionz* — 18866 *Liquel?* — 18915, 18940 *s'i* — 19003 *A ces* — 19019, 20 *arrees, desarrees* — 19037 *D'avoir*

teuz genz ont il assez (davon dafs sie Leute haben, wie sie ihrer viel besitzen) — 19180 *s'em presist* — 19313 *qu'il le vit* — 19410 *cest affaire* — 19430 *de coce* (aus der Kerbe) — 19443 *Ainssi com* (sobald) — 19465 *cru-euse* — 19498 *s'erent amors* (von *amordre*) — 19668 *le voeille* — 19760 *Con mesire* — 19806 *chacoient folement De teuz en i avoit assez*. — 19927 *un'*.

20001 *Savoient* — 20043 ohne Anführungszeichen und mit Punkt nach *pris* — 20140 *Nul* — 20635 *a a non Li pr.* — 20640 *li croissent(?)* — 20752 *s'enresdie* (vgl. 2351) — 21003 *avoir*, (neues Beispiel der Konstruktion, von der zum *Vrai Aniel* S. 30 gehandelt ist) — 21010 *salent* von *saillir* — 21020 *qui* — 21043 *viguereus* — 21158 *povre* — 21368 *plaist, encore Serez* — 21370 *m'alez* — 21445 *aesmer* (zielen) — 21469 *part trait* — 21523 *firent* — 21529 *fist*; — 21531 *traire*, — 21565 *mieuz*, — 21634 *faire au menor* — 21765 *en tentesist* (von *tentir*) — 21931 *l'i* — 22241 *sofferoit, A envis tant se mesferoit*. — 22249 *Enjalousie* (it. *ingelosita*) — 22335 *li fait* — 22404 *de ça en la* — 22410 *vendroit* — 22457 *Seneschauz sires* — 22539 *bien*; — 22650 *estrius* — 22945 *Ce fu li rois, ce jor lor mist*. — 23006 *a lagan* — 23029 *Qui les* — 23221 *a paie* — 23546 *en dist le couvenant Au chastelain* — 23563 *mort et ale*, — 23580 *ne fust ja si* — 23693 *faire au* oder zu Anfang der Zeile *C'a* und *le* — 23797 *Biaus sire* — 23902 *Li dist bien, oiant* — 23936 *Qui li seroit* — 23949 *Que cil qui* — 23998 *l'esprenoient* (reizten ihn) — 24049 *as loges vint. D'Ayglin durement liez devint* — 24115 *amolironmes* — 24238 *a lors pris* — 24360 *prendre Ne s'i peust princes ne rois; Vers lui ne savroit les arrois Nuz hom d'une feste parer* — 24399 *assez*; — 24402 *On* — 24490 *entor auz* — 24537 *jour que* (womit ein Flexionsfehler gemieden würde, der freilich dem Dichter zuzutrauen ist) — 24698 *par lui* — 24719 *Qui ne* — 24726 *N'amaissent pas, plus lor venist* — 24884 *norreture a vers* — 24938 *vers l'uis* — 24953 *de savoir ou* — 24957 *Mais il en furent avise D'un* — 24990 *Aus, porions et* (mit der Handschrift) — 25015 *contoit*, — 25408 *Donroit* — 25584 *Et quant vint la, adonques primes Dist* — 25605 *porveoir* — 25711 *plaist*, — 25772 *l'i* — 25900 *mot*.

Es bleibt indessen auch nach Einführung all dieser Korrekturen immer noch eine Anzahl Stellen übrig, die, so wie sie in der Ausgabe lauten, man nicht hinnehmen kann oder ich wenigstens nicht verstehe. Da die Anmerkungen darüber schweigen, mag hier für künftige Leser des Druckes oder für solche, die die Handschrift zu sehen Gelegenheit haben, darauf hingewiesen sein:

3277 *Li biaux Escanors avoit non Li prophez; ensi l'apeloient Cil c'a droit nonmer le voloient*. Das mir dunkle *prophez* kehrt 13561 als Attribut eines anderen Ritters wieder und wird 20635 noch einmal zum Namen *Escanors* gesetzt.

3711 *vindrent . . fierement Sans douter ne cors ne chevaux*. Der Sinn wird wohl sein „ohne weder für ihre Personen noch für ihre Rosse zu fürchten“. Doch ist mir für solche Konstruktion von *doter* keine andere Belegstelle zur Hand als *Pour çou k'il doutoient leur tiere, Au roi de France vinrent quierre Mierci*, Mousket 25621.

4400 „Wie es auch in Bezug auf andere Trefflichkeit mit ihm stehen möge“ (?).

5659 L. *Et bien vausist* (?).

5689 *Et Kez, qui fine amors menoit Et qui noblement l'assenoit A tout, quanqu'il voloît emprendre, . . .* Das erste *qui* = (*cui*) ist auf *Kez* bezogen, das zweite, im Nominativ stehende jedenfalls auf *amors*, und doch ist der zweite Relativsatz mit dem ersten durch *et* verbunden, was entschieden fehlerhaft ist. Man könnte das *le* vor *assenoit* tilgen und auch das zweite *qui* dann als *cui* fassen. Indessen begegnet ein gleichartiger Fehler 22830 *Et Kez, qui (= cui) fine amor[s] tenoit Et a qui (cui) tout son cuer donoit*, was zur Vorsicht mahnt. Dabei ist zu bemerken, daß an erster Stelle auf den zweiten Relativsatz ein Hauptsatz folgt, der gar nicht *Kez* sondern *amors* zum Subjekte hat.

7917 Der Vers ist mir unverständlich; etwa *fust, sa volente*?

8079 *ele ert bele esmereement, Se pour biaute le pooit estre*. Die Stelle wird bedeuten: „sie war durchaus schön, wenn sie um Schönheit willen es sein konnte“ d. h. „wenn Schönheit überhaupt schön macht, ein Anrecht auf die Bezeichnung schön giebt“.

9676 Die Wiederholung der Anrede *dame* erscheint nicht gerechtfertigt und die Nichtelision des dumpfen *r* dem sonstigen Brauche des Dichters nicht entsprechend. Vermutlich gehört der vorangehende Vers bereits zu Yonets Antwort, und beginnt dieselbe wie folgt: „*Ançois que je vers vous contende, Dame, morrai*“, *Yones dist*.

10105 Vermutlich ist zu schreiben *Sachiez, c'est uns des homms nez Que je orendroites connoisse, Qui mainz doute anui et angoisse*, wobei die zwei Relativsätze sich so verhalten wie in der Verm. Beitr. S. 197 aus Tobias beigebrachten Stelle.

11091 L. *Je ne l'aim mais* (?). — 13024 *ses tristres* ist mir unverständlich; eine übertragene Verwendung des Jägerausdruckes *tristre* ist kaum anzunehmen. — 13692 *tenrre* ist mir dunkel; der Zusammenhang scheint *terme* zu verlangen.

16034 *r'et*, wie der Herausgeber liest, verstehe ich nicht; man wird *vert* (*re-erat*) zu schreiben und *a sa droiture* in dem Sinne von *a son droit* 16025 zu nehmen haben.

16615 ff. können so, wie sie gedruckt sind, kaum vom Dichter herrühren. Man könnte etwa vorschlagen: *pense Que vers amor ne vaut defense, N'a son dit ne se defendra* oder *pense, Qui vers amor ne met defense, C'a son dit ne se defendra*.

17822 *lues* in seinem gewöhnlichen Sinne paßt hier wenig, und daß es etwa auch „immer wieder“, „jeden Augenblick“ bedeute, weiß ich nicht.

18366 *Car ne li cheüst cops de sonme S'ele eüst creü son lignage*. Dem Zusammenhange nach scheint damit gesagt zu werden; „es wäre ihm (dem gefangenen Gifflet) übel ergangen, wenn sie (seine Hüterin) auf ihre Verwandten gehört hätte statt sich seiner anzunehmen“. Augenscheinlich dieselbe Redensart wie hier hat Gerart 13790 gebraucht, wo ein Todfeind Gávains von diesem sagt: *Ne du col ne li charra sonme, Se je vif, que vengiez n'en soie*, und 23608 wo man liest *Ains disoient, ja de col sonme Ne li charroit, s'il ne resine La terre dont mis en saisine S'ert sans raison*; und eine fast gleichlautende, ohne Zweifel gleichbedeutende braucht Raoul im Meraugis 193, wo es heißt *ja por ce los* (wenn ich dich auch gerühmt habe) *Ne te chaira*

(l. *charra*) *somme du dos*, *Que tu ne muires sanz respit*. Als Sinn der Redensart *ne te charra somme du col (dos)* ergibt sich hieraus: „es wird dir ein schlimmes Loos (das schlimme L.) nicht erspart bleiben, du wirst einem bösen Verhängnis nicht entrinnen“. Zugleich ergibt sich aber, daß 18366 statt *cops de somme* zu schreiben ist *de col somme*.

20379 ff. scheint mir ganz unverständlich. — 24636 heißt wohl „und von der Sündenlast seiner Freundin Gott gegenüber etwas auf sich nehmen“. — 25566 kann ich nur verstehen, wenn ich in *tendament* das Adverbium von *tendant* sehe, dieses im Sinne von „knauserig, sparsam“ genommen, den es bei G Coinsy einmal zeigt: *Vers le siecle est trop despendans, Et vers toi est si trestendans, Si tresavers, si treseschars*, 571, 705. — 25786 wird wieder ohne Änderung nicht bestehen können; man könnte *que asseoir* vorschlagen. Dem Überlieferten liegt freilich *que envoier* noch näher; doch kommt von Reim zwischen *-eoir* und *-oier* (Ztschr. f. vgl. Sprachf. N. F. III 417 und Romania XII 196) in dem Gedichte sonst wohl kein Beispiel vor.

Zu den wenigen Anmerkungen des Herausgebers erlaube ich mir folgendes berichtend zu bemerken: S. 11 Z. 406 glaubt er in Mehaut de Cades einen Ritter sehen zu dürfen; daß es eine Buhlerin ist, lehrt der folgende Vers doch deutlich genug. — S. 224 Der Anfall auf Escanor fällt nicht Gifflet zur Last. — Zu S. 470 Z. 17825 wird *galiot* als *Gallois* gedeutet; dies hat keine Wahrscheinlichkeit für sich. Es sind Seeräuber, wie denn im Vocabular von Douay *pirata* mit *galios* übersetzt wird, und eine von Thurot in den Doctrines gramm. S. 529 beigebrachte Stelle sagt: *pirata est vispilio, gallice galiot*. Z. 17209 heißt *galiot* dagegen wie gewöhnlich „Ruderer“. — In der Anmerkung zu S. 485 ist Gifflet mit Keu verwechselt; in derjenigen zu S. 654 Z. 24835 *repondre* (verbergen) mit *respondre*; nur wenn letzteres im Texte stünde, könnte man an die von Herrn Michelant vorgeschlagene Änderung von *Se* zu *Ne* denken. Was in der Handschrift steht, heißt: „es schien, als ob man da drinnen sich versteckt halten wollte, was ihn verdrofs“.

Die ungebührlich lang gewordene Besprechung beschliesse der Ausdruck des Dankes an den Litterarischen Verein, ohne dessen Eintreten ein gewiß nicht vortreffliches, aber doch recht lesenswertes altfranzösisches Dichterwerk schwerlich zur Ehre des Druckes gekommen sein würde. Die Danksagung würde wärmer lauten, hätte nicht hier ein Fehlerverzeichnis gegeben werden müssen, das noch nicht vollständig und doch beinahe so umfangreich ist, wie das, welches zum *Claris* und *Laris*, der vorletzten altfranzösischen Publikation des Vereines, noch aussteht.

A. TOBLER.

Romania XVI^e année, 1887. Janvier.

P. Meyer, *Le Roman des trois ennemis de l'homme*. Aus Anlaß in Orléans gefundener Fragmente wird das von einem nicht näher zu bestimmenden Simon verfaßte Gedicht über die drei Feinde (Welt, Fleisch, Teufel) unter Zuzug der *Arsenalhs*. 5201, die es vollständig enthält, gekennzeichnet, leider aber nicht vollständig abgedruckt, sondern im wesentlichen nur soweit es sich

in Orléans gefunden hat, und die Pariser Hs. sich mit den Bruchstücken deckt. Das Verhältnis der zwei nicht unbedeutend von einander abweichenden Fassungen ist beachtenswert. Einige Stellen, wo mittelalterliche Schriftsteller von den drei Feinden handeln, darunter von Meyer übersehene, findet man Gött. Gel. Anz. 1873 S. 960 und in dieser Zeitschrift IV 163; man kann hinzufügen SSBern. 29,3 und 36,6 (der lat. Text ist mir im Augenblick nicht zur Hand), Gill. le Muisi I 50 und I 56. — Daran schließt sich ein Bericht über den gesamten bunten Inhalt der Arsenalhs., aus welchem Berichte wertvolle Auskunft namentlich über die Aufzeichnungen von Werken Roberts von Blois, über Gedichte, die das Leben Jesu oder das der Maria behandeln, zu gewinnen ist. — Merkwürdig ist die am Schlusse gezeigte Abhängigkeit des in Rom. XIV 498 gedruckten provenzalischen Mysteriums von einer in der Arsenalhs. enthaltenen Dichtung.

Ant. Thomas, *Lettres latines inédites de Francesco da Barberino*. Drei Briefe und Bruchstücke eines vierten aus der Wiener lat. Hs. 3530; sie sind für des Verfassers Lebensgeschichte nicht ohne Bedeutung, bedürfen aber noch vielfacher Verbesserung (S. 81 Z. 2 v. u. *nequiverunt*, dann *inmensum*; S. 82 Z. 7 *requiritur*, Z. 9 *moralitas*, Z. 11 *perplexam*, Z. 27 *que splendere*; S. 83 Z. 8 *stella nitens* u. s. w.) und werden teilweise wohl immer dunkel bleiben, wenn nicht weitere Aufzeichnungen sich finden.

A. Morel-Fatio, *La poème barcelonais en l'honneur de Ferdinand le Catholique*. Von dem Rom. XI 348 herausgegebenen Gedichte von 1472 haben sich elf Strophen herübergenommen gefunden in ein anderes Gedicht, das sich auf Begebenheiten von 1520 bezieht und an Karl V. gerichtet ist. Mit Hilfe dieser zweiten Fassung, die man 1884 gedruckt hat, läßt sich der Text der ersten mehrfach verbessern; auch bestätigt sie die Emendationen, zu denen der frühere Abdruck mehrfach (s. u. a. Baist in dieser Zeitschr. VIII 157) Anlaß gab.

MÉLANGES. G. P., *Une version orientale du thème de „All's well that ends well“*. (In Radloffs Proben der Volksliteratur der nördlichen türkischen Stämme, St. Petersburg 1886, IV S. 191). — G. P., *Sur le Roman de la Charrette*. Für Flamenca 673 wird die treffliche Änderung von *Lyras* zu *l'yras* „der Herold“ empfohlen, womit die Beziehung auf RCharr. 5536 klar wird. Mit Bezug auf den Ruf *Or est venus qui aunera!* sei bemerkt, daß auch im Rom. de Ham 283 mit demselben Keu seinen lang erwarteten Widerpart im Turnei begrüßt. Was den Sinn des Rufes betrifft, so ist mir die Richtigkeit von P. Paris' Deutung (*voilà qui parcourra la lice, comme s'il l'aunait ou mesurait de sa lance*, Rom. d. la Table r. V 90) zweifelhaft; *auner les buriaus a aucun* heißt „jemanden durchprügeln“, eig. „den Wollstoff seines Kleides mit der Elle messen“, wie sich aus den von Godefroy unter *auner* beigebrachten Stellen und aus Renart 18561 und V S. 302 ergibt; ebenda sieht man, daß *auner* auch ohne Zusatz diesen Sinn hatte. — M. Prou, *Étymologie du nom de lieu Chitry* (*Castriacus*, älter *Castoriacus*, d. h. Hof eines Castorius). — P. M., *Un nouveau manuscrit de la légende latine de Girard de Roussillon*. (Bibl. Mazar. 1329). — A. Mussafia, E. Levy, *Corrections au Livre de courtoisie*. (Zu dem katalanischen Facetus in Rom. XV 192, zu welchem auch in dieser Ztschr. XI 149 ein paar Besserungen vor-

geschlagen sind. P. M. bemerkt gelegentlich, daß die Ashburnham Hs. Libri III, aus der er Rom. XIII 254 Mitteilungen gemacht hat, sich als gestohlenen Stück derjenigen von Carpentras herausstelle).

COMPTES-RENDUS. *Cloetta, Poème moral* (Wilmette; wertvolle Notizen über die alten Mundarten des Nordostens). — *Robin, Le Prévost, Passy, de Blossville, Dictionnaire du patois normand en usage dans le dép. de l'Eure*; *Moisy, Dictionnaire de patois normand*; *Fleury, Essai sur le patois normand de la Hague* (Ch. Joret; sehr eingehend und für künftige Bearbeiter verwandter Aufgaben lehrreich). — *Haillant, Flore populaire des Vosges* (Dr. Bos; bei viel Fleiß unzweckmäßige Anlage und ungleichmäßige, die Aussprache verhüllende Schreibung).

PÉRIODIQUES. CHRONIQUE. (Nekrologe für N. de Wailly und F. Michel; Notizen über *Le Mystère des trois doms p. p. Giraud et Chevalier*, über den dritten Band des *Dino Compagni* von Del Lungo — in welchem den Buchstaben der Ashburnham Hs. genau wiederzugeben nicht unangebracht gewesen wäre, obschon P. M. einen Mangel in dieser Hinsicht nicht zu empfinden scheint —, über *Le Catholicon de Lille p. p. A. Scheler*; *Excerpta Colombiniana p. H. Harrisse*; *Légende de s. Grégoire p. p. Fant*, und einige weitere kurze Nachrichten).

Sehr willkommen wird allen Lesern der Romania die endlich vollzogene Vertauschung ihrer bisherigen Druckschriften mit teilweise größeren und durchweg frischeren sein.

A. TOBLER.

Berichtigung.

Zu Zeitschrift XI 134.

In seiner ansprechenden Erklärung von Arnaut Daniel XIV 29 hat Tobler Gelegenheit genommen unserem gemeinsamen Schüler Harnisch parenthetisch einen Denkart zu erteilen. Der Vorwurf betrifft zwar nicht die eigentliche Untersuchung, da aber über die meiner Ansicht nach recht anerkennenswerten Ergebnisse derselben von Tobler kein Sterbenswörtchen gesagt wird, so müssen die Leser der Zeitschrift, welche wohl größtenteils Harnischs Schrift noch nicht kennen, den Eindruck bekommen, daß hier nach Toblers Ansicht eine Sudelarbeit vorliegt. Bei näherer Prüfung stellte sich indessen heraus, daß Tobler sich bei seinem Vorwurf einer Fahrlässigkeit schuldig gemacht hat.

Es sei mir deshalb gestattet, zumal Harnisch selbst im Auslande weilt, die Leser über die Irrigkeit von Toblers parenthetischer Äußerung aufzuklären.

Tobler schreibt:

„(die sämtlichen Äußerungen Canellos sind unbeanstandet von Harnisch Ausg. u. Abh. XL 216 wiederholt worden; so wenig hat er „bei seinen Reimstudien gelernt!“¹

¹ Ich will nicht versäumen auf einen mir aufgestoßenen wirklichen Fehler in Harnischs Rimarium hinzuweisen. S. 192 war in der Reimreihe *as* zu drucken: *a(n)sos statt *-ansos und die ganze Zeile unter 1) statt unter 2)

Harnisch sagt aber (allerdings nicht S. 216 sondern schon S. 101):

„§ 187 *eissir*. Die 3. sg. prs. i. . . lautet (*i*)*èis* = lat. *exit* . . . In der „*ieis*-Reihe bei Arn. Daniel n^o 1 möchte Canello der Form *eis* den „geschlossenen Laut zuschreiben; doch enthält diese Reihe auch „sonst Unreinheiten, z. B., wenn sie *lièis* (pron.) und *sièis* (*sex*) mit „*pèis* (*pèjus*), *èis* (*ipsum*) und *encreis* (*crescit*) bindet. Der Donat „teilt die Form ausdrücklich der Silbe *eis larç* zu, 45,41.“

Die Stelle ist mittelst des alphabetischen Verzeichnisses jederzeit leicht auffindbar, aber auch aus dem Rimarium allein ergibt sich, daß Harnisch Canellos Äußerungen durchaus nicht unbeanstandet unterschreiben wollte; denn auch hier deutet er *pèis* = *pèjus*, offenbar, weil ihm keine andere Reimreihe auf *eis* über die Aussprache von *peis* Aufschluß gab¹ und ihm die vorliegende für *pèis* zu sprechen schien. Seine Deutung steht im bewußten Widerspruch zu der Canellos, welcher — und das scheint Tobler verkannt zu haben — *pèis* nicht auf *pèjus* sondern auf *pièis*, *pièis* = *pèjus* = frz. *pis* zurückgeführt, geradeso wie *èis* auf *ièis*, *ièis* = frz. *ist*, *sèis* auf *sièis*, *sièis* = frz. *six*, *leis* auf *lièis*, *lièis* = frz. *li*, indem er annahm, daß *e* „tra due *i* dovette risentirne l'influenza“. In dem Falle *peis* glaubte Harnisch dieser Auffassung eine andere gegenüberstellen zu können, in den übrigen Fällen beschränkte er sich einfach auf die Anführung von Canellos Worten, welche wenigstens den vermeintlichen Übertritt von *èi* zu *éi* in der Sprache Arnauts — für *leis* auch noch in 2 Belegen der Flamenca cfr. Bohnhardt, das Pers.-Pron. im Altprov. — zu erklären versuchten.

Soviel zur Steuer der Wahrheit.

E. STENGEL.

Mißhandelter Wahrheit zu ihrem Rechte zu verhelfen lag meines Erachtens eine Veranlassung nicht vor. An der von mir angeführten Stelle hat, genau wie ich gesagt hatte, Harnisch die unhaltbaren Bemerkungen Canellos ohne ein Wort der Mißbilligung wiederholt, und seinen Gewährsmann keinesfalls verbessert, indem er dem *e* von *peius* über dessen Dauer Canello sich nicht äußert, Länge zuschrieb. Wenn er an der von mir früher nicht gelesenen Stelle, die Stengel mir entgegenhält, sich so ausdrückt, wie man oben lesen kann, so ergibt sich daraus nur, daß er entweder in dem nämlichen Buche über den gleichen Punkt zweierlei Meinung äußert, oder sich nicht so auszudrücken verstanden hat, daß man erkennen konnte, was er meinte. Daß er aber sowohl S. 216, wo er die in Rede stehenden Wörter unter *èis* stellt, wie S. 101, wo er die Möglichkeit zuläßt, Arnaut habe zweierlei *ei* reimen lassen, im Irrtum ist, scheint auch Stengel anzuerkennen.

A. TOBLER.

zu setzen. Die Vermischung von *ds* und *às* fände sich danach nur: R. Vidal Verfall, einen zweiten Fall bietet allerdings Gausbert de Poicibot 4, dessen Reihe bei Harnisch fehlt; hier ist *certàs* mit lauter *às* gebunden.

¹ Allerdings hat der Donat unser Wort in seiner *èhs*-Reihe.

Verbesserung.

L. S. 152, Z. 6 v. u.: *Frana* statt *Fana*.

Aus dem Verlage von MAX NIEMEYER in Halle.

Soeben erschien:

Ueber den provenzalischen

Girart von Rossillon.

Ein Beitrag zur Entwicklungsgeschichte der Volksepen

von

Albert Stimming.

ℳ 10,00.

Christian von Troyes

sämmtliche Werke

nach allen bekannten Handschriften herausgegeben

von

W. Förster.

I. Band: **Cliges.** 1884. ℳ 10,00.

II. Band: **Der Löwenritter.** 1887. ℳ 9,00.

Grundriss

der

englischen Philologie

von

Karl Elze.

1887. ℳ 8,00.

Halle, Druck von Ehrhardt Karras.